

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,  
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES  
ANO 2019 - SEM CORTES (CRÓNICAS 228-307, 2019)**

Versão inédita não totalmente editada



**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO  
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ AOS AÇORES  
VOLUME 2019**



J. CHRYS CHRYSTELLO 2019

Badana 1

Na lenda havia um Rei Artur, Sir Galahad, cavaleiros da Távola Redonda e uma busca do Santo Graal. Aqui não há nem Dom Quixote, nem Sancho Pança nem moinhos de vento, contra os quais espadanar.

Há apenas um aprendiz de escriba, cavaleiro da poesia e utopia, temeroso e aventureiro, sequioso na sua aprendizagem constante de outras línguas, hábitos e culturas.

De Trás-os-Montes, sua matéria desconhecida, partiu à conquista do “lulic” em Timor Português, dos hippies em Bali (Indonésia), sobrevivendo a um “Anno Horribilis” no Verão Quente (1975, Portugal), atravessando as Portas do Cerco (na China de Macau), percorrendo os Estados da Austrália Ocidental, Vitória e Nova Gales do Sul, com breves passagens pelas Índias, pelo Oriente do Meio e seus emirados, metade da Europa, da Ásia e parte do Pacífico Sul, antes de redescobrir o Brasil, Portugal e outros países

Por fim, iria aterrar como um milhafre, Buteo buteo rothschildi, na ilha de S. Miguel (Açores) donde partiu em conquista fugaz de Santa Maria, Faial, Pico, Graciosa, S. Jorge, Terceira, Flores e Corvo.

Se na pátria Austrália descobriu uma tribo aborígine a falar crioulo português há mais de 450 anos, na provecta Bragança descortinou a sua matéria e nos Açores descobriu o que o mundo desconhecia, uma literatura distinta.

Esta viagem leva o leitor num périplo pelo mundo enquanto o autor vai cronicando, como Marco Polo, ou Fernão Mendes Pinto a sua vida, as terras, as gentes e os costumes e tradições. Da análise política, social e pessoal parte à descoberta de culturas. Recupera as origens, retorna ao seio duma Lusofonia sem raças, credos ou nacionalidades, até se radicar nesta “Atlântida” onde irá desvendar, divulgar e dilatar desveladamente uma fértil açorianidade literária, fundíbulo de autonomias e independências por cumprir.

Inédito não publicado, não citar



TODOS OS DIAS DEVÍAMOS OUVIR UM POUCO DE MÚSICA, LER UMA BOA POESIA,  
VER UM QUADRO BONITO E, SE POSSÍVEL, DIZER ALGUMAS PALAVRAS SENSATAS.  
GÖETHE



O TEMPO É UM ÓTIMO PROFESSOR. PENA É QUE MATE OS SEUS ALUNOS.  
HÉCTOR BERLIOZ

LIVROS, PREFÁCIOS E TRADUÇÕES DE LIVROS

2018 Fotoemas foto-livro (photo-book), fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores de Chrys Chrystello e-livro <http://www.blurb.com/b/8776650-fotoemas> ISBN: 9781388351083

2018 revisão, compilação e Nota Introdutória de Missionários açorianos em Timor vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

2018. ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 2, 3ª ed. [https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-\(3%C2%AA-ed-2018\).pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1012/ChronicAcores-uma-circum-navegacao-vol.-2-(3%C2%AA-ed-2018).pdf)

2018, ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 3ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1013/chronicacores-uma-circum-navegacao-vol.1--3%C2%AA-ed-2018.pdf>

2017. Bibliografia Geral da Açorianidade em 2 vols. 19500 entradas, Ed. Letras Lavadas Publiçor, Ponta Delgada

2017, revisão, compilação e Tradução de “O mundo perdido de Timor-Leste” de José Ramos-Horta ed. LIDEL

2017. Poema “Maria Nobody” IN VIII Volume da Antologia de Poesia Portuguesa Contemporânea “Entre o Sono e o Sonho” Chiado ED.

2017. A língua portuguesa na Austrália, Capítulo em "A Língua Portuguesa no Mundo: Passado, Presente e Futuro". Ed. Universidade da Beira Interior, org. Alexandre António da Costa Luís, Carla Sofia Gomes Xavier Luís e Paulo Osório

2017. “Três poemas açorianos” in Antologia ed. Artelogy dezº 2016

2017. “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, in “Povos e Culturas - A ilha em nós”, Revista Povos e Culturas nº 21-2017 Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa

2017. “Não se é ilhéu por nascer numa ilha”, capítulo do livro “A condição de ilhéu”, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa (CEPCEP), Universidade Católica Portuguesa Lisboa

2016. compilação, revisão e Prefácio de Missionários açorianos em Timor “Um missionário açoriano em Timor” vol. 1 de D. Carlos F Ximenes Belo ed. AICL e Moinho Terrace Café

2015. CD Trilogia da História de Timor. 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia [https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-\(3-vol.\)-Historia-de-Timor.pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf) <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COMPLETA%20compressed.pdf/>.

2015, Crónicas Austrais (1978-1998 monografia) 4ª ed. 2015

2014. Prefácio de “O voo do Garajau” Rosário Girão & Manuel Silva, ed. Calendário de Letras e AICL [http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0807-89672015000300016](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0807-89672015000300016)

2013, Crónicas Austrais 1978-1998, monografia, 3ª ed. <https://www.scribd.com/doc/3051472/cronicasaustrais>

2012, Trilogia da história de Timor, ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0 (Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975 vol. 1, Timor-Leste 1983-1992 vol. 2 Historiografia de um repórter e Timor Leste vol. 3 - As Guerras Tribais, A História Repete-se (1894-2006) ed. AICL Colóquios da Lusofonia, ISBN: 978-989-95641-9-0

2012, Crónica do Quotidiano Inútil. Obras Completas (poesia) 5 volumes, 40 anos de vida literária, ed. Calendário de Letras 2012 - ISBN 9789728985646 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1001/CRONICA-DO-QUOTIDIANO-INUTIL-VOL-1-5--2012.pdf>

2012, volume 3 da trilogia da História de Timor, As Guerras Tribais, A História Repete-se 1894-2006, 1ª ed. [https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-\(3-vol.\)-Historia-de-Timor.pdf](https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1010/trilogia-(3-vol.)-Historia-de-Timor.pdf) <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor3.pdf>

2012, volume 1 da trilogia da História de Timor. East Timor - The Secret Files 1973-1975 3ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>

2012, Tradução para inglês “Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino” de Caetano Valadão Serpa

2000, volume 1 da trilogia da História de Timor. "Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975", 2ª ed.

2012, volume 2 da trilogia da História de Timor.: Historiografia de um repórter - Timor-Leste 1983-1992 DVD – 1ª ed. 2005-2012 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1008/TRILOGIA-vol.-2-Historia-de-Timor.pdf> <https://www.scribd.com/document/40234122/Timor-Leste-Historiografia-de-um-reporter-vol-2-193-1992> <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timor2.pdf>

2011, Tradução da Antologia Bilingue de (15) autores açorianos contemporâneos, ed. AICL e Calendário de Letras

2011, ChrónicaAçores uma circum-navegação vol. 2, 2011 ISBN 978-9728-9855-47 Ed. Calendário de Letras <http://www.calendario.pt/index.php?id=246&cat=203&pid=55>

2010, tradução para inglês dos Guia de Mergulho da Madeira; Guias de Mergulho das Ilhas dos Açores, Ed. VerAçor

2009, ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1 esgotado, online <https://www.scribd.com/doc/39955110/CHRONICACORES-UMA-CIRCUM-NAVEGACAO-DE-TIMOR-A-MACAU-AUSTRALIA-BRASIL-BRAGANCA-ATE-AOS-ACORES-VOLUME-UM-DA-TRILOGIA> [https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief\\_results](https://www.worldcat.org/title/chronicacores-circum-navegacao-de-timor-a-macau-australia-brasil-braganca-ate-aos-acores/oclc/357576846&referer=brief_results).

2009, ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 1, 2009 ISBN 989-8123-12-1 VerAçor ed. 2009

2008, Tradução para inglês de “S. Miguel uma ilha esculpida” Daniel de Sá. Ed. VerAçor.

2008, Tradução de “Ilhas do Triângulo, viagem com Jacques Breil” Victor Rui Dore, prelo, ed. VerAçor.

2008, Prefácio e Revisão “A Freira do Arcano, Margarida Isabel do Apocalipse” de Mário Moura, ed. Publiçor, Ponta Delgada

2007, Tradução para inglês “E das pedras se fez vinho” de Manuel Serpa ed. VerAçor, Açores Portugal

2007, Tradução para inglês, “Santa Maria Ilha Mãe” Daniel de Sá, ed. VerAçor, Açores, Portugal

2005, coautor tradução para português “The Lost painting” Jonathan Harr, ed. Presença

2005, Cancioneiro Transmontano, ed. Santa Casa da Misericórdia Bragança, <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1000/cancioneiro-braganca-2005.pdf> - [http://www.lusofonias.net/chrysev/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005\).pdf](http://www.lusofonias.net/chrysev/CANCIONEIRO%20TRANSMONTANO%202005).pdf)

2004, tradução para português “A People's War” de Vo Nguyen Giap, Editora Sílabo Portugal

2004, tradução para português, “Dien Bien Phu” de R. H. Simpson, Editora Sílabo Portugal

2002, tradução de “La familia: el desafio de la diversidad” Adelina Gimeno (castelhano, Psicologia), Instituto Piaget Portugal

2000, Crónicas Austrais - 1978-98 (monografia) 1ª ed. <http://www.ebooksbrasil.org/micrereader/cronicasCA.lit> <http://www.ebooksbrasil.org/REB/cronicasCA.rb>.

2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: “ Timor Leste O Dossiê Secreto 1973-1975”, 2ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf> <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timorp.pdf>.

2000, volume 1 da trilogia da História de Timor: “Timor Leste The secret files 1973-1975”, 2ª ed. <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1005/TRILOGIA-VOL--1--ET-dossier-secreto-73-75-PT-cc0.pdf> <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1004/TRILOGIA-VOL-1-East-Timor-secret-file-73-75-eng.pdf> [https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&referer=brief\\_results](https://www.worldcat.org/title/east-timor-the-secret-file-1973-1975/oclc/66016286&referer=brief_results), <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/timore.pdf>, <https://www.scribd.com/doc/253855631/East-Timor-the-Secret-Files-1973-1975-Eng> - ,

1999, volume 1 da trilogia da História de Timor: “ Timor Leste O Dossier Secreto 1973-1975”, Porto, 1999, ed. Contemporânea (Esgotado) 1ª ed. ISBN 10: 972-8305-75-3 / [https://www.worldcat.org/search?q=chrystelllo&fq=&dblist=638&fc=ap:25&qt=show\\_more\\_ap%3A&cookie](https://www.worldcat.org/search?q=chrystelllo&fq=&dblist=638&fc=ap:25&qt=show_more_ap%3A&cookie)

1991-2011 Yawuji Bara e Yawuji Baia Os avós de barra e Avós de Baía, ed. 1991-2011 <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1003/Yawuji-Os-Avos-de-Barra-e-os-Avos-de-Baia.pdf>

1985 crónica X Aborígenes na Austrália <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1002/cronicaX-aborigenes-na-australia.pdf>

1981, Crónica do quotidiano inútil vol. 3&4 (1973-81) poesia, ed. Macau (esgotada) <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1016/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-3-4-.pdf> <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf>, <http://www.scribd.com/doc/77870662/cronica-do-quotidiano-inutil-cqi-Volume-3-4#scribd> –

1974, Crónica do quotidiano inútil vol. 2 (poesia) ed. abril 1974 Díli, Timor Português (esgotada) <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1015/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-2-.pdf>

1972, Crónica Do Quotidiano Inútil vol. 1 (Poesia) Porto (Esgotado) <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1017/cronica-do-quotidiano-inutil-vol.-1-1972-original-1%C2%AA-ed-CQI.pdf> <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/quotidianoinutil.pdf> ,

Contacto do autor: (+351) 919287816 drchryschrystelllo@yahoo.com.au / chryschrystelllo@journalist.com



*Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) que foi poeta, escritor, conferencista, professor, tradutor, criador de jornais e revistas, disse certa vez de Platão e Aristóteles que colocaram “dois sistemas opostos diante da mente do mundo”. E disse mais: “Todo homem nasce aristotélico ou platónico. São duas classes de homens, ao lado das quais é praticamente impossível conceber uma terceira”. Platão ambicionava a sabedoria do além, do mundo das ideias, do qual o nosso mundo é apenas uma sombra pálida. Idealista. Aristóteles procura a sabedoria aqui, com os dois pés no chão. Foi Aristóteles um dos primeiros a procurar uma verdade objetiva sem a necessidade de “mágica”. Aristóteles aconselhava a não discutir com qualquer um, uma recomendação que confirma a famosa Lei de Murphy, segundo a qual quando a gente discute com um idiota poderia ocorrer que outros não percebessem a diferença. A conduta, os artigos, a forma cética e irreverente de JC falar, sempre obcecado por ser “politicamente incorreto” já há muito denotavam aquilo que o velho Aristóteles categorizava como um “idiota”.*

Nesta fase adiantada da minha vida, era mais um *homo domesticus* que ficava em casa, incapaz ou sem querer interferir de forma ativa nos assuntos da “*civitas*”. Não aceitava como minha a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, mediocres, ao contrário do que fizera já, sem grandes resultados, durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

*Existe um “castelo” na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.*

De facto, dali do topo da sua “falsa” (o nome micalense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, as eternas brumas que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu “castelo” e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da minha paixão pela verdade, equidade, justiça e liberdade, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossa subitamente, sem premeditação. Martelava ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grossa de anos (não eram doze dúzias, mas assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil. Felizmente sempre tive a mania de escrever e guardar o que escrevia. Assim cheguei a ler tudo o que escrevi ao longo de mais de meio século. Eram notas, pequenos apontamentos, escritos e manuscritos de caligrafia variável como os estados de alma, de vários tamanhos, formatos e estilos, que se haviam acumulado em pastas não catalogadas nem sequer ordenadas de qualquer forma específica. Outros ocupavam o lado outro de folhas A4, recicladas de traduções, notícias e outras. Foi um trabalho longo. Ler e rever tudo o que me aparecia escrito e descortinar o que era real, inventado ou meramente sonhado. Alguns faziam parte de escritos e reescritos já publicados, outros nem por isso, e havia os mais recentes publicados já sob o pomposo e deshumble título de *CrónicaAçores: uma circum-navegação*. Uma vez na posse daqueles arquivos preciosos (e muito ficara por ler e desvendar, para memória futura) a minha tarefa fora interpretar e colocar geograficamente os eventos nos locais por onde passara, que nem um caixeiro-viajante do mundo, sempre impaciente e insatisfeito em busca de uma pátria, uma mátria, um lar.

E é sobre essa fluente e vasta escrita que este livro versa. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a experiência ditava-me de que poderiam ser úteis tais anotações. Já o tinham sido por várias vezes. Era difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha irrepreensível lógica. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem ter cartas de marear nem rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na minha postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Já não tinha nem ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora meu, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia vivido da mesma forma se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o meu padrão de vida me permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Considerava-me um privilegiado, vivi três vidas numa só. Criei três carreiras distintas que prossegui em paralelo e nada de material tinha para mostrar, mas trazia comigo uma pesada bagagem de conhecimentos e cultura que teimava em acarretar sempre que mudava de residência. Tal como George Steiner em “*Os livros que não escrevi*” não se definia politicamente, eu nunca declarava abertamente as minhas ideias políticas, nem a minha verdadeira posição. Afirmei sempre nunca pertencer a nenhum partido ou clube, e dessa forma reneguei qualquer afiliação que pudesse ter existido nos meus anos formativos. Mesmo quando visualizava os espetáculos desportivos não me deixava levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã me proporcionava e chamava àquilo o meu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos. Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas atuais, meus colegas de profissão, sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros os editoriais ou artigos de opinião que subscrevi, pois poucos podiam escrever livremente e menos ainda os que os queriam ler. Muitas vezes no meu blogue e nas minhas crónicas, fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-me porque é que o povo à minha volta não podia ver as coisas com a mesma claridade e transparência com que eu as via.

Escolhi esta forma de isolamento, quiçá aprendido da obra de Nietzsche que fora bandeira da minha juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmei sempre prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) nos trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoava ter tido o meu primeiro livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O meu retiro no “castelo” aparentava uma passividade que não me era inerente, mas era assim que eu reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdei dos muitos livros que li, sobretudo na infância e juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, e já não receava ser acusado de elitista. Nauseavam-me os espetáculos de voyeurismo que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações encenadas dos políticos para todos verem o que pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através desse jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-me como ateu e não como agnóstico, mas lamentava-me de ter perdido a fé com que cresci, embora ainda hoje me limitasse a aplicar na prática todos esses bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que me repugnava. Ao decidir ficar em casa, no meu “castelo” era uma espécie de observador neutral do mundo que se desenrolava a meus pés, ainda, e sempre, convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele. Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela “sorte”, os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os meus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se “lixar é sempre o mexilhão”, pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção.

Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum “rapaz da sua idade”. Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-me por não ter nascido cego, pobre de espírito, ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a

sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que me valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da vida.

Viera um dia, descendo das nuvens que pairavam sempre sobre estas ilhas, como quem não quer poisos certos e acabei por ceder ao peso das dúvidas e das dívidas. O meu andar não era tão ereto nem certo como fora em tempos, a cabeça baixa, os olhos baços e encovados do cansaço e desespero. Arrastava-me penosamente pelo calendário dos dias, sem deixar grandes marcas além das baforadas dos cigarros sorvidos sofregamente. Tinha ainda uma missão a cumprir na vida, das duas ou três que guardara para estes anos finais quando as chamas se apagavam e os sonhos esmorecidos não passavam já de memórias. Atribuía o facto à idade, embora me gabasse de envelhecer suavemente, sem pressas nem negações, mas finalmente deixei de lutar e de sonhar com as áreas vastas e os horizontes sem fim, mais típicas do meu australiano continente-ilha. Aliás, sabia que estava a ficar caduco desde aquele dia em que ao espirrar me saltara a dentadura postiça com estrondo para cima da secretária. Aqui e agora, estava tolhido pelas colinas verdes, as tais vacas alpinistas, as brutais variações climáticas diurnas, a nesga de mar que vislumbrava pela sua janela. O verde afetava-me quase tanto como a frequente falta de sol de que carecia para a função clorofilina. Obrigara-me a nunca me queixar, a estar sempre contentado sem nunca me contentar. Resignado deveria ser o termo, mas fingia que nada me afetava nem inquietava. Isto passava-se enquanto as dúvidas e os temores me assolavam, cada vez mais frequentemente, se bem que numa escala metafísica pouco consentânea com as preocupações mais comezinhas daqueles que me rodeavam.

Tornara-me taciturno, quase monossilábico, não tinha com quem dialogar, eram todos surdos em volta e falavam uma língua diferente com sotaques estranhos e quiçá incompreensíveis. Sentia-me estrangeiro. Duas vezes ao ano partilhava palavras com os meus pares ideológicos nos Colóquios da Lusofonia, mas para isso precisava de organizar esse tipo de reuniões intelectuais à custa de muita labuta e sem proveito qualquer. Perguntava a mim mesmo se era este o preço a pagar para poder falar. Sempre falara, e muito, e agora via-me calado e ensimesmado. Deixara de viajar frequentemente, como fizera toda a vida, e os locais estranhos eram visitados apenas no pequeno ecrã com que entretinha as horas que não passava a teclear.

Politicamente incorreto até à medula, sem ser libertário, raramente deixava perceber quais os meus ideários, mas nunca me cansava de falar em liberdade, em especial, a de expressão e de opinião. Falava da liberdade individual como se ela fosse mais vital do que o pão para a boca ou o dinheiro para pagar as contas. Era de opinião de que todos deviam ter a liberdade que eu (e nós próprios) temos e por isso não me coibia de dizer **não** quando o entendia, em vez de cortesmente dizer sim quando a mente me dizia não. Não pactuava com falsas noções. Era por isso socialmente incorreto quando dizia que não tinha aparecido porque não lhe tinha apetecido ir, ou quando afirmava que preferia ficar em casa, no meu “castelo” a juntar-se às proles.

Aliás, sem cerimónia dizia que me custava estar no meio de multidões, e havia já escrito em 1972 no meu primeiro poema que abria o volume de poesia [Crónica do Quotidiano Inútil]

“-- 11 h.  
A correr do café com leite para o elétrico torrado.  
Palavras marteladas pelo HÁBITO INCÓMODO.  
-- Quinze tostões.  
Direito a empurrões, pisadelas.  
O pó é grátis  
por vezes, o cheiro da democracia custa a engolir...”.

Devia ser uma ideia premonitória, dado que quando o escrevera ainda não vivera a democracia, pois decorria então a dita primavera marcelista estiolada que foi o estertor do Estado Novo salazarista. Mas é sempre difícil os outros aceitarem estas declarações verdadeiras e honestas, ninguém gosta de saber que alguém não quer estar connosco e prefere ficar sozinho. Não aceitam que seja preferível uma pessoa ficar em paz e sossego consigo mesmo, essa coisa banal que se resume a estar consigo mesmo e não com os outros.

Há momentos para tudo, para estarmos connosco e momentos para estarmos com os outros. Era dessa liberdade que falava e que procurava, quando não estava bem com algo, não deixava que isso me atormentasse e punha termo ao mal-estar. Mesmo que isso implicasse os outros sentirem-se aparentemente ofendidos e tristes por se preterir a companhia deles ao silêncio dum teclado a ser martelado suavemente com ideias. Era dessa liberdade que falava e era essa liberdade individual que prezava mais do que tudo. Era avesso a todas as formas de dirigismo ou de manipulação, queria decidir por mim mesmo, ainda que inconscientemente estivesse a ser manipulado ou influenciado pelo que lia e ouvia.

Já tinha sido assim quando me proibiram de fumar em locais públicos australianos no fim da década de 80 e depois quando em Portugal a mesma cegueira protecionista da saúde se abateu sobre cafés e outros locais em janeiro de 2008. Para mim tratava-se de mais um fundamentalismo que não estava disposto a aceitar. Se as minhas idas ao café já eram pautadas por períodos limitados a mero conjunto de segundos, frações minúsculas de minutos, estes passaram a ser mais curtos ainda, pois embora habitualmente não acendesse um cigarro após o café, passei a acendê-lo apenas para provar que o podia fazer quando queria e não quando os outros deixassem. A minha relação com os outros era sempre problemática e resumia-se à minha aversão pelos ditames alheios. Fora assim com a autoridade paternal, com as autoridades militares no decurso da minha vida como oficial do exército e no decurso da minha vida profissional. Era avesso aos “carneiros” e talvez por isso mesmo acabaria por casar com uma pessoa desse signo.

Despeitava a inveja alheia, noção que me era alienígena, pois invejava nada ou ninguém. Criticava os outros pela fachada que mantinham, pelos estereótipos com que se regiam: conversas balofas e mesquinhas, sem profundidade. Ansiava por conversas profundas, preferia argumentos “intelectuais” ou até mesmo “pseudointelectuais” em que se esgrimissem argumentos, ideias e propostas concretas de melhorar o mundo, pois isso nem a sociedade, em si, nem os políticos, em especial, se encarregariam jamais de fazer. Acreditava que podia marcar a diferença e começava as revoluções em casa.

Deixei sempre aos filhos a liberdade de escolherem a sua vocação religiosa quando tivessem idade, nunca ia à missa só porque sim, como o meu pai fizera sempre, acompanhando religiosamente a minha mãe, essa sim praticante dessas coisas do culto da missa. Os tempos eram outros e não havia já aquele estigma forte de se ser um não-praticante ou um não frequentador de missas. De qualquer modo acreditava ser coerente. Ao contrário dos meus pais, que raramente me deixavam usar o telefone, cedo coloquei telefones nos compartimentos todos da casa para que o filho mais novo pudesse falar ao telefone ou usar a internet, com moderação. Lembrava-me ainda do tempo em que o telefone tinha apenas trinta centímetros de fio e uma pessoa tinha de ficar ali agarrada aquele pedaço de baquelite preto a falar por monossílabos, com o resto da família perscrutando as ondas e o éter a conjecturarem toda uma conversa que se queria privada. Mais tarde, inventei um sistema com um fio de extensão do telefone que se ligava na tomada e dava para esticar o aparelho pelo resto da casa. Fosse onde fosse que me fechasse: no quarto, na casa de banho, na varanda, já podia falar com privacidade, mas só o fazia de noite quando os pais já dormiam para poder falar longamente... infelizmente o filho tinha um desprezo para com o telefone igual ao que ele agora sentia por esse meio de comunicação retrógrado e que raramente utilizava por prazer. Mais voltado para as novas tecnologias e um típico autoensinado, o filho desfazia-se em digressões e divagações tecnológicas cibernéticas sempre em busca de descoberta do Santo Graal mesmo que não o soubesse nem sabendo bem o que procurava.

Nasci em 1949, fruto dum pós-guerra que abalou profundamente os alicerces da minha família. De abastada em 1906 e possuidora de três carros durante a 1ª Grande Guerra, pouco se via da velha família com laivos de nobreza. A família sobreviveu mal à Grande Depressão de 1929 com



grandes perdas financeiras e a sua redução a uma mera burguesia “cheia de pergaminhos nobres, mas sem cheta” como soía dizer-se então. Embora crescessem a falar francês, inglês, italiano ou castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza. Tinha, também, muito orgulho no apelido Meira, cuja origem descobri ser muito antiga.

*Família que tomou o apelido de Meira no bispado de Tui (Galiza) o mais antigo que se conhece é Rodrigo Afonso de Meira, senhor do solar de Meira. Mais tarde Gonçalo Pais de Meira, alcaide de Guimarães que, com seus filhos, organizou a defesa da praça, ao serviço da Corte de Espanha, livrou do cerco a cidade de Guimarães no ano de 1369. Dizia a lenda que saíra da nossa posse um Palácio na Galiza, por um tio-bisavô do lado Meira, que se recusava a tornar espanhol e por isso perdeu todas as propriedades em Espanha dado que os não-Espanhóis estavam então proibidos de possuir terras e bens. Mas a sua verdadeira identidade nunca descobri nem encontrei ligação nossa do lado Meira (radicado em Afife, mas originário de Lugo, Santa Maria de Meira) nem desse antepassado que alegadamente havia sido o dono do Pazo de Meirás em El Ferrol. que é um Palácio de Verão pertença da Coroa espanhola, mas só muito mais tarde vim a descobrir que parecia nunca ter havido ligação nenhuma a esse Palácio de Verão que o ditador Francisco Franco “anexara” na década de 1930 e do qual usufruiria por 36 verões consecutivos e que hoje recusam devolver ao estado.*

*Embora crescêssemos com a capacidade de falar castelhano ficou sempre uma certa animosidade pessoal contra Franco e os espanhóis e uma certa empatia com a Galiza.*

As origens de outro ramo da família datam de 960 d.C., anteriores a Afonso Henriques, a cujo aio judeu estavam ligadas pelo casamento da filha de Egas Moniz, ou seja, anterior à formação do próprio Condado Portucalense e de Portugal.

*No que diz respeito ao apelido este originou-se com D. Sancho Nunes Barboza, senhor da Quinta de Barboza, na terra do mesmo nome. Era seu solar a Quinta de Barbosa, no termo do Porto, donde tomaram o nome, no lugar de Barbosa, na freguesia de S. Miguel de Rãs (Penafiel, Norte de Portugal). Segundo Miguel de Sousa (in “As Origens dos Apelidos das Famílias Portuguesas”, SporPresss, 2001), os Barbosas foram uma importante família nobre portuguesa no século XII, mas que entrou em decadência nos séculos XIII e XIV. D. Sancho Nunes Barboza era descendente de D. Nuno Guterres, aliás Conde D. Nuno de Cela Nova, filho do Conde D. Teobauda Nunes, um dos mais ilustres e valorosos cavaleiros do tempo do rei D. Bermudo II de Leão. D. Nuno era irmão de S. Rosendo, famoso bispo de Dume no ano de 925. Este nome pode ter sido documentado muito antes da data mencionada acima. Apelido português toponímico, indica um lugar onde há muitas barbas de bode ou barbas de velho (espécie de planta). Como topónimo, José Pedro Machado (in Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa) considera que Barbosa é originalmente um adjetivo na expressão «(terra) barbosa», isto é, «(terra) onde haja abundância de plantas chamadas barba» (ver barba no Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa, de António de Moraes Silva, 2.ª edição).*

A ligação ao título de Conde de Celanova permaneceu na família durante gerações, mas por razões que não vêm ao caso já não estão atuais. Havia também uns primos direitos, mais velhos do que eu, nascidos no Brasil e lá residentes, que queriam o título, a que legitimamente tinham direito por consanguinidade e hierarquia. Passados os dias difíceis da Grande Depressão quando o meu avô morreu (1930) em que terrenos, casas, propriedades e fábricas foram sucessivamente roubados por outros membros da família ou perdidos na voragem da bancarrota, a família sobreviveu à Segunda Grande Guerra. A Quinta do Cabeço em Afife foi uma das perdas mais sentidas pelo meu pai. Cheguei a conhecer as suas casas de infância, uma na Rua Visconde de Setúbal e Rua da Regeneração (atual Rua João das Regras, onde está um tribunal agora), mas as casas de verão na Foz e Matosinhos onde passavam o Verão já não as conheci. Consta que alguns membros da família (em especial um cunhado que era contabilista do meu avô) a quem dera apoio com trabalho e benesses foram os que mais se aproveitaram dele estar em maus lençóis.

*Ainda viríamos a herdar algo que eles deixaram por não terem descendentes). Com a derrocada financeira e subsequente morte do patriarca viria a impossibilidade de o meu pai acabar o liceu e ter de se resignar a acabar os estudos numa Escola Comercial, tendo cedo começado a trabalhar nos escalões inferiores numa multinacional norte-americana<sup>1</sup>. Entretanto, de tenra idade o meu tio, irmão mais velho do pai, emigrou para o Brasil (teria uns 7 ou 8 anos, por volta de 1918) com um tio-avô que ali fez fortuna e deixou descendentes que ainda hoje continuam a descobrir.*

Segundo consta, e era tradição oral, o meu pai escandalizou o resto da família e teve de arcar com um certo e duradouro ostracismo. Casara em 1948, segundo o culto católico romano, com uma mulher trabalhadora, noção de todo herege aos olhos do conservadorismo familiar, cheio de pergaminhos, de manias de aristocracia (falida) e sangue azul. Dir-se-ia que nascera, assim, no seio duma atmosfera hostil. A minha mãe era professora primária numa altura em que mais nenhuma mulher (na família do meu pai) trabalhava ou sequer pensava nessa hipótese. Eram, então, todas as restantes mulheres da família de seu pai respeitáveis donas de casa, com tradições a venerar e manter, enquanto tocavam piano e falavam francês, segundo o provérbio popular. Era às criadas que competiam as tarefas de cuidar das crianças, educá-las, ensiná-las, enquanto outras colegas mais qualificadas se encarregavam dos trabalhos domésticos divididos por tarefas como limpezas e cozinha. Aos pais do sexo masculino (nessa altura, os pais eram ainda apenas um de cada sexo) competia trabalhar, manter o bom nome da família, e prover a todas as necessidades (expressas ou não) desta

Do meu lado materno viriam os apelidos Menezes, Madureira, Rodrigues, Magalhães, Moraes e Alves todos consignados ao distrito de Bragança.

*Ali teriam toda a sua ancestralidade, ligada entre outros a Dom Nuno Álvares Pereira (1360-1431) descendente de Desidério, último rei dos lombardos, que tentou invadir Portugal e tomar a Galiza em 740 (D. Afonso I). Os Pereira estabeleceram-se em Trastâmara antes da chegada dos mouros. Eram senhores do Castelo de Lanhoso. Aos 16 anos casou com D. Leonor de Alvim, um casamento de conveniência. Deixou descendência a quem D. Duarte deu o título de Duques de Bragança.*

Nunca vi a clarificação dessa ligação genealógica à família da minha mãe e mantinha-me cético em relação à mesma. Já não havia dúvidas quanto ao resto da família embora me intrigassem alguns relatos de que um meu bisavô materno teria sido cónego, casado e pai de filhos, mas também aí nunca descobri a confirmação do sacerdócio desse antepassado, embora houvesse muitas dúvidas matrimoniais não-consubstanciadas em documentos.

*Como poucos na família se interessavam pelo assunto e como havia uma política de silêncio profunda, os poucos dados de que dispunha fui-os arranjando na fase monárquica da juventude quando passava as férias nas aldeias transmontanas em busca de histórias e lendas de família. Parecia não restar dúvida, quer pelas imagens quer pelo resto, de que se tratava de uma família (pelo lado materno) com inúmeras ligações a judeus novos ou marranos. Renegados por todas as gerações até aos meus dias, havia os nomes típicos de cristãos-novos como Ester (hebraico: estrela) e Jesuína (latim: aquela que crê em Jesus) que não deixavam grandes dúvidas, a menos que se ignorasse a etimologia dos mesmos. Seriam um peso grande a acarretar durante a vida estas heranças genealógicas das quais só viria a libertar-se muito mais tarde.*

*Rompendo com a tradição iria ajustar a minha identidade à persona que aceitei como meu alter-ego e com a qual teria de coabitar para o resto dos dias. A minha mulher jocosamente comentara um dia que o meu grande problema existencial era saber qual dos dois venceria o duelo, eu ou o meu alter-ego. Fora importante esta dicotomia para definir a minha personalidade, independentemente das heranças genéticas e outras. Sempre quisera construir o meu rumo sem transportar o peso morto das expetativas, e uma albarda cheia de nomes como alguns membros da família chamados – por exemplo -Alberto Eduardo Miguel Carlos Manuel Filipe José Pedro Arcanjo Francisco e seus respetivos apelidos. Cingir-me-ia, por exemplo, às iniciais JC ou JCC tomadas no seu sentido mais lato como as do filho do deus dos cristãos. Não seria isto mais uma demonstração da minha não-aceitação de destino marrano, e a necessidade de reafirmação da minha cristandade?*

Em minha casa no Amial, viviam os meus pais, a minha avó paterna, duas irmãs de meu pai ainda solteiras e a tia-avó Orbela (então separada ou já viúva) que faleceria dois anos depois. Os meus pais levantavam-se muito cedo para irem trabalhar e eu ficava a cargo da empregada e da minha avó, que eu sempre considerei uma pessoa adorável e terna, mas que nunca trabalhara um dia em toda a sua vida e jamais se capacitara de que a família não era rica como dantes. Vivía num mundo seu, encapsulada num vórtice temporal que nunca transcendeu. Os primeiros quatro anos da minha vida eram preenchidos por longos passeios pela Estrada da Circunvalação Interna no Porto, pois vivíamos no Bairro Garantia, Vivenda Estremadura, na Rua do Amial, mesmo junto a essa saída de portas, antiga barreira fiscal que impedia a entrada e saída de pessoas desse burgo que era o Porto.

A casa ainda existe e aparte uma pintura exterior não parece ter mudado nada desde que de lá saímos. No entanto abstive-me de ir bater à porta e pedir para visitar o sítio onde passei os primeiros anos de vida, como quem parte em busca de soluções para problemas que desconhece, ou em busca de pistas para a minha maneira de ser conturbada. As lembranças dessa época são mais decorrentes das fotos que vi e das quais retive ou recriei uma memória dos eventos por via fotográfica. O que mais persiste na lembrança, e disso não vi fotos, é o enorme fogão a lenha que havia na cozinha e o hábito de a minha avó tomar ao lanche um chá com leite, o chá inglês como ela lhe chamava e que por vezes me convidava a acompanhá-la. A casa tinha dois quartos para a frente, dois laterais, além da sala de jantar e cozinha. Se bem que tenha uma vaga recordação da maior parte dos quartos e da sala e cozinha, há dias interrogava-me onde estava localizada a mobília de escritório do meu avô, que o meu pai herdou.

1 (Mobil Oil, então chamada Socony Vacuum pela junção em 1931 da Standard Oil Co. de Nova Iorque (Socony) e a Vacuum Oil Co. Em 1955 tornou-se Socony Mobil Oil Co., e em 1963 Mobilgas, ou Mobil Oil, que finalmente em 1999, foi adquirida pela Exxon)

A minha avó tinha no quarto de dormir uma pianola onde se entretinha a tocar e que mais tarde deixou de fazer parte da nossa mobília quando mudámos. Foi para casa da minha tia (irmã mais velha do meu pai) porque a minha mãe achava que era um “mono” demasiado grande para um apartamento e como não era dada às músicas viu-se livre da pianola e mandou a minha avó tocar em casa dos outros. Ainda está em casa deles.

Na casa do Amial havia uma criada ou “sopeira” como era vulgo conhecida em calão da época (nome usual na época, antes de se passarem a denominar empregadas domésticas, ou auxiliares de serviços domiciliários) que nos acompanhou na mudança e, mais tarde, casou de nossa casa para emigrar para França. Quando regressou de férias, tinha eu sete anos servi de padrinho ao filho dela, meu único afilhado o José Alberto Cortez que nunca mais vi e deve ter cinquenta anos... e a única coisa que o padrinho lhe deu foram os dois nomes...pequena herança.

CRÓNICA 228 ANO NOVO SÓ SERÁ SE A GENTE QUISER 1.1.19

Agora que o fogo de artifício se calou, que já todos comeram as passas e beberam espumante, e as chatas mensagens e vídeos de votos felizes já não inundam as nossas caixas de correio eletrónico, chegou a altura de dizer que só será ano novo se nós quisermos.

Comecemos pela autonomia, atualmente debatida na CEVERA, e que precisa de ir a um cirurgião plástico para um “facelift” total e completo pois as rugas e pés de galinha são mais do que evidentes e não há maquilhagem que as mascare.

Depois temos os prejuízos infindos das empresas públicas, ou parapúblicas, ou híbridas, ou qualquer que seja a sua designação e que só servem para terem “boys e girls” na sua administração enquanto acumulam prejuízos de milhões e nem quero especificar se é a SATA, SINAGA, Lotaçor, e outras, umas mais faladas que outras (quase totalmente desconhecidas do grande público). Todas precisam de ir à faca da cirurgia, mas que não seja plástica antes de transplante de coração, pois o coração dessas empresas há muito que sofre de aterosclerose, enfarte do miocárdio, angina e outras arritmias e insuficiências coronárias. Muitas devem fechar, de imediato, pois ficará mais barato ao bolso dos contribuintes da Região o seu fecho do que a sua manutenção e o pagamento de elevados juros acumulados de dívida e de avales do Estado (governo regional). Tem de ser uma operação rápida já que indolor não será.

Chega a vez de se observar porque a região (e especialmente São Miguel) tem tantos beneficiários de rendimentos de reinserção social, qualquer que seja o nome atual desse flagelo, que se queria medida temporária e ameaça tornar-se hereditário de geração em geração. Depois, há que criar emprego a sério em vez de mil e um esquemas transitórios, abusados pelos empregadores, de estágios L, T e outros, que só servem para reduzir estatísticas e a criar falsas expetativas nos seus beneficiários que, entretanto, não decidam emigrar, à taxa de cerca de 1500 pessoas/ano, despovoadando ainda mais as ilhas menos populosas.

O mais curioso disto tudo, é que o doente está nos cuidados intensivos, mas o turismo nestes últimos anos deu-lhe uma dose de morfina que, aliviando as dores, não trata da doença terminal. O governo regional está sem ideias. Cansado, refém do poder central, sem gente capaz ou ousada, mais parece a cáfila de bajuladores que viviam à sombra do Salazar. Nem sei se a culpa é do Vasco ou se ele é mero refém da situação desde que tomou posse e sobremodo, desde que César foi para Lisboa em troca da autonomia regional dos Açores. Da oposição surge aqui e ali um lampejo mais pela voz dos comentadores e jornalistas do que dos partidos da oposição. É o resultado das maiorias, que desprezam a voz das minorias dissonantes.

Não há visão de futuro, nem dinheiro, para grandes aventuras e elefantes brancos, e quando o fogo de artifício das grandes proclamações cessa apenas resta o fumo esbranquiçado de promessas que o vento levará. Por isso 2019 como ano novo só será se a gente quiser e há poucos que queiram.

CRÓNICA 229 DOS CASTELOS, DAS RELAÇÕES HUMANAS E DOS MUROS À LA TRUMP 12.1.2019

Escreveu em tempos o saudoso Daniel de Sá que

Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado, por lá se avistar (dia e noite) um castelão, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.

Os castelos constituíam fortes, feitos com muralhas, torres, fossos, barbacãs, calabouços e pontes levadiças. Geralmente eram construídos em terrenos elevados, o que facilitava a defesa contra os ataques externos. Nos momentos de ataque, todos se refugiavam dentro dos castelos para proteção. A ponte levadiça era a única entrada que dava acesso ao interior.

De facto, dali do topo da “falsa” (o nome micaelense para o sótão) a minha janela abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, os nevoeiros que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era o vento mata-vacas de nordeste ou a chuva inclemente e impiedosa ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, abatia-se sobre o “castelo” e as grossas gotas corriam pela janela e toldavam-me o juízo, arrefecendo a minha paciência oriental. Mas não foram essas chuvas quem apagou o fogo, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossou subitamente, sem premeditação. Martelando ferozmente o teclado em frente ao qual gastei a última grossa (doze dúzias de anos, assim me pareciam) da vida, deixei que ela lá fora corresse sem pressas.

Devagarosamente debitei palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita na ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirei tudo o que produzi na esperança de um dia me vir a ser útil. Já aprendera isso com o meu pai e repetia-o até à exaustão pois a mesma experiência ditava-me secretamente esse conhecimento de que seriam sempre úteis. Já o tinham sido por várias vezes. Sabia ser difícil aos que me rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a minha lógica irrepreensível. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem saber rotas nem itinerários.

Eu era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de me deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades nesta postura. Não tinha ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-me a sorrir pouco e rir qb.

Ora aprendi ao longo da vida que os piores assaltantes nunca eram nem os inimigos nem os desconhecidos, mas familiares e amigos. Sendo a minha casa, o meu “castelo” um santuário e não sendo eu uma religião, não eram bem-vindos os fiéis por mais disfarçados de Reis Magos que se apresentassem. Sempre fora assim ao longo de quase sete decénios, em Timor, Macau, Austrália e Portugal.





(texto do autor adaptado de Crónica Açores uma circum-navegação, vol. 1, ed. 2009)

Quando baixava a ponte levadiça e permitia a entrada de alguém, mais tarde ou mais cedo teria de terçar armas para defender o meu santuário. Umas vezes, logo de início, outras ao fim de muitos anos, sempre fora assim, quando baixava a guarda, quando menos esperava, quando acreditava que a amizade não era um verbo aí vinham impiedosas as traiçoeiras setas.

Lá tinha de ir correr à sertage (fritadeira quadrada) buscar azeite a ferver para repelir o ataque. Agora não havia já os habituais cercos medievais esperando uma rendição, nem eram precisas máquinas de guerra como catapultas ou a tradicional chuva de flechas. A tática mais comum para os exércitos de familiares e amigos que lançavam o ataque era estimular traições ou rebeliões entre os sitiados.

E foi assim que ao dealbar de 2019, inspirado por alguém em quem nunca me revejo, decidi erguer um *muro à la Trump* e tornar o meu castelo inviolável. Infelizmente ao fim de quase sete décadas tenho de concordar que as amizades não passam de interesses transvestidos. Mais vale ser eremita do que traído por falsos amigos e aliados. Daí acreditar que mais vale estar só do que mal-acompanhado.

Só resta esperar que este muro virtual que acabo de erguer no meu castelo seja mais eficaz, nesta ilha onde o feudalismo pós-medieval se implantou, pelo que em breve irei criar mais defesas como paredes internas, formando um anel concêntrico e protegendo ainda mais a construção. O pátio interno ficará maior, dividido em pátios separados. A torre de menagem (donjon) ficará maior em pedra e criarei uma fortaleza. Outras construções serão acrescentadas aos pátios – com mais torres amplas e altas incorporadas nos muros externos, enquanto outras serão estruturas separadas dentro dos pátios.

Obviamente o “castelo” sem torre nem ameias do Daniel de Sá fora ineficaz.

## CRÓNICA 230, DA DESESPERANÇA 17.1.2019

Telefonaram-me há dias a dizer que liam as minhas crónicas e elas eram muito apocalíticas e eu era um cavaleiro de desgraças futuras. Tenho andado a matutar no tema e estou prestes a conceder razão ao meu interlocutor.

De facto, para quem nasceu no fim da primeira metade do século passado, crescendo com a silenciosa mordaza cinzenta e salazarenta, cresci a sonhar com a Europa e a liberdade que eu invejava aos que viviam lá fora. Veio o maio 1968, mais primaveril que a Primavera de Praga, era tempo de amor e flores no cabelo em São Francisco e em Woodstock, enquanto a GNR a cavalo subia as escadarias do vetusto edifício da Universidade do Porto (nos Leões) atrás dos que tinham a ousadia de se querer manifestar contra a guerra colonial que ceifou, mutilou e destroçou corpos e mentes brilhantes aos da minha geração. Nesses dias até um colega com 21 dioptrias ficou apurado para todo o serviço, não havia carne suficiente para tanto canhão, manipulados pelos jogos de dominó (como lhes chamou Henri Kissinger) dos EUA e da URSS.

Quando Salazar caiu da cadeira e lhe sucedeu o homem das nefandas e nefastas “Conversas e Família” no pequeno ecrã a preto e branco (Dom Marcelo I, o Caetano) houve quem acreditasse na sua “primavera” que nem chegou a florir tão outonal e invernal se veio a manifestar. Os estudantes eram esclarecidos e ativos, enquanto os políticos na clandestinidade e no exílio faziam o seu trabalho de sapa e havia esperança em dias melhores nas nossas mentes irrequietas. Quando abril despontou nesse mês primaveril de 1974 acreditou-se em sonhos que não eram ainda sonhados pelos homens que pegaram nas armas e as plantaram de cravos.

O resto da história já vocês conhecem e apenas a arqueologia futura pode decifrar ou reinterpretar. O verão que se seguiu à primavera foi quente e desde então vieram os outonos e os invernos que nos assolam hoje, sem esperanças algumas, nem sonhos.

Hoje a florida europa de todos tornou-se mais uma vez numa Europa de alguns, sem ideias nem futuro, enquanto nova guerra não chega. Dizem os otimistas que assistimos a um longo período de *Pax Europaea*, enquanto os pessimistas falam em estertor.

Olhando em volta neste globo conturbado por desastres, guerras e calamidades, a que todos parecem impérvios, constato a generalizada incapacidade de reação, de choque, medo, piedade. Apática a mole humana mais se assemelha a um exército de zombies com ecrãs nas mãos.

Ainda ontem nas esplanadas da marginal de Ponta Delgada fiz uma análise dos convivas ao sol de fim de tarde e apenas uma mulher não detinha um telemóvel tátil nas mãos (ia quase avisar a PSP, seria ela uma perigosa sociopata, psicopata ou terrorista?), os restantes perderam a capacidade de conversar de viva voz e qualquer dia voltam à idade das trevas e cavernas e só falam por grunhidos ou SMS (mensagens de texto).

Enquanto isto acontece inventam-se novas fórmulas mágicas para evitar os “chumbos” escolares e qualificar com licenciaturas todos, independentemente dos seus méritos ou conhecimentos, para mais tarde, maleavelmente serem conduzidos às urnas de voto, sem capacidade crítica para pensar ou interpretar. Esta a desesperança em que vivo mais do que justificada de colocar letreiros como este



## CRÓNICA 231 O MEDO DOS IMIGRANTES 23.1.2019

Por todo o mundo, desde há uns anos se intensificaram as manifestações públicas contra imigrantes, qualquer que seja a razão apontada para tal medo. Há sempre o temor do que é, de quem é diferente, e diferentes somos todos, mesmo sem sermos imigrantes. Portugal país de miscigenação desenfreada ao longo dos séculos, nos quatro cantos do mundo deveria servir de exemplo, tanto mais que desde há décadas vive da sua emigração para países distintos onde se oferece futuro melhor a quem quiser trabalhar. Lembremo-nos da tragédia dos anos 60 com a emigração a salto para os *bidonville* da nossa vergonha em França, ou mais recentemente a fuga de enfermeiros para o Reino Unido, entre dezenas de exemplo de migrações dos madeirenses e açorianos para o Hawai no século XIX, para o Brasil dos açorianos no século XVIII que ali ajudaram a fundar o Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e os exemplos podiam ser multiplicados como o prova a rica herança cultural existente hoje em dezenas de países... raros serão os países sem portugueses ou seus descendentes. Num e noutro caso esses portugueses foram abandonados à sua sorte ao longo de cinco séculos e ainda hoje são, a menos que se precise muito das suas remessas de dinheiro...

Escreveu em tempos Miguel Castelo Branco<sup>2</sup>

“Das colonizações britânica e holandesa nasceram Estados, mas da portuguesa nasceram comunidades de afeto. Praticamos o monopólio, tentando destruir a concorrência, mas contávamos com fidelidades regionais que extravasavam largamente o interesse diplomático, comercial e político da coroa. A língua portuguesa era língua franca, “portugueses” eram todos os que professassem a fé católica, amigos e aliados todos os que aceitassem, enriquecendo, um quinhão nessa comunidade continental de comércio, favores, acolhimento e proteção. As “lusotopias” não eram da Coroa, mas das comunidades que se formavam, cresciam e prosperavam, na unidade religiosa das igrejas e na entajada das misericórdias. Estas lusotopias resistiram aos ventos e tempestades da história. Teimosamente, mantiveram a língua, os costumes, a memória da linhagem. Na Birmânia, no Sião, na Malásia, na Indonésia há populações que orgulhosamente afivelam o nome de Portugal. Os outros passaram. Nós ficámos lá, sem apoios e sem estímulo do Portugal distante, abúlico e “europeu”, que regrediu para uma visão tardo-medieval da esfera de contactos internacionais: a Bruxelas, a costa da Guiné e pouco mais. Felizmente, a “Ásia Portuguesa” está para além das Portas do Cerco, do bazar de Dili e dos limites de Goa. Pede-se que os decisores de Lisboa abram os olhos e consigam tirar partido da imensa vantagem que foi, é e será, a grandeza em terras da Ásia.

E no tema da presença portuguesa. Jorge Morbey escreveu, em tempos (23.1.2006), ao então Presidente Cavaco e Silva uma longa missiva da qual se extraem excertos:

*Como referiu o Arcebispo Emérito de Mandalay (Birmânia) U Than Aung, descendente de portugueses, onde a maioria do clero católico é de origem portuguesa com origem em Pegú (1600), quem nunca recebeu a mais ténue manifestação de solidariedade de Portugal nada tem a esperar. Que poderão as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente esperar? A incapacidade portuguesa nesta matéria tem sido uma evidência secular, filha da ignorância e do preconceito.*

*A pequena Cristandade Crioula Lusófona de Korlai [Chaúl], na Índia, somente em 1982 seria revelada ao Mundo pelo etnólogo romeno Laurentiu Theban. O seu crioulo é designado por Kristi. A Cristandade Crioula Lusófona da Birmânia já não usa a língua crioula e perdeu os nomes e apelidos cristãos, apesar de permanecer fiel à religião católica.*

*As Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente mantidas na ignorância dos conflitos entre Portugal e a Santa Sé lutaram anos sem fim contra as novas autoridades eclesásticas por as considerarem estrangeiras. Clamaram sempre pelo envio de clero. De Portugal, de Goa ou de Macau. Em vão. A transferência de domínios entre países europeus, de Portugal católico para a Holanda protestante, constituiu o pano de fundo em que emergiram as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente.*

*Com a substituição da dominação portuguesa, permanecendo nas terras que as viram nascer, deportadas para outras paragens, ou forçadas à emigração, essas comunidades mestiças talharam a sua identidade que perdurou até aos nossos dias, assente em dois pilares principais: a religião católica e a língua crioula. A religião fora trazida de Portugal ou através de Goa. Convertidos ou nascidos nela, com ela haveriam de morrer, geração após geração. A sua língua, o crioulo, era a língua portuguesa que lhe garantia o estatuto de língua franca no litoral da Ásia e da Oceânia, desde o séc. XVI até à sua substituição pelo inglês, no séc. XIX. Holandeses, ingleses, dinamarqueses e franceses não podiam prescindir de um “língua” [intérprete] a bordo para poderem comerciar nos portos do Oriente, na língua que as Cristandades Crioulas Lusófonas do Oriente falavam e, muitas, ainda falam.*

*Tratados, entre países europeus e poderes locais, foram firmados nessa língua, por ser a única a que os europeus podiam recorrer para comunicar no Oriente. Ainda hoje, Cristão” [Kristang] e “Português” [Portugis] são sinónimos.*

*A profanação e a destruição de igrejas e mosteiros, a expulsão dos padres, a proibição de atos de culto católico, as deportações maciças, a redução de muitos à condição de escravos, compeliram os membros dessas cristandades à clandestinidade e à emigração: Macau, Índia, Insulíndia, Sião e Indochina. Tais irmandades permaneceram até aos nossos dias e conservam determinadas prerrogativas que limitam a autoridade dos párocos.*

*Perdida a confiança que a Santa Sé depositara desde o séc. XV no Rei de Portugal, na sequência do corte de relações diplomáticas do Governo liberal em 1833 e a extinção das ordens religiosas por decreto de 31 de maio de 1834, o Padroado Português do Oriente sofreu um golpe mortal, na Índia, no Ceilão, no Sudeste Asiático, na China e na Oceânia.*

*Os missionários do Padroado não seriam substituídos apesar de o clero secular de Goa, numeroso e bem preparado, acorrer em seu socorro. A língua crioula falava-se nas Cristandades Crioulas da Tailândia (Ayuthia ou Ayutthaya) e, posteriormente, Bangucoque, até aos anos 50 do séc. XX, onde permanecem vocábulos correntes no relacionamento familiar e nas práticas da religião católica.*

*Na Indonésia, Java, Flores [Larantuka e Sikka], ilhas de Ternate e Tidore, em Bali, em Timor [Lifau e Bidau] e no Bangladesh [Chittagong e Dacca] – até aos anos 20 do séc. XX era muito viva a presença da língua crioula nas Cristandades locais. Em Dacca existe vocabulário crioulo entre os católicos locais. © Jorge Morbey.*

<sup>2</sup> © Miguel Castelo Branco [http://www.alamedadigital.com.pt/n1/portugueses\\_oriental.php](http://www.alamedadigital.com.pt/n1/portugueses_oriental.php)



Dito isto, e pondo de parte a questão do genocídio aborígene na Austrália, o que lá aprendi durante décadas foi que podíamos viver lado a lado com os nossos dissemelhantes seres humanos, em paz e harmonia, integrados (mas não-assimilados), mantendo a língua e cultura de origem, enriquecendo a cultura local, incrementando de forma constante o crescimento económico australiano e aprendendo a lidar com a diferença de mais de 200 comunidades étnicas diferentes.

Os imigrantes que ora povoam a Austrália vieram de todos os cantos do mundo e integram aquilo que muitos consideram a única sociedade verdadeiramente multirracial harmónica neste mundo de confrontos permanentes. Este o exemplo de que vos queria falar em oposição a Portugal, a toda uma Europa racista e xenófoba. Voltaremos a este tema.

CRÓNICA 232 O FALHANÇO DA VENEZUELA 24.1.19

Não costumo falar de temas políticos no calor do momento, mas este pelas manifestações efusivas nas redes sociais vai merecer o meu comentário e isto nada tem a ver com ser de direita, ou ser-se marxista ou cor de zebra sem riscas quando corre.

Não gosto de Maduro, mas também já não gostava de Chávez e dos seus tiques amigáveis com Sócrates, Portas e outros políticos portugueses. Sei que as democracias estão enfermas (basta olhar para os EUA e Brasil, República Checa, Polónia, Hungria, etc....) mas na minha falta de conhecimento local das causas, apenas vejo os efeitos de Chávez e Maduro. Um país podre de rico na miséria abjeta. Já sei que os boicotes dos EUA ajudaram, mas não explicam tudo. Claro que sei que os EUA não gostam de líderes como Lula, Maduro, Castro em Cuba e outros que sobrevivem em sistemas marxistas, mas até que me digam, preto no branco, que as eleições na Venezuela foram falsificadas, os votos indicam que Maduro foi eleito com maioria (já sei que o Adolfo austríaco também foi eleito pelos alemães) e em democracia (da última vez que consultei o termo) ganha quem tem mais votos (a menos que se crie uma geringonça à portuguesa).

Para mim um país com dois presidentes, sendo um autoproclamado, por mais apoio que possa ter da oposição dos EUA e da EU, e o outro apoiado pela China e Rússia, parece mais um país em pleno golpe de estado. Ao que parece, os militares estão, por enquanto, do lado de Maduro, mas a menos que a guerra civil tenha lugar, o líder democraticamente eleito (hoje uma TV portuguesa chamava-lhe ditador eleito, o democrata é o autoproclamado) pode ter os dias contados. A intervenção militar dos EUA é sempre uma hipótese, aliás, eles já invadiram mais de 150 países na história do século XX, se bem que as ameaças chinesas e russa para não o fazerem os podem dissuadir dessa via, tanto mais que as suas forças armadas se espalham da Síria ao Afeganistão e centenas de outros locais de intervenção militar. Alguém comentava hoje que a realidade é “fake”, passamos das “fake news” aos “fake presidentes” ...

Na Venezuela existem milhares de portugueses, uma grande comunidade de descendentes da ilha da Madeira, que nos últimos tempos, sem grandes parangonas nos jornais têm regressado à ilha atlântica, tal como cerca de outros três milhões de venezuelanos que votaram com os pés, saindo do país.

E aos que apoiam a mudança de governo, gostava de interrogar sobre qual é exatamente o excerto da constituição de Venezuela que permite ao senhor Guaidó proclamar-se presidente da República Bolivariana de Venezuela numa manifestação de rua sem ser votado para isso pelo povo venezuelano?

Aconteça o que acontecer, vai demorar décadas aos venezuelanos para voltarem a ter o nível de vida privilegiado que tinham até a crise de 2014 nos preços do petróleo (48% do PIB) ter afundado o país. recorde-se o surto de desenvolvimento económico do país entre 1950 e 1980 que levou o país a ter o melhor nível de vida de toda a América latina. Depois os preços do petróleo baixaram nos anos de 1980 e a economia começou a deteriorar-se, sobretudo em 1989 e 1996 (três anos antes de Chávez ascender ao poder). A revolução bolivariana a partir de 2002 começou a dismantelar a indústria do petróleo onde milhares de profissionais eram considerados dissidentes políticos. Depois veio a inflação de 100% em 2015 e 4000% em 2017, atingindo a hiperinflação no ano passado.

CRÓNICA 233 OS MALEFÍCIOS DA HOSPITALIDADE E DO TURISMO NOS AÇORES 30.1.2019

Tem sido anunciada com grande pompa e circunstância a construção de vários hotéis nos Açores (a maioria em São Miguel, e mais recentemente, na cidade da Ribeira Grande, que bem carecia de alguns, talvez, mas tantos não!).

As ilhas, cujo défice é ciclicamente lembrado pelo tribunal de Contas, vão de vento em popa cavalgando a onda do turismo que desde há 3 ou 4 anos passou a ser o seu motor económico e, até o governo regional anunciou ultimamente um aumento nos cursos de formação hoteleira, mas a realidade é a mesma de há 15 anos com pequenas nuances e muito poucas melhorias.

Serviço mau ou inexistente continua a ser a constante. Ainda há dias entrei numa esplanada da marginal, quase vazia ao contrário do que é habitual. Dirigi-me ao balcão enquanto 3 ou 4 funcionários cirandavam, para a frente e para trás, e passaram-se seguramente 4 ou 5 minutos até que uma delas, displicentemente, se dignou vir ao balcão indagar o que o intruso pretendia. Como é habitual, haja ou não movimento, o serviço é lento, muito lento..., mas acabou por chegar. Devagarosamente, degluti um bolo, tomei um café, bebi a minha água fresca e os bolos que pedira para embrulhar e levar tardavam em chegar. Politicamente incorreto fui à esplanada fumar um cigarro e quando vim, tive de voltar ao balcão para relembrar os bolos. Nota positiva desta visita semanal, desta vez ofereceram-me a garrafa de água acompanhada de um copo.

Nos restaurantes, snack bar, cafés e esplanadas a cena é idêntica e nada a distingue da displicência com que eu era servido há 15 anos quando cheguei aos Açores e não havia turismo. O serviço sempre, de uma forma geral (as exceções são poucas) mau e lento. E em muitos casos, caro para a média portuguesa, muito caro para a média açoriana (inferior à nacional), como se todos quisessem ganhar a dobrar nos meses mais quentes para compensar o que não ganham nos meses outonais e inverniais.

Mas a culpa não é dos desgraçados dos jovens, muitos deles licenciados sem saída neste pequeno mercado de trabalho açoriano. A gula pelo lucro exorbitantemente desmedido, é a pedra de toque de todos estes “empresários” da restauração, sempre a queixarem-se da falta de pessoal ou do desempenho do mesmo, mas incapazes de investir ou propiciar condições de formação profissional adequada, escudando-se em leis de trabalho, tabelas de vencimentos e desculpas mil. Queixarem-se sabem eles fazer, contra as alcavalas de impostos, taxas e tachinhas que o governo lhes impõe, enquanto magicam novos truques para que os sistemas de contabilidade não declarem ao fisco tudo o que transita pelas máquinas registadoras. Mas o que eles sabem fazer melhor é obrigar os funcionários a trabalharem horários incomportáveis, mais apropriados ao Bangla Desh, com excesso de horas não-remuneradas nem compensadas, trabalhos em dias de folga, feriados e outros excessos, sempre sob a chantagem de despedimento, de deduções nos vencimentos, usando e abusando de trabalho à experiência (muitas vezes não-remunerada ou mal remunerada), em pagamentos não-declarados ou subdeclarados.

Por estas e mais mil e uma razões, que aqui poderia apontar (já nem vou falar da falsificação dos vinhos e da carne), continuo a dizer que a bolha do turismo (aproveitando as crises na África subsaariana e noutros locais) um dia estourará e teremos hotéis de luxo vazios, mais gente inqualificada e



sem formação adequada no desemprego. Veremos as esplanadas vazias e pouco ou nada se terá aproveitado desta oportunidade única de criar uma massa de trabalhadores bem formados e qualificados de que os governantes sempre falam nos seus programas.

Mas não é só a formação profissional apropriada que falta, é a formação dos “empresários” muitos deles com baixas qualificações literárias e profissionais, incapazes de se adaptarem ao século cibernético em que vivemos. Sem uma mudança radical nas mentes e nos processos, os Açores continuarão na cauda do país e da Europa, com uma produtividade muito baixa e inovação incipiente, mas com “empresários” satisfeitos (por enquanto) pelo acumular de lucros nas suas contas. As vacas magras hão de regressar, mas a oportunidade desta galinha de ovos de ouro terá sido irremediavelmente perdida.

**CRÓNICA 234 "O PROTESTO É UMA DEMOCRACIA DE RECURSO." (IN NATÁLIA CORREIA, «DESCOBRI QUE ERA EUROPEIA», PONTO DE FUGA)**

E o recurso é um protesto de democracia ou a democracia é um recurso de protesto ou a democracia é protesto de recurso...? como me respondia o Telmo Nunes

*“... esses jogos semânticos... Mas respondendo à sua questão depende do seu grau de subserviência ao regime... Já dizia o Sr. Churchill que democracia era o pior dos regimes políticos, mas não havia nenhum melhor que ela! Eu não me iludo: bem sei que não as há perfeitas. Mas há umas melhores do que outras... que é o mesmo que dizer que há umas onde o protesto é recorrente e outras onde não os há!!”*

Adoro jogos de palavras..., mas a minha Austrália e o Reino Unido eram países onde a democracia parlamentar funcionava e bem, hoje estão iguais aos outros...o futuro reserva-nos todo o tipo de ditadores, do Trump, ao Bolsonaro, ao xeque da arábia ou ao Putin é só escolher, passando pelo Orban na Hungria, Polónia, Áustria, enfim...o melhor é irmos colonizar a lua que marte está longe..

Por inacreditável que seja para uma pessoa da minha idade, *acredito numa sociedade que não existe, gerida por uma forma de capitalismo humano capaz de dividir dividendos (não com acionistas) mas com os seus trabalhadores (esse deveriam ser os verdadeiros acionistas), capaz de reinvestir lucros na sua expansão.* Como todos sabemos, com a globalização, não existem mercados livres e isso impede o meu sonho. Todas as regras foram subvertidas e falsificadas. Em todos os campos da atividade humana.

Podemos começar com o futebol onde vale tudo desde que se ganhe, ou o ciclismo atolado em casos de doping, desde que se ganhe a qualquer preço, a todo o preço, seja na Fórmula 1 ou no pugilismo, e para que não restem dúvidas aos que pensam assistir a desportos, eles são a versão atual dos circos romanos, com outros gladiadores, todos manietados e controlados por apostas e vigarices.

Em Portugal do desporto à política já passamos da fase do jogo de espelhos e já tudo é o que parece, nesta colónia de interesses da EU, em vez de sermos parte de uma federação de países como os seus criadores idealizaram. A corrupção parece ter alastrado que nem a peste negra e aqueles que ainda não foram contaminados, parece quererem a toda a força uma oportunidade de contraírem esse vírus.

A impunidade dos DDT e as penas severas para os pequenos delinquentes servem para mostrar quem realmente manda. E como a meritocracia nivela a sociedade pelo mérito e capacidade, aqui o que conta são cunhas, compadrios, nepotismo que atiram migalhas aos servos da gleba do alto das suas torres de marfim, e estes agradecem (e se ainda usassem chapéu, reverentemente o tirariam para agradecer aos “senhores”).

Como se estão a aproximar três eleições importantes (para o PE é já em maio), lembre-se do real valor do seu voto e recorde algumas frases de Churchill:

*O melhor argumento contra a democracia é uma conversa de cinco minutos com um eleitor mediano  
A democracia é o pior dos regimes políticos, mas não há nenhum sistema melhor que ela.  
Ninguém pretende que a democracia seja perfeita ou sem defeito. Tem-se dito que a democracia é a pior forma de governo, salvo todas as demais formas que têm sido experimentadas de tempos em tempos.*



E como escrevia Vítor Soromenho em 2014

*“O descontentamento dos portugueses com o atual estado da democracia: ... a insatisfação atingiu 83% dos respondentes de todas as idades. Em primeiro lugar, os inquiridos concordam de forma maioritariamente expressiva com a afirmação de que hoje o País é mais livre, mais democrático e com maior qualidade de vida, do que antes da Revolução. ... interrogados sobre as grandes políticas públicas que são o corpo concreto do regime (Serviço Nacional de Saúde, aumento espetacular da escolaridade, salário e pensão mínimos, maior igualdade de género, etc.), a maioria volta a concordar com a relevância dessas conquistas. Os portugueses manifestam, no fundo, o seu anseio por mais e melhor democracia. Por isso censuram os tribunais pelo estado lamentável de uma justiça binária, onde os ricos já não lutam pela absolvição, mas pela prescrição. Ou protestam contra o facto de os partidos parecerem estar mais atentos aos interesses corporativos do que às necessidades dos cidadãos comuns. Há até uma nota autocrítica: mais de 85% dos cidadãos nunca participaram diretamente na vida política. É caso para dizer que a democracia é, também, o mais exigente de todos os regimes. Obriga a um exercício constante de cidadania, sob pena de degenerar numa plutocracia.*

(<https://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/viriato-soromenho-marques/interior/churchill-tem-razao-3823254.html>)

como é que este país se tornou num feudo de ladrões? sempre foi, mas com o aquecimento global vieram à tona. Mas temos de ser tolerantes nenhum político nasceu corrupto, pode ter nascido com mais ou menos defeitos, mais ou menos ambições, sem saber que nunca iria trabalhar um dia na vida e que passaria a mesma a andar de um lado para o outro, sem ter de se lembrar de tudo o que prometia, onde e quando. Criou um sorriso nº 68 sempre pronto a beijocas e abraços dos milhares que com ele se cruzam, que só desafiava à noite quando chegava a altura de programar as ações dos dias e meses seguintes e afivelava outro que o Zé povinho nunca via, mas que se traduzia posteriormente na triste sina dos que queriam sobreviver nesse país à beira-mar plantado.

Um político não nasce corrupto, mas cedo se apercebe de um jeitinho aqui, outro acolá (os brasileiros chamam a isto o “jeitinho” português, vá-se lá saber porquê), até que, ao fim de alguns anos de treino e prática, apanha finalmente os truques do “jeitinho”, que é mais ou menos como resolver um cubo Rubik em 2 segundos. Claro que as pressões não abrandam com o tempo, é a família que quer benesses e mordomias, são os amigos e companheiros que exigem retribuição do apoio dado em momentos-chave, são os concidadãos que se acham no direito de exigir tudo a todos em troca dos votos e dos apoios a campanhas de eleição, reeleição, etc.

O processo pode começar de uma forma simples, como por exemplo uma multa, um despacho desfavorável, uma autorização camarária, uma venda de terrenos, um investimento avultado na região, uma viagem a uma reunião no estrangeiro, um bilhete de avião em executiva, a atualização da frota de veículos ao seu serviço, até quando termina a sua fase educacional, chamemos-lhe o mestrado e doutoramento em corrupção, já tem firmas de advogados e deputados a trabalharem apara si e para as leis de que necessita para levar a bom porto o seu mandato. Depois, isto funciona tipo “roller-coaster”, uma verdadeira montanha russa sem fim.

O processo nunca acaba nem quando há investigação de jornalistas (esses malvados que não sabem fazer nada a não ser dizer mal e procurar os podres de figuras públicas que tanto se sacrificaram, sem terem sequer vida pessoal na sua abnegada dedicação à “res publica”). E não acaba mesmo quando surge o ministério público (coio de malvados mal-intencionados e invejosos cuja única missão na vida é interpretar as leis para o bota abaixo daqueles que eles bem entendem). Como todos sabemos, investiga-se isto e mais aquilo, criam-se umas comissões de inquérito no governo ou na assembleia da república e mesmo que haja material criminal quando chega aos juízes, lá estarão os abnegados defensores da verdade, os advogados que tudo resolvem a tes do caso prescrever.

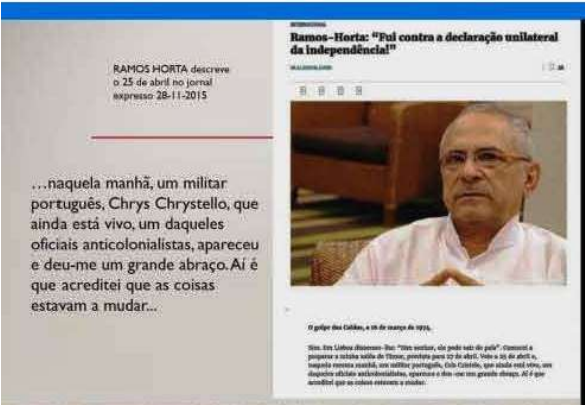
Chega-se então ao ponto em que estamos hoje, em pleno aquecimento global, andam tonas à tona de água, bem visíveis, já ninguém desmente o ato corrupto, mas defende-se dizendo haver uma incongruência técnica no processo, o ato não ocorreu no dia 3 pelas 17.00 mas sim no dia 3 pelas 17.30 e isso faz toda a diferença para quem sempre teve a consciência calma e limpa como o político de que falamos.

CRÓNICA 236 – O PESADO FARDO DA GUERRA COLONIAL 22.2.2019

Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados. Afinal eram mesmo apenas carne para canhão.

Na maior parte dos países onde vivi e nos que visitei havia uma certa aura de glória, direi mesmo, respeito, pelos bravos que ao longo dos séculos haviam combatido em nome dessa noção alienígena que é a pátria. Havia paradas monstruosas e centenárias como as célebres marchas dos ANZAC (*Australian and New Zealand Corps*) na Austrália, e mesmo nos EUA, durante anos, houve respeito pelos bravos que forma vítimas das 1001 guerras americanas no mundo, nomeadamente na 2ª Grande Guerra, no massacrado Vietname, Coreia, etc.

Como antimilitarista, ferrenho e empedernido, que sempre fui e recordando que fui obrigado a ir para fora defender um Império que já não existia e que, a mim, nada dizia, tenho de admitir que de nada me envergonho nesses anos, em que agi de acordo com a minha consciência, com a minha ação anticolonial como melhor forma de servir a dita “pátria” (segundo Ramos-Horta eu era um oficial anticolonialista, in Expresso 28/11/2015



Mas para todos, mesmo para aqueles que cegamente obedeceram às ordens militaristas e fizeram o que lhes mandavam, até por que na maior parte dos casos, não tinham alternativa, creio que lhes deve ser concedido o respeito de que hoje carecem, esquecidos numa teia de doenças, alcoolismo, depressão, sem apoios do Estado que os mandou morrer e matar pela pátria. Bem ou mal, fizeram o que se esperava que fizessem. E vemo-los hoje, nos sem-abrigo, nos membros de famílias disfuncionais, no conluio com os seus segredos de guerra ciosamente guardados, sem catarse possível.

*Quando cresci ainda havia respeito pelos veteranos sobreviventes da mortandade que foi a campanha portuguesa na 1ª Grande Guerra, conheci alguns desses heróis, de medalhas ao peito em marchas da famigerada Liga dos Combatentes (a que também pertenci durante uns anos após o 25 de abril, pois podia-se comprar comida mais barata no “casão”).*  
*Hoje, não sabemos quantos são, quantos sofrem, quantos sobrevivem. nalgumas aldeias e vilas do interior profundo de Portugal.*  
*Alguns autarcas mandaram erigir pequenos monumentos em honra da memória desses bravos, mas regra geral, foram esquecidos e eles mesmos temem falar sobre o tema, ou evitam-no a todo o custo.*  
*Nos EUA é bem pior, pois os veteranos de guerra são já uma espécie de escória a varrer para o esquecimento, sob o tapete diáfano de mil e uma guerras sem razão, como se as guerras alguma vez tivessem alguma razão, exceto a perpétua repetição da história dos países.*

Nos Açores, autores houve que trataram o tema em livro: Urbano Bettencourt, Cristóvão de Aguiar, João de Melo, para citar apenas alguns que me vêm à memória de momento, mas outros preferem manter um silêncio discreto, tal como o dono do café da esquina, o dono do restaurante mais acima, o lavrador que vive aqui na rua e se recusa a falar do tema e tantos outros de que nem sei a existência.

*Estava uma pessoa entretida nas suas lides nos anos de 1960, a estudar, a trabalhar e mourejar nos campos aqui nos Açores ou em Trás-os-Montes, ou em qualquer outro local e vinha a malfadada mobilização para Angola, Guiné, Moçambique, ou qualquer outro ponto do império e a vida acabava ali, mesmo que voltassem vivos e sem mazelas de vulto.*



Para muitos, adiava-se a ida enquanto se pudessem continuar os estudos, sempre na esperança infundada de que a guerra colonial acabasse. Para outros era a saída da sua terrinha natal (e quantas vezes não era esta a primeira vez que saíam do seu cantinho natal, da sua Freguesia ou aldeia, da sua ilha?).

Não irei descrever as noções contraditórias que de todos se apoderavam no caminho de ida, na estadia e no possível regresso se não morressem ou não ficassem estropiados, pois isso foi tema de pessoas mais abalizadas que eu. Sei apenas que a mim foi um trauma que gorou todos os meus planos de vida, me impeliu para vários planos inclinados e me obrigou a agarrar a várias boias de salvação para percorrer o caminho que levou ao momento, hoje em que escrevo aqui e de novo:

Há mais respeito pelas prostitutas do que pelos soldados, furriéis e oficiais milicianos (à força) do exército colonial português, todos escondidos e envergonhados.

Afinal eram mesmo apenas carne para canhão.

CRÓNICA 237 DEMOCRACIAS ARMADILHADAS 28.2.2019

Cresci numa Ditadura. Havia quem lhe chamasse branda, como brandos costumes, alegadamente, eram os do povo que a suportava. Cresci acreditando que, um dia, o país faria parte da Europa e do mundo, mas esse mundo estava tão longe que bem podia pertencer a outra galáxia. Lembro-me de ir a Tui (Galiza) comprar discos dos Beatles ou beber Coca-Cola que em Portugal eram proibidas, com medo dos miasmas contagiosos de civilizações estrangeiras. Depois, veio o dia de todas as esperanças, um 25 de abril (quase sem mortes e com cravos na ponta das espingardas) e eu, que vivia em Timor, esperei por ele que tardava a chegar (teria ido de barco?) e jamais arribou.

A Europa cresceu, o sonho da Europa Unida medrou, mas a UE cresceu descontroladamente, até ter mais olhos que barriga e ficar desesperadamente naquela palhaçada que hoje é. Por toda a parte, uma após outra as ditaduras iam sendo aniquiladas e substituídas por vários modelos de democracia onde, alegadamente, o povo e a sua vontade eram representados em parlamentos. Com a queda do Muro de Berlim e o glasnost a dar lugar a uma nova Rússia todos acreditamos que sonhar era isto, quando esses sonhos se tornavam realidade até na América Latina e América do Sul. Já então, o neoliberalismo da nova ordem mundial tinha disseminado as suas sementes com a Thatcher e o Ronald Reagan, mas nós não sabíamos que isso iria perverter todo o ocidente.

Lentamente, nos últimos vinte anos, assistimos a um constante retrocesso nas conquistas dos direitos fundamentais da humanidade, de igualdade, solidariedade e justiça. Mais do que nunca as democracias estão a ser manipuladas, criando uma aparência de vontade popular através do voto universal, mas sendo, na prática, substituídas por autocracias da Rússia aos EUA passando pelo Brasil, Venezuela e dezenas de países, sem falar daqueles onde as escolhas democráticas foram substituídas por nomeações da grande e anónima banca internacional, do grande capital, do petróleo às farmacêuticas que tudo controlam. Isto num mundo em que a verdade é ficção e a ficção é a neoverdade.

Ainda há dias, a ler Umberto Eco *O Cemitério de Praga*, me apercebi de que como isto sempre aconteceu sem nos darmos conta. Entretanto, países habituados a mandar e serem os xerifes do universo, como os EUA (em substituição dos decadentes grandes impérios que duas grandes guerras aniquilaram), continuam a inventar invasões, primaveras políticas, depondo ditadores ou democratas a seu bel-prazer. Dir-me-ão que a democracia ainda é o menos mau dos sistemas (como primeiro afirmou Winston Churchill). Claro que uma democracia ainda é a pior forma de governança, salvo todas as outras alternativas, e não adianta chorar sobre os defeitos da democracia: a corrupção dos políticos de todas as cores, o nepotismo, os arranjinhos parlamentares (ora agora mamás tu, ora logo mamó eu, etc.)

Há algo que sempre afirmei e reitero, mesmo que não sirva para grande coisa, o 25 de abril trouxe-me o bem mais precioso: a liberdade de expressão, a mim que sou um individualista nato e jamais conseguiria viver numa autocracia. Dantes, os países democráticos tinham eleições, os outros não (nem mesmo as mascaradas eleições do partido único em Portugal o ocultavam). Hoje assistimos a um novo e preocupante paradigma, a semi-democracia onde existe a aparência da verdadeira democracia, com eleições e tudo o mais, mas onde há resultados viciados, roubo descarado de votos e tanta manipulação que o resultado é a via autocrática transvestida de democracia oca. Assistimos, nas últimas décadas, a um ataque à democracia, e são as próprias instituições europeias quem mais tem atrofiado o funcionamento dos sistemas democráticos. A democracia é uma planta muito frágil que precisa de ser regada diariamente.

O exemplo de uma semi-democracia, semiautónomica, é bem visível nos Açores onde existe um parlamento regional e alguma teórica liberdade de escolha, mas onde todas as decisões relevantes para o povo açoriano são definidas em Lisboa, pelo governo central, ao atropelo e revelia das normas autonómicas, com a cumplicidade das forças locais no poder, mero pau-mandado dos partidos cuja sede está em Lisboa. O povo, que até nem é totalmente ignorante, vota com os pés (isto é, abstendo-se) ou vota a favor dos que o mantém, subsidiodependente. Um ciclo vicioso que se define assim: vota em mim e recebes apoios, não votas e desenrascas-te sozinho contra a malha burocrática que te vai aniquilar.

As vozes independentes, poucas e raras, vão sendo silenciadas, sem lugar a destaque nos meios de comunicação, já quase totalmente emudecidos numa onda de autocensura que lhes permita sobreviver. Estamos a caminho da autocracia, mas com a manta diáfana da aparência democrática. Infelizmente, o pior ainda está para chegar. O nacionalismo e a xenofobia chegam ao poder com o voto do povo, a Democracia, de que Churchill dizia ser o menos mau de todos os sistemas conhecidos. E até mesmo eu, que sempre me considerei um otimista nato, tenho demasiadas dúvidas, rodeado como estou por autómatos não-pensantes, obcecados com os pequenos ecrãs dos seus smartphones e impervios aos atropelos à dignidade, equidade e justiça, que acontecem em volta,

Possa eu continuar a falar, em casa e na rua, sem medos persecutórios, mesmo que as palavras já não cheguem a muitos nem sejam lidas, e isso já me contentaria nos dias difíceis que se avizinham. Quando essa liberdade se perder, de facto terei de me conformar e aceitar que me implantem um "chip" para o meu próprio bem, como nem George Orwell (*1984* e o *Triunfo dos Porcos*) nem Aldous Huxley (*Admirável Mundo Novo*) conseguiram imaginar.





CRÓNICA 238 ALUNOS DA COSTA NORTE DA ILHA DE S MIGUEL, EM VISITA DE ESTUDO À NEVE 28.2.19

Há dias repeti uma tradição, a de acompanhar a minha mulher e alunos (alguns bem desfavorecidos) da costa norte da ilha de S Miguel em mais uma visita de estudo. Desde que cá chegamos em 2005, já organizou várias: Bragança 2007 e 2009, Faial 2011, Seia 2014 e 2019.

Eram 7 da manhã e já quase todos os 19 alunos, mais 3 professoras e 3 pais de alunos se encontravam a fazer o *check-in* no balcão da SATA.

Primeira constatação, nas primeiras viagens, nem um só tinha viajado de avião, agora vários tinham feito interilhas ou mesmo para fora do arquipélago...em 15 anos eu chamo a isto de progresso.

A excitação era notória, mas menor do que nas primeiras viagens. À chegada ao aeroporto Sá Carneiro seguiu-se a viagem de cerca de duas horas até Seia com a paragem numa estação de serviço para almoçarem e começarem a comprar bugigangas. Ficamos todos alojados na fabulástica Quinta do Crestelo à entrada de Seia, um aparthotel e resort turístico com inúmeras facilidades para realização de eventos, animação de grupos escolares e campo de férias. Três monitores, dos quais um atualmente professor no Politécnico da Guarda, esperavam os jovens para darem início a atividades lúdicas, desportivas e outras que os ocupariam ao longo de 3 dias e meio.

Da escalada ao rapel, a canoagem, hipismo, jogos de estratégia e jogos tradicionais, tiro ao arco, percursos pedestres muitas eram as opções disponíveis, incluindo uma sala de jogos para relaxe noturno com caraoque, bilhar, matraquilhos, ténis de mesa, etc. os percursos pedestres incluíam

1. Circundante Edifício

Na plataforma exterior, circundante ao Hotel encontramos o jardim mesclado de flores, árvores de frutos e aromáticas. De entre as roseiras, salta a romãzeira *Punica granatum*, o albricoqueiro *Prunus armeniac*, o limoeiro *Citrus limon*, macieira *Malus domestica*, o diospireiro *Diospyros kaki*, a nespe-reira *Eriobotria japonica*, o pessegueiro *Prunus persica*, a cerejeira *Prunus avium* e ameixoeiras *Prunus domestica* que circundando a piscina florescem na primavera e frutificam no verão (que o cliente pode colher).Alcandorada no espigão norte estão cultivados canteiros de aromáticas.

2. Zona Várzea ou Agrícola

Siga a linha de água que circunda a piscina até à ponte. Detenha-se no observatório onde poderá vislumbrar uma extensa zona baixa, plana e fértil, comprimida entre vertentes, a que se chama várzea. A sua fertilidade deve-se ao arrastamento de sedimentos provenientes da encosta que aí foram sendo depositados. Nesta extensão convergem pequenos riachos que escorrem de vertentes da serra. O aproveitamento das águas como força motriz (a roda) e de irrigação, açude – lago dos cisnes. Desça até ao lago circundado por choupos *Populus alba* e *Populus nigrae* detenha-se na horta, onde poderá observar as produções hortícolas, que voltam a dar vida a esta antiga exploração agrícola, com o cultivo de hortícolas, frutícolas e pastagens.

A poli cultura de regadio que tem início na primavera com a preparação dos terrenos para a plantação de canteiros em rotatividade de batatas, cebolas, ervilhas, tomate, pimentos, couves e nabos, para que se efetue a sua colheita no verão. As árvores de fruto, macieiras, que se estendem por arruamentos circundantes, cuja poda se efetua no final do inverno para florir na primavera e colher no verão. Poderá passar de baixo das cerejeiras cobertas de fruto vermelho em junho. Os cavalos fazem circuito no Picadeiro ao ar livre ou percursos pela Quinta. Aproveite para olhar em frente e ver o mosaico agrossilvícola da quinta, com a população de árvores da galeria ripícola que acompanham a linha de água ao fundo como o Salgueiro-preto *Salix atrocinerea*, o salgueiro-branco *Salix salviifolia*, o vimeiro *Salix fragiliso* Ulmeiro *Ulmus minor*. A zona de lameiro (pastagem) que é o suporte alimentar de animais encontra-se em regime misto de corte e pastoreio ao longo do ano. Observe o lago biológico de trutas, cuja alimentação é feita por água das nascentes adjacentes, que por sua vez é utilizado na irrigação.

3. Zona Verde

Partindo da receção do Hotel contorne a rotunda e tome a direita e comece a subir seguindo a cercadura dos buxos e vendo as cerejeiras e os campos de ténis do seu lado direito. Aí atravessa a ponte de madeira que atravessa a linha de água (ribeiro), que corre ao fundo da margem íngreme, populado por amieiros *Alnus glutinosa* (L.) Gaertnere salgueiros *Salix Alba* e *Salix atrocinerea*. Por cima encontra-se uma área construtiva: salões e restaurantes. Continue pela mata, Suba pela encosta acidentada, que ladeia o vale, onde se encontram o pinheiro bravo *Pinus Pinaster* veja a vegetação que se encontra na vertente que desce rapidamente deixa de ser mata e passa a bosque povoada pelo carvalho-da-beira *Quercus pyrenaica*, o carvalho Alvarinho *Quercus robur* com um subcoberto mais rico em espécies arbustivas e herbáceas como a esteva *Cistus ladanifer*, urze *Erica sp.*, pilreteijo *Crataegus monogyna* trovisco *Daphne genidium*, Tojo-molar *Ulex minor*. A importância do coberto é ajudar na erosão superficial do solo, ajudando assim a filtragem da água escorrência que converge para os ribeiros, e também alimenta os aquíferos. Toda esta dinâmica é importante para a rega das zonas adjacentes e a fazer um uso sustentável das águas. Este bosque no inverno está maioritariamente despido, pois a vegetação é maioritariamente caducifólia só na primavera volta a vestir-se. A interação destes vários sistemas dá abrigo a várias espécies de fauna também.

Não só pássaros, como insetos, répteis, mamíferos.

Também a mata é fonte não só de biomassa mas também de recursos, como a madeira para as lareiras, e outros ramos mais finos servem para as camas dos animais da quinta.

Os caminhos chamados corta-fogos, que existem evitam a propagação de incêndios. Desça até à curva e encontrará um riacho que corre no fundo entalado entre margens apertadas, coberto de carvalhos cujo tronco se encontra coberto de líquenes, que atestam a pureza do ar.

Siga no sentido contrário do riacho até ao *Birdwatching*. Poderá encontrar a sobrevoar a quinta o gaio *Garrulus glandarius*, o pintassilgo *Carduelis carduelis*, a alvéola-branca *Motacilla alba*, o melro *Turdus merula*, a carriça *Troglodytes troglodytes*, o pardal *Passer domesticus*, o pisco-de-peito-ruivo *Erithacus rubecula*ou até o rouxinol *Luscinia megarhinchos*.

Aqui abre-se o horizonte visual a campos abertos verdejantes de agricultura e pastagens. Com a alegria da passarada e do seu alegre chilrear, avance em direção ao lago biológico.

Tudo isto e muito mais puderam apreciar.

No dia seguinte após o forte nevão na Serra no dia de chegada, as estradas para a Lagoa Comprida e Torre foram reabertas para gáudio dos mais jovens. Antes porém foram conhecer o Centro de Interpretação da Serra da Estrela e seu núcleo museológico, e já na estrada foram visitar a pé, um monólito antropomórfico curioso, conhecido como a *Cabeça da Velha* e começou a subida à Serra mais alta do continente. Nem preciso de entrar em detalhes sobre o espanto, e a ousadia dos jovens a escorregarem nos “skus” (snowboard) encosta abaixo, toda coberta de neve, a fazerem bonecos de neve, a atirarem bolas de gelo, uns aos outros. Acabaram por se atafulharem de presentes e bugigangas nas lojas do centro comercial da Torre na Serra da Estrela.

Para o último dia de estadia total estava prevista a visita ao Museu do Brinquedo em Seia e ao interessante Museu do Pão, onde ninguém pareceu aborrecido com as explicações e se encheram de aprender e partilhar os seus conhecimentos, com deleite para os locais pela pronúncia carregada desta ilha açoriana.

Ao contrário de visitas anteriores, este ano todos comeram bem e de tudo, sem estranharem os temperos e sabores continentais, nem sequer os enchidos beirões tão diferentes dos açorianos. Quase todos trouxeram pequenos queijos da região para partilharem com os seus familiares. Ao quarto dia com a merenda oferecida pela Quinta metemo-nos ao caminho de regresso ao avião que nos iria trazer de volta ao arquipélago.

Foi estimulante partilhar com estes jovens esta enorme aventura de que jamais se irão esquecer, até porque o futuro de muitos deles será confinado às ilhas, a menos que recebam carta de chamada dos EUA, Canadá ou Bermudas... há imagens que descrevem melhor esta aventura...mas por razões de proteção não podem ser reveladas.

Resta uma última observação para os preços fabulosamente reduzidos que permitiram esta visita, as mil e uma atenções com que a comitiva foi recebida, as surpresas que incluíram música tradicional a acordeão e cantigas ao desafio, os mil e um mimos com que nos ofertaram dia após dia, fazendo-me lembrar com uma certa tristeza tanto que os Açores têm para dar e tanto que têm a aprender com estes beirões hospitaleiros. Eu que já

conhecia a quinta e já lá estivera em quatro ocasiões anteriores, fiquei com vontade de regressar, e o mesmo aconteceu com as professoras e pais dos alunos, encantados com tudo o que experienciaram. Preços acessíveis, e um tratamento VIP 5 estrelas é a fórmula de sucesso da Quinta do CRESTELO em Seia.

CRÓNICA 239 AUTONOMIAS, INDEPENDÊNCIAS E PRAGMATISMO (PARTE 1) 2.3.2019

Declaração de interesses: sou, desde que me lembro, profundamente independente e independentista, como se comprova pelos meus 24 anos de ativismo em prol da libertação de Timor-Leste.

“...desta falsa espreito à janela por sobre a Bretanha até se deter devagarosamente no meio do oceano, lá onde eu costumava ver a minha ilha mítica, chamada Autonomia, que mais ninguém jamais viu ou anteviu”.

Dito isto e sabendo que a independência é o fim último de toda a autonomia, tenho de concordar que a História da Humanidade nada abona em meu favor.

Lembremo-nos (numa lista não-exaustiva) do holocausto arménio, da ocupação “ilegal” da Irian Jaya (Papuásia) pela Indonésia, da luta da Frente Polisário<sup>3</sup>, da Palestina (5,3 milhões), Crimeia (2 milhões), Ossétia do Sul (Geórgia), Abecásia (Geórgia), Nagorno-Karabakh (Azerbaijão), do Tibete (6,2 milhões), Cabinda, da Caxemira, da Groenlândia, Bascos (2 milhões), Chechenos (1,2 milhões), dos Curdos ( 36 milhões espalhados pela Arménia, Azerbaijão, Irão, Iraque, Síria e Turquia), os Tâmil no Sri Lanca, os Morávios, os Moldavos da Transdnístria, os Iorubas, os Ogoni e os Igbo da Nigéria, os Sikhs do Punjab, os Balúchis (do Paquistão, Irão e Afeganistão), os Uigur da China, os Catalães (7 milhões), os Tártaros, os Shan de Myanmar (Birmânia), os Hmong (do Laos, China, Vietname e Tailândia), os massacrados Rohingya (de Mianmar, Bangladeche, Paquistão, Tailândia e Malásia), os Naga da Índia, os Canarinhos, os Sardos, Corsos, Tuaregues, os Kalahui Havaianos, Galeses, Galegos, Inuítes (do Canadá, EUA e Dinamarca), Escócia (5 milhões), os Mapuche (Argentina e Chile), Zanzibar (Tanzânia), os aborígenes australianos, os Lapões e os Dakota (Sioux nos EUA), os Quebequenses e tantos outros (Açorianos?) para vermos como há tanta nação sem estado, como há tanta nação sem país, tanto rebelde com causa mas sem casa,

As grandes ameaças na cena internacional levam-nos a ignorar as lutas esquecidas e autonomias adiadas. Tendemos a ver a independência como um dado adquirido, mas ainda existem mais de cinco dezenas de povos que sonham poder vir a decidir o seu destino...

A ONU reconhece ainda hoje 16 territórios não autónomos. A saber: Anguila, Bermudas, Gibraltar, Guam, Ilhas Caimão, Ilhas Malvinas (Falkland), Ilhas Turcos e Caicos, Ilhas Virgens Britânicas, Ilhas Virgens dos EUA, Monserrate, Nova Caledónia, Pitcairn, Sara Ocidental, Samoa Americana, Santa Helena e Toquelau.

Sabendo que quase todas estas aspirações são legítimas e fundadas, a realidade e o pragmatismo alertam-nos para a situação de países que há 50 anos ou menos conquistaram a sua independência e a sua situação atual... basta olhar para as antigas colónias portuguesas. Os povos podem ter obtido a sua independência das potências coloniais, mas isso não quer dizer que a libertação lhes tenha trazido qualquer melhoria económica. Social, de justiça ou equidade. Nalguns casos, lutas tribais, guerras civis, corrupção, nepotismo e ditaduras trouxeram mais do mesmo e pior ainda do que no tempo colonial. As razões são várias, quer nacionais quer internacionais, com o mundo ocidental ainda a explorar as suas riquezas e a empobrecer estes países independentes, elites dominantes que mais não fazem do que enriquecer-se e aos seus (basta lembrar Angola e Timor-Leste).

Claro que a independência vale sempre a pena, pois agora são os povos independentes quem escolhe os seus algozes dentre os seus. Pensemos por exemplo, que um dia (e esse dia chegará) os Açores se independentizam de Portugal (totalmente ou em federação, isso agora não interessa), o que mudaria? As moscas, e pouco mais. A grande riqueza dos mares, e ares seria espoliada por entre os que detêm o verdadeiro poder económico e nas nove ilhas há muito pouca massa crítica para as gerirem. Escrevi em 2005 que vim da minha circum-navegação até me radicar na “Atlântida” onde desvendo e divulgo a fértil literatura açoriana catapultadora de autonomias e independências por cumprir. .

Mais tarde em 2012 escrevi ALGUÉM FALOU DE PROVINCIANISMO?

Claro que desde o início da minha estadia nos Açores, sempre pautei a minha posição pessoal pela defesa de uma verdadeira autonomia do arquipélago, em vez deste arremedo de autonomia envergonhada em que se vive, dependente do bom humor de quem está sentado na cadeira do poder em Lisboa. Ou como se assiste em 2011-2012 a um esvaziamento de competências decisórias “à cause de la crise”. O centralismo onipotente no seu melhor, sem respeito pela Constituição nem pelas leis da autonomia... A autonomia tem progredido lentamente, e em casos pontuais, para satisfazer os nativos sem incomodar os centralistas macrocéfalos em Belém, a não ser aquando do novo estatuto de autonomia inicialmente vetado pelo Presidente da República, Cavaco e Silva, que acabaria, contrariado, por promulgá-lo a 29 de dezembro de 2008. Claro que sei, e nisso concordam alguns nativos, que há provincianismo nos Açores e falta massa crítica e intelectual nos Açores de cá, por isso muitos temem a verdadeira autonomia e mais ainda a independência.

Há países bem mais pequenos, sem meios (menos que os Açores) e que são independentes de uma forma ou outra há décadas (estou a lembrar-me de uma dúzia de repúblicas do pacífico sul, entre outros...bastava ver como eles resolveram o problema da distância de milhares de quilómetros entre ilhas). A viver à custa de Lisboa é fácil atirar as culpas para o parceiro do lado, mas as culpas são dos sucessivos governos açorianos que nada fizeram para melhorar este estado de coisas (ao menos o Alberto João Jardim foi à falência, mas fez obra, a que alguns chamam progresso embora se mantenha muita miséria) por que a esses, lhes convinha manter o status quo e menos ainda fizeram para ampliar a autonomia e dar-lhe significado...aceitaram-na como um presente de meninos bem-comportados.

A visão açoriana do mundo é de tal forma paroquial que este arquipélago dificilmente seria independente, nem haveria gente suficiente e com “cojones” para o tentar. É uma utopia pensar nela pois não haveria gente com capacidade de aproveitar a riqueza da zona marítima exclusiva (afinal só foi descoberta agora ao fim de 37 anos de autonomia...) nem as outras potencialidades exclusivas dos Açores (se calhar não dava votos e não se fez nada por causa dessa necessidade que os políticos têm de se agarrarem ao poder através do voto popular). Depois haveria ainda outro problema grave, quase todo o mundo aqui vive de subsídios e nada sabe fazer sem eles...vai ser difícil desabitua-los .... Curiosamente, acusam as 8 ilhas de estarem contra São Miguel da mesma forma que São Miguel acusa Lisboa...a macrocefalia de PDL é igual à de Lisboa salvaguardadas as respetivas escalas.

Se fizessem um referendo, a autonomia perdia esmagadoramente pois é melhor culpar o Governo de Lisboa do que os sucessivos governos regionais e estes mantêm-se como os de Lisboa graças aos seus clientes, deveríamos dizer freguesias pois isto não passa de uma grande freguesia, e quando há desacordo ou é porque eu não sou de cá ou porque tu vives fora e não estás bem informado.

CRÓNICA 240 AUTONOMIAS, INDEPENDÊNCIAS E PRAGMATISMO (PARTE 2) 2.3.2019

...recordo a ILHA DA AUTONOMIA, escrito em junho 2012

Da “falsa” (termo micalense para o sótão), a janela do meu “castelo” desabrochava sobre o mundo. Enxergo mares. Lobrigo montes. Diviso nevoeiros que desaparecem sem rasto. Vislumbro vacas fiéis ao seu destino ruminante sem desfraldarem queixumes. A chuva inclemente e desapiedada vinha, ora do agreste nordeste (o mata-vacas), ora de oeste ou sul e fenestra o meu “castelo”. As grossas pingas corriam janela abaixo, infiltradas na caleira minúscula sob o caixilho. Toldavam-me o juízo, arrefecendo a minha paciência oriental, gotejando lentamente para o chão.

Mais um inimigo invisível quebrando o cerco permanente que sentia do lado de fora das minhas ameias. Entrei no café. Ao balcão, os do costume. A humidade goteja pelas faces como se fossem paredes. Ninguém parece aperceber-se.

<sup>3</sup> Frente Popular de Liberación de Saguía el Hamra y Río de Oro ("Popular Front for the Liberation of Saguia el-Hamra and Río de Oro" Arabic: الجبهة الشعبية لتحرير ساقية الحمراء و وادي الذهب Al-Jabhat Al-Sha'biyah Li-Tahrir Saqiya Al-Hamra'a wa Wadi Al-Dhahab,



Fantasio, de quando em vez, que a verdadeira autonomia se abaterá sobre o arquipélago criado a ferro e fogo. Aí se vislumbrará a tal ínsula nova. Com ela devaneio. Se a anticipo encoberta componho os óculos, arregalo a íris, foco o invisível. As ondas e as nuvens também conspiram para a ocultarem. Careço de um cartógrafo para a mapear. Enxergo-lhe contornos como se a visse em Braille. Ia jurar tê-la avistado, mais do que uma vez. A minha mulher disse-me que alucinava.

O mar confunde-se com o céu. O horizonte indistinto, em constante mutação, ora cinzento ou azuláceo. Perde-se para além do alcance da visão. Quando fito o grande mar oceano, estou sempre expetante de vislumbrar uma ilha nova a desenhar-se no firmamento. Todos os dias sonho com ela, ora encoberta ora invisível. Acredito pia-mente que exista para lá da linha impercetível.

Por vezes, as próprias formas e cores das nuvens afiançam esse mistério que os mapas não cartografaram. Confio devotamente. Sei que virá ao meu encontro. Tal como a ilha Sabrina de antanho. Ou outras que surgiam e desapareciam das cartas de marear na época de S. João. Esta é especial. Sempre que posso, perscruto o futuro em busca dela. Esta a realidade que me escapa e, no entanto, está lá. Quando a vir, clamarei o direito a dar-lhe denominação. Designá-la-ei Autonomia. Ia jurar tê-la visto por dentre um belo arco-íris que ia da Lomba da Maia à semiencoberta Bretanha.

Os vaqueiros levantam-se noite cerrada. Continuam a acamar-se cansados dia após dia, semana ou ano de trabalho. Rotinas entrecortadas pelas festas da freguesia. Uma ou outra procissão. Sem queixumes pela má sorte. A mesma que lhes repete destinos ingratos. Resignação amargurada. Lobrigada nas comissuras de peles rugosas, encarquilhadas e sequiosas, sorvendo um copo de mistura ou um abafado. Os campos continuam a ser arados. As vacas mungidas. Chova ou faça sol. Feriado ou fim de semana. A terra e as vacas são elementos únicos mensuráveis da riqueza. Estes vaqueiros só mourejam. Nada mais sabe esta gente além de procriar, como já escrevi algures. Jamais ouviram falar da semana-inglesa. Quase todos andam nas vacas. Ou as têm ou trabalham-nas para terceiros, 24/7/365 (todo o dia, todos os meses, todo o ano). Chova ou faça sol. De tantas em tantas horas estão a mungir as vacas. A levá-las de um pasto para o outro que todo o inverno a ilha se mantém verde.

Os rendimentos são inferiores aos de Portugal (a que muitos chamam o Continente) mas há mais subsídios para rações, para produção de mais leite e sabe-se lá que mais que os burocratas de Bruxelas inventaram.

Nas zonas rurais os filhos, que ainda vão abundando, usam a escola nos interregnos da labuta nos campos. Se faltam e não fazem os trabalhos de casa é porque foram às vacas. Não é opção, mas obrigação. Solidariedade familiar.

Queiram ou não, cumprem o destino boieiro e a vontade paterna, herdada de séculos, sem sombra de desfortuna. Fatalismo ou destino, nunca se interrogam, apenas o cumprem. Vá-se lá a saber. Os medidores de felicidade são pouco fiáveis.

O açoriano vive do imediatismo. Futuro nunca, mas presente sempre à vista, nada arrisca nem previne. Este açoriano é bem diferente do seu antepassado que no século XIX com menos estudos, sem universidade nem Novas Oportunidades criou a Sociedade da Agricultura Micaelense, quicá o movimento mais importante da história dos Açores.

O comércio da laranja extinguiu-se vitimado por uma doença quando a exportação estava ainda numa fase de ampla expansão, tendo atingido o seu máximo três décadas depois de ter surgido a ideia de criar a tal sociedade. O que esses antepassados anteviram foi que aquela riqueza não seria duradoura devido aos avanços da produção e do transporte na Europa e, em especial na Península Ibérica.

Hoje em dia, as ilhas transformaram-se em vacaria. Não são senão uma imensa leitaria. O quotidiano açoriano, fora das pequenas urbes, é similar à escravatura de antanho. Cuidar de vacas doutrem a troco dum soldo miserável, sem direito a férias, doenças, feriados é servidão. A gleba cumpre horários sagrados sem calendário, religiosamente acatados por homens e mulheres. Apesar de poucas, também por aí andam. Supõe-se que interrompam as lides àquando da gravidez.

CRÓNICA 241 AUTONOMIAS, INDEPENDÊNCIAS E PRAGMATISMO (PARTE 3) 2.3.2019

... recorde a ILHA DA AUTONOMIA, escrito em junho 2012

Para 2015 antecipa-se o fim das quotas leiteiras, um remate anunciado há muito para essa riqueza artificial. No século XVIII ninguém pudera prever a data exata do fim da exportação das laranjas. Nos últimos anos vem aumentando a produção anual de leite sem que haja do Governo, das autarquias ou das gentes qualquer ação, individual ou coletiva, que comece a prevenir o futuro.

Claro está que os pastos se podem converter em terras de cultivo antes que o Diabo esfregue um olho, mas os trezentos mil ou mais animais não se desvanecem num ápice. Sete anos antes do fim das quotas leiteiras, abordei o Presidente da Junta da Lomba da Maia propondo uma reunião de esclarecimento onde os locais pudessem discutir ideias (se as tivessem) sobre a reconversão que terá de haver. Nem um se mostrou interessado, decerto pensaram que um urbano como eu nada teria para lhes comunicar sobre o ganha-pão deles.

Daqui a pouco não existirão fundos europeus para a excessiva produção de leite que se regista nas ilhas e ficarão sem nada. Depois do fim da gesta heroica e brutal dos baleeiros, que Dias de Melo retratou, aproxima-se o fim da era do leite. Virão dias de fome e de aflição. Nada ou muito pouco foi feito para a reconversão desses milhares de famílias que vivem do “leite” num ciclo vicioso de maiores produções para “sacar” maiores fundos europeus. Quem sabe se não poderiam converter as vacas leiteiras em produtoras de carne da melhor qualidade para exportação? Podiam usar a tecnologia existente e a mão-de-obra local seria sujeita a uma apropriada componente de atualização de formação e desenvolvimento pessoal?

Nos EUA já há quem aproveite o estrume do gado bovino para produzir energia ecológica...será que estes campos podem produzir biodiesel? Por outro lado, como a terra é fértil, quando se acabarem as vacas gordas leiteiras poderiam diversificar e manufaturar queijos, aproveitar os solos úberes para criarem outros produtos agrícolas para mercados de nicho e exportar para o mundo.

Infelizmente, não vi nem ouvi nenhum dos técnicos agrários, vulgo engenheiros, propor ou estudar quais os mercados de nicho que estas férteis terras poderiam fornecer. Falta visão como quando o chá sucedeu às laranjas. Os políticos insulares, como os seus congéneres continentais, vivem nas suas torres de marfim condicionados ao ritmo da reeleição e não deverão ter visão para “imaginar” os Açores daqui a 10, 20 ou 30 anos, tudo é feito pelo imediatismo da próxima contagem de votos, nada se faz nem se percebe que haja quem o queira fazer.

Reservo-me, hoje e sempre, o direito de emitir opiniões e ser controverso quando afirmo que nos meios rurais, os açorianos continuam escravos, tal como os seus antepassados. Mesmo sem o saberem. Há quem alegue que esta escravatura hodierna é bem mais humanizada e de matizes mais esbatidos (decerto nunca foram escravos para o afirmarem...é como o país de brandos costumes).

Seguem destinos tradicionais sem os questionarem. O fatalismo insular pode ser explicado pela brutal aspereza dos elementos: o fogo e as manifestações telúricas. Nesta ilha (ao contrário das restantes oito) as gentes vivem de costas voltadas para a água que os rodeia por todos os lados. Com o credo na boca. A permanente imposição férrea de normas, que aceita sem discutir, como se ainda vivesse sob o medo de uma sociedade feudal, a mesma que persiste nos seus monopólios económicos. Sem se preocupar com a aparência de democracia e igualdade, que a constituição do país consagra no papel. Tal como sucede no ciberespaço, na sociedade do “Second Life”, esta democracia é virtual. A fome será menor que dantes. A dependência, dissimulada de vontade própria, perpetua-se igual. Em nome das santas tradições, procissões e festas. Em nome do Divino Espírito Santo e do Santo Cristo.

A energia positiva dos vaqueiros é muitas vezes canalizada para ações relacionadas com o culto cristão eivado de paganismos, como as romarias tradicionais. Existem alternativas, mandar a escravidão às urtigas e viver do rendimento de inserção social. É o sistema da “Faixa de Gaza” da Ribeira Grande lá para os lados de Rabo de Peixe. A maioria das famílias (com excelente taxa de natalidade), jamais empregadas nem empregáveis, vive do rendimento mínimo. Trabalhar é só para os inúteis.

A autonomia, constituída no papel, ciclicamente pedida com salamaleques e, sempre que necessário, contestada pelo governo central, dá a aparência de liberdade ao ciclo secular repetido. Aquando das grandes tragédias, fruto dos elementos telúricos, fogo e água, a revolta popular manifestava-se nos pés dos que se punham a caminho.

A emigração foi sempre a fuga à fome e escravidão. Iam para paraísos terrenos no lado outro do Grande Mar Oceano, lá donde seus parentes tornavam contando mara-vilhas. Com a pequena exceção do Havai, o Éden açoriano há séculos que se conjuga nas Américas, primeiro na do sul (especialmente Brasil), mais recentemente, na do norte. Ainda hoje.

Já Daniel de Sá escrevera “Sair da ilha é a pior maneira de ficar nela”, Onésimo diria que era a “melhor”, mas continuava a haver um ou outro revoltado com a miséria, a falta de futuro, a ausência de presente e o excesso de passado, sempre pronto a meter pés ao caminho. Rumo à verdadeira autonomia do dinheiro. A única que permite sonhar. Não há democracia sem capital. Karl Marx nunca o soube. Só com poder de compra se pode ser livre. Sem posses os pobres não podem almejar a liberdade. A emigração é a face visível da verdadeira emancipação açoriana.

Nos Açores há imensas réplicas da macrocefalia de Lisboa e do Terreiro do Paço. Governam como na monarquia absolutista. Nem os cães ladram quando a caravana passa. Até os cachorros são indolentes. Mimetizam as pessoas, acomodadas e aburguesadas. O insuportável e fedorento colonialismo paternalista de Lisboa manter-se-á até que as turbas saiam à rua. Aí sim, pode haver autonomia. Eu clamava, tal como - em tempos idos - exprimira aos líderes timorenses antes de serem independentes, que competia aos açorianos decidirem e traçarem o seu destino. Assim o escrevia já no início de 2008: Em risco de ser, de novo e involuntariamente controverso, creio haver regionalismos autonómicos, como o dos Açores, que deveriam ser incentivados. O desprezo constante a que votam os ilhéus é quase tão mau como a tentativa forçada de desertificação humana no interior profundo de Portugal. Se ora se fala - pouco e mal - sobre os Açores tal se deve a essa maléfica invenção soporífera chamada telenovela que deu visibilidade ao arquipélago.

Para os continentais, quando se fala dos Açores é quase como discursar de Timor Português quando fui para lá em 1973. Sabiam que eram ilhas e pouco mais. Quase como a anedota da pergunta insólita “a senhora é dos Açores, mas é branca?” Não avisaram que a paisagem é verde, as pessoas não. O orgulho em ser-se açoriano é profundo, arreigado ao húmus, mas difuso. Confunde-se com bairrismos de cada ilha ou insularismos de cada freguesia. É prejudicado pela idiossincrasia micaelense de chamar Açores às outras ilhas. Como se S. Miguel fosse o continente português perpetuando noções de dependências e vassalagens obsoletas. Fruto da herança ancestral, do obscurantismo de 48 invernos salazarentos e 35 primaveras bafientas da 3ª República entorpecente e anestesiante, alegadamente democrática... A história ilustra a luta entre a Ilha Terceira e S. Miguel pela supremacia dos capitães donatários, titulares da efémera nobilidade de "capital do arquipélago". Estes vícios repetem-se hoje. Dado o desdém com que os continentais tratam os autóctones (basta ignorá-los), seria de esperar maior unidade e desejo autonómico. De emancipação. Não independência. Salvo raras exceções, poucos manifestam tais desejos face ao poder central cego e cabeçudo. Parecem satisfeitos com a submissão à macrocefalia de Ponta Delgada, que espelha Lisboa. Em tempos, o açoriano expatriado Manuel Leal escreveu que:

“A revolução açoriana vem-se mostrando à janela há séculos.  
Nunca teve uma face persuasiva.  
Não a possui em ideologia, embora exista quem assim apregoa.  
Fazem-no nos cafés, numa elite dentro da ilha e sem eco.



*A revolução à mesa do café não chega a parte nenhuma”.*

*Se preferissem a emancipação total poderia ser tanto ou mais viável que a do Kosovo, Kiribati ou da Ossétia do Sul. Cristóvão de Aguiar aventava que teriam de ser nove as independências. Talvez quatro bastassem: S. Miguel e a sua colónia de Santa Maria; a Terceira e a colónia da Graciosa; o Faial e a sua colónia do Pico e, por fim as Flores e a sua adjacente Corvo. Podiam ainda considerar as possessões ultramarinas como Toronto, Nova Bedford e outras tantas que por ali havia.*

*Chegou o tempo de o povo demonstrar capacidade identitária e poder de intervenção perante um país resumido a Lisboa e submisso perante uma Europa dominadora que julga os cidadãos como números, para aumentar ou estabilizar orçamentos.*

*Cito, uma vez mais e sempre, Martin Luther King “I had a dream”. Sem macrocefalias nem subalternidade. Um governo regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira autonomia sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrias e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas com iniciativas pequenas e isoladas. Limitadas como as ilhas e o país.*

*A autonomia vive-se hoje apenas em círculos muito restritos, e em alguns escritores e em “expatriados” em Portugal e nas Américas. Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da “elite esclarecida” (à falta de melhor adjetivação) qualquer movimentação nesse sentido. Haveria mesmo elites pensantes açorianas para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos. Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os antepassados de 1890. Nos Açores, compete aos mestres da palavra fácil indoutrinarem e mostrarem o caminho da Atlântida perdida a que se chamou autonomia.*

*Só então cortarão os cordões umbilicais, alcançando a independência dos que escrevem e partilham a açorianidade. Com a sagesa dos seus conhecimentos sonharão com esse momento de libertação. Assim inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo os não deixasse para trás na sua voragem.*

CRÓNICA 242 AUTONOMIAS, INDEPENDÊNCIAS E PRAGMATISMO (PARTE 4) 2.3.2019

Revisitando CRÓNICA 127, DAS CRISES -2 maio 2013

À minha volta aqui nos Açores tudo continua na sua modorra habitual sem que as pessoas se apercebam sequer da crise, embora a cite-m no seu quotidiano linguajar, até porque depois há sempre um Santo Cristo a quem rezar, uma romaria anual para fazer, e umas tantas oferendas em nome de isto ou de aquilo. Mesmo assim, os mesmos que vão ao Santo Cristo e compungidos cantam orações nas romarias são aqueles que, ao domingo, ficam à porta das igrejas ou vão para a taberna passar o tempo do santo sacrifício da missa.

Atavismos de séculos que o medo dos tremores e dos vulcões nos últimos quinhentos anos perpetuaram no ADN destas gentes, acostumadas a aceitar todos os fados como desígnio divino. Nada fazem para mudarem o que podem e aceitam tudo aquilo que não podem mudar, mas ao contrário dos Alcoólicos Anónimos não sabem a diferença. Pelo contrário, continuam a dar seguimento ao bom ditado de Salazar “*dar a beber vinho é alimantar um milhão de portugueses*” ...e se batem na mulher e filhos não é por causa do álcool, mas por herança genética. Curiosa terra em que nada parece passar-se centrada nas nove ilhas diferentes e separadas como sempre estiveram, separadas por bairrismos ancestrais.

Aqui viveram muitos revolucionários e grande parte da história de Portugal passou por aqui ou aconteceu aqui (embora quase ninguém o saiba), desde a oposição ao reino dos Filipes às guerras liberais e ao 25 de abril tudo se passou aqui, mas hoje com esta pretensa autonomia não vislumbro homens capazes de libertarem Portugal do jugo do triunvirato, que em nome do grande capital, administra Portugal como qualquer outra colónia do dinheiro mundial. Portugal que tem a (injusta) fama de brandos costumes e a prática de muitas aleivosias, alevantes populares, revoltas e revoluções, apaga-se lentamente da lista das civilizações tal como os Maias, Astecas e tantas outras civilizações que um dia dominavam grandes partes do universo habitado e conhecido ... .. e eu aqui sem nada poder fazer a não ser cronicar o fim desta morte há muito anunciada.

CRÓNICA 134.3.4. ILHA DAS FLORES EM TURISMO 29 agosto 2013

*Apesar das muitas estradas e caminhos municipais razoavelmente asfaltados, para tão pouca gente, pela omnipresente Tecnovia, apesar de algumas construções modernas como o centro Cultural das Lajes (em fase de acabamento), parece faltar massa crítica capaz de promover um maior desenvolvimento económico que liberte esta ilha da estagnação e da sangria que a constante saída dos mais jovens impõe. É imperioso criar condições para que não sejam obrigados a partir, a emigrar para outras ilhas maiores e com maiores oportunidades. É preciso reinventar formas de os fixar aqui sem ser apenas nos meses mais buliçosos de verão e turismo (junho a setembro).*

*A continuar assim e à medida que a população envelhece sem que os jovens aqui se fixem, arriscamo-nos a assistir ao lento despovoamento e à inviabilidade económica destas ilhas mais pequenas, tanto mais que o governo central (e agora também o Governo Regional) insiste em fechar serviços e valências desde correios a tribunais, finanças e centros de saúde.*

*Por outro lado, esta ilha e a do Corvo são sempre as sacrificadas quando há avarias de barcos no verão, e no inverno são as dificuldades próprias destes mares que os obrigam a ficarem, por vezes semanas, sem receberem mantimentos e ligações ao exterior. Custa-me imaginar que todos os esforços e abnegação deste esforçado povo ao longo de cinco séculos se venha a perder e se possa caminhar para o fim da civilização florentina açoriana.*

*É uma pena imaginar que um dia - num futuro não tão distante como parece - estas ilhas sejam como as casas da Aldeia da Cuada, à espera de uns alemães, holandeses, portugueses ou outros que venham cá para as comprarem e tornarem rentáveis. Não tenho poder, nem financiamento, nem outros - nem mesmo ideias - capazes de alterar este rumo, mas as ilhas menores do arquipélago rumam lentamente para a sua eventual extinção. É uma pena que locais paradisíacos como estes que tantos escritores de valor produziram não possam gerar uma espécie humana que os viabilize economicamente sem se tornarem em cidades-casino como Macau ou cidades perfeitas como Singapura e Hong Kong, mas sem alma.*

*Um novo tipo de feudalismo e de escravatura que visa perpetuar o fosso entre os que “têm” e os que não conseguem a alforria. A massificação da cultura “dita popular” versus a redução abrupta dos orçamentos culturais (das artes em geral, ao teatro, à literatura, etc.) quer perpetuar o mínimo denominador comum de iliteracia. Um povo iletrado não pode ser livre nem preserva a sua autonomia, antes permanece subjugado e submisso a todos os que o espezinham.*

*Eu aqui, na Ilha das Flores, preocupado com o futuro que ameaça tornar-se uma repetição do passado: os senhores nos seus castelos e os servos da gleba esmifrando as migalhas que lhes atiram das ameias, eternamente gratos, de chapéu na mão a agradecer tanta benesse e caridade. Claro que assim, nem o país, nem as ilhas progredirão, pois, a manutenção do “status quo” preserva a ordem estabelecida, e pessoas como eu nem chegam a ser convidadas para bobos da Corte.*

*A crítica mordaz da alienação não agrada àqueles que são objeto da sátira e da jocosidade de quem vê o mundo numa moldura maior do que as mentes tacanhas dos que detêm o poder. Até nisto a História se repete e poucos foram os que do olvido e da lei da morte se libertaram, numa paráfrase livre desse épico que foi Camões. Resta-me lavar aqui o meu desacordo e continuar a sonhar com a utopia (por isso, nunca conseguida) de um mundo melhor, mais justo, mais equitativo que é exatamente o oposto daquilo a que vimos assistindo nestas últimas décadas.*

*Possa eu continuar a contar livremente esses sonhos, essas utopias, sinal de que os senhores do mundo ainda não calaram todas as vozes. Aqui não é o Haiti (como dizia o Caetano Veloso) nem a Coreia do Norte e ainda vou tendo liberdade de pensar e de me exprimir. O meu voto continua sem estar à venda mesmo que o seu valor seja meramente estatístico e não garanta nenhuma representatividade eleitoral. Controlado, vigiado, escutado, analisado e dissecado vou resistir enquanto puder (i.e., enquanto viver) a ser um mero píxel nos ecrãs dos controladores globais que nos programam a seu bel-prazer e não será pelo medo que estragarão os momentos livres e felizes que passei aqui no grupo ocidental dos Açores.*

CRÓNICA 243 AUTONOMIAS, INDEPENDÊNCIAS E PRAGMATISMO (PARTE 5) 2.3.2019

Se não fosse a bandeira azul com estrelas que se vê no aeroporto e o uso do Euro como moeda ninguém pensaria que estamos na Europa e não é pelos dois mil quilómetros que nos separam da terra firme, mas pela diferença de paradigmas de vida, pelo seu ritmo cadenciado, pelas suas ondas e marés e não pelos ditames da burocracia.

A identidade insular é bem distinta da portuguesa e da europeia e para se cumprir falta apenas a vivência de uma autonomia plena que cortasse as amarras ao velho continente. Pertence o arquipélago à Europa por mera e fortuita coincidência geopolítica, mas a alma destas ilhas está equidistante de Américas e Europa. Ainda vou acabar por me naturalizar açoriano!

RELEMBRO A CRÓNICA 148. DE AUTONOMIAS (6 junho 2013)

148.1. AUTONOMIAS NOMINAIS

“para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar”  
Voltaire

...

hoje acordei sem voz  
sem mãos,  
sem pés  
sem coração.

habito nove ilhas de mil cores  
arquipélago de mil autores  
num fiasco de autonomia  
pobreza sem alegria

na independência poucos confiam  
em busca de subvenções porfiam  
melhor é ficar mudo e quedo  
viver dos subsídios esmoleres  
submissos e acomodados  
pobres despreocupados  
servos enfeudados  
ingênuos explorados  
na eterna espera de Godot  
de um Mandela que não nasceu

assim se explicam os açores  
ilhas de mil e uma dores.

Hoje vou continuar a falar de um tema controverso e minoritário, a autonomia, o direito a esta e a autonomia como antecâmara da libertação. Pode parecer fastidioso, mas como a maioria das pessoas desconhece a história e os que se opõem a autonomias também não sabem de que gema é feita esta gente, o melhor é relembrar tudo desde o início. Ao contrário do que possa ter decretado o Presidente da República, Cavaco e Silva, existe um povo açoriano, resiliente e capaz de vencer contra a adversidade como o demonstra há séculos, sobretudo nos EUA e Canadá. É esse povo que pode ajudar a atingir os desígnios da autonomia alargada que a todo o custo, o Governo central de Lisboa tenta evitar com a sua experiência de séculos de colonização. Um povo que não é nação só se realiza na sua plenitude se conhecer e honrar a sua história. Prova-o a resiliência dos aborígenes australianos que sem escrita conseguiram preservar a grande nação através da preservação da sua história por via oral ao longo de 60 mil anos. Dizem os dicionários<sup>4</sup> que

Autonomia é um termo de origem grega cujo significado está relacionado com independência, liberdade ou autossuficiência. O antónimo de autonomia é heteronomia, palavra que indica dependência, submissão ou subordinação. Em Ciência Política, a autonomia de um Governo ou de uma região pressupõe a elaboração de suas próprias leis e regras sem interferência de um Governo central nas tomadas de decisões. Em Filosofia, autonomia é um conceito que determina a liberdade de indivíduo em gerir livremente a sua vida, efetuando racionalmente as suas próprias escolhas. Neste caso, a autonomia indica uma realidade que é dirigida por uma lei própria, que apesar de ser diferente das outras, não é incompatível com elas. Em Educação, a autonomia do estudante revela capacidade de organizar sozinho os estudos, sem total dependência do professor, administrando eficazmente o seu tempo de dedicação e escolhendo de forma eficiente as fontes de informação disponíveis.

Sem levar em conta o período dos donatários e dos Capitães-Generais, em que a autonomia das populações se exercia num âmbito radicalmente diferente, os Açores gozam já 110 anos de autonomia, embora por vezes bem mitigada e durante muito tempo não abrangendo o ex-Distrito da Horta (ilhas de Faial, Pico, Flores e Corvo).

Essa autonomia assentou nos seguintes diplomas estruturantes:

Decreto de 2 de março de 1895 - (Diário do Governo n.º 50 de 4 de março de 1895) - Estabelece a possibilidade dos distritos açorianos requerem, por maioria de 2/3 dos cidadãos elegíveis para os cargos administrativos, a aplicação de um regime de autonomia administrativa baseada na existência de uma Junta Geral (similar àquelas que tinham existido até 1892). O Decreto, da autoria de João Franco, é aprovado em ditadura, sendo ratificado pelas Cortes pela Carta de Lei de 14 de fevereiro de 1896;

Decreto de 18 de novembro de 1895 - (Diário do Governo n.º 262, de 19 de novembro de 1895) - A requerimento dos cidadãos elegíveis do Distrito de Ponta Delgada concede autonomia administrativa àquele Distrito e fixa a distribuição por concelho dos procuradores à Junta Geral;

Decreto de 6 de outubro de 1898 - (Diário do Governo n.º 226, de 10 de outubro de 1898) - A requerimento dos cidadãos elegíveis do Distrito de Angra do Heroísmo concede autonomia administrativa àquele Distrito e fixa a distribuição por concelho dos procuradores à Junta Geral;

Carta de Lei de 12 de junho de 1901 - (Diário do Governo n.º 131, de 15 de junho de 1901) - Marca a consagração parlamentar do regime autonómico, correspondendo à primeira discussão nas Cortes desta matéria.

Altera o Decreto de 2 de março de 1895, tornando-o extensivo, a requerimento dos cidadãos elegíveis, ao arquipélago da Madeira.

Pouco altera o regime anterior, mas têm claramente um caráter mais centralizador ao fazer depender múltiplas deliberações de aprovação governamental, não lhe fixado prazo para tal (cria um regime de "veto de gaveta");

Decreto de 1 de agosto de 1901 - (Diário do Governo n.º 171, de 3 de agosto de 1901) - Aplica a Carta de Lei de 12 de junho de 1901 ao Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo e fixa o vencimento de alguns dos seus funcionários;

Decreto de 19 de outubro de 1901 - (Diário do Governo n.º 239, de 23 de outubro de 1901) - Aplica a Carta de Lei de 12 de junho de 1901 ao Distrito Autónomo de Ponta Delgada e fixa o vencimento de alguns dos seus funcionários;

Lei n.º 88, de 7 de agosto de 1913 - (Diário do Governo n.º 183, de 7 de agosto de 1913) - Esta lei é a primeira referente à autonomia feita na vigência da Constituição da República de 1911.

Não introduz alterações de monta limitando-se, no seu Título VI (artigo 87.º), a manter no essencial o regime do Decreto de 2 de março de 1895 com as alterações introduzidas pela Carta de Lei de 12 de junho de 1901.

Os republicanos açorianos, que durante a fase final da monarquia constitucional defendiam uma solução federal (e nalguns casos a independência), não conseguiram fazer vingar os seus pontos de vista;

Lei n.º 621, de 23 de junho de 1916 - Mantém para as ilhas o regime da Lei n.º 88, de 7 de agosto de 1913;

Lei n.º 1453, de 26 de julho de 1923 - Mantém para as ilhas o regime da Lei n.º 88, de 7 de agosto de 1913;

Decreto n.º 14 402, de 7 de outubro de 1927 - Cria o Delegado Especial do Governo da República nos Açores.

Este posto é um antecessor direto do lugar de Ministro da República (a partir de 2006, Representante da República).

Ocupado pelo coronel faialense Feliciano António da Silva Leal, deu azo a alguma esperança no aprofundamento da autonomia e levou à produção da proposta de lei, nunca sequer discutida no Parlamento, de criar a Província Autónoma dos Açores (mais uma tentativa frustrada de acabar com a divisão distrital).

O cargo e os serviços da Delegacia foram extintos pelo Dec. n.º 17 830 de 7 de janeiro de 1930;

Decreto n.º 15 035, de 16 de fevereiro de 1928 - (Diário do Governo n.º 39, de 16 de fevereiro de 1928, republicado no Diário do Governo n.º 48) - Decreto do Governo da ditadura nacional saída da revolução de 28 de maio de 1926, consagrando parte das reivindicações apresentadas ao Delegado do Governo da República.

É generoso nos princípios e objetivos, fruto, como sempre na história da autonomia açoriana, do momento de alguma fraqueza do Estado Português que então se vivia.

Revoga o Decreto de 2 de março de 1895;

Decreto n.º 15 805, de 31 de julho de 1928 - (Diário do Governo n.º 174, de 31 de julho de 1928) - Marca um profundo retrocesso face ao Decreto n.º 15 305, de 16 de fevereiro de 1928 (tão efêmero que vigorou só 5 meses), eliminando as veleidades autonomistas entretanto alimentadas.

É o primeiro diploma sobre autonomia contendo a assinatura de António de Oliveira Salazar, sendo já bem patente a sua marca na vertente financeira;

Lei n.º 1 967, de 30 de abril de 1938 - (Diário do Governo, I série, n.º 99, de 30 de abril de 1938) - Depois de uma discussão alargada, envolvendo as Juntas Gerais e a Câmara Corporativa, foi aprovada pela Assembleia Nacional a Lei de Bases da Administração do Território das Ilhas Adjacentes, dando execução ao disposto no artigo 124.º, §2.º, da Constituição de 1933, que dizia a divisão do território das ilhas adjacentes e a respetiva organização administrativa serão reguladas por lei especial;

Decreto-Lei n.º 30 214, de 22 de dezembro de 1939 - Aprova o Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes desenvolvendo a Lei de Bases da Administração do Território das Ilhas Adjacentes, aprovada pela Lei n.º 1 967, de 30 de abril de 1938.

Foi elaborado por Marcello Caetano que para tal visitou demoradamente as ilhas e reuniu com as forças vivas locais. Estende pela primeira vez o regime autonómico ao Distrito da Horta.

Revoga o Decreto n.º 15 035, de 16 de fevereiro de 1928, e o Decreto n.º 15 805, de 31 de julho de 1928. Foi influente na elaboração deste diploma, o 1.º Congresso Açoriano, que reuniu em Lisboa, de 8 a 15 de maio de 1938, a nata da intelectualidade açoriana da época;

Decreto-Lei n.º 31 095, de 31 de dezembro de 1940, que aprova o Código Administrativo de 1940, inclui em anexo um Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes.

Este diploma revoga o enquadramento jurídico anterior, consolidando o modelo administrativo que vigoraria durante todo o período do Estado Novo, incluindo, sem prejuízo das alterações operadas pelo Decreto-Lei n.º 36 453, de 4 de agosto de 1947, o modelo específico dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes;

Decreto-Lei n.º 36 453, de 4 de agosto de 1947 - (Diário do Governo n.º 178, de 4 de agosto de 1947) — Altera alguns artigos do Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes e faz a sua republicação integral. Vigorou até à criação da Junta Regional dos Açores em 1975;

Decreto-Lei n.º 48 905, de 11 de março de 1969 - Cria, para efeitos de planeamento regional, a Região dos Açores, dotada de uma Comissão Consultiva de Planeamento com sede em Angra do Heroísmo, a primeira consagração após o fim da Capitania Geral dos Açores de uma estrutura supradistrital.

Criou o conceito de Região que está na origem da atual Região Autónoma;

Decreto-Lei n.º 458-B/75, de 22 de agosto - Cria a Junta Administrativa e de Desenvolvimento Regional (a Junta Regional dos Açores), na sequência do levantamento popular de 6 de junho de 1975 em Ponta Delgada. Derroga o Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes e extingue os distritos, criando um órgão administrativo único para os Açores;

Decreto-Lei n.º 100/76, de 3 de fevereiro - Altera o Decreto-Lei n.º 458-B/75, de 22 de agosto, consolidando a Junta Regional enquanto órgão administrativo dos Açores. Extingue a Comissão de Planeamento Regional criada pelo Dec.º-Lei n.º 48 905, de 11 de março de 1969;

Decreto-Lei n.º 318-B/76, de 30 de abril - Aprova o Estatuto Provisório da Região Autónoma dos Açores na sequência da aprovação da Constituição da República Portuguesa de 1976, ocorrida a 2 de abril de 1976, para entrar em vigor no dia 25 de abril seguinte.

4 <http://www.significados.com.br/autonomia/>



Criou a atual Região Autónoma dos Açores na sequência do fixado na Constituição;  
Decreto-Lei n.º 427-D/76, de 1 de junho - Altera o Estatuto Provisório da Região Autónoma dos Açores;  
Lei n.º 39/80, de 5 de agosto — Aprova o Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores na sequência de proposta apresentada pela Assembleia Regional dos Açores.  
É o primeiro diploma de natureza paraconstitucional a reger a autonomia açoriana e o primeiro a ser democraticamente proposto pelo órgão representativo de todo o povo açoriano;  
Lei n.º 9/87, de 26 de março — Aprova a primeira revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores;  
Lei n.º 61/98, de 27 de agosto — Aprova a segunda revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores;  
Lei n.º 2/2009, de 12 de janeiro — Terceira revisão do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma dos Açores (atualmente em vigor).

148.2.6. EVOLUÇÃO

Em resultado da Lei Constitucional n.º 1/2004, de 24 de julho, que consolidou e alargou substancialmente a capacidade legislativa do Parlamento açoriano, foi concluído o processo de revisão do EPARAA, o qual consolidou o aprofundamento da autonomia política e legislativa, ficando aberto o caminho para a criação de direito regional (i.e. legislação açoriana especificamente concebida para a realidade insular) em praticamente todas as áreas que não correspondem ao núcleo das competências reservadas dos órgãos de soberania, podendo mesmo neste, mediante autorização legislativa a conceder pela Assembleia da República, ser produzido direito próprio.

A livre administração dos Açores pelos açorianos, a divisa dos autonomistas do século XIX, parecia finalmente aproximar-se da realidade política açoriana. Se assim parecia no papel, os anos subsequentes vieram provar diametralmente o oposto, com o Governo central cada vez mais coercivo, coartando todas as veleidades legisladoras da Assembleia Regional e do Governo. Não admira, pois, que na última década, se levantem de novo vozes independentistas (a FLA e suas várias manifestações cívicas como a ACA) a reclamar a entrega aos açorianos das suas riquezas que continuam a ser exportadas e exploradas pelo Governo centralista em Lisboa.

Se tiverem capacidade de motivar e captar as gerações mais novas o futuro pode ser diferente daquilo que é hoje. Pode demorar anos, décadas, mas tenho a certeza de que se trata apenas de uma questão de tempo. O poder local limita-se a ser porta-voz dos interesses partidários instalados em Lisboa, a ausência – por força da lei – de partidos locais, e o desencanto com a alternância PS e PSD-CDS, podem trazer surpresas futuras. É preciso que se saiba como estão a ser espoliados os açorianos das suas riquezas e se acabe de vez com a lamechice de dizer que Portugal faz o sacrifício de solidariedade de suportar os Açores, quando os gráficos da atividade económica global do arquipélago provam o contrário. Depois, haverá que investir na educação para a criação de uma massa crítica capaz de suportar os desafios de uma verdadeira autonomia.

CRÓNICA 244 AUTONOMIAS, INDEPENDÊNCIAS E PRAGMATISMO (PARTE 6) 2.3.2019

uma verdadeira autonomia tem de ser consubstanciada na libertação do povo e esta será sempre a via da independência.

Recordo a CRÓNICA 186 AÇORES E INDEPENDÊNCIA 22 outº 2017

Imaginemos por um instante que os membros e simpatizantes da FLA - ACA eram um movimento generalizado, de largas camadas da sociedade açoriana, abarcando gente de todas as idades, em todas as ilhas, como em tempos idos da História recente já o foram.

Imaginemos que se fartaram da exploração colonial que os poderes de Lisboa e seus representantes na colónia há séculos exercem sobre os locais.

Imaginemos que o atual modelo de autonomia controlada, centralizada em Lisboa, constantemente torpedeada, ultrapassada e ignorada pelos “superiores interesses da Nação” estava – de facto – esgotado.

Imaginemos que tínhamos uma população culta e letrada, em vez da pequena elite dominante agarrada a pequenas mordomias como é hoje o caso, com a vasta maioria da população mais interessada em manter privilégios de subsídios, em vez de trabalho, vítima da conspiração consumista que a manietta.

Imaginemos que a deriva europeia e a rápida islamização do continente europeu estavam mais adiantadas e que a solidariedade para com o arquipélago se mantinha ao nível da esmola, enquanto o povo português (também ele ignorante e iletrado, mesmo que tenham canudos e se chamem doutores) continuava a pensar que devíamos largar os Açores e os açorianos que são uns chulos que só sugam as riquezas de Portugal.

Imaginado este cenário se tivéssemos um líder – mais ou menos populista – capaz de catapultar a turbamulta (a malta como o outro lhe chamava) e fazia um referendo, vocês acreditam por um só instante que não éramos calados pela força bruta da repressão militar? Imaginado isto, voltemos à realidade.

Temos uma população apática e abúlica, uns tantos saudosistas e outros mais novós, sonhadores, mas a menos que haja uma revolução de mentes cataclísmica, seremos uma pequena elite libertária, sem representação nem força popular, uma franja da sociedade que nem chega a ser incómoda para o poder instituído. O povo açoriano não reúne as condições de se emancipar enquanto continuar pobre, iletrado, subsidiodependente, conformado, desapegado de uma consciência cívica (a consciência nacional açoriana), a quem o fogacho independentista de alguns intelectuais, escritores e outros, pouco e nada diz.

Infelizmente é isto que temos e não mudará nos meus dias, embora se a Terra ainda existir, eu acredite piamente que, um dia, em futuro afastado e longínquo, nos subvaremos e libertaremos do jugo colonial de Lisboa (quando o Belenenses tornar a ser campeão de futebol, por exemplo).

Até lá continuemos a fazer o que não temos feito, educar as pessoas, alertá-las para esta escravatura silenciosa que as amolece e adormece, repetindo ciclos ancestrais de feudalismo encapotado, anestesiada pelas riquezas que o turismo vai trazendo sem se lembrar que basta a Ryanair ir à falência e o turismo morre....

Recordo agora CRÓNICA 195 10 DE JUNHO NA COLÓNIA AÇORIANA 9.6.18

Um país de desigualdades, injustiça e corrupção descontrolada que rouba dez anos de serviço aos professores e diz não ter dinheiro para lhes pagar, desperdiça milhões em fogos-fátuos de antigo Império à deriva como escreveu Patrick Wilken. Claro que para a maioria dos portugueses e dos açorianos quaisquer noções de uma total autonomia (leia-se independência) é anátema, mais fruto da ignorância das situações do que por meras razões políticas. Sempre se cumpriu a profecia – sabiamente preparada - de que quanto mais dependentes de subsídios melhor acarneirados estariam os açorianos. De todos os habitantes são eles os mais subsidiados, totalmente dependentes de subsídios que servem para perpetuar o voto nos que os governam, qualquer que seja o partido ou a cor política. Para os portugueses nem sequer se põe a hipótese de abdicar das “ilhas adjacentes”, muito menos agora que estão prestes a acrescentar milhares de km² à plataforma portuguesa marítima com todas as riquezas que a profundidade destes mares encerra.

Nesta data a Fundação Francisco Manuel dos Santos, através do seu Projeto “Pordata” fez um estudo intitulado “Retrato dos Açores”, no qual deu a conhecer dados preocupantes sobre a nossa realidade insular. No que diz respeito, por exemplo, à Educação, ficamos a conhecer que a taxa de abandono escolar dos jovens com idade fixada entre os 18 e os 24 anos é mais do dobro da média nacional. Em relação aos jovens com mais de 15 anos, verificamos que 7 jovens em cada 10 não completa o ensino secundário, valores muito piores do que em qualquer outra região de Portugal. O ensino que temos atualmente é o fruto de muitas “experiências” anuais infelizes, desde os alunos transitarem sem sequer saberem ler a outras, e agora os resultados estão à vista. Acrescente-se o facto de muitos pais não terem instrução (a velha 3ª classe era a norma e agora será o 6º ano das “Novas Oportunidades”) nem interesse em acompanhar os filhos, o resultado será sempre o de insucesso escolar e total fracasso das políticas educativas, por melhores professores que possa haver (também os há, mesmo que sejam uma minoria). Infelizmente, trabalhamos para a estatística. Os bons alunos sempre o serão, mas os restantes são a maioria.

Este o país em que vivemos, onde há um mês se discutem os problemas do futebol e de um clube autofágico rumo à fossa de Mindanau, e raramente se discutem is verdadeiros problemas do país: educação, saúde e justiça. Sempre longe da corte hoje os açorianos vão ter as imagens televisivas em que serão retratados e irão usar e abusar do seu voyeurismo, já totalmente acostumados a novos paradigmas de vida em que deixaram de ser escravos pela via física para o serem pela via da mente. Quando hoje um colega e amigo, professor continental, que até cá esteve uns anos a lecionar em mais do que numa ilha, me diz que somos todos portugueses de regiões diferentes, tive uma visão passadista que me fez lembrar um país uno e indivisível do Minho a Timor! E deu-me um arrepio pois esse é o argumento mais comum dos continentais quando confrontados com a minha sede de uma verdadeira autonomia açoriana (aqui não falei de independência, mas de verdadeira autonomia, em federação ou outra espécie de união entre iguais e não pactos leoninos).

A minha guerra não é esta, mas a da defesa e expansão da língua portuguesa e apenas me manifesto como cidadão residente do arquipélago. E é por tudo isto que este 10 de junho me diz ainda menos do que noutros anos em que se chamava “dia da raça”. Não irei ao beija-mão, nem verei as belezas que os açorianos vão mostrar ao corpo diplomático estrangeiro acreditado na capital do Império, continuarei a amar os Açores e a sonhar com o dia em que serão autônomos e pares inter pares com a “metrópole”, o continente”, donos do seu destino e quicá orgulhosos da sua herança ou origem portuguesa. Claro que sei, e nisso concordam alguns nativos, que há provincialismo e falta massa crítica e intelectual, e muitos temem a verdadeira autonomia e mais ainda a independência.

Um Governo Regional autêntico, sem ser filial de Lisboa, reclamando a verdadeira autonomia sem se arvorar em defensor dos interesses dos que sempre exploraram os ilhéus, sombrios e persistentes personagens que perenizam monopólios. Arrivistas com iniciativas pequenas e isoladas. Limitadas como as ilhas e o país. A autonomia vive-se em círculos muito restritos, e em escritores e “expatriados” em Portugal e nas Américas. Surgirá - cremos, um dia -, não à mesa do café, mas da escrita, da “elite esclarecida” (à falta de melhor adjetivação) qualquer movimentação nesse sentido. Haverá elites pensantes açorianas para além das que se emproam em encontros de intelectuais representando a fina-flor dos que têm direito a nome no jornal? Uns pararam no tempo, outros andam em busca dele, que nunca à frente. A população não os segue nem os entende. Nem mesmo os ditos. Apenas ufanos por preencherem as revistas cor-de-rosa? Todos. Incapazes de congregarem mentes, mentem sem insistirem no tema. Temerosos de perderem a caleche em que se pavoneiam na avenida marginal tal como os antepassados de 1890.

Agora, compete aos mestres da palavra fácil indoutrinarem e mostrarem o caminho da Atlântida perdida a que chamam autonomia. Só então cortarão os cordões umbilicais, alcançando a independência dos que escrevem e partilham a açorianidade. Com a sagesa dos seus conhecimentos sonharão o momento de libertação tal como inventaram a literatura açoriana para que ninguém se esquecesse deles e o mundo não os deixasse para trás na sua voragem.



CRÓNICA 245. EU NÃO QUERO SER MULHER, NEM JUDEU, NEM CIGANO, NEM PRETO, NEM NADA 9.3.19

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada. Por mais que me ofereçam no calendário dia anual em honra destes e doutros, minorias ou não, todos têm um dia a eles dedicado, mas nos restantes 364 são esquecidos, estropiados, discriminados, maltratados.

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada, enquanto houver juízes e leis que não me protegem, enquanto esta sociedade de pais, filhos, maridos, mulheres tiver a violência como solução

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada, e estou consciente de que podia ser pior, se fosse do Iémen, Iraque, Irão, Síria, República Centro-Africana, Sudão (do norte ou do sul), Ucrânia, Afeganistão, Coreia do Norte, Mianmar (Birmânia), Palestina, Saara Ocidental, Índia, Paquistão, Líbia, Crimeia, Somália, Nigéria, e tantos mais. Desde que o homem é homem, o mundo nunca esteve livre de guerras ou conflitos – nem por um segundo. Disputa por território, diferenças étnicas, religiosas, económicas e culturais estão invariavelmente entre as causas. Para não citar os habituais jogos de interesses das grandes (ou pequenas potências) e seu círculo de influências. Para não citar os mercadores de armas, o petróleo, ouro ou outras riquezas que tais países possam possuir.

No século XX assistimos duas guerras mundiais, uma Guerra Fria, e centenas de pequenas guerras localizadas um pouco por todo o mundo dos europeus Balcãs, à Ásia, Américas, Oceânia, passando pela sempre presente África. Depois entramos na era do terrorismo, a nova era da insegurança à margem da qual as liberdades individuais se diluíram e desapareceram em prol da luta contra o terror. Novas guerras civis, novos conflitos de grupos dissidentes e terroristas, jihadistas, Al Qaeda, Boko Haram, muitos criados pelos EUA e NATO para lutarem contra os seus inimigos e que hoje se independentizaram, como Saddam, Bin Laden, e tantos outros cujo fim será a morte como aconteceu com Ghaddaffi. E o preço a pagar para os milhões que não morrem é a fuga, tentando sair como refugiados dessas guerras (eram mais de 66 milhões em 2017), mas fugir para onde se ninguém os quer, muito menos os que causaram as guerras nos locais donde eles fogem. O comércio ilegal de armas, o tráfico de seres humanos, de drogas entretanto floresce á custa destes desgraçados escoraçados de onde quer que se dirijam.

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada, mas estou grato por poder viver onde vivo, sair à rua sem ser morto ou assaltado como se estivesse no Rio de Janeiro onde já estive e sobrevivi. Posso ir ao café da esquina ou ao restaurante sem ser abatido por um cartel de droga como na Cidade do México, andar livremente sem ser espiado como na China a todos os meus movimentos e sujeito ao reconhecimento facial, sim, lá onde todas as minhas ações me podem impedir de sair livremente do país. Posso guiar livremente sem medo ser abalroado por condutores loucos e bêbedos como na Rússia (os alcoólicos aqui são menos loucos). Aparte a pedofilia rampante as crianças aqui podem brincar livremente sem serem raptadas para extração de órgãos ou para exploração em lupanares.

Eu não quero ser mulher, nem judeu, nem cigano, nem preto, nem nada, nem quero um dia em minha honra nem em meu nome, quero apenas viver o que me resta com saúde, paz, sossego, carinho e amor. Sei que é pedir muito mais do que um terço da população mundial alguma vez terá...



CRÓNICA 246, SEM ENGANOS 1 ABRIL 2019

Escrevo no dia em que dantes se celebravam as petas, e que hoje perdeu toda a razão de ser, dado as “fake news” ocuparem as notícias todos os dias do ano dimanadas dos governos e da comunicação social. Quando evoco a adolescência e juventude, eram tempos bem mais singelos, conquanto eu não gostasse de os reviver no mesmo ambiente censório de mordaza em que se vivia. Salvaguardada esta nota, passamos de uma república monárquica ditatorial para uma democracia monárquica ditatorial sem que as pessoas se tenham realmente apercebido dos aspetos dinásticos que caracterizam estes 45 anos de 25 de abril.

Nesses idos uma peta bem contada raramente se tornava verdade, mas hoje as petas do dia a dia são as verdades indissolutas com que nos apresentam os nossos governantes, senhores e donos dos nossos quotidianos ora submetidos não lei dos servos da gleba mas sim dos servos da banca, submetidos ao adágio dos 40 (40 anos de trabalho, 40 anos de descontos e 40% de vencimentos na reforma).

Hoje todos acreditam nas petas, mesmo sem ser 1º de abril e raramente alguém questiona a verdade dado que esta perdeu o seu valor. Um dos exemplos que vem à mente é o do casal com mais de 50 anos de diferença que propôs, há dias, a uma cadeia de televisão fazer amor em público, em direto e ao vivo, para provar que a relação deles com um tamanho diferencial de idades se rege pelo amor mais puro e duradouro que imaginar se possa.

Depois há a montagem das armas químicas do Saddam (que nunca existiram, e aqui lembro para os mais distraídos) e tudo que se sucedeu desde então numa voragem de petas universais, em nome das quais se fizeram guerras, se mataram milhares, se causaram milhões de refugiados, se destruíram países e se importou o seu petróleo, esse vampiresco adereços da sociedade ocidental.

Líderes apeados, outros por apear, governos fantoche e fantoches no governo, a ignorância subiu ao poder, diria Brecht se fosse vivo, ao ouvir que um terço dos americanos já acredita que a terra é plana... os farsantes e falsários de religiões, seitas e demais congregações enriquecem à custa dessas hordas de ignorantes capazes de se atirarem do precipício abaixo como se seguissem o flautista (Pied Piper) de Hamelin enleados na melopeia de inverdades.

E uma pequena elite grisalha de pessoas que ainda (têm e) usam cérebro e pugnam pela cultura, educação, capacidade de discernimento, de discussão, de questionar as premissas e tirar conclusões vemo-nos, cada vez mais, confinados ao nicho de votos em branco ou nulos, esmagados pela força opressora das maiorias carneirintas, sem capacidade nem peso para aumentar a massa crítica dos concidadãos que seguem fingindo ser livres sob o cajado opressor da sociedade que os manipula.

*(Quando decidimos ser ignorantes, alguém decidirá em nosso lugar e tornamo-nos manipuláveis. O escritor Baltasar Gracian disse que a ignorância é uma zona de conforto em que nos sentimos muito à vontade. Ou talvez nem nos sintamos tão confortáveis, mas o medo do que está fora, tudo o que desafia as nossas crenças, é tão forte que nos mantém paralisados naquela zona de conforto. Assim escolhemos a ignorância.)*

Exemplo disso é o anúncio do livre acesso a universidades sem exames de admissão aos alunos dos cursos profissionais, o fim da exigência de exames, e o facilitismo generalizado que agora nasce logo na primeira classe (1º ano na nova terminologia) e onde é anátema “chumbar” as criancinhas para não as traumatizar... ainda bem que assim, pois os que podem e são donos disto tudo, assim poderão enviar os seus rebentos para escolas elitistas e privadas onde aprenderão a dominar os restantes confinados a uma escola pública sem rei nem roque. Por essas e outras ainda não há muitos dias ao alertar uma professora para um clamoroso erro de português num enorme cartaz, ela encolheu os ombros e disse “deixe lá, já está e ninguém vai notar!” o governo entretanto vai perder nos próximos 5 a 10 anos, cerca de 50% dos professores mais antigos e qualificados e aposto que vamos assistir, como em tempos idos, à admissão de engenheiros, arquitetos, e outros para darem aulas sem qualificações nem habilitações pedagógicas.

Dantes colocava-se um retângulo com equações e pediam-se cálculos, hoje talvez só se peça, humildemente, para não traumatizar o pupilo, que ele consiga colorir esse retângulo dentro das linhas...

CRÓNICA 247 DO MUNDO PERDIDO 6.4.19

Por vezes duvido da minha sanidade, e aleatoriamente vou encontrando em jornais, redes sociais e outros meios de lavagem ao cérebro notícias estapafúrdias.

Uma mulher de Vila Verde de Ficalho, Serpa, quer casar com o seu porco de estimação (nada de novo, considerando que Holanda há uns meses uma mulher casou com o seu cão).

Na semana passada era a vez de um casal de um país da antiga Jugoslávia, com 53 anos de diferença, que queria fazer sexo na TV (reality show) para provar o amor. O Casal planeia ter filhos e casar.

Isto faz lembrar as novidades sobre a vida amorosa dos famosos que diariamente as revistas da especialidade apimentam para se venderem.

Enquanto isso, uma jornalista na Austrália para comemorar e ultrapassar o divórcio resolver fazer amor todas as noites com homens diferentes muito mais novos e gostou da experiência. Mais tarde outro jornal esclarecia que ela sofria de uma doença sexológica.

Em França o jovem Macron tem menos 25 anos do que a sua companheira e ninguém se importa.

Mas nem só de sexo se enchem as páginas libidinosas do quotidiano que nos impingem. Nas últimas semanas começou uma grande competição entre os principais partidos no poder há 40 anos + a ver quem metera mais familiares no governo e seus apêndices. Trata-se de uma batalha renhida entre as 15 mulheres do cavaco e os 56 parentes da geringonça. Ainda ninguém deu emprego à sogra, o que me leva a cogitar se as sogras não servem para governar? Mas a França de Macron tem a “Lei da moralização da vida política” que está em vigor desde 2017 e proíbe as contratações familiares, punidas com penas de prisão e severas multas..

Mais mediática era a cena da Madonna que queria andar de cavalo num palácio lá para os lados de Lisboa e os ingratos dos portugueses não a deixaram.

Muito mais violenta foi a reação de uma passageira a bordo de um voo TA quando lhe disseram que não havia Pepsi. Desconhece-se qual a droga que tomara para fazer a cena que fez, mas o avião aterrou sem problemas. Já em Inglaterra andam no faz que não faz quanto ao Brexit e nunca mais se decidem se saem ficando ou se ficam saindo. Parece mesmo um episódio mal interpretado da série “Yes Minister” ... e nem os Monthy Python teriam imaginado melhor a cena.

No meio disto começa a ser quase impossível distinguir as “Fake News” das outras... e continuo a tentar escrever uma crónica sem falar de política pois virão aí eleições em que todos os partidos sairão vencedores e nenhum será vencido, como sempre acontece nestas coisas, que as estatísticas são uma ferramenta altamente maleável. Como todos sabem e é vox populi, o poder só sobre à cabeça quando encontra uma zona vazia e desocupada...

Quando há dias surgiu a cabeça decepada de uma mulher na praia de Leça da Palmeira pensou-se que seria mais uma vítima de violência doméstica (à data são já 14 mortas este ano) mas não era. Hoje abril 6 o país cobriu-se de neve com as estradas na serra da Estrela cortadas como se estivéssemos no natal ou em fevereiro. Deve ser das alterações climáticas, as quais segundo um alto (ir)responsável do governo de Timor-Leste, são as causadoras dos aluimentos e destruição de estradas e autoestradas acabadas de inaugurar. No tempo dos portugueses, a culpa era da formiga branca...mudam-se os tempos, mudam-se os culpados.

Entretanto devastado pelo ciclone, Moçambique admitiu que havia fugas nas ajudas financeiras enviadas para o país. Apenas três pessoas foram detidas em Sofala por desvios de donativos. Poucos, porém, recordaram que a zona mais afetada na Beira, há dezenas de anos que sofre do problema cíclico de cheias que afeta as zonas mais baixas e onde vivem os mais pobres, sem que nada fosse feito no tempo da administração portuguesa, e nada foi feito após a independência. Tudo isto agravado pela intensa desflorestação levada a cabo pela China em Moçambique nos últimos anos.

Já não bastava a bronca dos donativos para as vítimas dos incêndios de Pedrógão, agora o mesmo em Moçambique, por isso deixei – há muito de contribuir para esses peditórios.

Entretanto filhos maltratam pais, maltratam filhos, maltratam mulheres e maridos, alunos maltratam professores, enchendo camas de hospitais necessárias para verdadeiras doenças...e os juízes condescendentes com a violência doméstica recebem novo aumento salarial (esses e os outros todos).

Sem falar de política, repudio veementemente a construção maciça de hotéis e a criação (parecem coelhos) de AL, em especial na ilha de São Miguel nos Açores. Para além do anunciado aborto que querem fazer crescer nas ruínas das galerias abandonadas na Calheta Pero de Teive, houve mais um anúncio de um hotel numa das poucas praias de extenso areal da costa sul com mais de 550 quartos: é uma aberração estética, para além de ser desnecessário, é exagerado, irá desvirtuar a paisagem que é o que mais vende a imagem Açores, irá criar problemas de todas a ordem paisagística, urbanística, ecológica, etc., e destina-se a morrer como o Monte Palace (que em futuro próximo irá ressurgir após quase três dezenas de anos abandonado.). alertei há mais de dez anos aquando da construção das Portas do Mar em ponta Delgada para a funchalização da ilha, e nessa altura ainda não tinham chegado as companhias de aviação de baixo custo. Os Açores não são a Madeira nem querem estragar o arquipélago com turismo assim, a troco de uns cobres. Digam não, enquanto é tempo e parem a competição entre as três cidades da ilha a ver quem constrói mais hotéis. Quando vierem as vacas magras quem vai encher os hotéis?



25 de abril 1974 em Díli, Timor Português <sup>5</sup>-

... Embora Timor não dispusesse de telex, desde o ano anterior dispunha já de contactos radiotelefónicos com o mundo exterior. Assim, quando a Revolução dos Cravos aconteceu em 25 de abril houve quem recebesse a notícia via telefone. Depois disso, era só uma questão de perder algum tempo agarrado aos rádios de ondas curtas ...

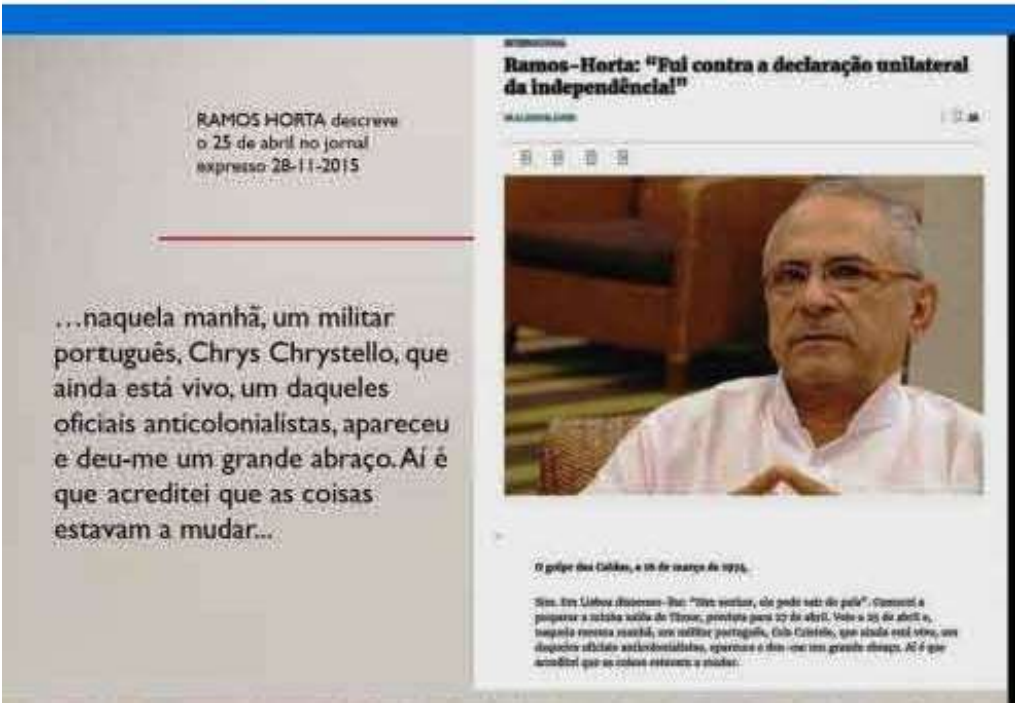
Era hora de jantar e era Oficial (Ajudante) de Dia no Quartel-general. O idoso Oficial de Dia já estava há muito a olhar para o seu umbigo, depois da sua rodada habitual. Tony Belo, o operador da Telecom local, a Rádio Marconi, ligou a dizer que eu ia ter uma chamada telefónica uma hora depois. Chamei o condutor de serviço ligar o Jeep e passados quinze minutos estava em Díli, ansiosamente esperando ‘a chamada’. Pressinto tratar-se de algo muito importante, pois já havia anteriormente acordado com a família que só haveria telefonemas em caso de emergência. Já se sabia que toda a correspondência era sujeita a censura prévia e todas as chamadas eram gravadas pela PIDE e PIM.

Sem perder tempo, pedi ao condutor para passar por casa, onde comuniquei aos colegas de habitação (o cirurgião Carlos Prata Dias e o agrónomo António Proença de Oliveira da Repartição dos Serviços de Agricultura) o que ouvira. Pedi-lhes o máximo sigilo, liguei a rádio de ‘ondas curtas’ e regresssei ao Q.G. onde anotei no relatório que nada havia a assinalar da ‘ronda’ pela cidade. Durante o resto da noite, escutei avidamente os noticiários da BBC, Rádio Austrália e toda uma série de emissoras (até ouvi a Rádio Paquistão, pela primeira vez).

Na manhã seguinte, o camarada Freitas, que me ia render pergunta se havia novidades de Portugal. Sem confiar em ninguém, respondi-lhe: “Nada, que esperavas?” Os dias que se seguem são caóticos, com toda a espécie de rumores a circular e um generalizado sentimento de incredulidade pelos acontecimentos. Quando as novas de que o Governador tinha mandado apreender a gravação e a versão impressa do seu discurso, a maior parte das pessoas convenceu-se de que a ‘Revolução dos Cravos’ não era já fruto da imaginação. Os dias passam, e o oportunismo camaleónico é avassalador: do dia para a noite todos são revolucionários....

O golpe das Caldas, a 16 de março de 1974.

Sim. Em Lisboa disseram-lhe: “Sim senhor, ele pode sair do país”. Comecei a preparar a minha saída de Timor, prevista para 27 de abril. Veio o 25 de abril e, naquela mesma manhã, um militar português, Cris Cristelo, que ainda está vivo, um daqueles oficiais anticolonialistas, apareceu e deu-me um grande abraço. Aí é que acreditei que as coisas estavam a mudar.



RAMOS-HORTA RECORDA ASSIM O 25 DE ABRIL EM TIMOR <sup>6</sup>

O resto são apenas avisos que ocasionalmente lanço em poemas que não quero silenciados.

577. aviso à navegação, 25 abril 2013

aos saudosistas, salazarentos  
e outros democratas  
de geração instantânea  
nascidos após o 25/4/74

25 de abril é uma data que respeito,  
devolveu-me a liberdade de expressão  
que não tinha ao nascer  
nem no primeiro quartel de vida.

sou sonhador, poeta e utópico...  
e só porque homens e mulheres  
traíram e abusaram esse ideal  
não vou deixar de acreditar nele...  
na minha mente e nos meus atos  
será abril sempre  
\*\*\*\*

646. enquanto dormias a nova escravatura chegou, nov 2013

nenhum de nós é livre  
enquanto ao teu lado

houver fome  
miséria  
desemprego

hoje são os outros  
amanhã serás tu  
passaram 40 anos  
nenhum de nós é livre  
enquanto abril não se cumprir

\*\*\*

<sup>5</sup> In Timor-Leste o dossiê secreto 1973-1975, J. Chrys Chrystello, Ed. Contemporânea, Porto, 1999  
<sup>6</sup> In Expresso 28.11.2015

704. 25 abril sempre, até quando, lomba da maia, 25.4.18

hoje não erguerei o meu cravo vermelho  
pelo abril que imaginei  
não há medicina para estas maleitas  
há 44 anos que acredito  
sem arrependimentos  
hoje increú interrogo  
quem matou os sonhos antigos

para mim será abril sempre  
na mente e nos desejos  
da liberdade, igualdade, fraternidade  
falta nascer o homem novo  
a sociedade nova  
o mundo remoçado  
que dê vida a este desiderato

espero o renascer das utopias  
neste outono de vida  
um 25 de abril sempre  
mas com poesia

\*\*\*

574. *soletras autonomia, 14 abr 2013*

ilhas de névoas e gaze  
de novelões e conteiras  
do verde e do azul  
ó gente de basalto  
quem canta a tua gesta?

terras de maroiços  
cais de rola-pipas  
mar imenso abraseado  
lacerado por vulcões  
ilhas de bardos e músicos

republicanos presidentes  
poetas, pintores e artistas  
anteros, nemésios e natálias

quem te liberta das grilhetas

do passado feudal  
da escravatura da fé  
do atavismo ancestral?

soletras autonomia  
gaguejas liberdade  
titubeias emancipação  
com laivos de insubmissão  
como a irmã galiza  
cicias um 25 de abril  
que tarda em chegar

\*\*\*\*

573. *fados e sambas, 5 abr 2013*

ser ilhéu é um fado triste  
entoado como um samba alegre  
cantigas ao desafio  
cantorias desgarradas

os corpos e as palavras  
pintam realidades inesperadas  
todos ficam todos partem  
em dia de são vapor  
tão longe sempre perto  
em calafonas e canadás

ser ilhéu é um fado triste  
entoado como um samba alegre  
manta remendada de nove cores  
tapete voador da saudade  
sementes da memória  
nas paredes do tempo  
rasgando o silêncio  
mundos mágicos sem chave

e eu ilhéu de abril  
filho de muitas ilhas  
choro este fado

\*\*\*

627. (à poesia), moinhos, 16/8/2013

imagino a poesia  
de cravo e bandeira na mão  
gritando a plenos pulmões  
que a liberdade é merecida  
que a rua é dos poetas  
que o 25 de abril não é de todos  
mas será sempre para todos  
mesmo para aqueles que o negam

imagino a poesia  
de manifesto e megafone na mão



declamando a alforria  
das conquistas irreversíveis  
quando os esbirros vierem  
feitos controladores do pensar  
sei que ela estará lá  
e abrirá o peito às balas

e o sangue que jorrar  
será poema e arma  
e o corpo desvanecido  
será escudo e estandarte  
para que a liberdade não morra  
nem haja estertor do povo  
com ela será 25 de abril sempre

que ninguém nos cala  
e a voz dos poetas  
troa mais que a da bala

CRÓNICA 249 25 DE ABRIL FOI ONTEM 25.4.19



O dia amanheceu sombrio e enevoadado como a augurar um sebastianismo sempre adiado, os sinos da igreja não repicaram e as suas portas mantiveram-se fechadas todo o dia, ninguém quis abri-las que nisto de igrejas e abril há uma certo mal-estar congénito há uns 45 anos.

A empregada doméstica ficou em casa contrariada pois queria vir trabalhar hoje e eu insisti veementemente na relevância que esta data e outras (como 1º de maio, 1º de dezembro e 5 de outubro) têm para mim...afinal são para mim o mesmo que os feriados religiosos são para ela...se ao menos entendesse ....

Na casa ao lado uns artesãos dão conta do seu trabalho de pedreiros e pintores impérvios à relevância deste dia. Os empregados de recolha de lixo urbano fizeram a sua ronda habitual como s e se tratasse de um dia qualquer e o minimercado tinha as portas abertas como em qualquer outro dia.

Nai vi um único cravo todo o dia até alguém vir trazer um a esta casa de abril como sempre acontece. Na TV um bando de hipócritas democraticamente eleitos cumpriam um ritual de palavras ocas, muitos sem ostentarem o cravo como o próprio presidente desta república. Pensei que abril foi feito para acabar com esta gente que a TV me mostrava, mas devia ter-me enganado há 45 anos, quando sonhei os sonhos que abril abriu e que não se cumpriram. O mais estranho é que ainda sonho com abril, e ainda sonho os sonhos de abril, deve ser efeito da idade avançada e da falta de discernimento, pois abril é cada vez menos possível, é, cada vez menos viável, é, cada vez menos provável. Mas sonhar ainda não foi proibido embora o juiz Moro do Brasil, que nos visitou há dias, gostasse de o proibir, com efeitos retroativos. Só eu e alguns poucos gostavam de ter um calendário a marcar dia 25 de abril, dia após dia, na parede do escritório, mas dias sem corrupção, nem nepotismo, nem injustiça, nem fome, nem guerra, dias de abril responsáveis e atitudes informadas com sabedoria e riqueza.

Mais pessoas ainda haverá capazes de usarem o poder político para melhorar a vida dos que obedecem e calam, e fazer deles seres informados, capazes de interpretar, discursar e debater o que é melhor, com base na criatividade de uma educação que os torne em seres pensantes e não em carneiros seguidores de manipuladores sem escrúpulos. Pessoas capazes de pensarem, como cidadãos europeus, na relevância de votarem dia 26 de maio em vez de se absterem como vai acontecer a uma maioria esmagadora da população portuguesa, em especial nos Açores. 25 de Abril Sempre!

Acordei hoje a imaginar que finalmente a “minha” Lomba da maia ia beneficiar do desenvolvimento turístico que assola estas ilhas com a projetada construção de um Hotel de 4 estrelas e 393 quartos na Lomba da Maia, sobranceiro á idflica Praia da Viola, mesmo ali ao fundo do caminho Rural da Grota dos Vimes (em frente á bomba de gasolina da Lombinha da Maia). A vista é soberba, a estrada está feita, bastava apenas criar um acesso decente para descer à praia e um enorme parque de estacionamento nos pastos circundantes com vista até toda a costa da Bretanha e inolvidáveis visões do por do sol.



(o local ideal ali ao fundo na Praia da Viola)

Sim, por que não? é uma legítima aspiração da terra que tem uma praia de sonho com cascatas de água e um belo surf, ara aqueles que se aventuram para lá do Miradouro do Ti Domingos. Afinal a Ribeira Grande está a investir em centenas de quartos de hotel na orla do Monte Verde com acesso direto à praia, Vila Franca vai ter o maior hotel do arquipélago com 5 andares e quase 600 quartos em Água d’Alto e a Lagoa também vai ter mais hotéis que pululam como cogumelos na paisagem rural desta ilha. Em ponta Delgada já há hotéis às dúzias e nós aqui na costa norte sem nada de jeito... Também se podia construir outro hotel na paradisíaca Praia dos Moinhos de Porto Formoso (o que lá há é AL legal e ilegal, mas nenhum hotel decente) com acesso direto à praia lá para os lados do fim da estrada da Ladeira da Velha ao pé do miradouro que fizeram há anos.



(o local ideal ali ao fundo na Praia dos Moinhos)

Nesta zona da costa norte sem grandes oportunidades de emprego, os hotéis iriam desenvolver a economia local dependente das vacas e do chá. Claro que haverá sempre os maledicentes que são contra o progresso, seja ele bases espaciais em Santa Maria ou o Hotel de Água d’Alto, seja o turismo de cruzeiros em Ponta Delgada e que não entendem que a ilha de São Miguel tem o potencial para ser um enorme novo Funchal aberto ao turismo de todo o mundo, como motor de toda a economia, capaz de salvar a SATA da bancarrota, a SINAGA da extinção, a ATA e outras empresas públicas e parapúblicas que necessitam destas injeções maciças de investimento ... sem falar claro na débil indústria da construção civil que precisa de construir 3 ou 4 megahotéis todos os anos para ser rentável, e estradas novas, novos parques de estacionamento para turistas, novas companhias de transporte de turistas, novas companhias de turismo subaquático e marinho, barcos para alugar, guias para os trilhos, eu sei lá. São infundáveis as potencialidades de trazermos todos os anos mais de um milhão de pessoas para verem os Açores. Dentre eles centenas iriam apaixonar-se e ficar cá recuperando casas devolutas, criando novas oportunidades de desenvolvimento. Políticos com esta visão de futuro já temos em todos os quadrantes políticos, investidores da Rússia às Arábias não faltam e é este o futuro que nos espera, até a National Geographic nos chamou o Hawai do Atlântico. Bora lá toca a construir hotéis, um novo aeroporto, um novo porto de águas profundas, heliportos e, quem sabe, uma doca para submarinos de turismo para os mais afluentes.

Claro que temos de ter em atenção as queixas bairristas das outras ilhas, sempre invejosas do progresso da ilha de São Miguel e desviar para elas os excedentes da procura, em especial aqueles que pretendam conhecer as ilhas como lugar ecologicamente equilibrado, intocado pelo progresso e pelas massas de turistas.

**CRÓNICA 251 PODIA FALAR MAS NINGUÉM IA OUVIR OU ENTENDER... 2 MAIO 2019**

Podia falar da tentativa de golpe de estado na Venezuela mas não vale a pena, temos ditadores de um lado e de outro e os apoiantes de cada lado não primam nem pela decência nem pela democracia.

Podia falar das campas de militares abandonadas em África que o Estado Português não traslada para Portugal por, alegadamente não ter dinheiro (acaba de perdoar mais de cem milhões de euros a um dos mais ricos portugueses, João Pereira Coutinho que vendeu a SIVA à Porsche por um euro), comprovando o que ando a escrever desde os anos 1960, em África e noutros locais para onde fomos mandados fardados pelo exército colonial éramos mera carne para canhão. Podia falar dos biliões já gastos pelo mesmo Estado a salvar bancos falidos sem compensar os pobres clientes desses bancos que ali tinham as suas poupanças.

Podia falar da anedota da semana, uma zebra às cores que uma delegação do CDS em Arroios (Lisboa) queria implementar contra a homofobia, talvez se se pintassem às cores LGBTs tivessem mais sucesso eleitoral...

Podia falar do silêncio mundial sobre as catástrofes em Moçambique mas fica longe (e quase ninguém sabe bem onde é).

Podia falar da dívida pública portuguesa ter ultrapassado os 250 mil milhões em março (mas também ninguém quem é ou onde fica).



Podia falar do preço dos combustíveis nas ilhas Canárias: gasóleo 0,86 cêntimos e Gasolina 98 a 0,91€, enquanto nos Açores custam respetivamente, 1,262€ e 1,556€.

Podia falar do salário mínimo cá (€630.00) e lá (600.00€) ou mesmo no Luxemburgo (2071,70€ em janeiro 2019).

Podia falar daquele hotel que querem construir com mais de 500 quartos em Vila Franca do Campo (Água d’Alto) (ou do outro prestes a concluir na Ribeira Grande com mais de 300 quartos) mas sei que me virão dizer que vai criar muito emprego (de pessoas que não existem pois não estão qualificadas para lá trabalhar), podem dizer que a praia está sempre sempre sempre deserta e o hotel nem se vê da estrada Regional (disse-o o senhor Presidente da Câmara local), ou que maqueta não fazia jus á beleza do mono (uma caixa de fósforos comprida (e ninguém sabe já o que são fósforos), podem dizer que é de um empresário madeirense de sucesso (mas quem é que no seu juízo quer a funchalização dos Açores???), que os custos são suportados a 85% pela Europa (como se a EU percebesse do balanço ecológico e sustentável deste arquipélago)

Podia falar de tempos antigos que, FELIZMENTE não voltam mais, embora surjam mais e mais saudosistas que decerto nunca viveram nesta triste realidade...

Podia falar disto tudo ou mais... mas hoje ninguém fala, de olhos postos nos smartphones ou quejandos, perdeu-se o gosto por falar, o vocabulário reduzido a grunhidos ininteligíveis...

**Educação no tempo do Salazar**

**ISTO SIM, ERA EDUCAÇÃO !!!**

Frases retiradas de revistas femininas da década de 50 e 60

- Não se deve irritar o homem com ciúmes e dúvidas. (Jornal das Moças, 1957);
- Se desconfiar da infidelidade do marido, a esposa deve redobrar seu carinho e provas de afecto. (Revista Cláudia, 1962);
- A desarrumação numa casa-de-banho desperta no marido a vontade de ir tomar banho fora de casa. (Jornal das Moças, 1965);
- A mulher deve fazer o marido descansar nas horas vagas. Nada de incomodá-lo com serviços domésticos. (Jornal das Moças, 1959);
- Se o seu marido fuma, não arranje zanga pelo simples facto de cair cinzas nos tapetes. Tenha cinzeiros espalhados por toda casa. (Jornal das Moças, 1957);
- A mulher deve estar ciente que dificilmente um homem pode perdoar a uma mulher que não tenha resistido a experiências pré-nupciais, mostrando que era perfeita e única, exactamente como ele a idealizara. (Revista Cláudia, 1962);
- Mesmo que um homem consiga divertir-se com sua namorada ou noiva, na verdade ele não irá gostar de ver que ela cedeu. (Revista Querida, 1954);
- O noivado longo é um perigo. (Revista Querida, 1953);
- É fundamental manter sempre a aparência impecável diante do marido. (Jornal das Moças, 1957);
- E para finalizar, a mais de todas:  
**O LUGAR DA MULHER É NO LAR. O TRABALHO FORA DE CASA MASCULINIZA.** (Revista Querida, 1955).

**A CONCLUSÃO A QUE TODOS OS HOMENS CHEGAM:**

**Já não se fazem mais revistas didácticas e carregadas de moral e amor como antigamente...**

CRÓNICA 252 COISAS DOS ROMANOS 6 MAIO 2019

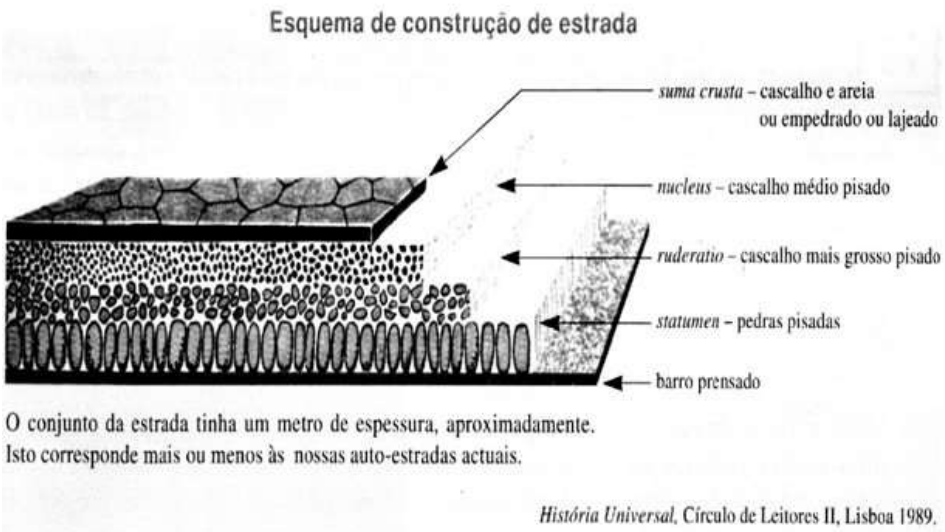
Estava há dias a ver um documentário televisivo sobre as dez melhores criações romanas (há dois mil anos ou mais) e, salvaguardadas as devidas diferenças, assumi que devo ter nascido na era errada.

Vejamos algumas delas:

- a) Cidades construídas numa grelha retangular e quadrangular
- b) Esgotos e sanitários com sistemas de canalização que evitavam a contaminação nas cidades sempre garças à água corrente que os alimentava.
- c) Estradas (sempre que possível em linha reta) construídas para durar (muitas delas ainda hoje estão em perfeito estado de utilização com as suas camadas, uma cama de pedra e areia, outra de pequenas pedras e gravilha e por cima o pavimento empedrado.
- d) Aquedutos construídos desde 312 a.C., feitos arquitetónicos notáveis, muitos deles com vários andares e sobre vales e rios, que abasteciam enormes reservatórios, usando a força da gravidade para um fluxo constante
- e) Betão capaz de solidificar em ar, terra ou água, com capacidade de aumentar a sua resistência e durabilidade com o tempo, com diferentes gradientes fosse para paredes, fundações ou arcos abobados, muitas vezes fortalecidos com pedra e cinza vulcânica para evitar a decadência química. Muito mais forte e resistente do que é feito hoje. (Essa receita romana – uma mistura de cinzas de vulcão, oxido de cálcio, agua do mar e pedaços de rocha vulcânica – segura cais, ancoradouros, quebra-mares e portos. E ao contrário dos materiais de hoje em dia, quanto mais o tempo passa, mais forte esse concreto fica. Um grupo de cientistas diz que essa durabilidade é resultado da reação entre a água do mar e o material vulcânico no cimento, criando novos minerais que reforçam o concreto.)







Depois de prestar muita atenção a estas e outras notáveis novidades tecnológicas com mais de dois mil anos, dei comigo a interrogar-me sobre qual a razão de o atual concreto ter pouca durabilidade (50 anos em média), desintegrando-se e sendo corroído pelo próprio ambiente em que está inserido e se andarem a construir hotéis e outras habitações que pouco vão durar e a única razão válida é que a maior parte deles serão abortos arquitetónicos como o que irá surgir em Vila Franca do Campo (Água d'Alto) com mais de 500 quartos e – como tal – condenados a serem abatidos, mais cedo ou mais tarde. A sua utilidade é tão reduzida que o betão pode ser de fraca qualidade. Já agora construam mais portos para os cruzeiros em todas as ilhas, que qualquer tempestade, mais cedo ou mais tarde, irá destruir. Há portos romanos como o primeiro porto artificial de Caesarea Maritima (Cesareia, Israel) que sobrevive hoje.

Aliás, o imediatismo das construções parece ter tomado conta de todos os governantes. Quando em 2008 sugeri em crónica publicada que se deveriam começar a construir reservatórios de água na cilhas dos Açores, para evitar futuras faltas de água, devido às mudanças climáticas, ninguém me ouviu nem levou a sério. Já em 2018 a lavoura e pecuária mostraram algum interesse em construir reservatórios para abastecer o gado., mas, de uma forma geral, tudo continua por fazer. Governos e políticos reativos em vez de serem pró-ativos.

Escrevi então no Diário dos Açores 13.11.2008:

... O RESTO DA ILHA NEM SE APERCEBEU.

Continuam todos felizes, sem se darem conta da falta de água aqui na Costa Norte, a esvaziarem os depósitos do autoclismo em vez de os encherem de garrafas de água cheias ou de tijolos para preservarem a água que temos. Esta ilha não para de me espantar. Desde que cá cheguei, biliões de litros de água vieram diretamente das nuvens para as ribeiras que os despejam no mar. Um equilíbrio perfeito com a natureza, mas que esqueceu a presença humana. Espero que alguém já tenha lido alguma coisa sobre as mudanças climáticas que se avizinham e comece a construir reservatórios maiores antes de esta ilha se começar a parecer com a metade seca da ilha de Santa Maria ou com a aridez das Canárias e de Cabo Verde. Nessa altura será tarde demais, a menos que nas terras altas como na Lomba da Maia tenhamos reservatórios suficientes para as nossas necessidades e deixemos de depender dos outros que não cuidam de nós como nos prometeram antes de serem eleitos para defenderem os nossos interesses.

Claro que se compreende a não-preocupação pois a futura falta de água não dá votos a vencer eleições...e quando os começarem a construir pode ser que não chova o suficiente para os encher... nessa altura será culpa das alterações climáticas e não da falta de visão dirigente. Não sei como mas gostava de poder clonar algumas mentes romanas e colocá-las em posições de poder, para construírem estradas que durem, fazerem betão milenar, reintroduzir aquedutos e reservatórios capazes de abastecerem todos com a água que vai faltar, mesmo nesta zona de clima subtropical chamada Açores.

Resta-me votar “Romanos” nas próximas eleições.

### CRÓNICA 253 AÇORES RICOS OU POBRES DOS AÇORES, MAIO 8.2019

Acabo de ler as últimas notícias da semana sobre os Açores com títulos sugestivos “Os salários mais baixos são os dos Açores”, “Açores é a região mais pobre de Portugal”, “A SATA perde um milhão por semana”... Os Açores têm uma economia do tipo “não ata nem desata” seja a SATA, seja a ATA, seja a SINAGA; Lotaçor, Saúdaçor, Portos dos Açores, Azorina, Espada Pescas, SDEA, SPRHI (Sociedade de Promoção e Reabilitação de Habitação e Infraestruturas, S.A. ) Ilhas de Valor, conserveira Santa Catarina, Teatro Micaelense, Atlanticoline ou qualquer outra das empresas públicas (a única que dá lucros é a EDA)em que a dívida pública aumenta sem parar, graças a todas estas e outras empresas falidas para as quais se arranjam sempre uns milhões mais para deitar fora, e empregar mais uns tantos executivos.

A manipulação estatística é uma obra notável do grande timoneiro Sérgio Ávila, o homem ao leme que só vê lucros onde outros apenas vislumbram prejuízos avassaladores e que, em plena borrasca, fala do sol radiante da economia açoriana.

Há 77 mil açorianos em risco de pobreza, e mais 29 mil vivem em situação de privação material severa, em média aqui ganha-se menos 1829 euros do que a média nacional...e nos Açores há quatro vezes mais pessoas a receber o RSI do que no resto do país... Por cada 100 pessoas com 15 ou mais anos, nos Açores, 12 têm este apoio. Segundo dados de 2016, a média do país situa-se nos 3,2%. Por outro lado, um em cada quatro jovens dos 18 aos 24 anos (27,8%) já não está a estudar e não tem o ensino secundário completo. A taxa de abandono escolar precoce é cerca do dobro da média nacional, que se situa nos 13%.

A maioria da população das ilhas com 15 ou mais anos, e à semelhança do que acontece do continente, não tem mais do que o 9.º ano de escolaridade. Nos Açores, são sete em cada dez. Nos Açores, há 84 idosos para 100 jovens (dados de 2016), quando, em 2011, eram cerca de 60. São Miguel é a ilha mais jovem – são 64 idosos para 100 jovens. Já nas Flores, a mais envelhecida, para dez jovens contam-se 15 idosos.

Os Açores, com um índice de poder de compra de 85% da média portuguesa, têm um PIB que é 2,1% do valor nacional. Temos um nível de poder de compra inferior ao nacional, incapazes de gerar valor e com um peso p de geração de riqueza que se fica por metade do padrão nacional no setor privado. Mas apesar disto (e as estatísticas mais recentes são piores do que a indicadas) congratulo-me com o invisível sucesso económico das ilhas, (em especial São Miguel, o Funchal do século 21), onde nascem hotéis e AL como se fossem cogumelos, com 350 camas na Ribeira Grande, e – espanto dos espantos - mais de 500 num aborto que querem implantar em Água d’Alto (um monólito de cimento no meio da paisagem...



Como há semanas escrevia um turista ocasional ( Mário Roberto )



Nesse terreno prepara-se para surgir “o maior hotel dos Açores”, um trambolho com 5 andares, 280 quartos e 583 camas numa zona que ainda mantém muito da ruralidade que caracterizava aquela zona e que se situa a alguns metros da praia da Pedreira uma aprazível zona balnear. Uma das justificações mais brandidas em defesa desse empreendimento tem sido a do número de empregos com que vai beneficiar o concelho de Vila Franca do Campo e outros lugares da ilha. Como se sabe, embora as pessoas pareçam não querer saber, esses empregos poderão ser sazonais e até mesmo mal remunerados. Para além disso há um outro aspeto que me parece decisivo: como se sabe o turismo pode ser algo muito flutuante e até efêmero. Catástrofes naturais, guerras têm feito os turistas procurar outros destinos. Basta uma crise sísmica mais violenta para as pessoas deixarem de olhar para as ilhas açorianas como a coqueluche das paragens “a visitar antes de morrer”. Caso aconteça, o que não é assim tão inesperado, teremos uma manada de elefantes brancos a ficarem cada vez mais decadentes... Que virá fazer para cá um turista quando esta terra se transformar num imenso parque em que tudo é feito em função dessa mina de ouro que se considera ser o turismo? Pessoalmente ( eu às vezes também sou turista) prefiro um destino aprazível, genuíno, culturalmente rico e despoluído. Nós temos isso tudo aqui mas parece que estamos apostados em transformar os Açores num sítio para onde ninguém quer vir passar as suas férias.

Ou como escreveu Filipe Tavares:

Uma grande contradição na governação de Marta Guerreiro (Secretaria Regional da Energia, Ambiente e Turismo), a sugerir que a sustentabilidade proclamada é apenas uma “fachada”. O que fez ou fará para evitar a construção deste hotel (580 camas) ao qual o Governo dos Açores atribui a classificação PIR – Projeto de Interesse Regional que permite o financiamento comunitário de 85% do seu valor a fundo perdido. E o Autarca de Vila Franca do Campo, Ricardo Rodrigues (forte defensor da incineradora) está, mais uma vez, a provar que o seu contributo enquanto decisor político é de se lamentar, atendendo nada fez para evitar este projeto através da alteração do PDM. Não podemos permitir que o turismo predador tenha espaço nos Açores!!! Os nossos governantes estão a atrasar a implementação / atualização de planos importantes como o PEPGRA (plano de gestão de resíduos) e o POTRAA (Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores). Estamos desde 2015 à espera que o PEPGRA seja atualizado de acordo com a diretiva europeia para a Economia Circular. É graças a esse “conveniente” atraso que a incineradora prevista para a ilha de São Miguel será financiada. Relativamente ao POTRAA – Plano de Ordenamento Turístico da Região Autónoma dos Açores, está em “banho maria” há 6 anos, para a conveniência de alguns e para que seja permitida a construção e financiamento de “abortos arquitetónicos” desproporcionais ao modelo de turismo que se pretende para a nossa Região, como é o caso do hotel que está prestes a inaugurar na Ribeira Grande (350 camas) e o hotel que pretendem construir em Água d’Alto (580 camas), junto à imaculada praia do Degredo.

E como já escrevi, em tempos, a débil indústria da construção civil precisa de construir 3 ou 4 megahotéis todos os anos para ser rentável, e estradas novas, novos parques de estacionamento para turistas, novas companhias de transporte de turistas, novas companhias de turismo subaquático e marinho, barcos para alugar, guias para os trilhos, eu sei lá. São infundáveis as potencialidades de trazermos todos os anos mais de um milhão de pessoas para verem os Açores. Dentre eles centenas iriam apaixonar-se e ficar cá recuperando casas devolutas, criando novas oportunidades de desenvolvimento. Políticos com esta visão de futuro já temos em todos os quadrantes políticos, investidores da Rússia às Arábias não faltam e é este o futuro que nos espera, até a National Geographic já nos chamou o Hawai do Atlântico. Bora lá toca a construir hotéis, um novo aeroporto, um novo porto de águas profundas, heliportos e, quem sabe, uma doca para submarinos de turismo para os mais afluentes e depois vou fugir para onde, Formigas? Ilhas Desertas?

CRÓNICA 254 SIMPLEX PRECISA-SE PARA A CÂMARA DA RIBEIRA GRANDE 14.5.19

Vivo nesta freguesia desde há 15 anos e creio que no total me desloquei por motivos camarários 2 ou 3 vezes nesses íterim aos serviços municipais da sede do concelho a que pertenço. Sempre fui bem atendido, de forma cortês e eficaz.

Hoje porém, usando os serviços de comunicação eletrónica, fiz uma pergunta sobre um serviço disponibilizado com custo pago pelo munícipe e lamento chegar à conclusão de que a Câmara da Ribeira Grande ainda está no século 19...

pretendia agendar uma limpeza de fossas domésticas e foi-me dito que teria de me deslocar aos serviços, preencher um formulário e pagar a taxa...insisti que tinha dificuldade em deslocar-me da costa norte à sede do concelho, mas não posso pagar à distância, não, foi a resposta cortês, mas assertiva, tem de vir cá...

Suspeito que terão medo de que a minha assinatura não seja real no formulário enviado eletronicamente? saberão que já existem meios de pagamento eletrónico não-presencial?

resultado: contratei privados para executarem o trabalho e recolherem os fundos que doutro modo teriam ido para os cofres municipais...precisa-se SIMPLEX para a Câmara da Ribeira Grande...

nem me dei ao trabalho de indagar se os restantes serviços funcionam assim, pois este bastou-me.

Claro que estou grato pela simplificação já efetuada e que não me pede um requerimento em papel azul de 25 linhas, com assinatura reconhecida pelo notário, acompanhada de um requerimento atestando que sou pessoa de bem, emitido pela Junta de Freguesia local, assim como comprovativo de que vivo nela há mais do que “x” tempo, nem me pediram a cópia de IRS ara determinarem a taxa moderadora a aplicar, nem me pediram registo criminal.

Francamente vê-se que não saem muito dos seus gabinetes e usam meios de transporte privados, (ou esqueceram-se da população que também paga os seus impostos e taxas e vive em zonas rurais, como eu), pois uma deslocação destas em horário de expediente e conhecendo as fraquezas do sistema de transportes coletivos existente (modelo em vigor ainda bem típico dos anos 1970 no interior do Portugal profundo de antes do 25 de abril) seria uma tarefa para mais de meio dia perdido (se apanhasse o transporte certo pela manhã, saindo pelas 08.00 poderia regressar pelas 13 horas, se me despachassem rápido).

Mas imagino que as filas de espera em todos os serviços públicos sejam como as de obtenção de Cartão de Cidadão em Portugal



Já aqui falei, em tempos, que em termos de transportes públicos ainda vamos na era dos Flinstones e o monopólio existente não gosta de reclamações nem de sugestões, a palavra-chave é lucro a qualquer custo... e ali também a aquisição de passes é presencial em horários definidos para quem não trabalha, porque os outros dificilmente apanharão a bilheteira aberta na central de camionagem na Ribeira Grande.

A título (meramente) comparativo lembro o exemplo das Finanças:

*há documentos que podem ser obtidos, diretamente, através do Portal das Finanças? Pois é, há documentos que estão acessíveis através de um clique e que evitam uma ida desnecessária às Finanças.*

*De acordo com a informação disponibilizada pelo Fisco no [Boletim Informativo](#), relativo ao 1.º trimestre, estes mesmo documentos "se solicitados diretamente nos serviços, serão pagos de acordo com a tabela emolumentar em vigor".*

*Tome nota dos documentos que pode 'descarregar' online de forma "totalmente gratuita":*

**Certidões**

- *Liquidação de IRS;*
- *Renúncia de Isenção de IVA – Imóveis;*
- *Residência Fiscal;*
- *Sujeito Passivo/Recup. IVA Estrangeiro;*
- *Residente Não Habitual;*
- *Domicílio Fiscal;*
- *Dívida e não Dívida;*
- *Predial Negativa;*
- *Predial.*

**Comprovativos**

- *Dispensa de entrega da declaração Mod 3 de IRS;*
- *Comprovativo do Agregado Familiar;*
- *Comprovativo de Pagamento de IUC.*

**Cadernetas**

- *Caderneta Predial Urbana;*
- *Caderneta Predial Rústica.*

**CRÓNICA 255 A PROPÓSITO DA MORTE DE BOB HAWKE E DO MEU ENCONTRO COM ELE EM 1989 16.5.2019**

Morreu hoje aos 89 anos, Bob Hawke, um notável 1º ministro trabalhista australiano 1983-1991 (ganhou as eleições de 1983, 1987 e 1990) foi o 23º a assumir o cargo, e o trabalhista que mais anos esteve no poder.

Além de ter quebrado o sindicato dos estivadores que, constantemente paralisavam o país, teve ações notáveis como a modernização da economia (o célebre *The Accord* com as centrais sindicais em 1983 garantiu um aumento de 3% pago como reforma, “superannuation” pelos patrões), reformulou o sistema de saúde introduzindo o Medicare (sistema de saúde universal), aumentou as taxas de retenção escolar, aumentou os programas de formação para jovens (incluindo o mais célebre Traineeship no qual estive anos envolvido), combateu a pobreza, parou a construção da barragem Franklin na Tasmânia a favor da ecologia, preservou florestas ancestrais, devolveu a titularidade das terras aos aborígenes.

Nascido em 1929 na Austrália do Sul, filho de uma professora e um membro do clero, mudou para Perth onde estudou e frequentou Oxford como académico Rhodes.



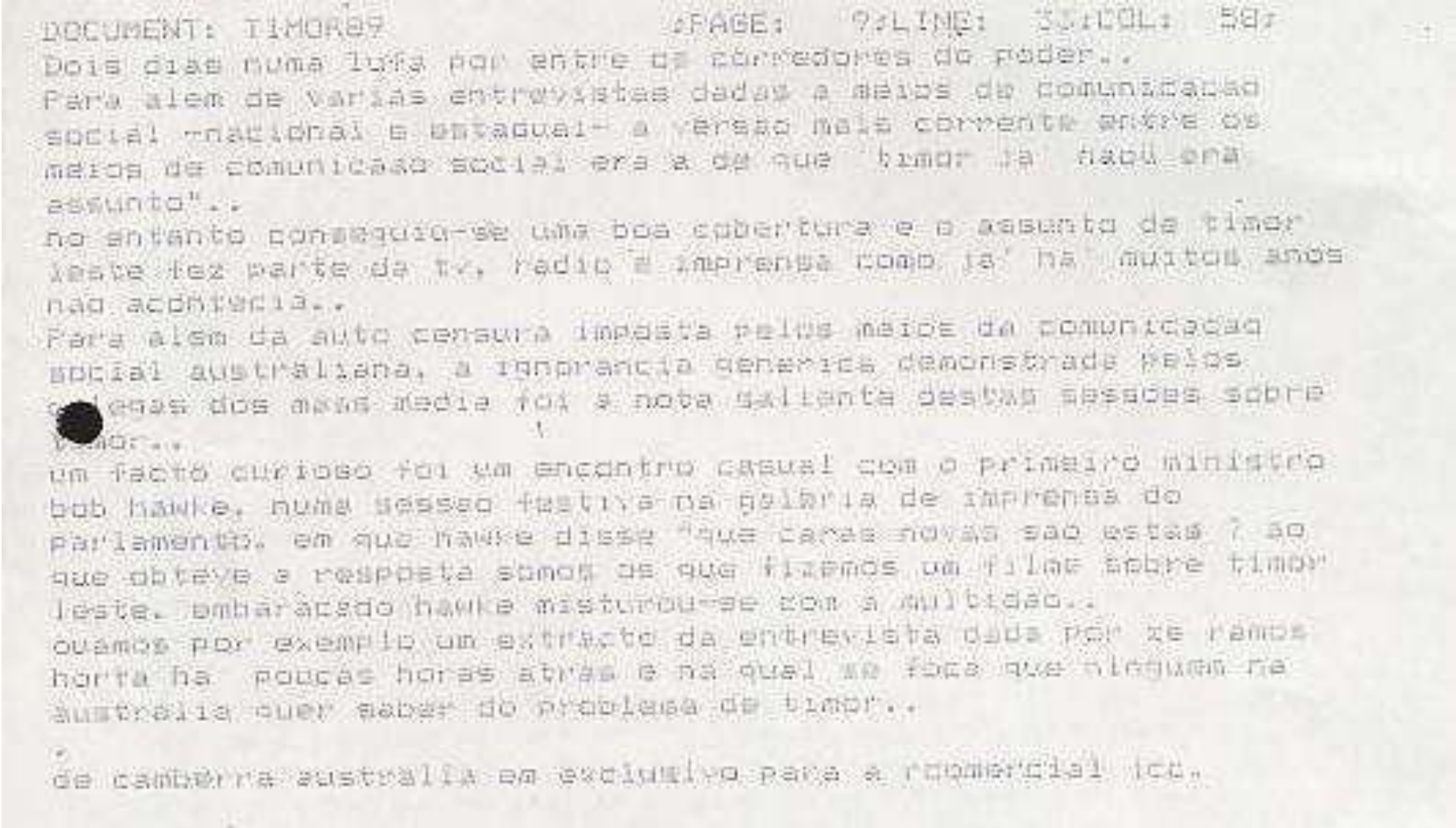
Desde 1958 ligado ao sindicalismo foi o seu presidente (durante dez anos) na ACTU (confederação sindical) a partir de 1970, opondo-se ferozmente ao apartheid sul-africano. O excesso de bebida e os seus affairs com muitas mulheres eram julgados um impedimento quando as suas ambições políticas o levaram a tentar liderar o país, depois de ter sido eleito deputado em 1980 e ter destronado o líder do partido (Bill Hayden) em



fevereiro 1983 e um mês mais tarde venceu o conservador Malcolm Fraser nas eleições. ... em 1991 foi deposto pelo seu ambicioso Ministro do Tesouro, Paul Keating...

Há vários textos meus sobre o tema, mas em agosto 1989, no dia de aniversário de Bob Hawke, juntamente com o cineasta Gil Scrine e Ramos Horta entramos no Parlamento pela porta da cozinha e surpreendemos Bob Hawke na sala de imprensa antes dele cortar o bolo manifestando-nos contra o apoio do seu governo à Indonésia e contra Timor Leste...há uma pequena notícia da Lusa que enviei sobre o assunto, aquando da nossa ida a Camberra promover o filme *Buried Alive* (Enterrados Vivos) sobre Timor e a ocupação indonésia apoiada por Camberra, como a seguir recuperamos do livro “Trilogia da História de Timor, 4ª edição de 2015”<sup>7</sup>.

Vale a pena ler estes extratos do livro...



141. FILME SOBRE TIMOR NO PARLAMENTO AUSTRALIANO • SIDNEY, 18 agosto 89 LUSA)

Ontem e hoje em Camberra realizaram-se sessões especiais com a exibição do filme de Gil Scrine "Enterrados Vivos – a história de Timor-Leste". As sessões foram apresentadas pelo deputado trabalhista Tony Lamb, tendo estado presentes deputados, senadores e o embaixador português José Luís Gomes. Durante estes dois dias os meios de comunicação australiana fizeram diversas entrevistas ao realizador do filme, Gil Scrine e a José Ramos-Horta da Convergência Nacionalista. Naquelas entrevistas foi focada a autocensura imposta pelo governo australiano e pelos órgãos de comunicação social australianos ao assunto de Timor, e ao contraste dessa atitude face a outros focos de violações de direitos humanos no mundo.

No filme "Enterrados Vivos" são focados aspetos da diplomacia internacional, das pressões das grandes potências para não discutir o problema de Timor, da apatia diplomática da Austrália e da contrainformação Indonésia. A Lusa tentou entrevistar os principais porta-vozes da oposição para a diplomacia e negócios estrangeiros e estes bem como os do governo escusaram-se alegando que "o problema de Timor já não é assunto". Esta é também a opinião de alguns órgãos de informação, os quais, no entanto revelaram desconhecer a próxima visita do Papa e a carta que monsenhor Belo enviou a Javier Pérez de Cuellar secretário-geral da ONU.

Um total de seis entrevistas para a rádio e TV – nacionais e estaduais - o balanço da ação de Ramos-Horta e Gil Scrine depois de dois dias de intenso lobbying nos corredores do poder em Camberra.

Como nota curiosa numa sessão na galeria de imprensa do parlamento, o primeiro-ministro Bob Hawke, o ex-líder da oposição e outros políticos do governo e oposição foram presenteados com um bolo representando os 9 biliões de dólares que representa o superavit governamental dos últimos doze meses.

A recebê-los estavam não os habituais cronistas da TV e rádio, mas Gil Scrine, Ramos-Horta, Jim Dunn (ex-cônsul da Austrália em Timor), o autor e outras personagens afetas à causa de Timor.

Hawke mostrando-se surpreendido perguntou: "caras novas?" tendo-lhe sido dito que se tratava apenas das pessoas que não queriam deixar morrer em silêncio o problema de "Timor enterrado vivo". Hawke sorrindo afastou-se calmamente, recusando-se a confirmar se tinha estado presente na celebração do dia nacional da Indonésia que ontem se celebrou em Camberra.

142. ENTERRADOS VIVOS – NOVO FILME SOBRE A SAGA DE TIMOR-LESTE ° SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

Em junho 1989, em Sidney teve lugar mais um festival internacional do filme com a apresentação de cerca de 300 películas de toda a parte do mundo. Filmes ocidentais de estúdio, filmes experimentais da Polónia, URSS e outros países do leste, filmes africanos, Sul-americanos e asiáticos, foram apresentados perante uma audiência diária de mais de duas mil pessoas durante os vinte e oito dias da mostra.

Se bem que não estivessem presentes peças portuguesas, um tema benquerido a Portugal foi focado numa produção de Gil Scrine dedicada a Timor-Leste com o título de "Buried Alive (Enterrados Vivos)".

A película iniciou a sua distribuição pelos circuitos comerciais normais, tendo já sido adquirida pela cadeia nacional de TV australiana "ABC", e pela cadeia de TV independente inglesa "ITV-4", e trata-se de um filme a não perder.

As primeiras imagens dão um retrato da Lisboa dos anos 50, com percursos pela baixa citadina e curtas incursões às cenas tipicamente terceiro-mundistas do bairro alto, contrastando com o ar imponente das estátuas da Baixa e do marechal Carmona, sob o olhar aquilino e atento de Salazar. Entremeado de discursos narrativos de jornalistas, políticos e sob a potente dialética de Noam Chomsky que perdura ao longo dos sessenta minutos, passa-se então para o mapa da Europa com o império colonial português sobreposto, dando a noção da vastidão do império.

<sup>7</sup> CD Trilogia da História de Timor. 2015, 3760 páginas, contém os 3 vols. e ed. em inglês do 1º vol., ed. AICL, Colóquios da Lusofonia. 4ª ed. AICL, Colóquios da Lusofonia <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/obras-do-autor/1076/trilogia-de-timor-3-vols-interativa-cd-ed-3-2018.zip>. Ou leia todo o livro em <https://meocloud.pt/link/0f421777-0158-43a4-80a8-41c9a0c32c21/TRILOGIA%20COM-PLETA%20compressed.pdf> ou em <https://www.lusofonias.net/arquivos/429/OBRAS-DO-AUTOR/1076/TRILOGIA-DE-TIMOR-3-VOLS-INTERATIVA-CD-ed-3-2018.zip>

<sup>8</sup> LUSA DESPACHO 120/89, 18 agosto 89 LUSA ÁSIA PACÍFICO

<sup>9</sup> EXCLUSIVO PARA O GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.



Cenas de uma África negra dominada pelos colonos brancos sucedem-se até ao dealbar das lutas nacionalistas, cenas do mato, soldados portugueses feridos e mortos sendo evacuados, os discursos patéticos do velho regime, acompanhados de discursos condenadores da velha política colonial portuguesa, na ONU e noutros órgãos.

Uma passagem suave a uma ilha aparentemente desabitada, praticamente virgem de uma beleza inenarrável, dá-nos conta de que existia algures perdida no tempo e no espaço uma parcela colonial esquecida. Sim, era de facto Timor-Leste. A pompa da guarda nativa ao Palácio do Governo, o ritmo lento das ruas vazias centradas no núcleo comercial de Díli, dois quarteirões rodeados de ruas asfaltadas.

Danças tradicionais e a rica cor das "lipas" (panos tipo "sari" indiano enrolados à cintura) perde-se no branco e preto das imagens do ecrã. Cenas do mercado municipal de Díli, da célebre luta de galos e a película passa a ser colorida.

Um aparte curioso de um filme turístico dedicado ao mercado australiano, incitando-o a visitar um dos últimos paraísos do Pacífico, descrevendo Timor como uma terra onde há sempre alguém que fale Inglês, onde as mulheres são de uma extrema beleza e o povo afável.

Uma paródia superficial, descritiva de um Timor que só existia na mente dos produtores do anúncio turístico, da qual perduram na retina as brancas areias das praias e o colorido das lipas.

A narrativa assume agora um corte abrupto, ao passar do idílico Timor para o som e o visual das cenas sangrentas da resistência australiana e timorense contra a ocupação japonesa da 2ª Grande Guerra. O comentário oportuno surge de veteranos australianos de que a Austrália talvez hoje fosse japonesa, não tivessem morrido mais de vinte mil timorenses a auxiliar os australianos. Uma dívida de gratidão totalmente esquecida porque incómoda – alguém comentava.

Cenas pungentes de um documentário australiano da época (1943) mostrando a resistência antinipónica. Desta sequência passamos de uma guerra esquecida para uma revolução inesquecível com a emocionada voz de um locutor de rádio, narrando os acontecimentos do 25 de abril, algures na baixa lisboeta.

O filme segue então o percurso da revolução dos cravos, dos seus ideais e dos seus imediatos resultados.

O "gonçalvismo" é visitado sumariamente para nos explicar como do dia para a noite, os maiores anseios de independência das colónias foram oferecidos de mão beijada a Moçambique e às outras colónias. Os africanos nas ruas celebrando a sua independência e o comentador a acrescentar que foram momentos de pouca dura, dado o período conturbado que se viria a seguir.

Como nota positiva apenas o facto de a bandeira colonial ter sido substituída por um estandarte de povos independentes.

De novo a câmara se volta para o oriente exótico, lembrando que algo ficara por fazer. Timor havia sido esquecido. As imagens acompanham a formação dos principais partidos políticos em Timor, as manifs de rua, a primeira campanha de alfabetização na Ponta Leste e a primeira eleição democrática para um chefe de suco. Curiosamente é mostrado o detalhe da urna de voto, um saco de palha de um metro de altura, dentro do qual estão outros dois mais pequenos, os quais porém não podem ser vistos senão pelos votantes, que se aproximam e deitam no respetivo saco a pedrinha de voto. Resultado da eleição: o chefe tradicional desde 1959 é substituído por outro de maior apoio popular.

João Carrascalão faz a sua análise da situação, então a partir deste momento o filme passa a centrar-se em torno de José Ramos-Horta que relata as aspirações dos timorenses naquela altura.

É a partir desta altura que o filme muda uma vez mais de velocidade. Passa-se para as cenas da guerra civil, os bombardeamentos no cais durante a tentativa de evacuação dos civis, seguida pela evacuação do governo de Lemos Pires o qual é posteriormente entrevistado no Ataúro.

As imagens sucedem-se, Carrascalão conta a sua visita a Jacarta e as falsas declarações dos indonésios. As tropas da Fretilin preparam-se então com as armas deixadas pelos portugueses. A vacuidade dos pedidos de auxílio internacional, a hipocrisia dos australianos, com a visita do então primeiro-ministro Gough Whitlam a Suharto, a promessa de que a Indonésia jamais interviria no processo de Timor, os americanos a aumentarem as suas vendas de armamento ao regime indonésio. As imagens mostram que já não há guerra civil, trata-se já de escaramuças nítidas das forças da Fretilin contra milícias indonésias. Os preparativos da invasão, a preparação para a defesa, os votos de luta até à morte contra o invasor indonésio.

O filme percorre as manchetes dos jornais, as declarações políticas em várias capitais do mundo, depoimentos vários de testemunhas ainda em Timor à data. A inoperância do regime português, a indiferença cúmplice australiana, a campanha denegridora dos timorenses como perigosos comunistas, os últimos preparativos para a invasão até à morte dos jornalistas australianos que testemunhavam em reportagem televisiva as forças invasoras antes de elas terem oficialmente declarado a sua intervenção.

A declaração fugaz da independência a 28 de novembro (1975) para o que seriam nove dias de libertação do jugo colonial.

O hastear da bandeira colonial, pela primeira vez em mais de 460 anos de colonização.

Passa-se depois para a visita do (então) presidente Ford a Suharto, em plena véspera da invasão, documentos secretos mostrando o conhecimento e o "aval" dado pelos americanos àquela. A película percorre depois as imagens terríveis da invasão, da mortandade, as campanhas no estrangeiro dos líderes nacionalistas tentando alertar o mundo para o que se estava a passar, sem que o mundo quisesse ouvir.

Entrevistas com diplomatas e governantes tentando agora depois destes anos todos, explicar que as suas atitudes de então eram justificadas face aos dados existentes à data. Depoimentos vários de sobreviventes, a outra face da miséria no Jamor, e os percursos infundáveis de Ramos-Horta nas Nações Unidas e no comité de descolonização em Nova Iorque.

As forças nacionalistas a tentarem com o apoio dos países lusófonos africanos (PALOP's) manterem a sua voz ouvida no deserto dos corredores do poder mundial.

Do outro lado da imagem, o da segunda colonização mostrando Suharto a inaugurar a televisão em Timor, a pompa militarista e opressora dos novos colonos, dispostos a tudo destruir e matar para justificar a sua injustificável invasão. As imagens mostram as cerimónias de rua com mais bandeiras indonésias do que povo, caras indonésias e não timorenses aclamando o opressor.

A pretensa melhoria de condições de vida proclamada por Jacarta. As câmaras confrontando políticos, nacionalistas e diplomatas em Nova Iorque, Lisboa, Genebra, Camberra, Harare e Maputo. A falta de meios humanos e materiais para os nacionalistas manterem a sua pressão para que o problema não caia no esquecimento.

As comparações da cobertura jornalística mundial ao Camboja e a quase ignorância total sobre Timor. A incongruência do presidente Carter por se ter momentaneamente esquecido dos direitos humanos para aprovar nova venda de armamentos à Indonésia, para que esta pudesse aumentar a sua repressão em Timor.

As votações na ONU, as pressões sobre pequenos países para não votarem contra a Indonésia sob ameaças de cortes de apoio económico. Horta perambulando entre a ONU e o seu humilde apartamento em Nova Iorque. Imagens potentes entremeadas de entrevistas e depoimentos de dezenas de personalidades. O filme termina com Ramos-Horta a sair ainda uma vez mais em busca de nova missão para que a voz do povo de Timor-Leste possa ser ouvida e não caia no esquecimento fácil dos fazedores de notícias.

As imagens bem entrelaçadas com depoimentos de inúmeras personalidades mostram bem o porquê do título: "Enterrados Vivos". Um povo traído, que se recusou a ser vencido, mas que jamais deixa de lutar e que quer a sua voz – apesar de enterrada – forte para que a ouçam.

Falamos com Gil Scrine relativamente a este documentário narrativo da saga dos timorenses. Gil apaixonou-se pela causa de Timor quando há cerca de quatro anos atrás se encontrou com Ramos-Horta nas Nações Unidas e daí surgiu a ideia deste filme, mais do que um documentário.

Depois, sem apoios financeiros foi a luta constante e o gasto de várias dezenas de milhar de dólares (milhares de contos) para concretizar o projeto de filmagens decorrendo de Lisboa, a Nova Iorque, Genebra, Sidney, Harare, Washington, Camberra, Perth e Darwin.

A apatia das autoridades portuguesas que até ao último momento não haviam autorizado a utilização de "Grândola vila morena" para tema da revolução, foram alguns dos milhentos obstáculos encontrados por Gil. Para ele "não se compreende o silêncio e a apatia dos australianos face a Timor-Leste, salientando, no entanto, que obteve bastante apoio de jornalistas portugueses e de refugiados timorenses para a filmagem e narração." "Todos os povos podem beneficiar desta lição exemplar que o filme retrata, pois ela simboliza não só o termo do grande império colonial português, como a invasão e as manipulações das grandes potências contra a vontade soberana de um povo".

José Ramos-Horta mostrou-se "satisfeito com o filme" acrescentando que está agora a ter início uma nova meta da sua carreira dado ter sido nomeado "diretor executivo do programa de estudos diplomáticos da faculdade de direito de Nova Gales do Sul". Nesta nova posição assumida oficialmente a partir de 1 de julho passado, Ramos-Horta pretende oferecer preparação e treino em diplomacia e política internacional aos povos indígenas da região, às minorias étnicas, e aos timorenses em áreas tão distintas como o direito internacional, direitos humanos, prática diplomática e de negociações. O programa que recebeu o apoio unânime da academia estadual visa perspetivar os âmbitos de ação daqueles grupos nos meandros da política internacional.

Ramos-Horta é licenciado em relações internacionais com especialização em direito internacional público pela universidade de Colúmbia, onde espera completar o seu doutoramento dentro dos próximos anos. Anteriormente, foi investigador e conferencista na universidade de Oxford em 1988, tendo sido leitor/visitante do instituto superior de relações internacionais do Maputo, especializando-se em política externa desde 1980.



Está prevista para outubro a publicação do seu livro "Timor – amanhã em Díli", que é uma versão atualizada do livro em Inglês "Funu – a saga inacabada do povo de Timor-Leste" publicado em Nova Jersey, EUA, em janeiro de 1987. Prevê-se a presença para o lançamento deste livro de representantes políticos e diplomáticos da Austrália, Reino Unido, EUA, Japão e outros países.

Para Ramos-Horta este projeto filmico de Gil Scrine não pode nem deve ser considerado como uma autobiografia inacabada, mas antes como um retrato incompleto que só estará completo quando os timorenses puderem regressar à sua pátria.

Até lá e como nos confirmava João Carrascalão recentemente "a luta continua e o inimigo é só um: a Indonésia".

Recentemente o secretário de estado da imigração e das comunidades portuguesas, Dr. Correia de Jesus declarava em uníssonos com o embaixador de Portugal, Dr. José Luís Gomes, "a minha casa é a vossa casa até que possam regressar à vossa". A data é incerta, mas a vontade dos portugueses é a de os timorenses terem direito ao seu lar. Essa também uma das fortes imagens do filme, o segundo sobre a saga dos timorenses. Ambos realizados por australianos e nenhum ainda exibido em Portugal.

O que motiva a questão de falta de interesse dos cineastas e produtores portugueses naquela saga? A outra questão é porque é que nenhum deles foi exibido em Portugal? Será que tal como na Austrália onde "Timor já não é assunto", Portugal e em especial a RTP pensam que "Timor mais vale esquecido do que lembrado?"

142.1. APONTAMENTOS SOBRE O FILME BURIED ALIVE <sup>10</sup> SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

"Enterrados Vivos" é um título bem apropriado para um filme relativo a um país onde a população tem estado fechada do contacto com o mundo exterior há mais de 13 anos. Com efeito passaram-se já quase 14 desde a invasão de Timor-Leste e ainda se sabe muito pouco sobre o que ali se passou quando as forças Indonésias invadiram em dezembro de 1975.

Até 1979/80 praticamente ninguém dos meios de comunicação social foi autorizado a penetrar no território, e desde então os poucos que foram autorizados fizeram-no debaixo de um rigoroso escrutínio das forças indonésias. Este embargo significa antes de mais que pouco material de ordem visual existe de Timor desde 1975, o que facilita os desmentidos da invasão e de subsequentes violações de direitos humanos. A igreja católica em Timor-Leste considera que cerca de 200 mil pessoas pereceram desde a invasão Indonésia, quer diretamente como resultado da guerra quer indiretamente vitimadas pela fome e doenças. Em 1985 a Amnistia Internacional considerava que existiam 50 mil casos de desaparecimento de pessoas em Timor-Leste sem que para eles houvesse explicação.

A política indonésia de deslocar os habitantes de Timor das suas localidades tradicionais conduziu a um desmembramento dos laços rurais timorenses. As Nações Unidas continuam a recusar reconhecer a administração indonésia, dado que aos timorenses não foi concedido o direito à autodeterminação. Pelo contrário, desde a era de Gough Whitlam sucessivos governos australianos apoiaram tacitamente os direitos da Indonésia sobre Timor-Leste, os quais culminaram em agosto de 1985 com o reconhecimento oficial pelo governo de Bob Hawke da soberania indonésia.

"Enterrados Vivos" é um importante novo filme, um dos primeiros que tenta de forma correta contar a história de Timor-Leste. Dividido em duas partes, o filme traça primeiro a história de Timor-Leste e depois segue a luta continuada das guerrilhas da Fretilin em busca da independência de Timor-Leste.

A Fretilin (Frente Revolucionária de Timor-Leste Independente) era o mais popular dos três embrionários movimentos independentistas em 1975, à data da invasão indonésia e detinha o controlo da maior parte do país. A segunda parte de "Enterrados Vivos" foca os esforços de José Ramos-Horta, que durante mais de dez anos foi o representante da Fretilin nas Nações Unidas, para trazer a saga do seu país às ribaltas mundiais.

142.2. CITAÇÕES, EXTRATOS DE DEPOIMENTOS DO FILME <sup>11</sup> SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

"Uma coisa que me chocou deveras foi quando a bandeira portuguesa atingiu o solo pela primeira vez em mais de quatrocentos anos, porque então eu percebi que era o fim colonial de Timor... Eles estavam expostos a todos, de forma que alguém podia vir e tomá-los, dado não existir nunca o chamado vácuo de poder em nenhuma parte do mundo"

Major Sam Kruger (na reserva) residente em Díli, 28 nov. 1975.

\*\*\*\*

"Nós fomos a Jacarta para nos encontrarmos com o presidente Suharto, mas claro que isso era impossível e acabamos por nos encontrar com o general Murtopo. Tivemos uma longa conversa com ele e ele foi perentório ao afirmar que Jacarta jamais permitiria um governo de esquerda em Timor... E então perguntamos-lhe "o que aconteceria se limpássemos a nossa casa?" E ele disse "estaremos a observar com muita atenção e pôs as mãos sobre a cara" ...

João Carrascalão porta-voz da UDT (União Democrática Timorense)

\*\*\*

"Nós estávamos sob uma intensa barragem de perguntas de homens que sabem que podem perecer amanhã e não conseguem entender porque é que o resto do mundo não se importa... E nós éramos aplaudidos por sermos australianos. Tudo o que eles querem é que as Nações Unidas saibam aquilo que aqui se está a passar..."

Greg Shackleton (HSV-7) na sua última reportagem em outubro 1975. No dia seguinte seria executado pelos indonésios em Balibó com mais outros quatro jornalistas australianos.

\*\*

"... Quando eu ouvi "fogo" atirei-me para o chão e senti corpos a caírem em cima de mim, assim como se fossem folhas. Ouvi muitos gritos, pessoas a chamarem pela mulher e pela mãe, foi horrível"

Carlos Alfonso<sup>12</sup>, sobrevivente do massacre durante a invasão Indonésia em 7 dezembro 1975.

\*\*\*

"A história montou para nós observarmos uma experiência controlada neste caso. O massacre timorense ocorreu aproximadamente ao mesmo tempo que os massacres de Pol Pot. Em 1975 quando os Khmer Vermelhos mataram talvez uns milhares de pessoas, o jornal The New York Times, acusou-os de genocídio. Um grande ultraje público sobre os massacres de Pol Pot e para os quais ninguém tinha soluções nem podia intervir. Por outro lado, um silêncio total se abateu por entre inúmeras mentiras sobre as atrocidades praticadas em Timor e para as quais muito poderia ter sido feito, dado sermos responsáveis por elas. Tudo o que era preciso fazer era mandar parar os algozes..."

"Mais de 40 mil timorenses pereceram tentando proteger umas centenas de comandos australianos durante a segunda Grande Guerra e a Austrália respondeu apoiando a agressão e os massacres [da Indonésia] em Timor".

Professor Noam Chomsky, Massachusetts Institute of Technology, USA

\*\*\*

"No seu livro "A dangerous place," Patrick Daniel Moynihan diz quase que com orgulho quão efetiva foi a sua função de inativar a ação da ONU em relação a Timor...ele confessa naquele livro ter tido instruções do departamento de estado para tornar ineficiente a ação da ONU em relação a tudo o que pretendesse fazer sobre a questão de Timor."

José Ramos-Horta, representante de Timor-Leste nas Nações Unidas.

\*\*\*

"José Ramos-Horta ex-jornalista timorense, e membro do comité central da Fretilin, como delegado para as relações internacionais, foi Secretário-geral da Fretilin em 1975 e na última década tem sido o representante daquele movimento nas Nações Unidas. Atualmente é residente em Sidney onde está a estabelecer um curso de diplomacia internacional para os povos indígenas na universidade de Nova Gales do Sul. Ramos-Horta é um dos mais hábeis representantes de um movimento de libertação dentre todos os que já passaram pelos corredores da ONU, sendo capaz de demonstrar de forma vívida algumas das formas sob as quais aquela organização funciona de facto."

Roger S. Clark, professor de direito, Universidade de direito de Rutgers em Camden.

142.3. PORQUE É QUE FIZEMOS O FILME “ENTERRADOS VIVOS” UMA EXPLICAÇÃO DOS CINEASTAS. <sup>13</sup> SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

<sup>10</sup> EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

<sup>11</sup> EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

<sup>12</sup> NO GUIÃO SURGE ALFONSO EM VEZ DE AFONSO.

<sup>13</sup> EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.

A Austrália tem as mãos manchadas de sangue timorense desde que as nossas guerrilhas saíram do (então) Timor português durante a segunda Grande Guerra. Cerca de 40 mil timorenses morreram às mãos dos japoneses como recompensa de terem apoiado os australianos. Quando os portugueses abandonaram a sua mais remota colónia durante a guerra civil de 1975, os timorenses como era óbvio voltaram-se para a Austrália em busca de apoio. Nós traímos-los então e continuamos a fazê-lo agora.

A Austrália apoia a Indonésia a tentar retirar o assunto de Timor da agenda das Nações Unidas. Diplomatas australianos mantêm a mentira de que os indonésios estão a fazer maravilhas para os timorenses. A Austrália oficialmente reconhece Timor-Leste como sendo a 27ª província Indonésia. As Nações Unidas reconhecem Portugal como o administrador legal do território.

A Amnistia Internacional além de inúmeros e crescentes organismos internacionais de opinião pública condena a ocupação Indonésia de Timor-Leste. Democracias ocidentais tentaram esquecer e enterrar o assunto a fim de manterem as suas relações com o regime de Jacarta. Isto além de absurdo , uma hipocrisia na qual os EUA e a Austrália estão particularmente envolvidos.

Juntamente com Fábio Cavadini, cinematógrafo e o redator Rod Hibberd tentei apresentar esta história numa perspetiva histórica e política, antes que o que aconteceu e continua a acontecer desapareça no orwelliano "buraco negro da história".

Gil Scrine (produtor e codiretor)

142.4. NOTAS BIBLIOGRÁFICAS <sup>14</sup> SIDNEY agosto 89, GCS REVISTA MACAU)

Gil Scrine: produtor, codiretor e narrador. Como cineasta independente há catorze anos Gil trabalhou em Sidney e Melbourne, tendo realizado os projetos seguintes:

"The bad society" – documentário sobre o ex-tesoureiro federal Dr. Jim Cairns e vice-primeiro-ministro, e a sua filosofia de estilos de vida alternativos, culminando no festival do rio Cotter em 1976.

"Home on The Range" – documentário sobre as bases norte-americanas na Austrália e particularmente o papel da CIA na base de Pine Gap.

O filme centra-se na queda do governo de Whitlam e nas alegações do espião norte-americano Chris Boyce.

Este filme obteve o prémio de documentários no festival do filme, em Sidney 1982, categoria de documentários, e o "Boomerang" de prata do festival de Melbourne em 1982. Gil colaborou ainda noutros filmes, tendo completado recentemente o filme "Estranhos no Paraíso (Strangers in Paradise) " como coprodutor, codiretor e editor. O filme "Enterrados Vivos" mereceu este ano uma nomeação para o melhor documentário pelo Instituto do Filme Australiano.

143. CRONOLOGIA SUMÁRIA DA SITUAÇÃO DE TIMOR-LESTE <sup>15</sup>

143.1. INDEPENDÊNCIA E INVASÃO

	abril 74	O MFA destrona a ditadura em Lisboa e o processo de descolonização inicia-se
	maio 74	A ANP, partido oficial único do velho regime reorganiza-se como UDT.
		A ASDT forma-se com base no grupo clandestino "core"
	set. 74	A ASDT passa a Fretilin (frente revolucionaria para um Timor livre e independente)
	outº. 74	A Indonésia lança a operação "Komodo" para desestabilizar Timor
	dez 74	A Fretilin inicia campanhas de alfabetização e estabelece cooperativas no interior
	jan 75	Fretilin e UDT iniciam uma coligação pró-independente
	maio 75	A UDT abandona a coligação e sofre pressões da Indonésia para se opor à Fretilin
	junº 75	Portugal efetua negociações em Macau com a UDT e Apodeti (partido criado pelos serviços secretos da Indonésia), a Fretilin recusa participar em virtude de ser considerada como o possível na agenda a integração com a Indonésia
	ago. 75	A UDT lança um golpe de estado destinado a eliminar a Fretilin.
		A Fretilin recupera o controlo da situação e pede a Portugal (sem sucesso) que termine o processo de descolonização
	set. Nov.	As tropas Indonésias efetuam inúmeras incursões nas regiões fronteiriças
	out. 75	Cinco jornalistas australianos são executados pelas tropas avançadas Indonésias
	28 nov.	A Fretilin declara unilateralmente independência
	7 dezº	A Indonésia invade Timor-Leste

143.2. APOIO DAS NAÇÕES UNIDAS E LUTA INTERNA

	dez 75	A Assembleia-geral da ONU exige a retirada Indonésia
		Os quatro minipartidos pró-integracionistas formam um governo provisório
		O Conselho de Segurança condena unanimemente a invasão e instrui o Secretário-geral para enviar um representante especial a Timor
	Jan – fevº.	O enviado especial da ONU visita apenas três cidades e nenhuma área dominada pela Fretilin
	abril 76	O Conselho de Segurança apela uma vez mais para a retirada das tropas Indonésias
	set. – out.	Milhares de timorenses em campos de concentração
	nov. 76	e um relatório da igreja católica de Timor estima em 100 mil as vítimas da invasão
	dez 76	a Assembleia-geral recusa a integração e exige um ato de autodeterminação
	dez 77	a Amnistia Internacional acusa a Indonésia de não deixar a Cruz Vermelha atuar dentro de Timor-Leste

143.3. TRAIÇÃO INTERNACIONAL

	jan 78	a Austrália reconhece "de jure" a integração de Timor
	fevº. 78	o congresso norte-americano condena o incremento de fornecimento de armamento à Indonésia
	abr. 78	o Reino Unido vende oito aviões Hawke Aerospace de ataque ar-terra à Indonésia
	jun. 78	a Austrália fornece aviões de reconhecimento "Nomad" à Indonésia
	set. 78	jornalistas e embaixadores visitam Timor e mostram-se chocados com a fome e miséria e alta taxa de mortalidade em Timor-Leste
	nov. 78	cai a última grande base militar da Fretilin em Matebian
	jan – mar	mais campos de concentração estabelecidos em Timor
	maio 79	grande encontro de solidariedade mundial para com Timor-Leste
	out. 79	a Cruz Vermelha é autorizada a reentrar em Timor e um grande esforço a larga escala é efetuado para transportar alimentos e medicamentos
	nov. 80	documentos secretos da defesa e negócios estrangeiros australianos são divulgados para o período de 1968-1975 mostrando o grande apoio ocidental dado secretamente em meados de 1975 aos planos indonésios de anexação de Timor-Leste. Os documentos passam a ser proibidos pelo governo australiano.
	mar 81	conferência nacional organizada pela Fretilin elege Kay Rala Xanana Gusmão novo presidente da Fretilin
	maio 81	A Indonésia lança a operação "Segurança"
		O tribunal permanente dos povos em Lisboa condena a Indonésia de agressão armada e de ter violado o estatuto da ONU em relação aos direitos dos povos à autodeterminação
	junº 81	a nomeada assembleia regional de Timor-Leste queixa-se ao presidente Suharto sobre a exploração, corrupção e flagrantes violações dos direitos humanos
	setº 81	centenas de pessoas massacradas em Lacluta durante a operação "Segurança". Milhares enviados para um exílio forçado na ilha do Ataúro.
	set. 81	O partido trabalhista australiano adota uma política de apoio à autodeterminação do povo de Timor-Leste
	julho 83	a Amnistia Internacional expõe manuais e ordens de tortura Indonésias para Timor-Leste

<sup>14</sup> EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.  
<sup>15</sup> EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.



	Um grupo de 170 parlamentares europeus apela para a autodeterminação de Timor-Leste	
setº 83	uma delegação parlamentar australiana a Timor-Leste apoia a integração enquanto um relatório do Senado rejeita a mesma	
jan 84	a agência France Press em Jacarta revela a existência de falta absoluta de alimentos em Timor-Leste	
fevº. 84	a comissão dos direitos humanos da ONU acusa a Indonésia de violação dos direitos humanos em Timor-Leste	
mar 84	o presidente Eanes de Portugal convoca o Conselho de Estado para encontrar uma solução justa para o problema de Timor	
jan 85	contacto via rádio estabelecido entre forças da Fretilin em Timor-Leste e Darwin	
mar 86	a UDT e a Fretilin reagrupam-se para nova campanha para a autodeterminação	
julº 86	o Parlamento Europeu exige à Indonésia que cesse a sua ocupação e apoia a autodeterminação de Timor-Leste	
	O parlamento português denuncia atos de genocídio em Timor-Leste	
abr. 87	primeira eleição para a assembleia provincial de Timor-Leste	
ago. 87	o comité de descolonização da ONU debate Timor-Leste	
set. 87	o assunto de Timor-Leste volta à agenda da comissão dos direitos humanos	
mar 88	o parlamento Europeu apoia negociações entre Portugal e Indonésia para encontrar uma solução que assegure os direitos dos timorenses e da sua identidade cultural	
ago. 88	o comité de descolonização da ONU debate de novo o problema de Timor-Leste	
setº 88	a Austrália e a Indonésia assinam um acordo para a exploração conjunta das reservas do mar de Timor	
outº. 88	senadores e congressistas norte-americanos enviam uma moção ao secretário de estado George Schultz na qual manifestam a sua preocupação em relação a Timor-Leste	
	nov. 88Suharto visita Timor-Leste. Centenas de timorenses detidos.	
dez 88	a Indonésia concede estatuto total de província a Timor-Leste em paridade com as restantes	

143.4. em 1989 - A LUTA CONTINUA

jan	explosão num paiol em Díli	
	Padre Fernandes depois de 14 anos na Austrália anuncia o seu regresso a Macau	
fevº.	Ex-embaixador australiano Bill Morrison demonstra a sua solidariedade com as tropas indonésias	
	Gov. de Timor, Mário Carrascalão desmentiu atentado bombista em Díli e ameaças de que estaria prestes a ser substituído.	
	A Austrália e a Indonésia anunciam melhoria das relações diplomáticas bilaterais	
	Morte de Moisés do Amaral presidente da comissão política da UDT	
	Stuart Hume, novo embaixador australiano em Lisboa declara que o assunto de Timor está encerrado e que cabe aos portugueses a responsabilidade de o resolver	
mar 89	Ali Alatas visita a Austrália e enterra o problema de Timor sem oposição dos jornalistas australianos	
maio 89	criado subgrupo de apoio a Timor-Leste dentro do âmbito do comité para um Pacífico independente e não nuclear	
	Documentário sobre australianos na segunda guerra em Timor passado na TV australiana	
	Bispo de Díli pede intervenção de Pérez de Cuellar sobre situação em Timor	
junº 89	estreia particular do filme "Enterrados Vivos"	
	Estudantes timorenses pedem asilo nas embaixadas do Vaticano e do Japão em Jacarta	
jul. 89	nova antestreia do filme "Enterrados Vivos" na Universidade de Tecnologia de Nova Gales do Sul	
	Try Sutrisno comandante-chefe das FA'S Indonésias visita Austrália	
ago. 89	estreia de "Enterrados Vivos" em Melbourne	
	Comité dos 24 reúne sobre Timor com presença de timorenses, japoneses e parlamentares de todo o mundo	

144. CAMBERRA VÊ FILME SOBRE TIMOR-LESTE <sup>16</sup> . APRESENTAÇÃO NO PARLAMENTO<sup>17</sup> SIDNEY agosto 89<sup>18</sup>

144.1. APRESENTAÇÃO NO PARLAMENTO - TONY LAMB, MHR, MP, PARTIDO TRABALHISTA

"Antes de mais quero agradecer a presença de Gil Scrine, produtor do filme, de José Ramos-Horta e de Chrys Chrystello, vindos de Sidney para esta apresentação aqui no parlamento australiano. Aproveito para lembrar que existe um paralelo entre a situação da Estónia, Lituânia e Letónia e a de Timor-Leste, é a de que há dois anos ninguém pensava ser possível falar de autonomia. Poderemos imediatamente considerar como duvidosas quaisquer declarações indonésias sobre a forma de plebiscito ocorrido naquele território. Ainda recentemente numa carta enviada ao Secretário-geral da ONU, Pérez de Cuellar, o bispo de Díli, monsenhor Belo declara que como chefe da igreja católica e responsável pelas almas de Timor declara-se adepto de um processo de descolonização de Timor-Leste a realizar através de um referendo nacional sob os auspícios da ONU, a fim de que o povo de Timor possa ser ouvido em relação ao seu futuro. Até agora esse povo não foi consultado, apenas a Indonésia declara que o povo já escolheu livremente a sua opção como sendo a da integração.... Portugal por seu lado quer resolver o problema, mas, entretanto, as pessoas continuam a morrer como cidadãos e como nação. É sobre isto que o filme se debate e por isso sendo esta a primeira razão vos aconselho a ver bem este filme. Uma segunda razão será a de existir uma profunda relação australiana com os acontecimentos, a nossa proximidade, a nossa relação geopolítica para com o país mais perto de nós, sem podermos esquecer as dívidas da segunda Grande Guerra para com os timorenses, que constituíram a segunda linha de defesa deste país, e sem a qual teríamos sucumbido. Temos agora 60 parlamentares e senadores no grupo de apoio a Timor-Leste o que continua a ser menos dos que os 200 senadores e congressistas norte-americanos que expressaram recentemente a sua preocupação sobre o território. Eu já vi este filme e estou desapontado com alguns críticos que disseram que isto não passa de uma tentativa de fazer de José um herói. Como José vos dirá ele pode ser a figura central porque lhe dá continuidade desde o tempo anterior à invasão até hoje e eu presto-lhe a minha homenagem pelo papel complexo que ele desempenhou, mas recuso-me a considerar o filme como um empolamento do ego, e sinto-me triste por alguém ter tentado menosprezar o filme por essa razão. Trata-se de um filme inesquecível e memorável e tenho a certeza de que vão apreciar vê-lo. Depois desta introdução, dou as boas-vindas a Gil que apresentará a figura principal deste filme José Ramos-Horta.

144.2. APRESENTAÇÃO NO PARLAMENTO - GIL SCRINE – PRODUTOR DO FILME:

Obrigado Tony, obrigado a todos por terem vindo, penso que devo dizer apenas algumas palavras sobre as razões porque fiz este filme, como aliás já hoje me perguntou um jornalista do "Camberra Times". Devo dizer que acho a pergunta hipócrita e quero explicar porquê. Como sabem Timor-Leste está a 400 km a norte de Darwin, e trata-se de uma guerra escondida como este folheto que está à entrada vos pode explicar melhor. Timor está escondido dos olhos do mundo porque a Indonésia isolou o país nos últimos 14 anos. No entanto jornalistas australianos, e produtores de cinema, comentadores e fabricantes de opinião pública escolheram, porém, a via mais fácil e continuam a esconder tal guerra. Tenho muitos colegas no mundo do cinema que passam a vida a correr para a América central para cobrir as guerras ali. É muito popular defender os direitos humanos em outras partes do mundo, mas não é popular defendê-los na nossa região. Gostaria de mencionar Shirley Shackleton [viúva de um dos seis jornalistas australianos abatidos pelos indonésios] que estava presente no lançamento deste filme em Melbourne e que me mostrou um artigo que ela escrevera para o "Sydney Morning Herald" sobre o massacre em Tian An Men e obviamente fazendo a comparação lógica, porque é que Bob Hawke não chorou por Timor. O editor dos artigos de fundo do Sydney Morning Herald evidentemente recusou-se a publicar o artigo, ela telefonou-lhe repetidas vezes a fim de saber porquê, e finalmente ele disse-lhe "bem, Shirley, dou-te 180 milhões de razões" [população Indonésia].

<sup>16</sup> EXCLUSIVO GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU (REVISTA MACAU) agosto 1989.  
<sup>17</sup> INTRODUÇÃO AO FILME “ENTERRADOS VIVOS” NO PARLAMENTO AUSTRALIANO. APRESENTAÇÃO DO VICE-PRESIDENTE TONY LAMB, PERANTE A PRESENÇA DE SENADORES E PARLAMENTARES, EMBAIXADOR PORTUGUÊS E OUTRAS PERSONALIDADES. [DIA NACIONAL DA INDONÉSIA 17 DE agosto 1989)  
<sup>18</sup> ORIGINAL PUBLICADO PELO GCS – GABINETE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DE MACAU - REVISTA MACAU)

Parece-me a mim que a Austrália como nação tem sido subserviente por muito tempo. Creio que temos de ver bem a nossa psicologia nacional, para vermos porque é que continuamos a esconder esta guerra, porque trabalhamos com os indonésios e os ajudamos a esconder esta guerra, este crime contra a humanidade em Timor-Leste.

A resposta dada àquele jornalista do "Cambera Times" é autoexplícita: não há filmes nem documentários, logo parece normal que alguém fizesse tal filme. Outros produtores perguntaram-me, "mas como é que vais fazer um filme sobre uma terra onde nem sequer podes ir?" Eu deparei com essa mesma questão quando comecei a pesquisar para fazer o filme e vi que havia toda uma intensa luta conduzida por pessoas como José Ramos-Horta nas arenas internacionais. Foi então que me dediquei a mostrar a hipocrisia, o genocídio, a terrível tragédia de Timor-Leste através do trabalho diplomático das forças da Fretilin. Trata-se assim de um filme feito sobre a guerra do papel, a guerra da propaganda, não verão muita evidência no filme da guerra "quente" que ainda hoje decorre no terreno em Timor-Leste e isso é uma consequência de que já seis jornalistas morreram ali e seria muito perigoso para um produtor de cinema australiano, pegar nas suas câmaras e começar a passear por toda a parte, seríamos rapidamente detetados.

Sem mais introduções gostava de apresentar José, que foi a minha inspiração para o filme, e concordo com o comentário de Tony e José também concordará de que ele não quer ser visto como a personagem central do filme, mas como qualquer necessita de uma personagem central para conduzir o veio das ideias através do mesmo, e eu não podia desejar ninguém melhor do que José Ramos-Horta para representar o personagem central.

### 144.3 APRESENTAÇÃO NO PARLAMENTO - JOSÉ RAMOS-HORTA -

Obrigado a todos por terem vindo, concordo totalmente com o que Tony e Gil disseram de que eu não queria ser a personagem central. Quando há alguns anos atrás o Gil me abordou em Sidney para fazer o filme, eu tinha duas hipóteses dizer sim ou não. Acedi deixando-o filmar-me em Manhattan, em Nova Iorque, nos meus encontros nas Nações Unidas, etc. E daí algumas pessoas poderem dizer que se trata de um empolamento do ego. Não é e eu até nem estava totalmente satisfeito com o filme, lembro-me até de que por vezes tive de usar alguns truques com o Gil para que ele me não filmasse.

Quando eu ia da 88ª rua para as Nações Unidas, normalmente ia de autocarro, pois não tinha meios de ir de táxi e Gil filmar-me no autocarro e eu disse-lhe não eu não vou de autocarro vou de táxi e ele não conseguiu filmar-me no autocarro porque eu estava envergonhado de ser filmado no autocarro com as câmaras a focarem-me.

Foi uma experiência dolorosa para mim ter sempre uma câmara atrás de mim a focar as minhas atividades, mas por outro lado era meu dever e obrigação utilizar todos os meios ao meu alcance para divulgar a luta do povo de Timor e a sua tragédia. Penso que Gil fez um ótimo trabalho em especial na frente diplomática.

Algumas pessoas podem assumir conclusões negativas sobre a mensagem do filme de que se trata de uma causa perdida depois de 13 ou 14 anos nas Nações Unidas, o que atingimos? Se entendermos que os processos diplomáticos nunca são nem fáceis nem rápidos eu assumiria que muito se conseguiu.

Os militares quando invadiram Timor em 1975 pensavam que tudo estaria resolvido numa questão de semanas. O general Benny Murdani e Ali Murtopo pensaram que a resistência estaria aniquilada dentro de semanas e que no máximo dentro de um ou dois anos nas Nações Unidas o assunto deixaria de estar na agenda. Em julho deste ano quando eu estava em Lisboa o Secretário-geral da ONU voou para Lisboa para conversações de alto nível com o governo português. O vice-presidente Dan Quayle na sua recente visita à Indonésia discutiu o problema dos direitos humanos em Timor-Leste com o presidente Suharto.

O Papa vai a Timor-Leste em outubro deste ano, há quem pense que ele vai ali para encerrar o assunto de Timor-Leste. O facto da sua ida a Timor representa que o assunto não se desvaneceu da sua agenda. Quando o Papa foi convidado pelos indonésios para visitar a Indonésia ele insistiu em que só iria se uma visita a Timor-Leste fosse incluída. O Parlamento Europeu adotou recentemente resoluções em relação ao problema de Timor-Leste por maioria absoluta, o congresso norte-americano, mais de metade do congresso adotou resoluções em relação a Timor-Leste e assinaram petições para o presidente dos EUA em relação ao problema de Timor-Leste.

O Parlamento Europeu adotou resoluções em relação a Timor-Leste, o embaixador norte-americano Vernon Walters ainda tão recentemente como fevereiro deste ano numa análise das mais completas dos EUA sobre o assunto declarou que os EUA apoiariam uma solução política para o problema. Isto para mim significa que o assunto de Timor-Leste está bem vivo na agenda mundial.

Nós conseguimos-lo depois de muitos e muitos anos de luta, mas não fui só eu nem só a Fretilin e os seus representantes, tratou-se também do esforço de muitas outras pessoas, tais como Jim Dunn, Tony Lamb, o congressista Tony Horne, o senador Dave Durkenberger (republicano) e tantos outros na Europa e no resto do mundo.

Uma coisa porém devo dizer e dar ênfase, tal como já fiz com muitos australianos que encontrei ao longo dos anos: "não menosprezem a nossa determinação ou a determinação dos portugueses". Portugal é uma nação com mais de 800 anos, com uma grande história e sentido da história e um grande sentido de responsabilidade para com Timor-Leste."

Eu avistei-me recentemente com o presidente português, Mário Soares em fevereiro deste ano tivemos uma longa discussão e eu perguntei-lhe "Sr. Presidente acredita naquilo que está a fazer para Timor-Leste ou está a fazê-lo apenas por formalidade?" E a sua resposta foi a melhor que já ouvi de alguém e veio do coração, ele disse-me "eu estive exilado 30 anos e sei o que representa lutar por uma causa".

O presidente Mário Soares é altamente considerado na Europa e em Washington, como o é o primeiro-ministro Cavaco e Silva. Portugal é um membro da CEE, da NATO e pelas minhas discussões em Portugal, acredito que os portugueses estejam a considerar o assunto muito seriamente. A Austrália não deve menosprezar Portugal em relação ao "Timor Gap", tal como os americanos não menosprezam e é por isso que Dan Quayle levantou a questão de Timor-Leste em Jacarta, os europeus também não menosprezam e eu penso que será nos melhores interesses da Austrália utilizar os seus bons ofícios discreta e subtilmente para persuadir a Indonésia para trabalhar seriamente com o Secretário-geral da ONU para a realização de eleições gerais em Timor-Leste.

Tudo o que pedimos é que se realizem eleições gerais em Timor-Leste supervisionadas pela ONU. O que estamos a pedir [será demasiado?], já alguém disse à Austrália que não deveria ter eleições na Austrália? Será que as eleições são antidemocráticas, inaturais? Não deverá haver eleições na União Soviética, ou na África do Sul? Porque é que a Austrália exige eleições para a África do Sul e inclusive até impõe sanções e não pede algo que é apenas natural: "eleições para que o povo de Timor-Leste possa decidir".

Eu apelo aos amigos da Indonésia, hoje é o dia nacional da Indonésia, aqueles que apoiam a Indonésia por uma ou outra razão deviam dizer-lhe: nós apoiamos a Indonésia e acreditamos que estão certos e esse tal de José Ramos-Horta e a Fretilin não significam nada, a independência não passa de um falso projeto da Fretilin, vocês não têm nada a temer, vamos fazer eleições em Timor-Leste, supervisionadas pela ONU, pelos países da Commonwealth, parlamento australiano ou norte-americano e decerto que 100% das pessoas de Timor-Leste – a acreditarmos na propaganda indonésia – decidiriam votar a favor da integração e este problema seria resolvido de uma vez por todas.

Porque será que a Austrália adota sanções contra a África do Sul relativamente ao apartheid e parece ter dificuldades em relação a Timor-Leste? É isto que eu não entendo. Se alguém no ministério dos estrangeiros – tenho grande respeito pelo meu amigo Dick Woolcott e digo-o sem cinismo, tenho um imenso respeito pelo seu intelecto e por muitas outras pessoas no MNE, mas queria que eles ou alguém nos mass média ou nos meios académicos me convencessem que a nossa exigência para eleições é uma exigência desmesurada ou inatural e nessa altura eu desistirei, mas antes convençam-me de que aquilo que pedimos está errado.

Isto é tudo o que tenho para dizer, e uma vez mais não nos subestimem, tais como aos Polacos, Húngaros, Alemães do leste, os povos do Báltico, e os chilenos e sul-africanos.

### 145. TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA DE JOSÉ RAMOS-HORTA COM PRU GOWARD DA RÁDIO ABC CAMBERRA dia 18 agosto

89

PG – Então pretendem recuperar a vossa terra?

JRH – Eles [indonésios] apossaram-se de todas as terras, tal como estão a fazer agora, ocupando os melhores talhões, apossando-se dos locais de culto dos timorenses que viveram ali nas montanhas durante séculos e séculos e isto são questões muito básicas, para além da questão de independência ou outras.

PG – Porque é que não podem negociar um acordo com eles para a recuperação das terras, pois como disse isso é quase tão importante como a independência? Assim negociam com eles o direito a viverem onde sempre viveram e aceitam viver em território indonésio?

JRH – Nós não estamos em busca disso, estamos apenas a pedir o direito a conduzir eleições livres, não é nada fora deste mundo pedir a realização de eleições.

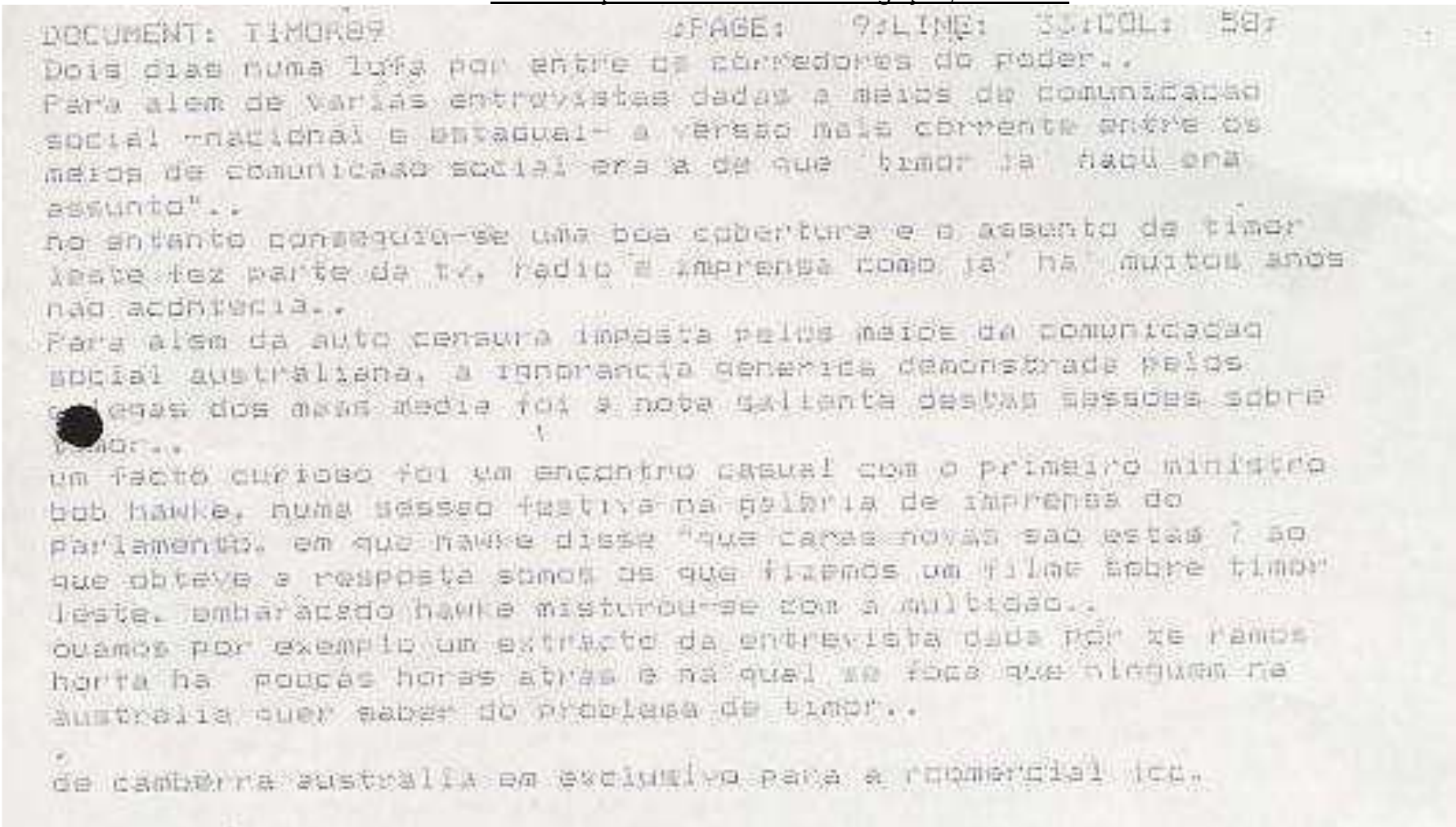
PG – Essas eleições seriam independentes de existir ou não um governo local?

JRH – Isso permitiria ao povo de Timor-Leste decidir se quer a integração na Indonésia e permanecer nessa situação, ou se preferiam a independência ou alguma forma de ligação a Portugal.



PG – Preferia ir então para Portugal?  
JRH – Não, eu preferia poder regressar a um Timor independente.  
PG – Claro, mas se tivesse a opção?  
JRH – Se tivesse de escolher entre Portugal e a Indonésia depois de 14 anos de ocupação brutal da Indonésia, claro que terei de dizer que preferia um milhão de vezes mais ir para Portugal.  
PG – O que é que os portugueses dizem?  
JRH – Têm sentimentos bem fortes em relação a Timor-Leste, ainda recentemente me encontrei com o presidente Mário Soares, uma pessoa de tremenda integridade e respeito na Europa e nos EUA e algo que ele me disse durante a conversação: “eu estive exilado mais de 30 anos, lutei contra a ditadura em Portugal sei quanto importante é lutar por uma causa e nunca deixaremos de lutar por Timor-Leste”.  
PG – Quão português é Timor-Leste, quanto sangue português existe lá?  
JRH – Muito pouco, de facto a presença portuguesa em Timor-Leste era mínima, talvez mil portugueses. Ao contrário de Angola e Moçambique [em África] onde a presença portuguesa era mais repressiva, os portugueses em Timor-Leste se de alguma os podemos acusar é de negligência.  
PG – Quão português é você?  
JRH – Sou parte timorense e parte português, nasci em Timor, a minha mãe é de Timor e o meu pai era de Portugal, um dissidente que foi deportado para Timor-Leste e na segunda Grande Guerra juntou-se às forças australianas aliadas para lutar contra os japoneses em Timor. Ele fez parte do exército australiano tal como o meu avô, juntando-se aos australianos para lutarem contra os japoneses  
PG – Cresceu em Timor-Leste, mas viveu em Portugal?  
JRH – Nunca vivi em Portugal, cresci em Timor e vivi nas montanhas até terminar o ensino secundário quando vim viver para Díli, a capital, de resto vivi sempre nas montanhas e estava em contacto permanente com as gentes.  
PG – Pratica a religião hindu?  
JRH – Não e a maioria da população de Timor é católica, hoje em dia rondando entre os 75 e 80%.  
PG – Nas vilas e montanhas mantêm-se?  
JRH – Animistas, não há hinduísmo ou islamismo em Timor exceto uma ou duas centenas de pessoas que ali se fixaram há duzentos anos.  
PG – Então de acordo com o que disse existe uma preferência por Portugal, mas então como é que estou errada a sugerir que isto é equivalente à Queenslândia pedir a secessão do resto da Austrália, e dizer não queremos manter-nos unidos, queremos preservar a nossa cultura e identidade, não gostamos do resto da Austrália. Como é que isso é diferente?  
JRH – Bem, eu consigo entender que o resto da Austrália queira ver-se livre e obter a secessão da Queenslândia, mas no caso de Timor-Leste e Indonésia, o que se passa é que Timor-Leste nunca foi parte da Indonésia. O mesmo se passa na Papua Nova-Guiné. Seguindo esta lógica, porque é que a PNG quereria ter a secessão do resto da Indonésia? O resto da ilha, a outra metade é já indonésio. Mas podemos dizer o oposto, a Papua Ocidental (Irian Ocidental) é parte da PNG porque é que a Irian Ocidental há de ser parte da Indonésia em vez de ser da PNG? Faria mais sentido porque a Papua e a PNG são muito semelhantes.  
PG – Mas de certo modo a Indonésia como país não existe, é uma coleção de ilhas todas com certas diferenças, mas é um país por razões estratégicas e de eficiência.  
JRH – Claro, tem toda a razão ao dizer que a Indonésia é um estado artificial e não uma nação estado, nascida das chamadas Índias Holandesas, e aquilo que a Indonésia hoje é uma criação dos holandeses. Por esta mesma razão existem imensos movimentos separatistas na Indonésia, na Sumatra do Norte, na Irian Ocidental, nas Molucas e Celebes que não gostam do monopólio de poder e da economia pelos povos de Java. Timor-Leste nunca foi parte das Índias Holandesas, foi sempre português por mais de 500 anos e antes disso nunca fez parte da Indonésia, e dos reinos e impérios de Java, existentes entre o século VII e X. De facto, se formos até antes do período colonial, Timor-Leste nunca fez parte daquilo que hoje se chama a República Indonésia. Nunca teve nenhuma forma de associação com o resto da Indonésia.  
PG – Qual é a densidade populacional de Timor hoje?  
JRH – Agora mesmo de acordo com as estatísticas Indonésias – e sinto-me grato por me ter feito esta pergunta.  
PG – Sei a que ela conduz...  
JRH – 640 mil de acordo com estatísticas indonésias, em 1975 de acordo com estatísticas portuguesas aproximadamente 680 mil. A taxa de crescimento de Timor-Leste foi de cerca de 2%, seguindo uma evolução normal a população de Timor hoje deveria ser de 900 mil, em vez disso e de acordo com as estatísticas indonésias é de 630 mil  
PG – Então pensa que os indonésios estão a declarar menos do que existem na realidade?  
JRH – Não o que digo é que isso confirma que dezenas de milhares de timorenses morreram, foram mortos, morreram como resultado da guerra, das evacuações forçadas do mato, como resultado da falta de cuidados médicos e de execuções sumarias. Tudo isto está bem documentado pela Amnistia Internacional e por centenas de testemunhas oculares quer na Austrália quer em Portugal.  
PG – Então que evidência tem que a administração central indonésia pretende inundar Timor-Leste com indonésios de outras ilhas?  
JRH – A minha evidência baseia-se no governador de Timor-Leste, Mário Carrascalão o qual declarou que a população de Díli, a capital, é de cem mil pessoas. No tempo dos portugueses a população era de menos de 30 mil, desses 100 mil metade é indonésia. A maior parte das posições nos serviços públicos em Timor hoje são preenchidas por indonésios quer em Baucau e em Lospalos onde os militares comandam. Há colonos em sítios tais como na Maliana vindos da Sumatra e de Bali. Se formos ao mercado [municipal] de Díli, claro que para um jornalista australiano todos parecem timorenses ou indonésios, dado serem todos parecidos. Os mercados que impressionam qualquer jornalista que ali vá estão monopolizados por negociantes de Sumatra, Bali e outras partes da Indonésia não por timorenses.  
PG – Então já há uma invasão de indonésios e haverá muitos que são mortos pelos habitantes locais?  
JRH – Tem havido casos de violência em Díli, na capital, em protesto contra a ocupação indonésia.  
PG – Mas não vai ganhar isto, trata-se mais de uma cruzada pessoal que não irá ter resultados?  
JRH – Hoje estou muito mais confiante do que antes.  
PG – De facto...?  
JRH – Decerto e posso assegurar que nos próximos anos as coisas se modificarão.  
PG – Como?  
JRH – Quem acreditava que a União Soviética pudesse mudar, quem imaginava que Lech Walesa pudesse tomar as rédeas do poder? Quem o podia imaginar há 5 ou 2 anos atrás? Nas Filipinas, Ferdinand Marcos está hoje em Honolulu em vez de estar em Manila, a Coreia do Sul mudou...  
PG – Mas o que mudou em Timor-Leste ou na Indonésia que possa mudar isto?  
JRH – As ditaduras da esquerda e da direita entram em colapso face ao povo que exige democracia. Um novo regime democrático na Indonésia semelhante ao da Coreia do Sul e das Filipinas...  
PG – Então a sua função é a de assegurar a instituição de uma democracia em Java?  
JRH – Não, o que pretendo é manter o assunto nas manchetes falar com os líderes da oposição indonésia e democratas, para ter a certeza de que o regime do país muda naquele arquipélago.  
PG – E manter a certeza de que estão fora do vosso alcance?  
JRH – Claro  
PG – Ramos-Horta obrigado pela sua presença aqui e estamos certos de que é bem-vindo o filme “Buried Alive” agora chegado a Camberra.





147. ENTREVISTA DE GIL SCRINE (GS) E JOSÉ RAMOS-HORTA (JRH) COM A RÁDIO 2XXX (X) CAMBERRA 18 agosto 1989)

X – Temos hoje connosco Gil Scrine produtor, codiretor, narrador, sonoplasta e editor do filme “Enterrados Vivos” e José Ramos-Horta, o representante da Fretilin nas Nações Unidas. Boa tarde a ambos. Para começar com Gil, que fez tanta coisa neste filme, o que me baralha sempre sem saber como foi possível obter tanta energia, como é que ficaste envolvido na produção e na ideia de fazer este filme?

GS – O meu maior ímpeto como australiano deriva da leitura do livro de Jim Dunn [“Timor, um povo traído”] e senti esta sensação profunda de vergonha como australiano de que tínhamos vendido os timorenses. Se estudarmos a história do passado vemos que os esforços australianos na segunda Grande Guerra, em que basicamente ocupamos a sua ilha e como resultado mais de 40 mil timorenses morreram como recompensa japonesa de o haverem feito.

Mas não foi só isso, quando chegou a altura de haver autodeterminação neste pequeno território pouco desenvolvido do império português, parecia lógico que justiça seria possível para este povo, e que tivesse o direito à autodeterminação e todos nós no início da década de 70 apoiávamos Gough Whitlam e pensávamos que a história faria justiça aos timorenses. Parecia então que o governo australiano poderia apoiar os timorenses. Embora ele sempre dissesse no parlamento seria melhor que eles se integrassem na Indonésia, mas tal só se deveria passar depois de ter havido um ato de autodeterminação, o que soava como uma contradição, mas todos fomos na cantiga pois Gough era um grande líder para a justiça social e causas semelhantes.

Mas quando chegou a altura a Austrália abdicou totalmente dos timorenses tal como eu mostro no filme com uma pergunta a Richard Woolcott [então embaixador australiano em Jacarta] que basicamente diz num despacho para Gough “Se e quando a Indonésia invadir nós deveremos fazer o melhor possível para publicamente mostrarmos a nossa compreensão pela atitude indonésia”.

Penso ser muito claro que isso indica uma relação entre o governo e os meios de comunicação social, pois de outra forma não seria possível reduzir o interesse público na Austrália a menos que haja um entendimento entre o governo e a comunicação social?

Isto também mostra que as pessoas no ministério dos estrangeiros tinham uma agenda secreta relativa aos interesses nacionais australianos de que a Austrália seria melhor servida se fosse ao encontro desta invasão brutal e creio que há muita gente hoje em dia no parlamento capaz de dizer que os timorenses foram abandonados, mas a maior parte deles não está disposta a vir a público e dizê-lo. Tudo isto combinado põe um ónus moral nos produtores de cinema independentes que não se sentem constrangidos por superiores hierárquicos.

Muitos outros produtores independentes têm-se concentrado na situação da América Central ou nas Filipinas, por que não ver uma situação que se passa tão perto de nós?

As guerrilhas da Fretilin até são fisicamente parecidas aos sandinistas com os seus longos cabelos e insígnias: é impossível esquecer esta semelhança que nas suas dramáticas conotações deveria levar-nos a olhar naquela direção e estudar a luta ali existente.

Eu deparei com um vácuo total em relação a Timor-Leste. O próprio José Ramos-Horta fez um minifilme penso que em 1977 do qual eu utilizei algum material de arquivo para o meu filme. Até eu fazer o meu filme isso era tudo o que havia em relação a Timor.

X – Que dificuldades houve e estamos certos de que as financeiras foram as maiores, mas por exemplo a apatia e isso é demonstrado no filme em relação a Timor-Leste.

Que dificuldades houve, as pessoas perguntavam que filme, porquê e para quê?

GS – Claro que houve disso, mas quando por exemplo eu telefonava para os sindicatos deparava com esta espécie de memória esquecida de Timor e pelo telefone davam-me bastante apoio. Claro que no fim muito pouco dinheiro veio dos sindicatos, mas senti este sentimento de culpa que estava lá e veio à tona quando se falava no assunto. As pessoas devem ter dito este tipo é louco, mas merece algum apoio. Por outro lado, o que interessava também para fazer este filme era descobrir porquê esta apatia em relação a Timor. Será ele fruto da nossa maneira de ser humana que tem de esquecer isto ou foi de alguma forma manipulada? Foi depois de ler Noam Chomsky em relação ao assunto que comecei a encontrar algumas respostas.

X – Chomsky atinge um ponto alto ao demonstrar como a comunicação social é manipulada por estes enormes interesses e corporações. Isto sem ter visto o filme, mas baseado nas notas de apresentação demonstra que não só na Austrália, mas na América e na Inglaterra e no resto do mundo o assunto de Timor foi enterrado.

GS – Penso que ninguém tem de ter um alto nível intelectual para entender isto como Chomsky me disse a certa altura numa entrevista que não está no filme, claro que muita gente dirá “para entender isto é preciso ser-se um académico ou ter estudos em comunicação social para se entender este assunto tão complexo”, mas pelo contrário qualquer pessoa pode pensar que um grande jornal do grupo Fairfax ou Murdoch tem contactos estreitos com o governo a toda hora e muitas vezes dependem do governo para obterem as suas vendas de anúncios. Claro que a nível mundial o mesmo se passa e os donos de meios de comunicação social estão em contacto íntimo com departamentos de estado, ministérios de estrangeiros e outros.

Trata-se de uma relação simbiótica e isto é importante entender-se para depois termos uma janela sobre a qual olhar para o assunto de Timor. Posso recordar uma experiência recente em que um jornalista do grupo Murdoch incluiu um tema na lista diária sobre Timor-Leste. Quando o redator devolveu a lista dos artigos a tratar nesse dia o assunto sobre Timor tinha sido assinalado com o comentário “isto já não é notícia”. Isto é um bom exemplo da forma como o assunto de Timor é gerido pelas pessoas que dominam a comunicação social. São os redatores que são capazes de manipular as notícias dessa forma.

X – Isto é espantoso, aliás pode-se ver sentando-se no clube de imprensa em especial em Camberra e ouvi-los falar sobre as notícias que não saem ... esta censura seletiva e redatorial que foi bem demonstrada no filme. A este respeito gostaria de falar com José Ramos-Horta, para as pessoas que nada sabem da Fretilin, que nada sabem do passado, pode-nos exemplificar o seu envolvimento e narrar os factos?

JRH – Primeiro, Timor-Leste era uma colónia portuguesa durante cerca de 500 anos até 1975 quando foi invadida pela Indonésia. Em 1974, depois de 50 anos de ditadura em Portugal o Movimento das Forças Armadas depôs a ditadura e começou um processo de descolonização que traria a independência de Moçambique, Angola e outras colónias africanas. Pela mesma lógica Timor-Leste iria ser independente no verão de 77 ou 78, data para a qual se previa a realização de eleições em outubro 1976. Dos três maiores partidos a maior parte [a Fretilin e a UDT] queria a independência e havia um minipartido, chamado Apodeti que queria a integração com a Indonésia, mas a Apodeti não dispunha de mais de uma centena de elementos em todo o país. Era óbvio que uma maioria do povo de Timor-Leste, totalizando 680 mil à data queria a independência.

Depois de 500 anos de dependência colonial era apenas lógico e natural que o povo de Timor-Leste que não tinha qualquer relação com a Indonésia ao longo dos séculos, não quisesse ser colonizado por outra potência estrangeira. É um insulto à inteligência e à dignidade de um povo dizer “Bem agora que os portugueses saíram, vamos enviar-vos para serem escravizados e colonizados por outra potência”. É uma visão condescendente, paternalista e racista típica da Austrália, quando alguns jornalistas e políticos decidem que já que os portugueses vos não querem depois de 500 anos, os 670 mil timorenses devem ir para a Indonésia.



A propósito quem são os indonésios? São os javaneses, serão eles superiores aos timorenses, aos Papuas Ocidentais. Nós não pensamos assim, temos centenas de anos, milhares de anos de história, uma cultura impressionantemente rica, bem como uma história e rituais e era lógico que os timorenses de uma forma geral quisessem a independência e a Fretilin nada mais representava do que uma expressão deste desejo de liberdade e independência.

Claro que não foi a Fretilin quem inventou a palavra independência, ela esteve sempre na mente das gentes, não numa forma moderna de estado soberano, mas durante séculos eles controlaram e governaram o interior, nas vilas e aldeias, com uma relação de respeito mútuo pelos portugueses.

De facto, se algo pode ser dito em relação aos portugueses é de que o seu regime colonial foi um regime benigno. O pior que poderemos dizer é que se tratou de um regime negligente, mas esta negligência de séculos foi extremamente útil para os timorenses que viviam nas montanhas.

Noventa por cento dos que viviam nas montanhas foram deixados à sua sorte, sem serem tocados ou afetados pelos portugueses. Os portugueses por exemplo não foram para o mato e liquidaram todos, ao contrário do que os primeiros colonos fizeram na Austrália. Eu lembro-me dum francês, não tenho a certeza se era o presidente Mitterrand ou o primeiro-ministro quando houve um debate com a Austrália em relação à Nova Caledónia, disse **“se tivéssemos feito como os australianos não haveria hoje problemas na Nova Caledónia”**.

O mesmo se passa em relação a Timor, quando ouvimos racistas como Gough Whitlam e Peter Hastings tentando culpar os portugueses, bem deixemo-nos disso, não creio que os portugueses precisem de lições em relação a harmonia racial por parte da Austrália. Se vírmos o Brasil em que cerca de 80% da população é mestiça, se vírmos Cabo Verde na África Ocidental onde 80% são de raça mista, vejamos Angola e Moçambique, bem creio que os portugueses não precisam de conselhos.

Claro que não estou aqui a defender o poder colonial português, mas acho hipócrita, quando ouvimos jornalistas australianos, académicos e políticos culparem os portugueses sobre o que se passou em Timor-Leste, porque é a Indonésia que está a ocupar Timor-Leste há 15 anos. Resumidamente, a maioria esmagadora das pessoas de Timor ainda hoje apoiam a independência e se eles tivessem de escolher entre a Indonésia e Portugal, penso que não erro se disser que a esmagadora maioria preferiria um milhão de vezes Portugal aos **“ditos irmãos”** da Indonésia.

X – José, isto é uma versão que aqui não ouvimos muito nos mass média. A explicação indonésia daquilo que se passou é que de facto todos os mortos desde 76 e 77 foram vítimas da guerra civil entre timorenses.

JRH – Não posso crer que quer membros do governo quer membros da comunicação social possam acreditar nessa propaganda indonésia. Talvez o admitam em público, mas creio ser exagerado esperar que alguém acredite nisso. O que se passa em Timor hoje é uma guerra, basta falar com algum das centenas de refugiados na Austrália e em Portugal, alguns deles chegados há apenas algumas semanas, que podem testemunhar que 99,9% da população se opõe à Indonésia. Entidades timorenses que no passado em 1974 e 75 pensavam que a integração com a Indonésia era a melhor opção estão hoje escondidos nas montanhas e alguns foram até assassinados pelos indonésios. João Martins um líder proeminente da Apodeti, um professor primário, foi envenenado há apenas alguns meses e ele era um dos intelectuais que propugnava a integração na Indonésia. Nos últimos anos, porém, mudou e tornou-se bastante vocal e foi envenenado. O mesmo aconteceu com outros, assassinados pelos indonésios.

Quem em Timor hoje quer a integração com a Indonésia? Contam-se pelos dedos, sabemos quem são e onde vivem. Meia dúzia deles e é tudo. Por essa razão a Indonésia não aceita um ato de autodeterminação ou eleições livres. Se é verdade aquilo que a Indonésia diz que aquilo que se passa em Timor é o resultado de uma luta de guerrilhas instigada pela Fretilin, e se é verdade que a maioria da população prefere os indonésios, então pareceria lógico que a Indonésia aceitasse eleições livres para Timor-Leste.

A Austrália exige eleições livres na África do Sul, ainda há semanas ouvi um debate sobre sanções contra a África do Sul e no qual o senador Gareth Evans e outras pessoas exigiam o poder para a maioria na África do Sul e a realização de eleições, sanções, etc. por causa do apartheid, então porque não [pedir o mesmo para] Timor-Leste? É como Gil disse, as pessoas estão excitadas sobre o que se passa na América Central, centenas de milhares de quilómetros de distância, mas não estão interessados naquilo que se passa em Timor a apenas 400 milhas a norte de Darwin. Porque não exigir a realização de eleições na Indonésia?

X – Isto parece típico do governo australiano sempre a tentar ser visto como se estivesse a proceder corretamente, mas em relação a Timor-Leste é como se esperassem que todos se esquecessem que está ali.

JRH – Deixe-me também dizer-lhe que tendo lidado com membros governamentais australianos por mais de 15 anos, porque a primeira vez que vim à Austrália tentar obter apoio para a causa de Timor foi em 1974, sem um avo nos meus bolsos quando cheguei a Darwin, e era o começo da nossa campanha. Eu basicamente já desisti da Austrália. Claro que compete ao público australiano estimular um debate e impor mudanças em relação a Timor. Para mim a Austrália tornou-se irrelevante no caso de Timor-Leste. Depois de terem reconhecido a integração de facto e de jure na República Indonésia, a Austrália perdeu a oportunidade de preencher seja que papel for em relação a Timor-Leste. O que quer que Gareth Evans diga ou queira. Se ele tentar fazer algo de bom será apreciado, doutra forma será esquecido.

O assunto de Timor-Leste está já na agenda do congresso norte-americano, no parlamento Europeu em Estrasburgo, na CEE em Bruxelas e se bem que pareça um assunto morto e enterrado na Austrália não o foi no resto do mundo. Algumas vezes fico impressionado com os sentimentos patrióticos de jornalistas australianos e académicos que de facto pensam que a Austrália é o centro do universo. Que se nada se passar em Canberra nada se passa na Europa ou nos EUA. Aprecio isso e creio que toda a gente deveria ser patriótica, mas o facto é que geograficamente a Austrália está numa posição infeliz, pois tanto quanto se tente mudar o globo não conseguirão colocar a Austrália no centro do universo. Podem por os EUA no centro, depende como se olhar para o mapa, se virarmos o mapa de pernas para o ar teremos a África no centro em vez da Europa e vice-versa. A Austrália será muito mais difícil, exige muita imaginação para tal.

O facto de os australianos serem ignorantes, apáticos, os chamados académicos e peritos da universidade nacional australiana [ANU] que se fazem passar por académicos neutrais e independentes, embora muitos sejam consultores da Bakkim [serviços secretos indonésios] e do governo indonésio, mas de facto o assunto de Timor-Leste está bem vivo no resto do mundo. No congresso norte-americano, o vice-presidente dos EUA, Dan Quayle levantou a questão de Timor-Leste com o presidente Suharto da Indonésia. Fê-lo porque existe pressão do congresso norte-americano, do papel cada vez maior que Portugal está a desempenhar, e os EUA têm de tomar em consideração a posição de Portugal, como membro da NATO (OTAN), da CEE.

O Papa irá visitar Timor-Leste em outubro e vai lá porque Timor é um assunto importante. Quando os indonésios o convidaram [o Papa] a visitar a Indonésia em 1986 ele recusou, por causa de Timor. Eles convidaram-no de novo e desta vez resolveu aceitar desde que a visita seja extensiva a Timor-Leste. Claro que aguardámos para ver o que ele fará ali. Mas o simples facto de ter incluído Timor na visita mostra a extrema importância que Timor tem. Isto prova que o assunto não está esquecido, mesmo que os negócios estrangeiros [australianos] não queiram falar do assunto, mesmo que o Canberra Times ou outros meios de comunicação social não queiram falar disto e nós estamos bem confiantes de que o assunto será mantido nas manchetes e teremos mais apoio internacional.

X – José, o seu passado profissional cremos ter sido como jornalista.

JRH – Comecei muito novo a ter de ganhar a vida como jornalista num fraco jornal em Timor, depois fui deportado para Moçambique na África Oriental onde trabalhei como correspondente de um jornal local, cobrindo a guerra entre os portugueses e os guerrilheiros em Moçambique e era correspondente para a TV em Timor [onde não havia televisão].

X – A razão pela qual fiz esta pergunta é que através do filme há uma ênfase muito especial na perceção dos factos e em especial dos meios de comunicação social. O filme está dividido em duas partes, uma primeira que leva até aos acontecimentos de 1975, e os australianos estavam preocupados então com a morte dos jornalistas, depois a forma como a imprensa relata – ou melhor – não relata os acontecimentos em Timor deixou-me uma impressão muito forte.

GS – Penso que uma das razões porque eu quis fazer disso um dos temas centrais do filme e do título deve-se a esta apatia de que falávamos há pouco. Não acredito que os australianos tenham esquecido Timor-Leste, penso antes que lhes foi dito para esquecerem pela sua omissão dos meios de imprensa e da televisão. Como resultado fico francamente espantado com a ignorância de alguns comentadores australianos. Ainda esta manhã uma jornalista perguntou ao José sobre o seu budismo ou hinduísmo. Esta mesma comentadora deve saber segundo presumo – que a Solidariedade na Polónia é altamente católica, ela sabe isso mas desconhece tudo sobre os timorenses. É extraordinário quando se pensa no assunto. Faz parte da nossa história e da nossa perceção na Austrália como parte da Europa, o que é pelo menos insólito, considerarmos um enclave colonial da Inglaterra.

X – Parece também existir uma componente racial que pode ser manipulada na comunidade em relação ao que se passa em Timor-Leste. Essa pequena ilha com todos aqueles estranhos seres de cor. Isso leva ao facto de só ser relevante o que se passa no parlamento em Canberra ou talvez até mesmo em Washington. O outro lado da medalha será o daquelas pessoas que não têm à sua disposição uma estação de rádio ou um jornal ainda sentem profundamente o problema de Timor-Leste. O José tinha razão há momentos, porque todos os governos de Fraser, Whitlam, Hawke negligenciaram totalmente o assunto em troca da ligação com a Indonésia e EUA. Existe uma restrição profunda a nível político e geopolítico, Gil qual o seu comentário?

GS – Penso que é verdade, obviamente a Indonésia é um amigo da confiança dos Estados Unidos no Sudeste Asiático e depois da derrota no Vietname do Sul – e aquela imagem do helicóptero tentando levantar do telhado da embaixada americana em Saigão está bem gravada na mente de todos como sendo a pior hora da América, a ignominiosa derrota da América no Vietname do Sul provavelmente implicou que a Indonésia teria de ser protegida a todo o custo, e como o José diz no filme, Timor-Leste não era relevante nem para russos nem para americanos, mas o importante era essa perceção de ser a Indonésia o último bastião contra o comunismo no Sudeste Asiático, uma espécie de último dominó.

Depois do golpe [1965] que depôs Sukarno e instalou Suharto, pelo menos 500 mil indonésios no arquipélago foram massacrados numa guerra fratricida, em que velhas dívidas foram saldadas. Como se pode admitir que os indonésios venham depois acusar os timorenses de fazer o mesmo? É abominável. Contudo isso provou aos americanos que a nova clique de generais que iria reger Jacarta daí para a frente eram brutais e ditatoriais logo eram de confiança.

Estive na Indonésia em 1984/85 estudando o idioma e tentando fazer um filme sobre a Papua Ocidental além do de Timor e falei com tantos indonésios quanto possível e achei incrível encontrar nos mercados de Satiga [Java Central] grandes posters de indonésios membros do PKI [Partido Comunista Indonésio] e alertando a população de que aqueles eram perigosos assassinos e que se fossem vistos deveriam ser executados de imediato. Esta mentalidade brutal contra o comunismo é histórica na Indonésia. Ao mencionar Timor de novo surge a histeria pois a Fretilin é conotada como sendo comunista e a qual se fosse deixada em liberdade tomaria de assalto toda a Indonésia e permitiria que o PKI tomasse de novo as rédeas do poder na Indonésia, e claro que isto tem todo o apoio do departamento de estado [norte-americano] e todos sabemos a subserviência da Austrália, historicamente subserviente, primeiro pela Grã-Bretanha e depois pela América do Norte e agora ao que parece pela Indonésia. Porque somos tão subservientes? Creio que teremos de prestar atenção a isto pois no fundo pode representar a nossa queda final.

X – Todo este assunto de subserviência manifesta-se nas mais variadas formas. José como representante - tantos anos - nas Nações Unidas decerto observou toda uma vasta gama de jogos e complôs e eu estou a recordar-me da cena em que Moynihan [embaixador dos EUA na ONU] se mostra satisfeito por ter apagado o entusiasmo na



discussão do assunto de Timor e garantindo que alguns países do terceiro mundo votassem de acordo com os interesses americanos. Será isto, com base na sua experiência, aquilo que frequentemente se passa com países do terceiro mundo cujos representantes deveriam apoiar a Fretilin e Timor e são forçados a abster-se ou votar contra?

JRH – Claro que sim, por exemplo no caso do Vanuatu, o governo de Walter Lini foi sempre bastante apoiante de Timor, em 1982 houve um debate crucial, Vanuatu era um dos principais proponentes da resolução de Timor na Assembleia-Geral e a meio dos debates o embaixador australiano Lance Joseph, o assistente de Dick Woolcott, disse abertamente que se Vanuatu continuasse a apoiar a questão de Timor a Austrália cortaria o auxílio económico ao Vanuatu. Primeiro este tipo de ameaça nunca é feito desta forma direta, dado que Lance Joseph excedeu o seu papel, e Vanuatu não mudou o seu voto. Debatí depois este problema com Dick Woolcott, e se Lance Joseph parece mais um adepto de futebol do Liverpool em Inglaterra sempre pronto para uma cena de pancadaria depois de umas cervejas, ao contrário Dick Woolcott é um diplomata refinado, e apesar das enormes diferenças que nos separam trata-se de uma pessoa razoável e urbana, extremamente inteligente. Eu costumava dizer-lhe que ele era um pragmático artístico que deveria ter vivido no século XVIII e ser o tutor do príncipe em vez de Maquiavel. Isto digo-o não como uma ofensa, mas em reconhecimento do seu pragmatismo como diplomata de carreira.

Enquanto Lance Joseph é uma personagem rude e crua que em frente de um embaixador de outro país ameaça um pequeno país em relação a Timor. Não vejo a necessidade de a Austrália ter de recorrer a isto. Nós não pedimos à Austrália que nos apoie dado que não quer, se a Austrália se quiser manter afastada do assunto tudo bem, no caso de 1982 a Austrália foi deveras destruidora indo de país em país, fazendo lobbying nalguns países em favor da Indonésia. Isto não me agrava muito porque a Austrália não tem grande influência na ONU, os países africanos e da América Latina e da Europa estão-se nas tintas para a Austrália, mas os pequenos países da região são influenciados.

Existe ainda um outro fator, acho muito pouco dignificante para a Austrália este tipo de atitude. Imagine por exemplo o embaixador norte-americano na ONU à caça de votos para apoiar as Honduras.... É indigno e prova como a Austrália é capaz de descer a esse ponto envolvendo-se no assunto e tentando obter votos a favor da Indonésia e se calhar a Indonésia nem lhes pediu nada! Mas querem ser vistos como bons e amigos, para que os generais fiquem amigos dos diplomatas australianos, uma posição mais típica dos servos nos séculos XVIII e XIX na China, fazendo vénias e quase partindo a espinha diante do imperador chinês.

X – Trata-se quase de uma criança que está desesperada por agradecer em todas as ocasiões...

GS – Lamento, mas nós somos um bocado assim

X – José, no filme menciona que no seu papel na ONU é importante manter uma certa visibilidade, ser visto e falar com diferentes representantes, e para si quando há votações ganhar uma moção pode não representar muito, mas perdê-la é terrível.

JRH – Bem o que eu disse é que ganhar uma moção pode não trazer grandes alterações em relação à situação no terreno, mas perdê-la é muito triste. Para qualquer país seja para Timor ou para a Indonésia. Abertamente eles podem afirmar que não faz mal, mas depois de terem lançado centenas de diplomatas muitos meses antes da votação e delegações de alto nível para todas as partes do mundo, delegações militares, de negócios, diplomáticas para lutarem contra a nossa resolução, é embaraçoso perder, os estados nação são altamente sensíveis em relação a resoluções que os aponte em relação a um determinado assunto, seja abusos de direitos humanos ou outros. Há prestígio e orgulho nacional envolvidos ao oporem-se a serem criticados nas Nações Unidas, desta forma qualquer resolução na ONU é importante por estas razões. Perder é neste caso um importante recuo na nossa luta.

X – Qual a situação agora na ONU em relação a Timor-Leste, já mencionou a CEE e o congresso americano, outras entidades que dão apoio a uma resolução do problema, infelizmente que ainda não se passa o mesmo na Austrália, mas em relação à ONU o que se passa?

JRH – O assunto esteve na agenda desde 1975, em 1982 uma resolução crucial foi adotada a resolução 37/30 que apelava para a intervenção do Secretário-geral para iniciar conversações intervindo pessoalmente neste assunto. Em consequência o Secretário-geral tem tentado encontrar soluções e aproximar as partes envolvidas, os portugueses, nós e os indonésios. Trata-se de uma tarefa extremamente difícil, um processo doloroso e lento.

Os indonésios aceitaram conduzir negociações. Um ponto que talvez tenha passado despercebido ao público em geral: os indonésios sempre disseram que Timor-Leste era parte da república da Indonésia como 27ª província, pelo que se tratava de um assunto interno que estava fora do mandato das Nações Unidas. Contudo, ao aceitarem sentarem-se à mesa das negociações com os portugueses em frente da ONU, isto significa que eles retrocederam e pelo menos parcialmente ab-rogaram parte da sua soberania sobre Timor-Leste para as Nações Unidas, aceitando que as Nações Unidas tinham de facto um papel a desempenhar em relação a Timor-Leste. Isto foi uma vitória para nós. Eles podem dizer que Timor-Leste é parte da Indonésia, mas de facto ao concederem sentar-se e debater o assunto eles abdicaram daquela afirmação reconhecendo que Timor é ainda um assunto sob a responsabilidade da ONU.

Em julho quando me encontrava em Lisboa, o Secretário-geral deslocou-se a Lisboa para discutir com o presidente português. As negociações têm-se mantido em Nova Iorque e em Genebra com vista a levar a Timor uma larga delegação parlamentar portuguesa, cerca de 50 pessoas incluindo parlamentares jornalistas e técnicos para estudar a situação no território. Tudo isto faz parte de um esforço genérico com vista à realização de eleições em Timor.

X – Entretanto a Fretilin continua a lutar de várias formas, e embora não seja conhecida e publicitada a luta diplomática ela mantém-se.

JRH – Voltemos atrás e ao papel dos meios de comunicação social australianos. Tem havido inúmeras notícias provenientes de Timor-Leste, de fontes altamente credíveis e fiáveis. O bispo católico de Timor, monsenhor Belo, que vive em Díli, viaja através do país e tem conhecimento da situação, enviou recentemente uma carta ao Secretário-geral das Nações Unidas apelando para a intervenção do Secretário-geral para interceder junto da Indonésia para a realização de um referendo em Timor. Duramente criticou as violações de direitos humanos em Timor.

Essa carta foi altamente publicitada na Europa, no New York Times a cinco ou seis colunas. Eu posso referir Chrys Chrystello, que está aqui conosco hoje, ele é um jornalista português baseado em Sidney, e correspondente para a maior agência dos serviços noticiosos portugueses neste país, ele contactou a maior parte dos jornais australianos com esta carta. De facto, ele obteve a carta antes do Secretário-geral da ONU, e antes que qualquer outra pessoa em Lisboa e seria um “scoop” (uma caxa, um furo) para os jornais, mas ninguém se mostrou interessado. O “New York Times”, o “Washington Post” aceitaram-na, a carta faz parte dos registos do congresso norte-americano.

É por isso que o público na Austrália não sabe. Quando eu vi Bob Hawke a chorar na TV em relação à China, eu não fui cínico e considerei-o muito sensível, seria bom que todos os outros países tivessem líderes capazes de chorar por tragédias como aquela, mas ele chorou porque viu nos ecrãs da televisão o massacre de estudantes e crianças em Tian An Men, se os meios de comunicação social australianos fossem mais investigativos para preencherem o seu papel de revelar a verdade perante o público, quebrando o bloqueio indonésio, creio que o governo talvez mudasse de atitude.

Eu culpo mais a comunicação social do que o governo. É fácil para os mass media convidarem-me a criticar o governo australiano, mas eu culpo-os mais a eles do que ao governo. Outro exemplo que ainda ontem Jim Dunn narrou. Jim Dunn um ex-cônsul em Timor e uma autoridade em relação a Timor, recentemente foi convidado a apresentar um programa na rádio ABC sobre direitos humanos em geral, o diretor da ABC suspendeu o programa depois de Jim Dunn ter dito que era obrigado a mencionar Timor naquele programa e isso afetaria as relações com a Indonésia. Não é isto muito pior do que a censura na URSS de Brezhnev e Estaline?

GS – Uma vez mais a subserviência...

X – Falando do filme “Enterrados Vivos” e esta entrevista está quase tão longa como o filme, uma imagem que me impressionou do filme é a do camião do The New York Times com o slogan “todas as notícias que são apropriadas para publicação” ... Parece-me que os jornais e camiões australianos também deveriam ter uma daquelas frases.

GS – Penso que o New York Times é vítima de um anacronismo daquele slogan, que têm utilizado desde há 120 anos e nessa altura representava a retidão moral, o que quereria dizer então não publicamos nenhuma porcarias ou imoralidade...

X – Outra cena é uma reconstrução em que a mulher de alguém <sup>19</sup> vai à porta e vê um ombro largo e pensam que é a polícia. Porque decidiu reencenar essa imagem?

GS – Porque era importante para dar ênfase à dramática mudança do fim da era colonial, tal como ocorreu em Lisboa numa certa data. O fim do fascismo, o fim de repórteres tais como Adelino Gomes sendo molestados, e o recomeço da sua vida profissional. Durante o fascismo ele estava proibido de trabalhar. Queríamos mostrar como esse dia histórico começou.

X – Antes de terminar devo dizer que me parece uma luta muito solitária, José?

JRH – Toda a gente me diz isso, mas de facto a minha vida é tudo menos solitária, e nunca fui um mártir. A minha vida em Nova Iorque nunca foi solitária, onde tenho imensos amigos e dos bons, tenho amigos nos EUA e na Europa e ao longo desta luta por Timor encontrei centenas de pessoas maravilhosas, de crianças a adultos em todas as partes do mundo e ensinaram-me muito em termos de solidariedade humana. Mas não! Não é uma vida solitária.

Eu não sou como Henry Kissinger que disse “eu sou o cowboy solitário” e isso causou um escândalo nos EUA, porque ele via-se como o único arquiteto da política externa dos Estados Unidos. Eu não sou o único arquiteto da luta de Timor, há inúmeros outros envolvidos de uma forma ou outra. O que se passou é que quando o Gil foi a Nova Iorque fazer o filme eu estava sozinho naquela altura.

GS – O filme era para ser bem diferente e centrado na resolução da Assembleia-geral em que haveria 4 ou 5 timorenses vivendo num pequeno apartamento em Nova Iorque e cada um indo em diferentes direções em busca de apoios para a luta de Timor, uma espécie de cinema verité, essa a intenção original que eu planeava e ainda penso que deva ser feito um dia, o que se passou é que a resolução foi adiada em 1985 e 86 e não pude fazer o filme todo duma vez. Penso que se houver uma decisão em 1990 talvez então seja a altura de fazer esse filme.

X – Obrigado foi ótimo falar convosco hoje.

149. FILME SOBRE TIMOR NA TV AUSTRALIANA<sup>20</sup>CAMBERRA, 28 agosto, LUSA)

José Ramos-Horta e Gil Scrine produtor do filme sobre Timor-Leste “Enterrados Vivos [Buried Alive] ” conseguiram hoje pôr a situação de Timor num dos principais programas de TV nacional.

<sup>19</sup> TRATA-SE DA MULHER DE ADELINO GOMES, ÚLTIMO JORNALISTA PORTUGUÊS EM TIMOR ANTES DE 7 dez 1975.

<sup>20</sup> LUSA DESPACHO #126/89 28/8/89



Durante a última semana em várias entrevistas a órgãos de comunicação social escrita, rádio e TV o filme e a saga de Timor-Leste têm sido despertados da apatia nacional australiana, segundo declarava há momentos Gil Scrine à Lusa.

"Com mais de dez entrevistas em menos de uma semana, em Camberra, Sidney e Melbourne, a saga dos timorenses e o filme puseram Timor na lista dos assuntos que as pessoas queriam esquecer, mas não podem" confirmou Horta, que se mostrou extremamente crítico em relação aos mass media.

"Ao longo destas entrevistas conseguimos expor porque é que as autoridades governamentais australianas e os meios de comunicação social tentam evitar o assunto, e felizmente temos obtido uma cobertura ótima para a apresentação ao público no próximo domingo do filme "Enterrados Vivos" que terá lugar em Sidney e no qual contaremos com a presença do cônsul geral de Portugal Alexandre Vassalo.

"Várias pessoas com quem contactamos nos últimos dias têm-nos dito que há muito se não focava Timor como agora e que era bom saber que o assunto não estava morto no resto do mundo"

"Na estreia pública do filme estarão presentes entidades importantes ligadas ao problema de Timor além de mim e do João Carrascalão teremos o novo presidente da UDT, Dr. Paulo Pires que se desloca propositadamente à Austrália para incrementar a participação da população timorense na nova fase diplomática da Convergência Nacionalista " disse Horta a finalizar.

## 150. ESTREIA DO FILME <sup>21</sup> SIDNEY 27 agosto 89 LUSA)

Mais de 500 pessoas aplaudiram esta noite em pé a estreia pública do filme "Enterrados Vivos – a história de Timor-Leste" que se centra à volta de José Ramos-Horta. O filme que nas últimas semanas tem estado a ser lançado nas diversas capitais australianas tem merecido boas críticas por parte dos órgãos de comunicação social.

Esta semana por exemplo o único jornal nacional The Australian publicava um artigo a 3 colunas relativo ao mesmo, e a TV e outros meios da comunicação social davam relevo ao esquecimento que o caso de Timor tem tido na imprensa australiana.

Na sessão inaugural de hoje estiveram presentes: o cônsul geral de Portugal Dr. Alexandre Vassalo, o cônsul para os assuntos da imigração e comunidades portuguesas, Eduardo Oliveira, José Ramos-Horta embaixador de Timor na ONU, e o corpo dirigente da UDT (União Democrática Timorense) constituído pelo Dr. Paulo Pires expressamente vindo de Lisboa para o efeito, João Carrascalão, Domingos Oliveira e outros membros do comité central da UDT.

Tratou-se da primeira vez desde há muitos anos que as cúpulas da convergência unitária timorense se encontravam tão altamente representadas.

Com uma presença superior a 500 pessoas, nas quais, segundo a Lusa apurou, se encontravam veteranos australianos da 2ª Grande Guerra, a senadora australiana Irina Dunn do partido antinuclear para o desarmamento do Pacífico, inúmeros membros da comunidade timorense aqui radicada, intelectuais, jornalistas australianos e apenas um representando os semanários portugueses locais: José Almada, diretor do "Português", propriedade do Clube Portugal Madeira.

No final da sessão que por várias vezes foi interrompida por ovações do público, houve um cocktail, durante o qual o cônsul geral de Portugal Dr. Alexandre Vassalo declarou à Lusa "este filme devia ser visto em Portugal".

Eduardo Oliveira da secretaria de estado da imigração e comunidades adiantou que "estava disposto a interceder junto das autoridades portuguesas e em especial da RTP para que a passagem deste filme em Portugal fosse possível, dado tratar-se de um documento extraordinário, do qual o governo português se não devia dissociar".

O sucesso desta primeira exibição pública vem culminar uma crescente ofensiva nos órgãos de informação australianos para o problema de Timor, que nas últimas semanas pode ler doze entrevistas e vários programas de TV e rádio dedicados a Timor-Leste.

De acordo com o que Ramos-Horta disse à Lusa: "não deve ser menosprezada a vontade dos portugueses e timorenses em resolver o problema e tal como me foi assegurado aquando da minha visita em fevereiro a Portugal pelo próprio presidente Dr. Mário Soares, este quer ver encontrada uma solução para o problema da mesma forma que o Prof. Cavaco e Silva a tenta."

O filme "Enterrados Vivos" de Gil Scrine manter-se-á em exibição em Sidney por várias semanas depois da sua apresentação na passada semana em Camberra e em Adelaide e Melbourne.

O semanário "O Português" que na sua última edição dedicava a 1ª e a 17ª página ao filme, irá apresentar esta semana um suplemento especial de 4 páginas dedicado ao mesmo e ao problema de Timor-Leste.

## CRÓNICA 256 FUTEBOL E TIMOR 20.5.2019

Normalmente nunca deixo que algo me apoquente muito tempo sem extravasar esse meu descontentamento.

Comecemos por um tema raramente abordado nestas CrónicaAçores: o futebol. Sou simpatizante desde os seis anos do FCP, pois foi então que me levaram ao velhinho estádio a ver um jogo contra os brasileiros do Vasco da Gama (junho 1955, vitória local 4-2), mas nestes últimos anos ando desligado graças à corrupção de clubes, árbitros, federações e tudo o mais...bem sei que desde a antiga Roma e dos espetáculos circenses o povo sempre preferiu estes a preocupar-se com a governação, mas quando a falta de fair-play, as agressões, insultos, provocações, e ameaças passaram a ser moeda corrente faço o mesmo que fiz com a Fórmula Um, desligo e desinteresse-me.

Comprado ou "ao colinho" o Benfica ganhou a jogar bem, e o FCP que tem jogado mal qb, perdeu, pois, merecia perder, e como perdeu e nunca soube perder, perdeu as estribeiras. Nada que os seus rivais não tenham feito noutros anos. Enquanto não despromoverem os "grandes" todos por corrupção (falta provar apenas, pois todos sabemos que ela existe há décadas...) para a segunda liga ou liga de honra, como aconteceu em Itália, isto nunca endireita, os "pequenos" são sempre prejudicados e os grandes vão ganhando à vez, exceto o Sporting que só consegue vencer a cada 5 anos bissextos... depois, há os interesses políticos amancebados com a bola desde há muito, dirigentes políticos e políticos dirigentes... parece uma oligarquia russa.

Bem dizia eu que o fado, futebol e Fátima se manteve, mesmo depois do 25 de abril.

O segundo assunto que me incomoda é a minha primeira adotada pátria, Timor, que com biliões de petróleo continua a ter a maioria do povo na miséria, dizem que ainda há fome, e muitos dos lideres em abjeta boa vida rodeados de todos os bens materiais de que não necessitam. As estradas que custam milhões caem com as primeiras chuvas (no tempo dos portugueses usavam-se estradas dos japoneses melhoradas, mas não lhes chamemos estradas, pois eram picadas nalguns meses do ano e noutros eram lamaçais ou ribeiras de boa e muita água corrente... e quando se construía uma ponte como a Ponte Ricardo Albery caía pouco depois e todos se contentavam com estas estradas...

<sup>21</sup> EXCLUSIVO LUSA DESPACHO #125/89 27 agosto 89



(ANTIGA ESTRADA ATSABE - BALIBÓ)

Nova estrada do Suai, semanas após a inauguração:



Pois bem, Timor celebra por estes dias 17 anos de independência total e como dizia o escritor Luís Cardoso “Celebro a data de hoje erguendo a minha taça vazia de espumante e cheia de boas intenções. Que um dia o meu país possa libertar-se dos seus libertadores. A minha lembrança vai para todos aqueles que nunca pediram nada em troca por terem oferecido tudo, inclusive as suas vidas.”

Mas passados estes anos e todos os terrores, desde o abandono de Portugal, à guerra civil de agosto 75, à invasão indonésia, à destruição e morte das milícias contra a independência, tempos, as feridas continuam lá, mesmo as mais antigas de agosto 1975, não sararam, sem cicatrizes e continuam em carne viva, separando famílias, amigos e outros que a morte ainda não levou.

Aliás, nota-se isso na ingovernabilidade que, de uma forma ou outra, atrasa o desenvolvimento do país, com governos que se sucedem a governos, nenhum deles sem poderes ou autonomia governativa, embora transversal a todos seja a capacidade de corrupção. E mais havia para dizer, mas não vale a pena...

Ou como escrevi em “LÁGRIMAS POR TIMOR, ATÉ QUANDO? 16 julho 2012”

sem alguém capaz de congregar o povo  
sem alguém capaz de governar para todos  
sem alguém acima de agendas pessoais  
sem alguém acima de partidos

temos de ultrapassar agosto 75  
udt e fretilin  
a invasão indonésia e o genocídio  
faça-se ou não justiça  
é urgente um passo em frente

é urgente alguém com visão  
um sonhador, um utópico  
um poeta como Xanana já foi  
alguém que ame timor  
mais do que ama suas crenças  
mais do que ama suas ideias  
mais do que ama sua família

talvez mesmo uma mulher  
sensível e meiga  
olhar almendrado  
pele tsnada  
capaz de amar  
impulsiva para acreditar  
liberta de injustiças passadas  
solta de ódios, vinganças e outras  
capaz de depor as armas  
todas  
e liderar.

### CRÓNICA 257 MAIS UM DIA DOS AÇORES MAIO 2019

Estou pouco prosaico este ano no dia dos açores e poeticamente lembrei-me disto....vá-se lá saber porquê..

#574. soletras autonomia, 14 abr 2013

ilhas de névoas e gaze  
de novelões e conteiras  
do verde e do azul  
ó gente de basalto  
quem canta a tua gesta?  
terras de maroiços  
cais de rola-pipas  
mar imenso abraçado  
lacerado por vulcões  
ilhas de bardos e músicos  
republicanos presidentes



poetas, pintores e artistas  
anteros, nemésios e natálias  
quem te liberta das grilhetas  
do passado feudal  
da escravatura da fé  
do atavismo ancestral?  
soletras autonomia  
gaguejas liberdade  
titubeias emancipação  
com laivos de insubmissão  
como a irmã galiza  
cicias um 25 de abril  
que tarda em chegar

ou então podia ter-me lembrado disto:

594. autonomias nominais ( 6 junho 2013

**“para saberes quem te governa descobre quem não podes criticar”**

**Voltaire**  
**hoje acordei sem voz**  
**sem mãos,**  
**sem pés**  
**sem coração.**  
**habito nove ilhas de mil cores**  
**arquipélago de mil autores**  
**num fiasco de autonomia**  
**pobreza sem alegria**  
**na independência poucos confiam**  
**em busca de subvenções porfiam**  
**melhor é ficar mudo e quedo**  
**viver dos subsídios esmoleres**  
**submissos e acomodados**  
**pobres despreocupados**  
**servos enfeudados**  
**ingénuos explorados**  
**na eterna espera de Godot**  
**de um Mandela que não nasceu**  
**assim se explicam os açores**  
**ilhas de mil e uma dores**

podia ter-me lembrado doutro escrito meu

**534. açorianices 13 dez 2011**

disseram para falar de hortênsias  
plantar a palavra mar e algum sal  
lugares comuns de bruma  
azáleas, camélias, novelões,  
conceiras, milhafres e cagarros  
e assim se cria um escritor açoriano

houve mesmo quem acreditasse  
autores nasceram assim  
nas ilhas e na estranja  
ganharam prémios, foto no jornal  
o governo pagava e promovia  
era uma primeira açorianidade

desta janela de neblina  
avisto o mar em desalinho  
mas sem hidranjas  
nem vacas alpinistas  
nem açores a esvoaçar

não terei nome no basalto

cantarei o arquipélago da escrita  
sem títulos nem honrarias  
sem adjetivos telúricos  
sem versos de rima quebrada

não é açoriano quem quer  
mas quem o sente.

E termino dizendo

**580. primaveras 3, (à ni), 3 maio 2013**

trazias primaveras nos cabelos  
e verões no olhar  
demos as mãos e rumámos ao futuro

voamos nas asas do vento  
vivemos vulcões, tremores e furacões  
cruzámos mares e continentes  
perdemos o norte e o rumo  
encontrámos paraísos desconhecidos  
sussurrámos promessas e sonhos  
navegando as asas da açorianidade.

CRÓNICA 258 ELEIÇÕES ONDE ATÉ OS VENCEDORES DEVEM SER CONSIDERADOS VENCIDOS 27.5.19

Ao fim de 45 anos de direito ao voto, levantei-me e não necessitei de vestir o meu fato domingueiro para exercer essa prerrogativa neste ato eleitoral para a EU. Nunca esqueço do que a minha geração lutou por esse direito que também é um dever, ao contrario do que a maioria das pessoas pensa.

Bem sei que pode não ter ajudado essa coincidência da votação com a celebração do ponto mais alto da religiosidade micaelense (Festas do Senhor Santo Cristo dos Milagres) e onde se estima que mais de metade da população da ilha tenha ocorrido às festividades, mais uns milhares que vieram de fora da ilha, fosse da diáspora ou doutras ilhas.

De um ponto de vista meramente filosófico, creio que os habitantes desta região autónoma ainda não compreenderam que sem os fundos europeus os Açores não teriam progredido como se tem visto nestas últimas décadas. Talvez tenham mesmo esquecido a canga feudal que os assolapou durante quinhentos anos, e, se bem que diluída ainda subsiste dissimulada e vestida de novas roupagens, em meios rurais como aquele que me rodeia. Basta atentar que a minoria que ora tem acesso à universidade estaria condenada a tarefas agrícolas e pecuárias tradicionais se não fossem os fundos europeus e outras mudanças verificadas.

Ainda uns dias antes das eleições havia pessoas que se mostravam espantadas com a Europa, pois nunca se tinham apercebido que os Açores são europeus, portugueses sim, mas europeus???? A Europa é uma noção difusa, longínqua, inexplicada e inaprendida nas escolas e nas localidades que dela dependem para consubstanciarem o seu progresso. Daí todos me desejarem as Boas Festas (e eu espantado, ainda falta tanto para o natal!!!) pois para a maioria nestes meios rurais o importante são as celebrações de cunho religioso e a anual festa pagã da sua freguesia.

O dia amanheceu quente e soalheiro a convidar para a praia os que são menos atreitos a estas coisas de festas religiosas e o movimento local era reduzido pois, desde muito cedo, quase todos haviam abalado para as “Festas” e a própria missa local parecia um deserto ao meio dia, quando nem 5% dos eleitores aqui tinham votado.

Por mais preocupados que os líderes partidários digam estar com a abstenção, as suas declarações são iguais às de eleições anteriores e desde então nada (ou muito pouco) foi feito para reduzir esse abstencionismo que bateu os recordes nacionais. A razão é simples pois conseguem-se grandes vitórias eleitorais com um, cada vez, menor número de eleitores. Nem 20% exerceram o seu direito de voto nos Açores, logo uma maioria de 40% representa 8% do eleitorado, mais coisa menos coisa... com dizia, por outras palavras, o colega Osvaldo Cabral, qualquer dia os partidos quase nem precisam de votos para vencerem...

A verdade é que a RTP Açores ajudou, pois ao transmitir em direto todas as festividades do Santo Cristo sem dar conta do progresso eleitoral prestou um mau serviço à democracia...afinal vive-se num estado laico ou a RTP Açores que tanta coisa transmite em diferido, não poderia fazer uma cobertura das eleições ou, no mínimo dando nota em rodapé da evolução da contagem dos votos???

A abstenção vence assim mais umas eleições nos Açores (186195 que não votaram, ie mais 4096, comparando com resultados de há cinco anos 182099)

Branco de 2.872 para 3.214 (+ 342)  
Nulos de 957 para 962 (+ 5)  
PS de 18.497 para 17.494 (- 1.003)  
PSD e CDS de 13.266 para 11.650 (- 1.616)  
PCP 1.734 para 1.083 (- 651)  
BE de 1.649 para 3.195 (+ 1.546)  
PAN de 562 para 1570 (+ 1.008)

(Nota assustadora aqui da Lomba da Maia, de 1064 eleitores, 137 votaram em 12 partidos: o PS ganhou 39,4% com 54 votos contra 28,5 e 39 votos do PSD, ou seja 93 votantes a definirem esta freguesia...um voto equivalia a 0,73%).<sup>22</sup>

Andamos a contraciclo da Europa que votou (50,9%) elegendo 179 eurocéticos e nacionalistas e Portugal 0. Há jovens fora do sistema votando em protesto em algo que mal se conhece o PAN ou num partido que está contra o sistema mas que não se sabe o que fará quando for sistema - o Bloco. E isto devia dar matéria para pensar. Quando ao resto a diluição do peso do PCP-PEV e do CDS são oscilações normais que refletem o real peso destes grupos na sociedade portuguesa, havendo sempre o perigo de que a diluição do peso do CDS origine um crescimento duma direita mais musculada como em Itália e França (a coligação BASTA teve 1,5% dos votos ou 49 mil votos na sua primeira aventura eleitoral).

Dito isto e, ao contrário das declarações de todos os partidos convidados a deporem perante as câmaras de TV, nestas eleições até os vencedores devem ser declarados vencidos. Enfrentemos, de uma vez por todas, a abstenção eleitoral: os Açores são uma região subdesenvolvida e atrasada enquanto as suas populações não entenderem a relevância do voto.

**Para isso falta o que já é habitual: educação e consciência cívica, sem isso, não há subsídios da Europa que cheguem!**  
Quanto menos educação e menos consciência cívica tiverem as massas, mais fácil se torna conduzir o rebanho ao matadouro que é como quem diz, levar a água ao moinho do moleiro que nos há de tyranizar. Os alertas estão aí em vários países europeus, acordem enquanto ainda podem.

Aqui na Lomba da Maia as pessoas pensam na Europa como nesta imagem

22





CRÓNICA 259 DEMOCRACIA E CIDADÃOS 31.5.19



De quatro em quatro anos, ou quando acontecem eleições todos os políticos de todos os quadrantes se mostram vocalmente preocupados com a abstenção que sobre exponencialmente em cada ato eleitoral. Antes das eleições os partidos tratam os cidadãos como se eles vivessem na idade da pedra, prometendo coisas que – sabe, de antemão – dificilmente irão cumprir.

Descem aos povoados, mercados, feiras, beijam peixeiras, bebés e tudo e todos que encontram convencidos de que estão a ser muito bem aceites. Dantes, após o 25 abril ofereciam esferográficas e outra parafernália como “recuerdo”, agora incluem orçamentos participativos onde os eleitores sugerem os seus planos e pensam os políticos que assim se cumpre a democracia e que assim estão a ouvir a voz do povo, mas depois do ato eleitoral, promessas esquecidas, projetos alterados consoante os lóbis e as forças de pressão a que todos os políticos estão sujeitos se quiserem ser reeleitos afastam-nos mais e mais dos eleitores.

As camadas mais jovens criadas numa era cibernética que nada tem a ver com a forma como ainda se faz política, liga os seus fones, de olhos colados aos seus smartphones e segue em frente, muitas vezes dando votações magníficas aos populistas e outras forças oportunistas, xenófobas, racistas, anti-imigração, mas que parecem responder aos seus sentimentos básicos de insegurança pelo futuro.

Sabermos bem que apesar da enorme facilidade de acesso à informação, esta se encontra inundada por fake news e por outras falsidades, e uma mentira contada mil vezes acaba por ser aceite como verdade, cono as camadas mais jovens não tiveram um ensino que privilegiasse a capacidade e o pensamento crítico, são incapazes de questionar-se sobre essas doses maciças de informação e falsa informação que lhes chega, desde mensagens subliminares na publicidade, a filmes e outras formas de comunicação. Acabam assim, mais facilmente manipulados do que alguma vez imaginam.

O mesmo se passa com os mais idosos, com os que têm menos cultura política, os que vivem de telenovelas e casas dos segredos, os que estão totalmente alienados pelo futebol e sabem mais de cada jogador do que alguma vez saberão sobre os seus direitos e deveres cívicos.

E, claro que em nada ajudam as revelações, quase diárias de arguidos em casos e mais casos de corrupção, cuja maioria acaba em “águas de bachelau”, pois muito poucos são os que são condenados ou cumprem penas efetivas, levantando dúvidas sobre as investigações e, posteriormente, sobre os juízes.

Nada disto ajuda, mas daqui a uns anos teremos percentagens ainda menores de leitores, quando os eleitos tiverem apenas os votos das suas máquinas partidárias e o povo foi à bola ou à praia...



CRÓNICA 260, VOLTEM AS CARAVELAS, OS CTT AGRADECEM 1.6.19

Emitida a 18 de abril a carta emitida em Lisboa com o respetivo cartão bancário chegou à Lomba da Maia, S Miguel, Açores a 31 de maio, com uma impressionante rapidez de 43 dias que demorou a atravessar o mar adamastor que nos separa de Lisboa. Quase que batia o recorde de cem dias doutra carta emitida pela MEEA (Associação de Jornalistas Australianos) em 8 de dezembro na Austrália e que aqui chegou a 19 de março, mas isso justifica-se pelos perigos do oceano pacífico infestado de tubarões. Nos tempos do infame Estado Novo uma carta do meu pai, do Porto a Díli, Timor, demorava normalmente quatro semanas usando a sarcástica-mente denominada Carreira das Índias Orientais.

Quanto à distribuição local de correios aqui nesta costa norte da ilha de São Miguel, ao fim de 15 anos de um dedicado carteiro que até me fazia sinais de luzes e me parava na estrada entre a Lomba da Maia e a Maia, para me entregar correspondência, passamos a um novo sistema em que um jovem voluntarioso usa a sua viatura particular que ele próprio ou a companheira conduzem, para nos distribuírem o correio, o que acontece provavelmente uma vez em cada semana.

Não adianta preencher a queixa no livro de reclamações, assim como de nada adiantaram os protestos de alguns deputados na Assembleia da República, foi isto que compraram e é isto que têm, graças a essa generosa venda a privados de uma das companhias de marca e de valor, e que eram os CTT, com uma tradição centenária de bem servir um país que mais parece uma manta de retalhos no que toca à distribuição postal.

Claro que, se trouxermos as naus e caravelas de volta estamos certos de que a qualidade do serviço irá melhorar, proporcionando serviços, pagos ao salário mínimo, aos desempregados e aos que recebem o rendimento de inserção social e, que não perderão a oportunidade de vida aventureira nas naus e caravelas, podendo simultaneamente desfrutar dos prazeres de utilização dos seus smartphones entre escalas marítimas.

Desta forma poderiam evocar a memória de Pedro da Silva, o imortalizado carteiro português que ficou célebre no Canadá no século XVII, como Pierre da Sylva. Batizado na Igreja de São Julião em Lisboa após o seu nascimento em 1647, deixou Portugal em 1672 ou 73 e chegou à Nova França, casando em 1677 e gerando 14 filhos.

Em 1681, mudou para Sault-au-mattlot na cidade do Quebeque.

A documentação da época revela que em julho 1693 recebeu 20 sols, equivalente a 20 libras, para transportar um pacote de uma carta de Montreal para a cidade de Quebeque e em dezembro 23, 1705 recebeu uma carta assinada por Jaecques Raudot, declarando-o o primeiro correio do Canadá. Depois, receberia permissão para transportar cartas de entidades privadas, sendo sempre pontual e cumpridor, diligente e leal, auferindo o privilégio de ser o mensageiro regular de mercadorias e de correspondência oficial do Governador-geral da Nova França, entre o Quebeque a Trois Rivières em Montreal.

Pedro da Silva efetuou o transporte de correio e mercadorias pelo rio São Lourenço durante a guerra entre a França e os iroqueses, um grupo nativo que apoiava o império inglês, o que terá contribuído para que o rei francês Luís XIV o tenha nomeado como Mensageiro Real na Nova França

Em 2003<sup>23</sup> foi emitido um selo comemorativo e houve outras homenagens.



CRÓNICA 261. VAMOS FALAR DE EDUCAÇÃO, 5 JUNHO 4,2019

Declaração de interesses: só uma vez na vida fui professor de jovens, por imposição do serviço militar em Timor quando ministrei durante três meses o antigo ciclo preparatório do liceu (5º e 6º ano de escolaridade) na montanha em Bobonaro (setº a dezº 1973). Voluntariamente ministrei Inglês, depois, durante o 2º período (1974) no Liceu Dr Francisco Machado em Díli, usando os métodos de Paulo Freire (muito avançados naquela época) mas ao fim desses três meses decidi que não tinha mesmo vocação para ensinar. Mais tarde, na Austrália dei aulas de Tradutologia e preparei na UTS (Universidade de Tecnologia de Sydney) os alunos candidatos à profissão de tradutor e intérprete sob a supervisão da NAATI, entidade federal de acreditação oficial

*“é responsabilidade do Estado formar as pessoas para que saibam ser melhor profissionais e capazes de gerir mais autonomia” José António Salcedo 3.6.19*

*aí estamos de acordo e daí o tema do nosso colóquio 2020...pois o estado não o faz, só pensa em falsificar estatísticas, os resultados escolares dos açores são dos piores na Europa, e em poupar \$\$ sem contratar profes mantendo vínculo precário 10, 15 anos e mais.... e a geração mais antiga, dedicada (não serão muitos, mas há bons profes) está neste momento desgastada, exausta, desmotivada e frustrada ...fazem tudo menos ensinar e são quase que obrigados a passar toda a gente para baixar as taxas de retenção... Chrys*

*«interessa-me a educação pois ainda me preocupo com o mundo. Se queremos mudar o mundo, temos de investir na educação. A economia e a guerra não posso mudar pois estão nas mãos dos donos disto tudo, mas a consciência humana ainda pode ser mudada. Por isso me interesso pela educação. É possível mudar a consciência dos mais jovens. Mas temos de mudar de paradigma, a educação tem de ser valorizada com gente com talento e competência, com a vocação pedagógica, de transmitir valores (...).» Chrys 2006*

Desde que vim da Austrália para Portugal, há duas décadas, continuei a cada três anos, a ter de comprovar as minhas atividades de formação pessoal e profissional para continuar acreditado como tradutor oficial. Aqui já vi professores sem vontade nem vocação porque não podiam ser mais nada e ficaram enfastiados a dar aulas, sem que o sistema fizesse a triagem entre os bons profissionais e os maus, sem que algo fosse feito para recuperar os que podiam ser bons professores, dedicados, interessados e capazes de aceitarem qualquer desafio de passar conhecimentos e ensinar a pensar.

Vi a educação e o ensino serem degradados pela tutela e pela sociedade, com a família a dissolver-se e a endossar as suas obrigações parentais para os educadores. A escola passou a ser um armazém para onde se mandam as crianças enquanto se vai ganhar algum e os professores que os eduquem...

Quando há uma greve a preocupação dos pais não é sobre um dia a menos na missão de aprendizagem, mas um dia a mais sem ter onde deixar os filhos. A educação assistiu impávida ao massacre desses párias da sociedade, os professores, e por isso o orçamento nacional baixou mais de 4% na secundária e básica e mais de 8% na terciária (2011). Os professores qualquer dia passam a acampar na escola para fazerem o que os pais não fazem e deixarem de ser uns malandros, pois eram os únicos privilegiados, no resto da função pública ninguém se lhes iguala.

O ensino que temos é uma lástima, mas, propositadamente, escolhem-se os professores para bodes expiatórios da crise, e se bem que muitos mereçam ser punidos, a maioria come por tabela. Em vez de se extirparem os culpados, aplicam-se as novas medidas draconianas para os incumpridores e para os outros, os que se esforçam e cumprem, mesmo sem ambiente de trabalho apropriado, sem condições físicas ou materiais para

<sup>23</sup> Há um documentário histórico de homenagem ao primeiro carteiro do Canadá, realizado pelo produtor e realizador Bill Moniz, a biografia histórica assinada pelo investigador lusodescendente Carlos Taveira, ou a iniciativa dos Serviços Postais canadianos que lhe dedicaram no princípio do séc. XX um selo.



exercerem a sua profissão, e receberem de prémio a honra de serem vilipendiados como prémio da sua dedicação. Os professores escolhidos para bode expiatório com carreiras congeladas. Os alunos, sem sequer estudarem, passam para não estragarem as estatísticas em Bruxelas.

Defendo a meritocracia que vivi na Austrália, que premeia os resultados e os esforços (mesmo que seja fora da caixa = *outside the box*) em vez de termos umas avaliações de professores, tipo faz-de-conta, que ninguém quer e para nada servem. Lamento, mas nem todos nasceram para ensinar....

Também, ao contrário do que vem sendo anunciado desde 1974, nem todos nasceram para aprender. Nesta fase de rápida mudança, assistimos a um ensino que se assemelha ao do século XIX, mas sem os castigos corporais, as orelhas de burro, as palmatoadas, etc. Assiste-se a um total desrespeito pela Escola e pelos professores, quer por alunos, por pais e pela sociedade em geral. De ano para ano assiste-se a um menor rendimento e preparação dos alunos, e creio que tal se deve ao desaparecimento da velha guarda de professores primários da Escola do Magistério.

Depois, há a necessidade e a obrigatoriedade de passar os alunos, custe o que custar. Recentemente, surgem, cada vez mais, casos de alunos com necessidades especiais que servem para justificar a integração nos quadros de pessoal docente com curtos cursos de “necessidades especiais”. Os professores são tradicionalmente avessos à mudança, não se cultivam nem têm formação capaz (e a culpa nem é só deles), gostam de engrenar a sua rotina de ensinar e repetem modelos exaustos. Desde 1975 repetem-se as reformas atrás de reformas, mal dando tempo a aferir sobre os seus resultados...

Por outro lado, cada vez têm menos tempo para ensinar e preparar aulas, gastam enormidades de tempo em reuniões improfícuas sobre tudo e mais alguma coisa além das constantes alterações da tutela. Os alunos de meios desfavorecidos (rurais ou urbanos) não têm ao seu alcance alternativas de ensino, andam contrariados, desmotivados e muitas vezes não querem mesmo aprender, o futuro deles são as vacas e não a sala de aulas.... O resto direi noutra altura...

Entretanto como os miúdos não gostam de Filosofia, Matemática e outras coisas sem relevância, o melhor a fazer é cortar essas disciplinas e seu peso curricular. Os editores agradecem, pois sempre são mais uns livritos a imprimir para os encarregados de educação comprarem.

Depois, há uns anos, uns iluminados em eduquês, sentados nos seus gabinetes com comodidades e equipamentos adequados, em vez de porer as crianças a gostar da língua e da gramática inventaram a TLEBS, coisa muito fina, própria de doutores, esquecendo-se que a TLEBS é boa para os filólogos e estudantes do ensino superior que se dedicam àquela área específica da língua.

Esqueceram-se, porém, de que iria sempre haver uma certa dificuldade porque no ensino do Francês, Inglês e doutras línguas não se podem ensinar aqueles palavrões.

Nós, plebeus da educação, estávamos conscientes do logro, pois essas línguas de bárbaros incultos se descuidaram ao não adotarem a TLEBS. A França e a Inglaterra (como todos sabem) são países de analfabetos que não percebem nada de linguística e ninguém lhes disse que Portugal inventara a TLEBS.

CRÓNICA 262 · A INFINDÁVEL SAGA DA NOVA CADEIA EM PDL 5.6.19

INFORMAÇÃO [Antena 1 Açores](#)

*Volta-face no concurso para a retirada da bagacina na Mata das Feiticeiras, o local onde vai ser construída a futura cadeia de São Miguel. O Gabinete Jurídico do Instituto de Gestão Financeira e Equipamentos da Justiça acaba de validar a contestação do consórcio Tecnovia - Marques. Tal como tinha avançado a Antena 1 - Açores, a retirada da bagacina foi adjudicada pelo Júri do Concurso ao Consórcio Casanova - Almerio e Cordeiro. Decisão que foi contestada pelo outro consórcio concorrente, formado pela Tecnovia - Marques. Um "volta face" que bem pode acabar no Tribunal. A decisão vai contra a decisão do júri do concurso para a retirada de bagacina da Mata das Feiticeiras, na Lagoa, terreno onde vai ser construída a nova cadeia de São Miguel. Nos últimos dias de maio, a Antena 1 Açores avançou que o consórcio Casanova - Almerio e Cordeiro tinha sido o vencedor do concurso, no valor de 3 milhões de euros para a retirada da bagacina. O contrato deveria ser assinado ainda esta semana, mas o consórcio Tecnovia - Marques decidiu contestar então a decisão do júri, com base em questões processuais e que passam pela validação de assinaturas na plataforma digital e procurações de poderes. A Antena 1 Açores contactou o consórcio Casanova - Almerio e Cordeiro e para já não há qualquer decisão tomada: o consórcio vai reunir com os seus advogados para decidir o que fazer com este "volta-face". Há um cenário em cima da mesa: a entrega em Tribunal de uma providência cautelar para suspender a decisão que entrega à Tecnovia - Marques a obra de retirada da bagacina. Uma providência cautelar que por si só leva o assunto à barra da Justiça e que pode fazer arrastar no tempo a decisão sobre que empresas irão, definitivamente, retirar a bagacina da Mata das Feiticeiras." (CV)*

Dizia-me, em tempos, pessoa amiga que o negócio da cadeia de Ponta delgada, que se arrasta há anos, é para se continuar a arrastar. Com a doação do terreno a obrigar à retirada da bagacina, protela-se mais 2 ou 3 anos a fase da construção. Talvez fique mais barato pagar esta fortuna do que começar a construir já, e assim se poupam uns trocos.

Agora, com esta confusão sobre a adjudicação da retirada da bagacina, o processo vai encravar na rapidez judiciária, e daqui a uns anos ainda nada terá sido feito, poupando-se, por mais algum tempo, o investimento de 50 milhões para-a nova cadeia que teria capacidade para 400 presos. Manter-se-ão assim as situações desumanas dos presos na velha cadeia com 150 anos, degradada e sem condições de alojamento individual dos reclusos, nem condições dignas de trabalho para os guardas prisionais.

O estabelecimento de Ponta Delgada apresenta uma situação de sobrelotação grave, sendo preocupantes as condições higienossanitárias, claramente deficientes face ao número de reclusos existentes na mesma cela, configurando tratos degradantes e desumanos tendo lotação para 110 pessoas, mas alojando nesta data 196 reclusos.

Os cinco anos previstos para a construção do novo estabelecimento prisional serão como as infindas obras de Santa Engrácia?

CRÓNICA 263, 6 JUNHO 2035

*Acordei para mais um magnifico dia de sol sobre a ampla baía de Ponta Delgada cheia de cruzeiros de luxo. Em frente à marina as pessoas aguardavam a vez de embarcarem no metro de superfície para as praias (da costa sul e de norte e oeste). A linha dos Mosteiros sempre atrasada e a abarrotar de gente. O investimento em infraestruturas ferroviárias fora desencadeado no fim da década anterior quando os Açores começaram a receber cerca de 3 milhões de turistas ao ano.*

*Ao contrário do que sempre fora feito, não investiram em estradas para um trânsito, cada vez mais congestionado, e introduziram várias linhas de metro de superfície que se alargavam já a vastas áreas da ilha. Faltava a ligação Ribeira Grande - Nordeste e Nordeste – Povoação. Aqui, fora já instalado o primeiro de uma série de teleféricos turísticos para quem queria ir ao Pico da Vara observar o ancestral habitat natural do priolo essa ave que se extinguiu subitamente com o aumento do influxo turístico em 2020. Estavam suspensos os projetos dos teleféricos nas Sete Cidades, Furnas, Povoação, Lagoa do Fogo, mas com os atuais cortes de fundos europeus era incerta a data da sua concretização.*

Na marginal de Ponta Delgada, perto da antiga Calheta de Teive, pejada de hotéis e com o casino, havia agora um moderno heliporto que servia de base aos táxis aéreos (de drones sem condutor) que faziam viagens curtas até Vila Franca e à nova marina do ilhéu, enquanto mais adiante os táxis marítimos sem condutor, aguardavam os turistas que queriam observar a vida marinha ou ir até Santa Maria ver foguetões e visitar o Centro Espacial da Malbusca.

Na costa norte da ilha, como sempre aconteceu ao longo dos séculos, as coisas estavam ainda muito mais atrasadas e apenas se disponibilizavam passeios pela costa, usando os antigos barcos de pesca de Rabo de Peixe, Porto Formoso e da Maia com os pescadores reformados a servirem de guia às grutas e praias esconsas da ilha.

A grande autoestrada marginal entre os Arrifes e a Achada ia prosseguindo com grandes atrasos, que a costa era escarpada e não era fácil construir uma estrada panorâmica na inclemente costa nortenha.

A grande atração da capital da costa norte continuava a ser, desde há muitos anos, a das viagens de balão entre a cordilheira central e a Ribeira Grande, o roteiro das igrejas, os campeonatos de surf e as mariscadas ao pôr do sol. Os planos para recuperar os moinhos da costa norte nunca avançaram, dadas as necessidades de apoio social à sempre crescente população da cidade satélite de Rabo de Peixe e suas inúmeras necessidades de apoio social. A cidade crescera em todas as direções sendo agora uma linha contínua de habitações entre as Capelas e a Maia, que se haviam tornado meros subúrbios dormitório da Ribeira Grande.

O pequeno submergível que iria explorar os navios afundados junto à costa oeste e norte, fora desviado pela tutela do turismo para a Lagoa e Vila Franca onde estava sempre ocupado em viagens contínuas de exploração do fundo subaquático. Pequenos hotéis de charme ao lado de grandes resorts polvilhavam agora as pequenas faixas de praia entre Água de Pau e Ponta Delgada riscando a paisagem em altura e desafiando as leis da gravidade, com as suas imponentes sombras a abaterem-se sobre os areais...

Diariamente, pequenos navios especialmente construídos para estes mares faziam percursos entre as ilhas, transportando massas de gente e viaturas e colocando enorme pressão nos recursos, há muito esgotados, das redes viárias das outras ilhas que nunca beneficiaram do afluxo turístico sempre centrado em São Miguel, uma ilha que tinha agora mais de um milhão de habitantes.

As pessoas faziam passeios até às outras ilhas como quem vai ao zoológico da História, porque as restantes ilhas tinham mantido os encantos urbanos do século XX e eram, todas elas, agora Património da Humanidade.

O Aeroporto da Nordela vira a sua extensão duplicada sobre o mar e era já um dos mais congestionados do país, mas continuava a não ter transporte urbano entre o aeroporto e a cidade devido ao lóbi dos táxis que sempre se opuseram às carreiras de minibus.

O novo cais de cruzeiros em Santa Clara com uma nova marina para grandes iates, fora uma aposta ganha dado que o velhinho Porto e as instalações das Portas do Mar há muito se tinham mostrado insuficientes para as dezenas de cruzeiros que todos os dias aportavam a Ponta Delgada.

A ilha fervilhava de atividade embora o custo do metro quadrado fosse quase tão caro como em Malibu, Los Angeles, com a cidade estendendo-se agora até às Capelas e chegando aos limites urbanos da Ribeira Grande. A cidade da Lagoa, que durante anos fora o dormitório de Ponta Delgada, já não tinha mais por onde crescer entalada entre a expansão de Vila Franca e a de Ponta Delgada, cheia de arranha-céus até ao Cabouco. Os domos de antigos vulcões que dantes pintalgavam a paisagem de Ponta Delgada tinham sido substituídos por enormes construções em altura pagas a preço de ouro.

Os Açores eram a nova moda dos milionários de todo o mundo que aqui construíam casas de férias, jogavam golfe ou iam aos doze casinos espalhados pela ilha e que se haviam instalado, em muitos casos, nos museus vazios que foram construídos no início do século XXI...

Nas velhinhas Portas da Cidade um pequeno grupo de nonagenários juntava-se anunciando a grande manifestação de 6 de junho para espanto dos turistas que sempre traduziam RAA como República Autónoma dos Açores desconhecendo o seu verdadeiro nome. Uma recente visita conjunta do primeiro ministro da Escócia e do ministro dos estrangeiros das Canárias tinha resultado numa declaração de apoio às reivindicações independentistas açorianas, muito a contragosto do Representante da República, que fora um influente presidente regional durante muitos anos.



CRÓNICA 264 ERA UMA VEZ O 10 DE JUNHO (10.6.2019)

Humberto Victor Moura escreveu nesta data:  
Com todos os erros, regimes, governos, e governanças, sobrevivemos.  
Caso para dizer: que venham mais novecentos anos, para continuarmos, tentando fazer, mais e melhor, sem dispensar a tradicional "palhaçada" do 10 de junho, porque tal como no futebol, ela dá-nos alento e forças para continuar, mesmo que haja muito a dizer, não esquecendo o Camões, que ficou imortalizado mas passou por alguma "fomeca" no seu tempo. E, escreveu um ou dois livros, que ninguém lê...  
Afinal, alguém lê alguma coisa que tenha mais de dez linhas, nos dias que correm?



Entretanto a Presidente do Parlamento açoriano diz que *a autonomia é instrumento de progresso....*

Pode ter sido e devia ser, graças aos milhões que a Europa tem investido para modernizar os Açores, mas estes, infelizmente, continuam não só na cauda da Europa, mas na cauda de Portugal nos principais indicadores de desenvolvimento humano e económico. E, se isto é assim, agora em tempo de vacas gordas da EU, imaginem como irá piorar quando as benesses dos subsídios de Bruxelas começarem a minguar. A massa crítica não abunda e a população, se bem que mais letrada agora do que há 40 anos, continua com baixos níveis de educação e de literacia. Podem ter aumentado os graduados como 6º, 10º e 12º anos mas sem que isso corresponda a conhecimentos. Tal facto continua a ser a principal característica das classes trabalhadoras e empresariais nas nove ilhas...

Mas a verdade é que vivemos num mundo totalmente corrupto, em que cada Governo não passa de um grupo de negociantes da treta a trabalharem para um grupo maior de homens de negócios e a verdade é que nem um só deles quer saber de si e das outras pessoas. O mais triste de tudo isto é que ninguém sabe como mudar este estado de coisas e ninguém ainda foi capaz de vencer e derrubar as corporações. O dinheiro é quem move as democracias em que vivemos e não o voto que alguns insistem em colocar, ciclicamente nas urnas por ainda não terem assimilado o facto de os governos não serem do povo, nem pelo povo nem para o povo...

Para alguns nada disto é importante assim como não o é esse galego do Camões (que quase ninguém leu, mas sabem tudo sobre Ronaldo, Cja e família) pois o essencial é celebrar o futebol e a vitória da seleção portuguesa... e enquanto esta joga e milhões de portugueses se concentram em frente à teletela do meu descontentamento, os donos disto tudo engendram mais uma manigância qualquer para nos espoliarem. Ou arquivaram mais uns processos, só em 2017 dois terços dos processos por corrupção foram arquivados o que significa que temos uma polícia má, ineficaz e apresada na sua reparação dos processos ou então... como alguém escreveu numa antiga sebenta os Partidos Políticos são grupos formados para defender os interesses dos confrades. Poucos vão para lá ao engano de que podem fazer a diferença e lutar pelos interesses do povo... ao contrário de muitos que nacionalizaram as perdas e privatizaram os lucros de empresas que nós todos (Estado) pagamos para construir.

Entretanto manobras dilatórias impedem-nos de saber quem são os maiores devedores da CGD, agora que já sabemos o regabofe de empréstimos concedidos sem garantias e para fins esconsos pelas administrações anteriores, ao serviço de vários políticos de diferentes cores... fez-me lembrar aquela promessa do político que dizia ir baixar os impostos depois de eleito e um eleitor respondeu-lhe que só votava nele depois das eleições...

A justiça está pelas ruas da amargura, os violadores, pedófilos, e agressores em casos de violência doméstica ou são libertados ou têm penas suspensas, como se nós, que nos indignamos com essas atividades criminosas fossemos estúpidos e não soubéssemos entender a mensagem subliminar que essas sentenças acarretam.

Como disse João Miguel Tavares no discurso do 10 de junho 2019 (com quem raramente me devo ter identificado) *“Sou um cidadão que todos os dias faz a sua parte para que possamos viver num Portugal melhor e mais justo.”*

Não seremos muitos mas somos alguns a contribuir com a nossa quota-parte para que este país seja melhor... e não é por nos sentirmos diariamente roubados no bolso e nas esperanças que ainda acalentamos que deixamos de contribuir para melhorar o país em que vivemos, e eu posso dizê-lo pois é por isso que depois de 2001 e até agora, ainda temos dois colóquios da lusofonia em cada ano.

CRÓNICA 265, 15.6.2019 O FIM DO HUMOR É A ANTECÂMARA DO FIM DA SOCIEDADE OCIDENTAL COMO A CONHECEMOS

O que levou, agora, a direção do NYT a acabar com os *cartoons* políticos foi um desenho do cartoonista António, do Expresso. Usado pelo NYT, o *cartoon* punha Trump, cego e com o quipá, a ser guiado por um cão com a face do primeiro-ministro israelita Benjamin Netanyahu, cuja coleira era a estrela de David, de seis pontas.

Escrevi há 11 anos: (CRÓNICA 49, PICO, 13 janeiro 2008)

*“Ter humor é possuir a capacidade de perceber a discrepância entre duas realidades: entre os factos (brutos) e o sonho, entre as limitações do sistema e o poder da fantasia criadora. No humor ocorre um sentimento de alívio face às limitações da existência e até das próprias tragédias. O humor é sinal da transcendência do ser humano que sempre pode estar para além de qualquer situação.*

*O humor é libertador. Por isso sorrir e ter humor sobre o que nos rodeia, sobre a violência com a qual a sociedade e as suas regras limitadoras nos pretendem submeter, é uma forma de nos opormos a ela. Somente aquele que é capaz de relativizar as coisas mais sérias, embora as assuma, pode ter bom humor.*

*O maior inimigo do humor é o fundamentalista e o dogmático. Ninguém viu um terrorista sorrir ou um severo conservador cristão esboçar um sorriso. Geralmente são tão tristes como se fossem ao seu próprio enterro. Basta ver os seus rostos crispados.*

*Como afirmava Nietzsche, “festejar é poder dizer: sejam bem-vindas todas as coisas”. Pela festa o ser humano rompe o ritmo monótono do quotidiano. Façamos uma festa...!*

Vivo num mundo diferente e não me espanto de recordar:

UM TEMPO EM QUE:

*Havia liberdade de andar nas ruas sem ser assaltado,  
Se podia dar e receber boleia sem ser assaltado,  
Os que viviam no ventre materno e os idosos, eram respeitados,  
Não se era torturado permanentemente e de todas as formas por publicidade falaciosa,  
Se podia confiar nos outros e havia PALAVRA,  
Não havia carjacking nas ruas ou bullying nas escolas,  
As pessoas preocupavam-se mais com o ser do que com o ter,  
As crianças eram respeitadas nas escolas sem lavagens ao cérebro ou violadas na sua natural sensibilidade,  
Havia políticos ao serviço da Nação e não ao serviço dos seus bolsos e os dos amigalhões,  
Os criminosos estavam nas cadeias em vez de ocuparem lugares de poder,  
Um aluno que fizesse a 4.ª classe sabia ler, escrever, fazer contas, e apontar onde ficava o Minho, o Algarve ou Timor,  
Ninguém concluía o 5º ano do liceu (9º ano de escolaridade), tirava uma licenciatura ou doutoramento por cunha de qualquer espécie, mas antes, tinha que mostrar o seu mérito,*

Sem questionar o feminismo ou outros ismos: antissionismo, antialentejanismo, antilourismo (das loiras) todas as piadas são objeccionáveis por se basearem em estereótipos da sociedade, sejam eles humanos, animais ou até mesmo políticos, que não são uma nem outra coisa. Assim, depois de todas as pessoas defensoras desses “ismos” terem colocado as suas objeções, porque são a favor do Obama ou do Bush ou do Trump, ou do Sócrates ou do Bolsonaro, porque se baseiam em estereótipos de mulher, de louras e louros, de alentejanos, de políticos e políticas (mas destas ainda há poucas), de judeus (e outras religiões como o cristianismo ou islamismo por ex.), de nacionalidades ou continentes de origem como com os africanos, os pobres, os ricos, os estudantes e os professores, os animais (mesmo aqueles que estão nas malas dos carros junto com a esposa ou esposo), verão o que fica: NADA.

Acabava-se o humor.

Ao reproduzir, adiante, Maiakovski, pretendo alertar que me sinto muito mais incomodado com a violência, gratuita ou não, com as imagens cheias de "innuendo" (insinuações) da TV, desde os telejornais às séries, pois essas são as armas de estupidificação globalizante que a todos corromem. O humor usa a linguagem dos estereótipos que hão de ser substituídos com o tempo assim como a frase *“bota-de-elástico”* foi substituída por

"cota". Desde a década de 1980 vi surgir a censura dissimulada em fundamentos razoáveis e aceitáveis, pretendendo sanitizar as mentes. Já o vi na Austrália quando o politicamente correto foi introduzido na linguagem em meados daquela década.

Como tradutor profissional tive de o seguir, mas como ser humano, inteligente (no sentido de pensante) recuso-o tanto hoje como ontem. Com o politicamente correto acaba-se o humor. Esse é o cerne da questão que ninguém quer ver. Deve lutar-se contra a discriminação, em todas as suas formas, contra o assédio sexual, político e outros, lutar contra a proposta nova norma europeia (trabalho até 68 horas semanais), lutar contra o salário mínimo de miséria e de exploração (reminiscente do início da Revolução Industrial), contra as quotas ou falta delas nos elencos femininos do governo, contra a falta de acesso a pessoas com deficiências de qualquer tipo. Lutar contra isso tudo mas deixem o humor de lado, a menos que seja difamatório (mas sem ser pelas normas norte-americanas), grosseiro, imoral, amoral. Quando se definira o politicamente incorreto, foi porque o politicamente correto era a forma mais fascista de sanitizar a língua, o pensamento e a vida em geral, criando uma sociedade assética e inócua. Todos iguais e cinzentos de acordo com a norma. Ninguém precisa de pensar nisto pois o futuro provará a sua veracidade melhor do que o Orwell alguma vez podia prever no 1984 ou outros ensaios semelhantes: a realidade já ultrapassou a ficção há muito. Quem primeiro o antecipou foi Maia-kovski – poeta russo "suicidado" após a revolução de Lenine que escreveu ainda no início do século XX:

Um dia vieram e levaram meu vizinho que era judeu.  
Como não sou judeu, não me incomodei.  
No dia seguinte, vieram e levaram meu outro vizinho que era comunista.  
Como não sou comunista, não me incomodei.  
No terceiro dia vieram e levaram meu vizinho católico.  
Como não sou católico, não me incomodei.  
No quarto dia, vieram e me levaram;  
já não havia mais ninguém para reclamar..."  
Martin Niemöller, 1933, símbolo da resistência aos nazistas.

\*\*\*  
\*\*\*

Um passeio com Maiakovski

Na primeira noite  
eles se aproximam  
e colhem uma flor  
de nosso jardim.  
E não dizemos nada.  
Na segunda noite,  
já não se escondem:  
pisam as flores,  
matam nosso cão,  
e não dizemos nada.  
Até que um dia,  
o mais frágil deles,  
entra sozinho em nossa casa,  
rouba-nos a lua, e,  
conhecendo nosso medo,  
arranca-nos a voz  
da garganta.  
E porque não dissemos nada,  
já não podemos dizer nada.

Tudo que os outros disseram fizeram-no depois de ler Maiakovski.

Incrível é que após mais de cem anos dessa lição, ainda nos encontremos tão desamparados, inermes e submetidos aos caprichos da ruína moral dos poderes governantes, que vampirizam o erário, aniquilam as instituições, e deixam aos cidadãos os ossos roídos e o direito ao silêncio: porque a palavra, há muito se tornou inútil! Agora, o politicamente correto ameaça o humor.

CRÓNICA 266, AS NUVENS ANDAM NEGRAS. 19 JUNHO 2019

SOU UM ETERNO OTIMISTA, mas as nuvens andam negras.  
A desorientação, impreparação, inexperiência, incompetência, amadorismo, e outras coisas que têm caracterizado a atividade de transportes terrestres e marítimos nas nove ilhas ao longo destes 15 anos que levo nesta minha terceira pátria arquipelágica, fazem temer o pior. Todos criticam, todos se defendem, mas ninguém apresenta soluções viáveis e eficazes, muito menos eu que nem entendido sou na matéria. Mas sugiro que aprendam com as Canárias

Um trajeto em voo Binter entre Las Palmas e Tenerife Norte, preço de residente "flexível", custa 20.23 euros, 18 euros da viagem mais 2.73 euros das taxas. Uma viagem com tarifa "flexível mais" custa 19 euros mais 2.73 de taxas. A viagem dura 30 minutos.  
A título de exemplo, entre Las Palmas e La Gomera, com 50 minutos de voo, um trajeto custa 23.23 euros na tarifa flexível e 27.23 euros na tarifa "flexível mais". Mas há mais comparações, veja a pesquisa hoje feita:  
Vos Binter nas Canárias, interilhas  
LAS PALMAS - TENERIFE NORTE  
Preços para residentes Flexível: 18 EUROS + 2.73 DE TAXAS = 20.23  
Flexível mais" 19.50 EUROS + 2.73 DE TAXAS = 22.73. Duração do voo 30 minutos  
LAS PALMAS – FUERTEVENTURA  
Residentes Flexível: 18 EUROS + 2.73 DE TAXAS = 20.23  
Flexível mais: 22.50 + 2.73 DE TAXAS = 25.93 Duração do voo: 40 MINUTOS  
LAS PALMAS – LANZAROTE  
Residentes Flexível: 20.50 EUROS + 2.73 DE TAXAS = 23.23  
Flexível mais 22.50 + 2.73 = 28.23 Duração do voo: 40 minutos  
LAS PALMAS – LA PALMA  
Residentes Flexível: 25.50 + 2.73 DE TAXAS = 28.23  
Flexível mais 31.25 + 2.73 = 33.98 Duração do voo: 50 minutos  
LAS PALMAS – LA GOMERA  
Residentes Flexível: 20.50 + 2.73 DE TAXAS = 23.23  
Flexível mais: 25.25 + 2.73 = 27.73 Duração do voo: 50 minutos

De barco, a título de comparação entre Las Palmas e Santa Cruz de Tenerife, 4 horas de viagem por 51.00€ para residentes (a pé) e 74.00€ com viatura.

Quanto a saúde nem vale a pena falar, há anos que sabemos que os doentes do Pico são obrigados a deslocações longas, custosas e gravosas, ao Faial para este ficar com os créditos de atendimento a doentes, em vez de se dotar o Pico com os meios humanos necessários para atendimentos sem serem grandes cirurgias ou casos mais complicados.

Dizem que da Graciosa, São Jorge, Flores e Corvo a situação será semelhante, com a agravante de (muitas vezes) não haver lugar nos aviões da SATA quando há voos e quanto à fiabilidade dos horários estamos conversados. O custo humano e financeiro para os utentes do SRS é enorme e até



pode ser proibitivo para alguém ter o tratamento de saúde universal que lhes está consignado na Constituição. Também não sou perito na matéria, mero cidadão preocupado com o que me pode acontecer quando estou numa daquelas ilhas.

Aqui na ilha do Arcozelo em 15 anos creio que nunca cheguei a ter médico de família... e enquanto puder pagar a um médico lá me safarei, com ou sem taxas moderadoras que o populismo eleitoralista acaba de abolir ao custo de centena e meia de milhões de euros que bem podiam ir para essa mesma saúde, atacada por tudo e todos, em especial os privados.

Uma última nota e ainda sem otimismo diz respeito à maior desigualdade que se vive hoje em todo o mundo quando comparada com a situação há 50 anos. Não concebo a obscena riqueza no Dubai e outros Emirados da Grande Arábia, com xeques que têm dezenas de carros de milhões de dólares, alguns pintados a ouro, e outras extravagâncias que sugiro consultem na rede para verem como é absurdo. Isto e o circo que anualmente vendem às multidões esfaimadas com transferências milionárias de jogadores de futebol, beisebol, etc. é obsceno, indigno e imoral por mais e melhores atributos desportivos que possam ter.. os novos gladiadores nos novos circos para acalmar turbamultas sem interesse em votar naqueles que os exploram.



E isto claro sem falar a nível nacional nas centenas de políticos com obscenas pensões vitalícias para as quais nem descontaram, enquanto idosos - que toda a vida descontaram - sobrevivem com pensões abaixo de 300 euros...

Ou eu me engano ou temos de recomeçar tudo de novo neste mundo onde não existe plano B, e que, imparável, caminha para a sua acelerada destruição.

**CRÓNICA 267 UMA CARTA AO SR. PRESIDENTE DO GRA SOBRE A ABSTENÇÃO. 21.6.2019**

Caro Presidente do GRA, aquilo que lhe vou propor é a única solução viável para resolver as suas preocupações com a abstenção eleitoral nos Açores.

Não é fácil, nem agradável, mas também não é das mais difíceis de implementar.

Exige muita coragem e comprometimento, e pode mesmo representar o fim das suas aspirações políticas futuras.

É a única solução que resulta, após aturado estudo das circunstâncias socioeconómicas da população açoriana.

Como sabe, a maioria da população destas nove ilhas desenvolveu ao longo destes 44 anos uma complexa teia de subsidiodependência, a todos os níveis da sociedade, quer a nível individual, quer empresarial ou coletivo.

Nada se faz nestas ilhas sem ser à custa de subsídios. Mas a solução para o absurdo elevadíssimo nível de abstenção eleitoral nos Açores tem uma solução que nem é muito incómoda nem muito burocrática. E temos autonomia para o decidir, em vez de esperarmos por Godot, que nunca chegará (isto de esperar que a República o faça, não dará quaisquer resultados, nem ninguém em Portugal está interessado no tema, nem em solucioná-lo).

Nós, açorianos, podemos dar o exemplo, seguir na vanguarda da sua resolução, imediata, com um custo de aplicação infinitesimal, mostrando que o seu discurso do 10 de junho 2019 não foram meras palavras de circunstância, mas sim a determinação de um desiderato açoriano: acabar com a abstenção eleitoral.

Primeiro, deve-se introduzir o voto eletrónico para estudantes, expatriados e outros que estejam longe do seu local de recenseamento eleitoral, seja em Portugal, estrangeiro ou noutras ilhas.  
Segundo, deve começar-se já a fazer uma atualização (limpeza) dos cadernos eleitorais, pois estou convicto de lá existirem 10 ou 20% de defuntos, a tecnologia existente permite um parto sem dor para tão urgente atualização.

Terceiro e mais importante a criação de um certificado de voto. Após o ato eleitoral deve ser entregue a cada eleitor um certificado de voto, que passaria a ser mais importante do que o cartão de cidadão ou outro, para a atribuição de qualquer apoio social, cultural ou de desemprego, etc.

Nem é preciso tornar o voto obrigatório, dado muita gente se opor a essa obrigação e às coimas que isso implicaria, bastava tornar obrigatória a apresentação do certificado de voto para receber apoios do estado (a nível regional). Estamos certos de que após a introdução desta medida, a abstenção baixaria para menos de 10%. Claro que haverá sempre uns insatisfeitos a falar de inconstitucionalidade e outras coisas, mas a nossa autonomia exige-o.

**CRÓNICA 268 JOEL NETO TEM RAZÃO: A VIDA NO CAMPO É MARAVILHOSA, 25.6.2019**

Ando há muito para escrever isto, mas acanhei-me com temor de poder ser mal interpretado ou de poderem de aí advir consequências indesejadas. Mas, de facto, viver no campo é uma maravilha, estou aqui na calma bucólica e rural da Lomba da Maia e, por vezes, sinto que voltei atrás no tempo à infância transmontana.

O que mais me impressiona (e daí fazer-me lembrar a infância e adolescência) é este sentimento de viver no faroeste sem xerife nem regedor, quando olho ao redor e reparo a quantidade de casas que – nestes quinze anos – foram demolidas, aumentadas, modificadas, recicladas, modernizadas sem que os fiscais da Câmara Municipal da Ribeira Grande se dessem ao trabalho de verificar que tais obras, decorrem, invariavelmente, sem a oposição da longa nota explicativa e indicadora do licenciamento da obra.

São, decerto, uns serviços de fiscalização compreensivos pois sabem que a situação da pecuária e da agricultura por estas bandas não é das mais famosas, e assim evitam impor coimas nem querem obrigar a demolições (estou a lembrar-me da atual (2000?) promessa de demolição do Prédio Coutinho em Viana do Castelo) aos pobres donos dessas moradias que sem projeto, nem arquiteto, nem construtor civil encartado continuam a pontilhar a paisagem rural da costa norte de São Miguel, tornando-a visualmente mais variada.

Algumas dessas obras, verdade seja dita, ferem a sensibilidade arquitetónica que parece inexistir por estas bandas, umas serão meros mamarrachos, outras são verdadeiros abortos de construção muito pouco civil, contrariando as leis da gravidade ou do bom senso, que também não parece abundar por estes lados. Há ainda aquelas que são feitas à total revelia de tudo, umas mais disfarçadas que outras nas traseiras ou ao lado de edificações anteriores ou no topo de edifícios já existentes.

E é disto que gosto, deste sentimento de impunidade, de fora da lei que parece ser característica comum aos homens da costa norte que mostram, com a sua abstenção maciça nas eleições europeias, estarem verdadeiramente nas tintas para as normas e regulamentos que a EU cria e só servem para empatar a vida destes pacatos concidadãos. E como não votam neles também não se dão ao trabalho de os notificar para essas obras e longe vá o agouro, se eu quisesse comunicar o facto às entidades competentes tinha de tirar um mestrado em burocracia para reportar o sucedido. Só é chato e incoerente depois andarem a pedir subsídios....

Outras das razões por que tanto me apraz viver no campo é ver como aqui parece que não é preciso ter carta de condução (para carros, tratores, ou outras viaturas), nem é preciso levar os carros à inspeção, nem pagar seguro obrigatório contra terceiros, ou usar capacete a andar em veículos de duas rodas, motorizadas ou não... assim se constrói a felicidade deste povo de gostos simples e sem grandes exigências ao poder instituído e raras vezes surgem por estas bandas PSP ou GNR a verificar documentação ou outras chices que ocorrem nas grandes cidades.

E é este sentimento de total alheamento de leis, normas e regulamentos que me faz gostar de aqui viver e de me sentir tão longe do poder centralista. Joel Neto tem razão é bom viver no campo.

CRÓNICA 269 DESTE MUNDO CÃO EM QUE VIVEMOS 30.6.2019

Nesta semana fomos confrontados com notícias da vida real que nem na ficção se conseguiriam imaginar.... Ao fim de 20 anos, os moradores do Prédio Coutinho (construído na década de 70) em Viana do Castelo que ainda resistem à evacuação forçada ficaram sem água, sem luz, se gás e sem acesso a entradas ou saídas do prédio. Tudo isto é legal e confirmado pelos tribunais. Quando compraram as moradias há mais de duas décadas, o prédio era legal e tinha licenças e pareceres legais, mas de repente num surto de estética foi decretado que o prédio (confesso que arquitetonicamente é um aborto) era inestético e tinha de ser demolido. Ofereceram uns patacos que não chegavam para comprar uma moradia semelhante e nem esperaram que os idosos ali residentes morressem, ala rua com eles todos.

Em Ofir, Esposende existem torres que são idênticos abortos mas nem os avanços da orla marítimu, terra adentro, os obriga à demolição.

Na Covilhã existe desde 1977, um mamarracho licenciado em 2008 (a Torre de Santo António, da autoria do pai do ex Sócrates) e ninguém o obriga à demolição, pelas mesmas razões estéticas.

No Estoril há um mono abandonado há anos, visível da A5, mas também ali a estética não chegou.

Na marginal em Matosinhos surgiu em 2001 o Edifício Transparente que o novo plano da orla costeira gostaria de demolir. E há a discoteca Kasa da Praia, ali ao lado, que espera igual sorte.

Na Foz do Douro há um aborto da Pizza Hut.

Na Póvoa de Varzim o Enseada Café, ao lado da Esplanada do Carvalhido, e os exemplos são mais que muitos de obras legais, licenciadas, autorizadas, e inspecionadas pelos serviços camarários respetivos que arrecadaram as maquinas inerentes a essas construções e que ora são alvo da purga estalinista, perdão, estética.

Assim, se vive num país onde a ficção suplanta a realidade.

Logo ao lado, na vizinha Espanha duas notícias chamaram a atenção esta semana, uma mãe e filha foram a uma esquadra da polícia queixar-se de que pagaram a um assassino contratado para um homicídio e este não levou a cabo ato. Desconheço se ficaram logo presas.

Enquanto isto em Madrid, uma neta de 18 anos aproveitou a saída de casa do avô de 83 anos para a ocupar, mudando a fechadura e mudando-se para lá de armas e bagagens com a namorada e amigos.

Em Lisboa uma empresária estrangeira pagou 35€ por uma viagem de táxi do aeroporto que normalmente não custaria 10€, e a fatura era m uns rabiscos numa folha de receção de mensagens telefónicas. E depois admiram-se do sucesso da Uber e doutras plataformas semelhantes?

Mais perto de nós em Ponta Delgada um octogenário entrou numa dependência bancária na baixa e ao constatar que a funcionária não lhe dava acesso a uma conta relativa a umas partilhas, atacou-a com gás pimenta. Insólito, pelo ato em si, pela idade do atacante e pelo método utilizado.

E quando pensava que nada mais haveria na categoria de insólitos da semana, a novidade de que as forças de investigação (Departamento Central de Investigação e Ação Penal) descobriram mais de um milhão em barras de ouros e 200 mil euros escondidos na moradia do filho de um dos responsáveis pelo grupo de colégios privados GPS, do empresário António Calvete, que detém vários colégios privados na região de Leiria. A menos de dois meses de começar o julgamento deste e outros administradores do grupo GPS, constatou-se que o ex-deputado socialista António Calvete estava a ser novamente investigado pelo Ministério Público, desta vez por suspeitas de branqueamento de capitais ligadas à compra de ouro por familiares seus.

O Ministério Público calcula que os administradores dos colégios se tenham apoderado para seu uso pessoal de 30 dos 300 milhões de euros que o GPS recebeu do Estado entre 2005 e 2013 por conta dos chamados contratos de associação, que são os apoios que o Estado concede ao ensino privado que faz as vezes do público nas localidades onde este último não existe, ou não chega para todas as crianças que estão na escolaridade



obrigatória. A um dos administradores do grupo foram apreendidas pelas autoridades seis dezenas de automóveis. Da frota de veículos faziam parte dois Porsche, e ainda vários automóveis Audi e Mercedes de topo de gama.

Tomei uma nota mental de averiguar nos próximos spas e banheiras de hidromassagem que frequentar, se também terão compartimentos secretos com barras de ouro.

*Pior está a jovem norte-americana alvejada numa discussão, tendo perdido o bebé (estava grávida de cinco meses) e que agora foi acusada de homicídio involuntário no Alabama... mas os EUA continuam a ser notícia (tal como o Brasil) pelas piores razões, especialmente pela detenção de menores que são retirados às famílias nas fronteiras.  
As crianças ficam semanas sem acesso a água potável, sabão ou escovas de dentes.  
Bebés e grávidas passam fome e privação de sono.  
A gripe está a espalhar-se entre os detidos, que não recebem tratamento médico em tempo útil.  
Há crianças a tomar conta de bebés, sem supervisão de adultos. Estas são algumas das conclusões que acompanham a ação judicial.*

E do Brasil donde nunca chegam a parar as notícias, umas mais hilariantes que outras, veio a confirmação de que o **segundo sargento da Aeronáutica Manoel Silva Rodrigues**, piloto do voo de regresso do presidente Bolsonaro tinha sido apanhado com 39 kg de cocaína, no voo presidencial que aterrou em Sevilha, Espanha... foi mesmo azar...



CRÓNICA 270 DA ESTÉTICA E DELAÇÃO 3.7.19

HOJE VOU SER CURTO E BREVE.

O Prédio Coutinho em Viana do Castelo é, de facto, uma aberração estética, mas foi legalmente construído, vistoriado e vendido a centenas de pessoas, que pagaram os impostos devidos e cumpriram as suas obrigações, e as manobras intimidatórias da sua demolição são uma prepotência, um abuso do Estado, das autarquias envolvidas, dos tribunais envolvidos por mais legalidades que nos tentem impingir pois não mascaram a falta de respeito constitucional pelos donos das frações que resistem à saída forçada. Sa razão primeira é estética metade do país tem de vir abaixo, e podemos começar na marginal de Ponta Delgada...

O presidente da câmara da Ribeira Grande e líder da oposição açoriana foi dia 2 de julho constituído arguido e, declarando que tem a consciência tranquila, recusou demitir-se e apontou repetidamente o dedo ao PS (Partido Socialista) pelas denúncias...ou seja não negando liminarmente os atos alegadamente corruptos, o autarca e candidato a uma posição de chefia do governo açoriano defendo-se atacando quem o denunciou. A culpa é de quem o acusou??? Bela estratégia que pode fazer ricochete para quem ainda há pouco criticava o governo regional em situação semelhante. Incoerências que só servem para abalar a oposição, retirar-lhe força e autoridade para competir eleitoralmente contra um governo desgastado e cansado sem soluções para os graves problemas da região. Os tribunais que decidam que eu já decidi e o meu voto não é cego, nem surdo nem mudo.

Estadistas precisam-se para resolver o absentismo, clamava Santos Narciso há dias, e eu glosou dizendo Estadistas precisam-se para salvar, fechar ou reconstruir a SATA, enterrada até ao tutano em falência técnica, e outras falências que o adiar de uma solução só irão agravar.

Por último assiste-se à fantochada da distribuição de tachos na liderança da UE e mais parece um clube de aldeia a distribuir presentes de natal.

Patético este estertor duma UE sem ideias nem Estadistas...afinal os açorianos abstencionistas estavam certos...

CRÓNICA 271 EU ACREDITO PLENAMENTE NO PAI NATAL 9.7.2019

Há dias fui confrontado com a frase de uma diretora regional “confiar “absolutamente” na administração da SATA.

Quase simultaneamente, a propósito de ter sido constituído arguido por corrupção e outras ninharias, o líder da oposição regional açoriana e edil da Ribeira Grande mostrava-se “tranquilo de joelhos perante Deus”. Só espero que o IRAE (ASAE regional) não descubra nada de errado nas especia-rias da Feira Quinhentista que ora vai começar....

Alexandre Gaudêncio mantém-se na liderança do PSD-Açores. O anúncio foi feito por Sabrina Furtado, secretária-geral do partido, após uma reunião da Comissão Política Regional, que durou mais de quatro horas. Aos jornalistas, e confrontada com o facto de alguns membros da Comissão terem abandonado a mesma antes de terminar, a social-democrata disse que "o que nós pedimos, neste momento, é respeito pelas pessoas em causa".

Foi igualmente notícia a futura vinda da NASA ao vulcão dos Capelinhos para estudar e preparar a ida a Marte (afinal já estamos todos a viver em Marte e não sabíamos).

As câmaras municipais começaram a sua folia estival contratando artistas estrangeiros e portugueses (estes custam entre 20 a 37 mil euros por concerto) em vez de darem a primazia aos artistas regionais que mal sobrevivem durante todo o ano.

Nesta semana tivemos ainda a confusão causada por Alexandre Gaudêncio (lema **Um novo começo para a nossa terra**) para a escolha do cabeça de cartaz para o PSD-Açores atacar as próximas eleições, com o nome de José Manuel Bolieiro a surgir e a desaparecer sem deixar rasto, sendo substituído por um “independente” que, aparentemente é membro do partido há 20 anos, eis que surge Rui Rio, raposa velha, a servir uma vingança fria, de luva branca, ao escolher o atual presidente da Câmara de Ponta Delgada, Bolieiro, para vice-presidente do partido... (resta saber caro Bolieiro se Rui Rio é de confiança para se aceitar essa nomeação e se ele não se importa de aceitar quem desconsiderou a velha guarda do PSD-A...). Assim

anda a oposição regional açoriana a dar tiros nos pés, uns atrás dos outros, sem se afirmar nem atinar enquanto o governo regional, carente de ideias, prossegue, autista, o seu calvário.

A situação precária dos trabalhadores da Provisé S.A. mantém-se, com muitas famílias em total desespero, com situações de faltas de meios de subsistência e pagamento de entidades bancárias bem como de serviços como água, luz, gás.  
Número de funcionários com o vencimento de junho: zero. Previsão para o pagamento do vencimento de junho: nenhuma.  
Número de coimas aplicadas pelos inspetores e efetivamente cobradas: desconhecido. Sem luz ao fundo túnel... estes funcionários e suas famílias precisam de todo o acompanhamento e apoio. E dos responsáveis nada se ouve, nem do governo.... No pasa nada...

Foi, igualmente notícia a British Airways, após ataque informático, por ser multada a pagar 204 milhões pela agência britânica para a proteção de dados pessoais (ICO), na sequência do roubo de dados de centenas milhares de clientes da transportadora no ano passado. Faz lembrar o que aconteceu nos Açores com idêntico roubo de dados dos utentes da saúde.... Só que com desfechos diametralmente opostos.

Claro que tudo isto desagua mais cedo ou mais tarde como na Hungria, Brasil, EUA, e neste fim de semana na Grécia, em mudanças políticas que fazem uma pessoa sentir-se grega, lá em Atenas onde a direita ganhou maioria absoluta para governar. O rumo certo para esta viragem foi um governo alegadamente de esquerda que governou como se fosse direita, e abriu alas para que esta lhe viesse mostrar como se faz, e o povo, essa massa anónima de gente bruta e ignorante, fez o que sempre lhe ensinaram, votou na direita pouco convencidos da falsa estabilidade social do governo Tsipras. Há quem diga que os políticos e as fraldas devem ser regularmente mudados para não cheirarem mal, mas aqui não há quem mude fraldas, ou não há fraldas e tudo vai continuar na mesma no próximo ato abstencionista regional.

E termino como comecei... A SATA tem parado o seu avião A330 no aeroporto Sá Carneiro pois fica mais barato pagar o estacionamento do que tê-lo a voar...e não há responsáveis por este crime, nem são responsabilizados os antigos gestores que causaram esta situação, enquanto todos os dias faltam aviões, pilotos, tripulantes ou outras coisas para a SATA voar como deve. Ninguém é culpado, nem responsabilizado, e ninguém tem “cojones” para resolver este impasse qualquer solução ficava mais barata do que esta...

Dito isto e dado a diretora regional “confiar “absolutamente” na administração da SATA” eu que até por vezes penso que sou a virgem maria, até tenho de admitir **ACREDITO DE MODO IRREVOGÁVEL, PLENA E ABSOLUTAMENTE NO PAI NATAL**



## CRÓNICA 272 RACISMO A RODOS 14.7.19

Este tema é sempre difícil de abordar pois todos têm, ou julgam ter, a resposta e a atitude certa, seja ela politicamente correta ou incorreta, mais de acordo com as crenças políticas de cada um do que com quaisquer outros fatores endógenos ou exógenos. Todos são rápidos a disparar, condenar e julgar quaisquer afirmações que se profiram sobre este tema. É um dos chamados tema fraturantes, não só da sociedade portuguesa, mas da maioria das sociedades (ie., daquelas onde é permitido falar dele).

Cresci numa sociedade fechada portuguesa em pleno Estado Novo, no pós-guerra, quando as criadas (na altura não havia ainda técnicas auxiliares domésticas) diziam “se a menina não come corto a trança e dou-a aos ciganos”, “se o menino se porta mal chamo o polícia”. Havia variações ao tema da cegonha que vinha de Paris, quando alguém se comportava mal “se continuas assim devolvo-te aos ciganos a quem te comprei”, ou similares.

O racismo era também de ordem social (somos um país de castas) e o meu pai foi criticado por se matrimoniar com uma mulher que trabalhava (a minha mãe era professora) e mais nenhuma mulher na família trabalhava.

Apesar da mistura genética da família, não havia, que eu soubesse, africanos ou pretos na família, até em 1973 chegar a Timor Português e descobrir um luandense negro com o meu apelido, filho (não-matrimonial) de um primo direito do meu pai. Também vim a descobrir mulatos no Brasil onde havia um ramo de parentes que ali se radicou há um século atrás.

O racismo era religioso, pois quando me casei pela primeira vez e não o fiz pela Igreja, metade da família ostracizou esse casamento, mas, mais tarde quando me divorciei (consta que fui o primeiro a fazê-lo em muitas centúrias) outros houve de mais idade a seguirem o meu exemplo.

O racismo era educacional, no meu tempo havia quem tivesse meios para prosseguir os estudos no liceu ou nas escolas comerciais e industriais e outros sem esses meios, e a distinção fazia-se logo ali nesses infantes com quem nem brincar se podia.

O racismo revelava-se ainda nos nomes e apelidos, resquícios dos tempos da monarquia e de fidalguias arruinadas. Era igualmente visível nos subúrbios onde se crescia dentro de cada cidade (no Porto era a Foz, Avenida da Boavista, Avenida Marechal Gomes da Costa vs Rua dos Combatentes nas Antas, por exemplo), e prolongava-se pelos locais de férias (no norte, os transmontanos iam de banhos para a Póvoa de Varzim, e a gente “fina” andava mais pela Granja ou Miramar ou mesmo Espinho enquanto a Aguda era mais classe média baixa...)

O racismo prosseguia dentro das próprias elites sociais consoante os colégios que frequentavam e as festas onde iam.

Depois veio o 25 de abril e tudo se baralhou, mas o racismo continuou com novos paradigmas e novos alvos (os ciganos mantiveram-se na linha da frente) pelo que não entendo a atual crise nos jornais portugueses causada por um artigo alegadamente racista de uma historiadora. Pena é que (quase todos) os que se insurgem contra ela seriam totalmente incapazes de viver num subúrbio cheio de ciganos ou afrodescendentes que alegadamente dizem defender desse racismo. Mas fica-lhes bem essa defesa dos mais fracos.

Aqui nos Açores, além dos tipos de racismo atrás descritos, há muitos outros derivados da canga feudal que constituía a matriz dominante das ilhas, mas muita gente, mais capaz do que eu, poderá elaborar sobre o tema. Apenas uma vez fui confrontado diretamente com uma queixa na Prainha do Pico como contei então no livro ChrónicaAçores: uma circum-navegação, vol. 2 (2012) e que aqui transcrevo datada de agosto 2009:



*“As gentes do Pico são afáveis e hospitaleiras como nas restantes ilhas que já visitara. Um incidente ao almoço num restaurante da Prainha (Canto do Paço) leva a algumas interrogações. Domingo. Salão com todas as mesas ocupadas, mais o andar de baixo. Restavam duas mesas ao ar livre. Uma funcionária veio servi-los. Pelo sotaque e aspeto era descendente de africanos escravos no Brasil. Disse ser de Pernambuco, que se apaixonara por um Picaroto e em má hora para ali fora viver. Sem rodeios afirmou que os locais eram racistas tratando mal os de fora e desdenhando dos que aceitam empregos que os da terra recusam. A viagem desta jovem seria um tema interessante para desenvolver. Podia-se fantasiar que em frente a um globo terrestre se interrogara para onde ir. Uma terra começada com a letra “P”. O dedo mindinho que tudo sabe caíra no meio do oceano. Sob a lupa via uns pequenos pontos de terra. Neles estava inscrito o nome Pico. E também Prainha. Ambos começados por “P”. Uma viagem de navegação curiosa entre Pernambuco – Pico – Prainha. Já afirmei antes que os portugueses eram preconceituosos, racistas quanto à cor e origem dos que com eles se cruzam, olvidados que andam das suas origens e dos seus percursos pelo mundo.”*

CRÓNICA 273 O FUTURO ESTÁ AO VIRAR DE QUALQUER ELEIÇÃO 17.7.2019

Li esta semana um artigo de um comentador açoriano que afirmava qualquer coisa como:

- 1º a razão da elevada abstenção nos Açores deve-se ao facto de a maior parte dos eleitores não se rever no governo desgastado do PS-Açores,
- 2º – não querer substituí-lo por um governo do PSD-Açores;
- 3º não existir nenhuma alternativa válida entre todos os restantes partidos em quem (aleatoriamente) votam a contragosto, como castigo dos primeiros.

Partindo da premissa disto ser real, o caminho abre-se a um futuro salvador da pátria como aconteceu em 1926.

Falta ainda descobrir (de onde sairá e quem será) a personagem que vai incarnar o papel sebastiânico de endireitar as contas públicas, acabar com a emigração ameaçadora, lutar contra a corrupção que envolve todos os partidos e resolver todos os restantes problemas (na Itália começaram já a preparar a extradição dos ciganos e a EU pune quem ajuda os barcos de refugiados e imigrantes).

Com as atuais taxas de abstenção, a qualquer sebastiânico líder basta atingir 8 a 10% dos eleitores para formar governo.

Candidatos não faltam por esse mundo fora, admiradores – prontos a emular – o grande líder Trump ou o enorme líder Bolsonaro. Com uma boa manipulação de “fake news”, “fake imagens” e “fake sons”, mais algumas promessas enfáticas de baixar IVA, IRS, taxas de combustíveis e outros impostos, após as eleições, o povo crédulo estará pronto a segui-los.

Depois lançam-se atoardas sobre os “dissidentes”, os que pensam “fora da caixa” ou contra a “maioria” dita “normal”. Começa-se por lhes chamar comunistas, ateus, desviantes e desviados, e por aí adiante. Nessa altura a sociedade está dividida entre “nós” e “eles” (o Adolfo fez isso muito bem na década de 1930), e a sociedade exige que as pessoas “se definam”.

A partir daí começa a discriminação, em que os “dissidentes” são equiparados a vermes, animais ou vírus que urge exterminar. Criam-se forças policiais ou militares para colocar em prática a aplicação de castigos e punições (a prisão é a mais suave de todas).

A massificação dos meios de comunicação, já então controlados pelas forças de apoio ao sebastiânico salvador da Pátria, cria campanhas de propaganda para virar as massas contra esses seres indignos de viverem em sociedade.

Só a partir desta fase, começa a remoção e realocização desses vermes, os assassinatos, julgamentos forçados, roubo e anexação das suas propriedades e massacres em nome da salvação nacional.

Não se considera que esse processo de eliminação dos grupos dissidentes seja (de modo algum) uma exterminação pois eles nem sequer eram considerados humanos e o governo (claro está) negará ter cometido algum crime.

Se (aqueles que estudaram História) encontrarem alguma semelhança com a Alemanha nazi, o estalinismo, maoismo, a era Trump e Bolsonaro ou qualquer outro período similar da história, poderão mais tarde afirmar que o leram aqui primeiro, mas nessa altura (se tiverem sobrevivido) será tarde.

E as massas anestesiadas continuarão centradas nos seus smartphones aplaudindo.



CRÓNICA 274. HÁ GENTE TÃO DISTRAÍDA QUE ANDA HÁ CINQUENTA ANOS NA LUA E NEM DEU CONTA

Podia ser assim o início desta crónica, se eu tivesse ido à lua há cinquenta anos com Neil Armstrong e lá tivesse ficado, sendo agora confrontado no regresso, com este mundo louco em que a desintegração da sociedade ocidental arrasta consigo princípios e valores, criando novos robôs ou zombies, novos paradigmas da sociedade, novos escravos com a designação de colaboradores, em que ressurgem fantasmas de nazismo, racismo, xenofobia, egoísmo, mentira, manipulação, a um nível que há muito julgávamos arredados. Afinal, como diz o outro, apenas estalou o verniz primitivo.

A resiliência do planeta irá, decerto, sobrepor-se ao Especismo (*Espécie* + ismo é o ponto de vista de que uma *espécie*, no caso a humana, tem todo o direito de explorar, escravizar e matar as demais *espécies*. Isto no caso de não haver um cataclismo causado por um asteroide ou outro similar, um deflagrar nuclear, uma nova guerra mundial ou qualquer catástrofe que aniquile esta espécie como a conhecemos e que dará lugar a uma outra, como parece ter acontecido vezes sem conta, ao longo da história).

Apesar de ser basicamente otimista e não ser costume meu queixar-me, sou extremamente crítico de tudo o que está mal, e que podia e devia estar melhor, seja na saúde, na educação ou na justiça. Tenho uma fobia extrema contra as injustiças e iniquidades.

Começamos pela corrupção, hoje endémica em muitos países, mas aparentando ter Portugal como um dos sítios privilegiados por tradição e consciente vontade daqueles que o governam. Muitos são os acusados, mas poucos os condenados por leis feitas à medida e prescrições para todos os gostos.

No campo da violência doméstica, pedofilia, abusos contra cônjuges, crianças e velhos, começa Portugal a sobressair na tabela, em especial quando os juízes denotando um machismo medieval mandam os culpados em paz, para casa, com penas suspensas. Quantas mulheres mais terão de morrer, ser assaltadas e feridas para este tormento parar? Quantas crianças mais terão de ser molestadas até que os juízes sejam justos?

No campo do único desporto nacional tratado como religião, o futebol, assiste-se ao mais despudorado negócio de compra e venda de jogadores e treinadores, que são idolatrados como se fossem deuses duma qualquer religião de fanáticos que assim são melhor manipulados pelas elites dirigentes.

No que à educação diz respeito há professores a morrerem de “burnout”, outros a quererem fugir das escolas, alunos que não querem aprender, dirigentes a inventarem novas práticas que sempre melhoram as estatísticas sem aumentarem os conhecimentos ou a exigência e o presente a trazer-nos uma nova geração diplomada e soberbamente ignorante.

Dito isto, o melhor é hibernar ou voltar para a Lua de onde nunca devia ter saído.

CRÓNICA 275 INCÊNDIOS? 26.7.2019

Basta reler o que escrevi em outubro 2017

**BASTA ...** basta de manipulação de mentes, de mentiras, de meias-mentiras, meias-verdades, de apologias do medo, do terror, do desastre cataclísmico, do fim do mundo, da morte iminente do planeta e das gentes, basta deste “admirável mundo novo” em que inteligência artificial veio para nos substituir e depois já não sendo necessários seremos ainda mais descartáveis.

Basta de incêndios selvagens em Portugal. Os da Califórnia, provocados por mão humana não se devem a bêbedos, nem pirómanas mulheres de bombeiros, nem atrasados mentais, nem a mandatários de madeireiros da celulose...deve-se a novas armas da Martin Lockheed (DEW direct energy weapon) que causam a devastação de casas e demais edifícios, mas as árvores não ardem. Na Galiza e em Portugal são armas mais antigas de dispersão de “chemtrails” que tudo pulverizam com alumínio, bário e outros como já aqui escrevi há uns anos largos... (para quem não sabe “chemtrails” são aqueles riscos nos céus que fazem pressupor um movimento de aviões mais apropriado a JFK (aeroporto de Nova Iorque) do que aos montes portugueses.



E depois envenenam-nos com as comidas geneticamente modificadas que oferecem em vez das colheitas que arderam. E inventam novas vacinas para novas estirpes virais e desenterram velhos e novos bacilos, sempre na mira de venderem mais e mais, e arregimentam os ignorantes e cúpidos líderes dos países onde vivemos, ameaçando aqui, começando uma guerra acolá, reacendendo velhas hostilidades e criando novas que o armamento não cessa de se fabricar e tem de ser vendido para os países em litígio se endividarem mais e providenciarem ainda menos aos seus famintos habitantes. Mas estão todos a olhar para baixo para os ecrãs dos seus smartphones, e já ninguém olha para os céus, nem sabem como eram os céus na minha infância, por isso nada estranham.

É tempo de dizer Basta à Besta..., mas onde estão as gentes esclarecidas e informadas capazes de criarem um tipo novo de homem (nesta palavra estão incluídas mulheres e crianças, para não me acusarem injustamente), uma nova sociedade. Uma sociedade diferente desta que mata os seus e os outros para aumentar lucros e nada vê de humano na Humanidade a não ser cifrões. BASTA E BASTA E BASTA!

leia o que escrevi em junho 2017 e até hoje nada... **CRÓNICA 170. PORTUGAL BRULE T’IL DÉJÀ? 18 junho 2017**

Na impotência deste país, destes fogos (postos ou não) sinto aquilo que sempre sinto neste país (Portugal) impotência perante tanta irresponsabilidade. Claro que mais uma comissão de inquérito será nomeada para ver as suas conclusões arquivadas e posteriormente se ouvirem os ministros e secretários de estado dizerem que está tudo a postos para o combate de incêndios que todos os santos anos (desde há 43) devastam o país para gáudio e lucro das empresas de celulose e quejandos. Madeira ardida é papel barato, mesmo que seja à custa de mais de meia centena de vidas. ... Mas não se preocupem os portugueses, existem leis capazes em Portugal, aliás, das melhores leis no mundo sobre o tema. Existem normas e coimas para quem não mantém uma área de segurança de 50 metros em volta das suas casas no meio do mato.

Apenas por mera omissão não lhes é dito que a maior parte dos terrenos que ardem são do Estado que não cumpre essas mesmas normas de limpeza de matas, que não disponibiliza vigilantes da natureza para substituírem os antigos guardas florestais que sem meios eletrónicos nem de comunicação lá iam desempenhando as suas funções (e quem quer ser vigilante da natureza e viver com condições mínimas isolado no meio do mato?).

Também por mera omissão não lhes dizem que a maior parte dos donos dessas casas sem os 50 metros de proteção são idosos, (alguns mesmo muito idosos) incapazes de se movimentarem eficazmente, incapazes de terem 50 euros por hora para alugarem uma máquina de desbaste de mata, incapazes de por si mesmos fazerem eles o trabalho, sem dinheiro para os medicamentos de que carecem, sem dinheiro para pagar o táxi ao centro de saúde para tratarem da saúde de que carecem, abandonados por filhos e netos e deixados à sua sorte em aldeias desertas e desertificadas, donde se retiraram todos os serviços, desde a venda, ao mero café de aldeia ao multibanco, à escola, à própria junta de freguesia amalgamada com outra em aldeias limítrofes.

Por mera omissão não se mencionam as leis que permitem que se continue selvaticamente a permitir o plantio de eucaliptos e outras espécies altamente inflamáveis e totalmente desajustadas à orografia do terreno, mas adaptadas aos interesses de madeireiros e dos que lucram com os incêndios.

Por omissão ninguém falou dos incendiários (perfil típico 20 aos 35 anos, alcoólico, desempregado, com poucos estudos e com gosto de se sentir Nero e ver os fogos que ateia com total impunidade, esteja ou não previamente condenado e em liberdade condicional).

Por omissão ninguém se lembrou que em vez dos milhões gastos todos os anos (em aviões e helicópteros que estão inoperáveis por falta de peças, de manutenção, de dinheiro para as reparações) se deviam contratar engenheiros agrícolas, os chamados engenheiros florestais, (os que verdadeiramente percebem da poda) para fazer uma eficaz manutenção de solos, um reordenamento territorial agrícola usando árvores bombeiras, como o castanheiro, que retardam os fogos e não servem de combustível como os eucaliptos e semelhantes.

Depois ninguém se lembrou de dizer que há 43 anos se segue a política errónea de gastar milhões no combate aos fogos em helicópteros (inoperacionais por falta de peças, de manutenção, de dinheiro para as reparações), em aviões dispendiosos e com muitas limitações em vez de se investir na prevenção, que deveria começar pela restauração do serviço de guardas florestais (vigilantes da natureza), pela definição de uma política de reordenamento territorial. Menos leis “perfeitinhas” que ninguém cumpre e para nada servem (mesmo quando bem-intencionadas) e mais meios preventivos, com uma nova política das corporações de bombeiros dotadas de meios próprios, pessoal profissional, bem treinado e pago, em vez dos impreparados voluntários que de boa vontade dão a vida por nada.

Todo o sistema de prevenção e combate a incêndios precisa, aliás, de ser reformado. A própria conceção do sistema, pulverizado por várias forças com pouca massa crítica, torna tudo mais difícil temos um sistema muito focado no combate”, em que 90% do investimento é para esta área (que dá muito dinheiro a muita gente) e não na prevenção.

E termino dizendo, preparem-se que isto é apenas o começo de uma nova era de situações atmosféricas atípicas, temperaturas extremas (no verão fogos e no inverno inundações) num país onde se cimentaram ribeiras, onde se plantaram árvores não-autóctones altamente inflamáveis, onde se desviaram cursos de água, onde se não faz adequada manutenção de solos, onde se não limpam matas, e onde haverá sempre situações climatéricas extremas como estas...é não adianta culpar as divindades, ou a natureza, ou a anormalidade. Podemos minimizar ou atrasar os seus efeitos, mas não a podemos controlar em absoluto. A natureza é quem tem sempre a última palavra.

**CRÓNICA 276 VIVEMOS NO FAROESTE E NÃO SABÍAMOS, ERA UMA VEZ UM REGEDOR 28.7.19**

Tomei conhecimento, oficioso e informalmente, há dias, de que numa pequena autarquia açoriana se passam ilegalidades de bradar aos céus no século XXI, se bem que pudessem ser norma aceitável em meados do século passado. Dantes havia a figura respeitada do regedor que servia de autoridade para impor as leis a nível local.

Transcreve-se a sua definição da Wikipédia

O Código Administrativo de 1836 substituiu o comissário de paróquia pelo regedor. As competências dos regedores foram-se modificando, mas, genericamente, eram análogas às dos administradores de concelho, à escala paroquial. Essencialmente, os regedores garantiam a boa aplicação das leis e dos regulamentos administrativos e exerciam a autoridade policial na freguesia. Uma das suas principais funções era a de policiamento. Para os auxiliarem nessas funções, tinham às suas ordens, os "cabos de polícia". A importância destes foi diminuindo, quando se alargaram as áreas de intervenção da Polícia Civil (depois PSP) nas áreas urbanas e, mais tarde, da GNR nas áreas rurais.

A última regulamentação ocorreu nos códigos administrativos de 1940. Os regedores deixaram de ter o estatuto de magistrado administrativo, passando a representar o presidente da câmara e nomeados por este. Incumbia aos regedores: cumprir e fazer cumprir as ordens, deliberações e posturas municipais e os regulamentos de polícia, levantar autos de transgressão, auxiliar as autoridades policiais e judiciais, agir de modo a garantir a ordem, a segurança e a tranquilidade públicas, auxiliar as autoridades sanitárias, garantir os regulamentos funerários, mobilizar a população em caso de incêndio e cumprir outras ordens ou instruções do presidente da câmara municipal. A figura do regedor de freguesia foi extinta com a Constituição da República Portuguesa de 1976.

Ora bem o que dizer de um desses regedores nos nossos dias empregar, de forma ilícita e ilegal a todos os títulos, jovens em idade escolar que deveriam frequentar a escola (gostem ou não de lá estar até completarem os 18 anos como a lei manda)? Configuram-se aqui vários conflitos e antecipa-se a resposta rápida, *são de famílias pobres, e estamos a ajudá-los e às famílias a colherem um pequeno rendimento extra...* como imagino já esta resposta “o que seria destas famílias sem a nossa solidariedade social, a nossa caridadezinha?”

Mas, se isto configura já, várias ilegalidades partindo de quem devia cumprir a lei e mandá-la cumprir, o que dizer quando se veem esses jovens, inabilitados com a carta de condução, a conduzirem alegremente tratores pelas ruas da localidade, em plena estrada regional. Se acontecer um acidente (imaginemos apenas com danos materiais, para não complicar) como vai ser? O seguro não paga e a vítima vai ser ressarcida como? Se o acidente for mais grave que desculpas, mentiras e falsidades não se inventarão?

Lamento, mas esta solidariedade social, esta caridadezinha comigo não colhe, de forma alguma, considero-a antes de mais exploração desenfreada de trabalho infantil, pois pagam-se “pinotes [peanuts]” como aqui se diz, em vez de se remunerar adequada e legalmente quem possa andar a tratar das vacas do regedor... e um total desrespeito pela escolaridade obrigatória, pelo código da estrada e mais uma dezena de leis e normas.



CRÓNICA 277 DA BONDADE INCOMPREENDIDA DOS POLÍTICOS 31.7.19

A propósito de algumas notícias vindas a leme nestas semanas lembro que há uma latente bondade incompreendida dos nossos políticos. Nunca conseguimos ver a imagem toda e julgamos as coisas pela aparência.

Um padeiro nomeado como assessor técnico especializado para a proteção civil poupou uma vigarice de um curso comprado à Relvas ou à Sócrates. Um negócio de um filho de um secretário de estado, um marido de uma ministra, um outro filho doutro ministro, não é mais do que uma deslocalização de um contrato para o interior profundo de Portugal, que ninguém sabe que existe e onde nunca se adjudicam obras, assim eles estavam a manipular a economia nacional a favor dos mais desfavorecidos e é sob esta ótica que se devem entender tais negócios.

Aliás, aprendendo com isto, o próprio Xanana Gusmão em Timor em 2014-2015 adjudicou (por ajuste direto) obras a firmas timorenses que, até então, eram sempre preteridas por firmas chinesas em Timor...

Depois falou-se muito nas golas inflamáveis que a proteção distribuiu para a população se proteger nos incêndios, mas ninguém pensou em fornecer roupa interior (e exterior) não-inflamável, de que serviam máscaras ou golas não-inflamáveis se o resto da roupa podia arder toda? só se fosse para o reconhecimento facial... e como o povo é ignorante não sabe que se encharcar as golas em água elas protegem do fogo? basta encharcarem-se todos em água que passam pelo fogo SEM DANO...

Também no Brasil o chefe Bolsonaro, um cristão convicto, cheio de compaixão protestou a favor dos índios que vivem em reservas como animais em zoológicos. Quando mencionou o pai de um advogado morto na ditadura militar em circunstâncias obscuras, quis apenas lembrar que acidentes ocorrem quando menos se espera, que o diga Putin que teve um dos seus principais opositores preso e envenenado, nem se sabe bem como. Quando Bolsonaro fala mal dum norte-americano casado com um deputado brasileiro ele apenas defende os princípios fundamentais do cristianismo que se opõem ao casamento do mesmo sexo e defendem a manutenção da família nuclear tradicional. Mais um mal-entendido.

Quando ele diz que quer nomear o filho embaixador nos EUA é por confiar nele, e entender que ali estão apenas inimigos do Brasil, LGBTs (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transgénero), mulheres, quilombolas e comunistas que se opõem às suas políticas de boa vontade e boa vizinhança com os EUA. Claro que se estivéssemos na posição dele todos faríamos o mesmo empregando quem nos inspira fidelidade e confiança, e não pessoas estranhas de quem pouco ou nada sabemos para defender as nossas políticas.

Quando a ministra brasileira da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, defensora de uma séria educação brasileira, uma convicta evangélica, cheia de fé, disse que as jovens pobres são estupradas por não terem calcinhas, estava a salientar que ainda há muito a fazer no campo da assistência aos mais desfavorecidos. Bem sei que ela diz ter visto Jesus numa goiabeira quando se tentava suicidar, e defende menino vestido de azul e menina vestida de rosa, criticou o feminismo em uma entrevista: “É como se houvesse uma guerra entre homens e mulheres no Brasil. Isso não existe. Em 2016, ela declarou, diante de uma congregação evangélica: "Está na hora da igreja dizer à nação a que viemos... É hora de a igreja governar". Ela tem-se apresentado como advogada e mestra em educação, direito constitucional e direito de família, embora jamais tenha recebido título de mestrado e esteja suspensa da Ordem dos Advogados do Brasil, mas isso é por causa da má-língua que alega ter uma filha adotiva, uma jovem indígena Kamayurá do Parque Indígena do Xingu, nascida em 1998. Entretanto, parentes da menina, afirmam que, na verdade, a garota foi separada da família aos seis anos de idade, sem a permissão dos pais biológicos como se vê ela cuidou da criança dando oportunidades que nunca teria na reserva índia, um verdadeiro ato cristão.

Os exemplos acima servem apenas para comprovar a malvadeza da sociedade que em tudo vê corrupção, nepotismo, sem se darem conta do alcance profundo dessas ações para a melhoria da vida dos povos.

Por isso, lembrem-se destas notas ao elegerem os políticos que nos vão representar na nova Assembleia da República em outubro.

CRÓNICA 278 NOS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA NÃO HÁ CULTURAS SUPERIORES, TODAS SÃO IGUAIS

A Lusofonia é uma capela sistina inacabada; é comer vatapá e goiabada, um pastel de bacalhau ou cachupa, regados com a timorense tuaka ao ritmo do samba ou marrabenta; voltar a Goa com Paulo Varela Gomes, andar descalço no Bilene com as Vozes anoitecidas de Mia Couto, rever os musseques da Luanda com Luandino Vieira, curtir a morabeza cabo-verdiana ao som De boca a barlavento de Corsino Fontes, ouvir patuá no Teatro D. Pedro IV na obra de Henrique de Senna-Fernandes, e na poesia de Camilo Pessanha; saborear a bebinca timorense em plena Areia Branca ao som das palavras de Francisco Borja da Costa e Fernando Sylvan, atravessar a açoriana Atlântida com mil e um autores telúricos, reencontrar em Salvador da Bahia a ginga africana, os sabores do mufete de especiarias da Amazônia,



HISTORIAL

Aqui se traça em linhas gerais o já longo percurso da AICL. Um exemplo da sociedade civil num projeto de Lusofonia sem distinção de credos, nacionalidades ou identidades culturais. Em 2001, os Colóquios brotaram do intuito do nosso primeiro patrono JOSÉ AUGUSTO SEABRA de criar uma Cidadania da Língua, proposta radicalmente inovadora num país tradicionalista e avesso a mudanças. Queríamos que todos se irmanassem na Língua que nos une. Tínhamos gerido o seu projeto ALFE desde 1997 e quisemos torná-lo universal. Pretendíamos catapultar a Língua para a ribalta, numa frente comum, na realidade multilingue e multicultural das comunidades que a usam. A nossa noção de LUSOFONIA abarca **os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião ou nacionalidade**.

Gostaria de parafrasear Martin Luther King, 28 agosto 1963, *“I had a dream...”* para explicar como nascidos em 2001 já realizámos trinta e dois Colóquios da Lusofonia (dois ao ano desde 2006 quando passamos a incluir a divulgação da açorianidade literária) numa demonstração de como ainda é possível concretizar utopias num esforço coletivo.

Cremos que podemos fazer a diferença, congregados em torno de **uma ideia abstrata e utópica, a união pela mesma Língua**. Partindo dela podemos criar pontes entre povos e culturas no seio da grande nação lusofalante, independentemente da nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência.

Os colóquios juntam os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como se de amigos - as de longa data se tratasse, partilham ideias, projetos, criam sinergias, todos irmanados do ideal de “sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos do género. É a informalidade e o contagioso espírito de grupo que nos irmana, que nos tem permitido avançar com ambiciosos projetos. Somos um vírus altamente contagioso fora do alcance das farmacêuticas.

Desde a primeira edição abolimos os axiónimos, ou títulos apensos aos nomes, esse sistema nobiliárquico português de castas que distingue as pessoas sem ser por mérito. Tentamos que todos sejam iguais dentro da nossa associação e queremos que todas contribuam, na medida das suas possibilidades, para os nossos projetos e sonhos...

A nossa filosofia tem permitido desenvolver projetos onde não se reclama a autoria, mas a partilha do conhecimento. Sabe-se como isso é anátema nos corredores bafientos e nalgumas instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), e daí termos tido o 21º Colóquio na esplanada de uma praia...

Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em dezembro de 2015 passamos a ser uma entidade cultural de utilidade pública.

Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o seu projeto de Lusofalantes na Europa e no Mundo e aí nasceram os Colóquios da Lusofonia. Desde então, temos definido a nossa versão de Lusofonia como foi expresso ao longo destes últimos anos, em cada Colóquio.

**Se aceitarmos todas as variantes de Português sem as discriminarmos ou menosprezarmos**, o Português poderá ser com o Inglês uma língua universal colorida por milhentos matizes da Austrália aos Estados Unidos, dos Açores às Bermudas, à Índia e a Timor. O Inglês para ser língua universal continuou unido com todas as suas variantes.

Esta visão é das mais abrangentes possíveis, e **visa incluir todos numa Lusofonia que não tem de ser Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades**. Ao aceitarem esta nossa visão muitas pontes se têm construído onde hoje só existem abismos, má vontade e falsos cognatos. Felizmente, temos encontrado pessoas capazes de operarem as mudanças. Só assim se explica que depois de José Augusto Seabra, hoje, os nossos patronos sejam Malaca Casteleiro (Academia das Ciências de Lisboa), Evanildo Bechara (Academia Brasileira de Letras) e a Academia Galega da Língua Portuguesa. Depois, acrescentamos como sócios honorários e patronos Dom Ximenes Belo em 2015 e em 2016 José Ramos-Horta (os lusofalantes do Prémio Nobel da Paz 1996), a que se juntaram (em 2016) Vera Duarte da Academia Cabo-Verdiana de Letras e a Academia de Letras de Brasília. Aguardamos desde 2017 a prometida adesão da Academia Angolana a este projeto. O espaço dos Colóquios da Lusofonia é um espaço privilegiado de diálogo, de aprendizagem, de intercâmbio e partilha de ideias, opiniões, projetos por mais díspares ou antagónicos que possam aparentar. É esta a Lusofonia que defendemos como a única que permitirá que a Língua Portuguesa sobreviva nos próximos duzentos anos sem se fragmentar em pequenos e novos idiomas e variantes que, isoladamente pouco ou nenhum relevo terão.

CRÓNICA 279 PAROLICE AÇORIANA EM 3 ATOS 13.8.19

1. Há esta parolice açoriana de dar nomes estrangeiros (quase todos em inglês) a projetos, festas, etc., hoje vi um novo “CREACTIVITY?” na Lagoa. No Google não surge resultado algum para creACTivity)... e como bilingue que sou entendi a ideia “criativa” mas poupem-me, escrevam na língua oficial e deixem-se de parolices saloias de novos-ricos falidos... escrever em inglês não é sinónimo de sofisticação ou classe mas parolice... *Atlantis Cup, Azores Today, Azores Burning Summer, Festival Folk Azores, Azores Triangle Adventure, SpotAzores, Walk & Talk Azores, Epic Trail Azores, Eco-Beach Resort, Azores GeoPark, Azores Greenmark, Azores Trail Run, Lava Homes, Hotel Neat, Pink House Azores, Cow House, Lagoa Azores SUP Day*, Lagoa promove *Birdwatching*, e tantos mais que poderia buscar... Muitos destes nomes se fossem apresentados na sua versão bilingue eu até compreendia...como chamariz turístico, oh yeah! You know?
2. Há mais exemplos da dita parolice açoriana, mas no campo das festas anuais e seus contratados para abrilhantarem musicalmente os eventos. Não consegui contabilizar os muitos milhares de euros que voam em cada verão para pagar a “artistas continentais” dos quais alguns de qualidade dúbia e outros sobrevalorizados. Com algumas honrosas exceções, quase todos esses artistas atuam em animação de festas paroquiais ou municipais, e sem terem a qualidade dos artistas locais (sejam eles cantantes, bandas, filarmónicas). Claro que os que vêm de fora cobram cachês de mais de dez mil euros cada e os da terra – quando não atuam graciosamente – cobram tuta e meia. Assim tem sido há muitos anos. Recordo que aqui na Lomba da Maia no ano de 2013 contrataram o Quim Barreiros por 17 mil euros em vésperas de eleições para a Junta de Freguesia, a terrinha decuplicou a população por umas horas e os resultados das eleições foram os opostos ao pretendido.

Depois quando vierem as chuvas, desabamentos, inundações, ou outras obras necessárias quer as Juntas como as Câmara Municipais todos se vão queixar da falta de verbas para obras. Ainda há não muito tempo houve um artista na capital do norte da ilha de S Miguel que parece ter cobrado 150 (mil) mais 55 mil euros da receita. Ao subirem ao palco já o dinheiro tilinta na conta deles enquanto que os locais ficam tempos

infintos à espera de serem pagos. Assim se fazem festas e festarolas com o erário público, dilapidando recursos numa manifestação de *panem et circensis*, tal como em Roma no século I da nossa era.

3. Outro exemplo da parolice acontece com o turismo, que tem levado o governo regional a abrir novos e maiores parques de estacionamento para os senhores turistas, muitas vezes prejudicando o equilíbrio ecológico e defenestrando paisagens para apaziguar a necessidade de todo o bicho careta turista estacionar. Em tempos, eu e outras pessoas sugerimos para os locais mais emblemáticos da ilha de S Miguel onde se verificava tal necessidade, que fossem criadas carreiras de minibus, preferencialmente ecológicos ou mesmo elétricos, em vez de criar parques enormes de estacionamento. Por exemplo na Lagoa do Fogo, correriam nas horas de maior afluxo de meia em meia hora, parando (por exemplo em pontos fixos) na Lagoa, Ponta Delgada e Ribeira Grande. Podia ser cobrada uma quantia (simbólica ou não) e o trânsito fluiria melhor (os carros dos turistas estacionariam em locais designados naquelas três cidades). O mesmo se deveria fazer na Vista do Rei para evitar a imagem de há dias, com carros estacionados dos dois lados da rodovia e mal se passando no espaço remanescente. Aqui, o minibus turístico podia partir de Ponta Delgada, subir à Vista do rei, descer às Sete idades com paragens nas lagoas e regressar pela Covoad, aliviando os constrangimentos de trânsito.

4. NÃO PODEMOS PERMITIR QUE O TURISMO PREDADOR TENHA ESPAÇO NOS AÇORES!!! Por último um exemplo de parolice arquitetural era a tentativa de construir um aborto de hotel (580 camas) ao qual o Governo dos Açores atribuiu a classificação PIR – Projeto de Interesse Regional com financiamento comunitário de 85% do seu valor a fundo perdido. E o Autarca de Vila Franca do Campo, Ricardo Rodrigues (forte defensor da incineradora) nada fez para evitar este projeto através da alteração do PDM. Felizmente o governo regional cancelou a autorização do “aborto arquitetónico” em Água d’Alto (580 camas), junto à imaculada Praia do Degredo. Já em 2017 surgira outro projeto idêntico de 4 estrelas e 83 quartos (6 milhões de euros) para a cândida paisagem protegida da vinha da ilha do Pico, mas esse parece estar esquecido por enquanto.



E como amo os Açores não falarei de mais parolices hoje...

### CRÓNICA 280. NO PASA NADA SILLY SEASON 19.8.19

As semanas passam vertiginosas nesta voragem do tempo para quem na terceira idade vê o horizonte a acercar-se à velocidade de um Shinkansen (comboio-bala).

É tempo de férias para muitos, de praia ou de greves para fazer parar o país e condicionar as próximas eleições, já que este ano os incêndios não andam de feição. Os campos extremam-se, uns falam das liberdades constitucionais coartadas pelo decreto dos serviços mínimos quase máximos, outros falam da tramoia dos patrões que pagam extras sem ser no salário, para fugirem a impostos, e essa greve encheu noticiários dias a fio, como se de futebol se tratasse. Nos Açores nada se passou e como é habitual nesta época, os telejornais eram preenchidos pelas festas, festinhas e festarolas em todas as vilas, freguesias e lugarejos do arquipélago.

Uma tradição totalmente desvirtuada e comercializada desde há uns anos, mas que serve para o velho espetáculo de *panem et circensis* de que os autarcas tanto gostam. A componente religiosa esfuma-se por entre mil e uma atividades comerciais que tanto dinheiro dão a ganhar a “artistas” que para cá voam. Desde que cá arribei, pouco mudou e recorro a descrição das primeiras festas locais a que assisti em agosto 2005.

*A maioria das festividades nos Açores coincide (e não fortuitamente) com datas e acontecimentos religiosos, em particular com dias relativos a determinados santos, o que se explica por uma tradicional forte devoção do povo açoriano em geral. Destas festividades, uma boa parte é comum entre diferentes ilhas do arquipélago, como por exemplo as Festas do Espírito Santo que se celebram um pouco por todas as ilhas, com algumas variações e diferentes datas. Outras, são já específicas de determinadas localidades, o que lhes atribui um caráter único, fazendo deslocar, em alguns casos, pessoas de várias partes dos Açores e do mundo a acorrer a elas. Cada freguesia tem um santo protetor ou padroeiro, santo este a quem é dedicado um dia particular do calendário em que se celebram as Festas da respetiva freguesia (é comum ainda haverem várias freguesias que partilhem o mesmo santo padroeiro). Nas zonas piscatórias, é muito frequente ser este papel entregue a São Pedro, protetor dos pescadores. Nossa Senhora do Rosário é normalmente festejada em outubro e as maiores festas a ela dedicadas são as da Lagoa (S. Miguel) e Lajes (Pico), mas convém não esquecer a pequena freguesia da costa norte de São Miguel, onde vivo, a Lomba da Maia que celebra sempre no último domingo de agosto esta santa, tão venerada que até esteve para dar o nome à freguesia...*

*"... O rei, por certo, não teria hesitado em desautorizar o bispo D. António. Havia-o feito naquele mesmo ano de 1699. A Lomba da Maia, então sob a jurisdição paroquial da Maia, não chegara a ser paróquia porque o rei quisera acautelar a integridade dos rendimentos dos párocos da Maia." (in Mário Moura: a criação de uma paróquia")*

*Passa esta população – maioritariamente rural - um ano inteiro na ansiada espera desta semana, fazem-se preparativos, vestidos, sonham-se casamentos e noivados, preparam-se refeições, convidam-se parentes emigrados, há uma sofreguidão imensa na voragem dos calendários. As casas são pintadas, retocadas, melhoradas para estarem prontas nessa última semana de agosto. Colhem-se verdes e flores para enfeitar as ruas em modelos, mais ou menos elaborados a fim de que a procissão de domingo ali passe. Cabeleireiras e modistas não têm mãos a medir para tentarem que todos os habitantes estejam no seu melhor, quanto a apresentação, na procissão e noutros eventos celebratórios. Toda a vida da freguesia se centra em volta desta semana de celebrações, procissões e libações. O*



*mundo podia acabar, mas continuar-se-ia a falar das Festas de agosto, em que a população residente é incrementada com o retorno de centenas de filhos expatriados pela norte América, uns com vozes anglicizadas e outros afrancesados. Reveem-se parentes, e aqui na Lomba da Maia, parece que todos são primos entre si há várias gerações. Há uma elevadíssima consanguinidade. Todos põem a conversa em dia, bebem uns copos a celebrar o encontro, a fim de dar tempo a que todos narrem as suas proezas, riquezas, e outros mitos. Trata-se de uma semana completa de festejos, culminando com a rica procissão de domingo e na qual se incluem dignatários religiosos e autoridades civis, além das ditas forças vivas da terra. Um verdadeiro desfile para impressionar, todos com seus fatos domingueiros ou melhores ainda se as posses assim o permitiram. A procissão ricamente elaborada inclui a trasladação - na véspera - da imagem para a Igreja velha ao fundo da rua, seguida da visitaçao da imagem de Nossa Senhora do Rosário pelas ruas de parte da freguesia, partindo da Igreja, subindo ao Outeiro, descendo a Rua do Rosário, sem chegar à Lomba de baixo, e subindo em apoteose pela Rua da Igreja até se deter, de novo na Igreja datada de 1877. Este percurso feito sobre o asfalto, nesta data ricamente atapetado de verdes e quadrados floridos demora sempre umas três horas ou mais, com os vários andores a pararem várias vezes durante o percurso.*



*Os altifalantes que costumam debitar música pimba das oito da manhã até altas horas por entre postes com as suas lâmpadas acesas (todas brancas este ano em vez das habituais coloridas) e as suas flâmulas de duas cores a esvoaçarem. No cortejo processional, ouvia-se para além do falar micalense local, algumas corruptelas de francês e inglês com micalense nem sempre fáceis de decifrar. Depois dos andores todos, e do pátio com vários concelebrantes que eu não soube identificar além do pároco cessante da freguesia, vinham as pessoas por uma ordem hierárquica de castas sociais, das mais ricamente vestidas às mais humildemente vestidas, talvez seguindo tradição ancestral.*

*Depois, há os malfadados acordes sísmicos da música tecno que ecoam na Rua do Rosário até às três da madrugada e aqui se propagam, sempre a martelar os sons do baixo... Duma empírica observação, mais vocacionada a ser analisada por psicólogos e sociólogos, convirá referir que se verificava que os jovens do sexo masculino continuavam de uma forma geral a vestir normalmente como num qualquer dia, shorts ou jeans e T-shirt, enquanto elas da mesma idade estavam todas aperaltadas, decotadas, saias muito curtas, unhas pintadas e cabelos elaborados em penteados de festa, muitas delas já em cetim lustroso preferencialmente em preto ou em sedas vermelhas. O mesmo se podia ver nas senhoras mais jovens e até à meia-idade, em que se empoleiravam com muita dificuldade em saltos altos, tipo stiletto, a que obviamente não estão acostumadas...bamboleando-se para cá e para lá sem caírem...muitas delas queriam, e tentavam muito, que as tomassem por modelos saídas de capa de revista de modas não fosse o forte sotaque micalense ....Os homens mais bem vestidos usavam fato e gravata e privilegiavam o cinza brilhante com gravatas que não correspondiam ao casaco...obviamente forçados a usarem uma vestimenta para a qual não estavam talhados, mas a que eram obrigados. O tal fato domingueiro de que a literatura tradicional tanto fala quando se refere às aldeias e à maneira de vestir das pessoas para irem à missa... Mais parecia um desfile de trajes para casamento (até poderiam ser esses os trajes que usavam normalmente nos casamentos e como era a festa anual isso era equivalente a um casamento...) e era vê-las a passar impantes de orgulho no seu "special look" anual com os homens atrelados a curta distância ou ao lado, cabeças bem erguidas atravessando as ruas da aldeia (já sei, já sei, os açorianos ficam todos furiosos quando digo aldeias pois pensam que aldeia é um termo inferior em estatuto ao de freguesia..., mas esta minha freguesia, queiram ou não, é uma aldeia e eu gosto dela, assim, aldeia...).*

## Crónica 281 a amazónia a arder 23.8.19

Estou muito mais tranquilo, andaram para aí uns alarmistas, gente da esquerdalha, das ONG, verdadeiros inimigos da pátria brasileira, afiliados petistas, sem escrúpulos a propalar notícias de um incêndio de proporções dantescas que cobria toda a América do Sul.

FELIZMENTE ficou tudo esclarecido, eram uns índios que estavam a fumar maconha, aquilo descontrolou e houve um incêndio numa palhota, nada de grave portanto, porque esses índios foram logo a seguir abatidos por garimpeiros brancos que estavam nas imediações a cortar mato, nada de grave também, umas pequenas árvores com mais de 2 séculos e 50 metros de altura, que prejudicavam a propagação da rede 5G na s imediações...

Tive mesmo a confirmação de uma fonte próxima do ilustre Presidente da República Federativa do Brasil que me esclareceu tratar-se de um fogo na CHAPADA DOS GUIMARÃES (Cerrado mato-grossense a 60 km de Cuiabá)" ateadado dolosamente por uma ONG cujo único fim era prejudicar o meritíssimo Jair Bolsonaro.

Entretanto, em Portugal, a greve, mãe de todas as greves que ia parar o país não conseguiu parar nada, exceto os carros que fizeram fila antes de tempo para abastecer e armazenar descontroladamente combustível, tornando-se em autênticos carros bomba a circular nas estradas cheios de jerricãs e demais recipientes. Depois de avanços e recuos e uma quase negociação, veio-se a saber aquilo de que se suspeitava. A greve foi a artimanha daquele advogado chico-esperto que liderava os motoristas para se meter na política passando a ser candidato dum partido minúsculo doutro advogado Marinho Pinto e deixou os camionistas com nova greve marcada para setembro, mas sem a sua indomável liderança intransigente. No fim quando receberem mais uns tostões de salário incluído no vencimento vão constatar que recebem menos, pois os descontos para o fisco aumentaram imenso. Nessa altura dirão que a greve foi um sucesso e viram as suas reivindicações satisfeitas.

E termino com uma nota triste sobre Donald Trump, esse benemérito, filantropo e sabe-se lá que mais (ele até casou com uma imigrante ilegal para a ajudar a ficar no país!) que se ofereceu para comprar a Gronelândia. Fê-lo com todo o altruísmo em resposta ao incessante degelo que ameaça aquele território para dar aos seus 60 mil habitantes uma hipótese de viverem soberanamente sob a égide dos EUA. Mas a primeira-ministra da Dinamarca, que, como todos os membros da EU tem as vistas curtas, logo se apressou a recusar a benemérita oferta e teve o desplante de gozar com ele e ameaçar comprar os EUA para lhes dar um sistema de saúde digno com uma educação de reconhecido valor mundial. Nem sequer se deu conta de que mais ninguém no mundo fala dinamarquês e ninguém ia aprender nada nem entender os médicos do SNS dinamarquês.

Aqui nos Açores houve uns brincalhões que falaram logo da hipótese de ele comprar os Açores por causa da nega dinamarquesa, esquecendo o óbvio: os EUA já têm os Açores, embora não formalmente incorporados, e não precisam de gastar mais dinheiro, nem para descontaminar os solos na Ilha Terceira nem para ajudarem o município da Praia da Vitória a ganhar a ação judicial intentada contra um afamado cientista local.

Agosto, é sempre isto: tarouquices, toleimas, asneiras e tonterias em todo o mundo.



Gosto muito do Presidente Vasco Cordeiro, e considero-o um homem íntegro, se bem que nem sempre bem assessorado, pelo que tomo a liberdade de lhe sugerir algumas propostas de difícil execução, mas de resultados benéficos para todos nós que habitamos estas ilhas

1. SATA contratar um gestor de topo, a nível internacional para salvar a companhia sem perder de vista a necessidade de continuar a servir as 9 ilhas do arquipélago e a ligação ao Porto e Lisboa, com viagens interilhas baratas que possam promover o turismo interno e as necessidades de deslocação não turísticas (estudantes, etc.)
2. Contratar um gestor experiente de nível internacional e arranjar transportes marítimos como os que operam nas Canárias (não é preciso reinventar a roda, basta copiar)
3. Acabar de vez com todas as empresas públicas regionais deficitárias (a começar pela SINAGA, mesmo que isso aumente temporariamente um desemprego que ora é um emprego falsificado)
4. Usar as visitas estatutárias e o novo CES para auscultar o povo de cada ilha e satisfazer os seus anseios.
5. Deixar o povo escolher os candidatos a ocuparem lugares de representantes da região, seja através de círculos uninominais, ou por qualquer outro meio de participação direta do eleitorado.
6. Criar um Super conselho de artes e humanidades de pessoas fora da região (de seis pessoas: 1 na música, 1 na literatura, 1 na pintura, 1 na história, 1 doutras ciências, 1 do desporto) para apreciar os pedidos de apoio ao GRA com base nos méritos de cada atividade sem ser por critérios economicistas normais, mas visando a validade a médio e longo prazo dos projetos propostos
7. Apertar a fiscalização efetiva dos recipientes de RIS (Rendimento de Inserção Social)
8. Criar uma carteira profissional e cursos profissionais capazes para a restauração e hotelaria para todos os que já estão na atividade e sem a qual futuros candidatos não possam exercer a profissão
9. Preservar o meio ambiente face à destruição do turismo de massas que ameaça matar a galinha de ovos de ouro do atual turismo (há gente que já não vai à Lagoa do Fogo ou Vista do rei) devido à massificação descontrolada dos fluxos turísticos. Igualmente deve meter-se travão a todos os grandes hotéis, em especial na ilha de S Miguel pois com mais pequena oscilação ameaçam tornar-se elefantes brancos desertos causando mais desemprego.
10. Apoiar a agricultura (eu não disse pecuária) e novas produções, tal como aconteceu na crise da laranja e outras no nosso passado que permitam diversificação de produtos e de mercados de exportação. Para tal será necessário assegurar, de forma independente, o transporte bi ou trissemanal da produção para centros de distribuição (em Lisboa ou Porto ou noutros locais)
11. Incrementar a fixação de investigadores e cientistas nos polos da academia local
12. Incrementar as ações de fiscalização marítima da enorme zona económica.
13. Facilitar o investimento da diáspora
14. Apostar na introdução de novas tecnologias e cibernética na pecuária, agricultura, etc.
15. Rever e atualizar os Cadernos Eleitorais
16. Utilizar linguagem simples e coloquial em todos os comunicados governamentais de forma a que o eleitorado os entenda

Muito mais haveria a sugerir como a introdução em termos simples e não-burocratizados de benefícios aos que usam e divulgam produtos locais, medidas de protecionismo das empresas locais (muitas vezes sem dimensão capaz para competirem com as de fora) e por aí adiante... enquanto os aparelhos partidários forem agências de emprego (*jobs for the boys*) a abstenção não baixa e só favorece populismos e extremismos de direita

CRÓNICA

283

(O

MEU)

TIMOR

20

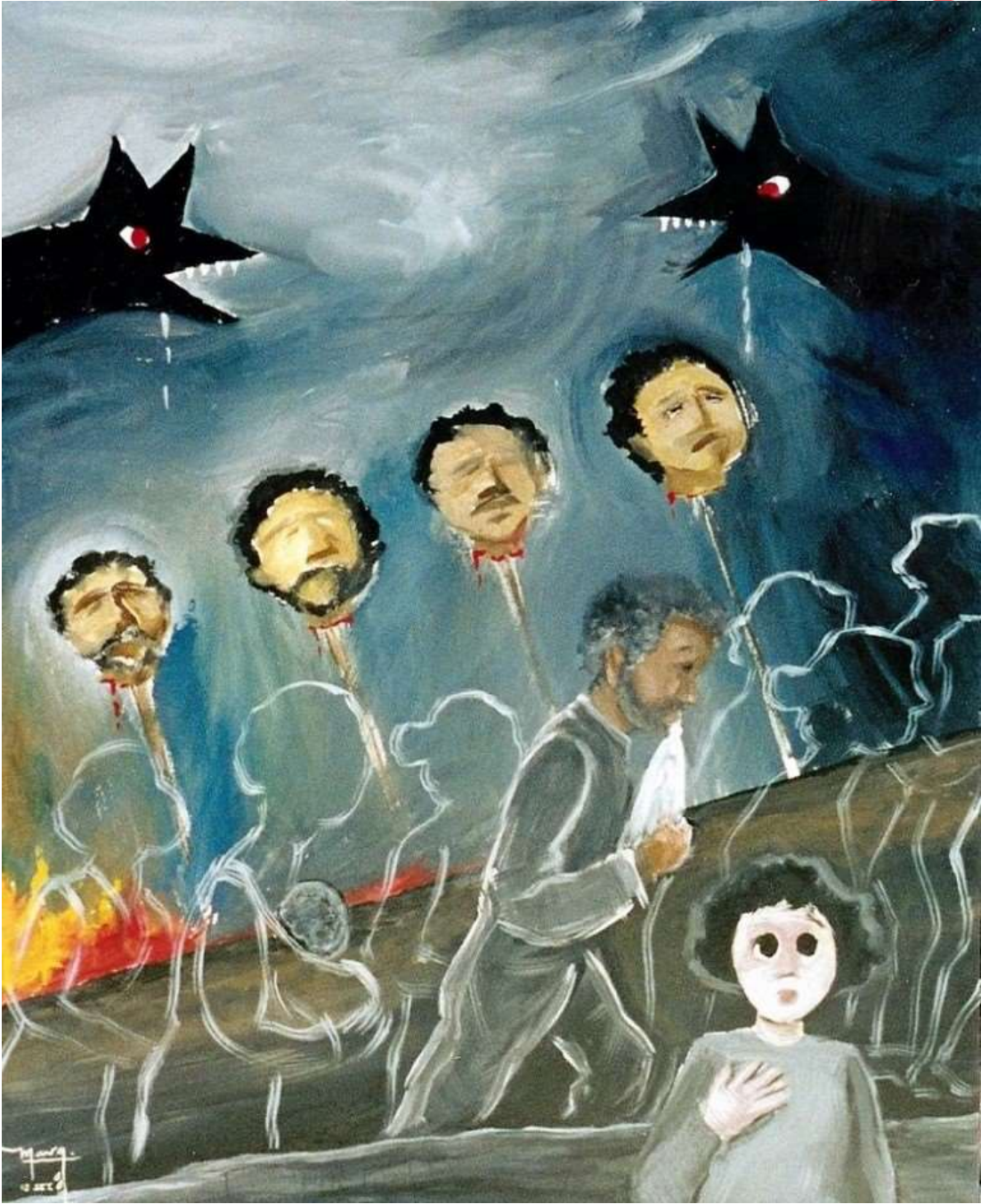
ANOS

DEPOIS

DO

REFERENDO

29.8.19



Pintura de Margarida Bem Madruga, oferta ao CNRT, Timor-Leste, 1999 (reprodução autorizada pela autora no meu livro Crónica do Quotidiano Inútil 2011)

Quem não me conhece cedo aprende que sou cidadão australiano e ainda hoje não deixo de falar de Timor com a nostalgia dessa paixão iniciada em setembro de 1973 e que acabaria por acarretar, como jornalista, por mais de 24 anos de ativismo.



Depois foram mais 22 anos de memórias e ações, como a homenagem feita ao referendo de 1999 para a independência este no em abril no 31º colóquio da lusofonia.

Afinal, temos dois patronos timorenses nos colóquios da lusofonia, os dois Prémio Nobel da Paz de 1996 (o Bispo Dom Carlos Ximenes Belo e o ex-presidente José Ramos Horta).

Alguém me perguntou o que sentia por Timor, eu que nunca mais lá voltei desde 1975, àquela que foi a minha primeira pátria de adoção. É difícil descrever as lágrimas que me vieram às faces quando em 2014 trouxe de Díli um grupo de danças no 22º colóquio em Seia. Lembrei-me dos dias tristes de agosto de 1975 quando estava (quase) prestes a regressar num avião das FAP aos apartamentos da SOTA no Largo de Lcidere, onde ficaram mobílias, mota, jipe e outros haveres.

Mas quis a ingenuidade jovem, a ganância dos blefes da UDT e da resposta da FRETILIN, a impreparação de tantos que eu conhecia e com quem convivera, que se envolvessem numa guerra fratricida, em que Lisboa não se quis envolver não dando diretivas a um comandante-em-chefe e que acabaria por resultar num governo português autoexilado na ilha do Ataúro, enquanto a teia indonésia da Operação Komodo se ia tecendo levando nela os timorenses udetistas que nela confiaram para se verem livres de membros militares e da Fretilin. A curta guerra civil que se seguiu e impediu a realização de mais voos das FAP iria condicionar todo o meu futuro e a minha vida. Nunca nada foi igual. Depois, o resto sabem-no todos foi a concretização das minhas premonições escritas no início de 1975, a invasão sangrenta de 7.12.75, a mortandade sem nexos, 24 anos de sevícias, genocídio, tortura, dilapidação de uma nação, culminando em 1999 na destruição sangrenta e nos massacres dos indonésios e das suas milícias timorenses.

Perguntam-me o que sinto, e respondo, nostalgia por tempos que nunca voltarão, sonhos que tolheram à nascença, a vida que refiz (como pude e soube) em Macau e na Austrália, o desgosto de nunca ter voltado (também ninguém me convidou, se calhar já se tinham servido de mim e não precisavam mais como jornalista que ao longo de décadas escreveu mais do que a maioria do mundo sobre o tema...só os 3 livros da trilogia da História de Timor têm mais de 3760 páginas, e estão disponíveis em linha gratuitamente). E sinto muito mais que não digo, nem interessa o que penso, mas aqui fica que nem um lamento o que em tempos escrevi.

(Parabéns Timor-Leste por estes vinte anos de liberdade)

549. alucinação na areia branca (timor) 11 julho 2012

era maio em 1975  
havia luar na areia branca  
sem ondas na ressaca  
caranguejos azuis na fina areia  
baratas voadoras à frente dos faróis  
eram pequenos os lafaek e raros  
quase se ouviam os corais a falar

ao longe sem luzes em díli  
o escuro dos montes

entre nós e o ataúro  
deslizavam barcos espíões  
antecipavam a komodo  
ensaiavam invasões

corri a alertar  
ninguém quis ouvir  
escrevi e denunciei  
chamaram-me alucinado

nunca imaginei o genocídio

551. lágrimas por timor, até quando? 16 julho 2012

confesso sem vergonha nem temores  
hoje os olhos transbordaram  
lágrimas em cascata como diques  
pior que a lois quando a chove

o coração bateu impiedoso  
os olhos turvos a mente clara  
as mãos trémulas de impotência

nas covas e nas valas comuns  
muitos se agitaram com a morte gratuita

poucas vozes serenas se ouviram  
velhos ódios, vinganças acicatadas  
o povo dividido como em 1975

sem alguém capaz de congregar o povo  
sem alguém capaz de governar para todos  
sem alguém acima de agendas pessoais  
sem alguém acima de partidos

temos de ultrapassar agosto 75  
udt e fretilin  
a invasão indonésia e o genocídio

faça-se ou não justiça  
é urgente um passo em frente

é urgente alguém com visão  
um sonhador, um utópico  
um poeta como xanana já foi

alguém que ame timor  
mais do que ama suas crenças  
mais do que ama suas ideias  
mais do que ama sua família

talvez mesmo uma mulher  
sensível e meiga  
olhar almendrado  
pele tsnada  
capaz de amar  
impulsiva para acreditar  
liberta de injustiças passadas  
solta de ódios, vinganças e outras  
capaz de depor as armas

CRÓNICA 284. O HOMEM DO CASTELO DA LOMBA DA MAIA

JC era um homem que ficava em casa, incapaz ou sem vontade de querer interferir nos assuntos da “civitas”. Não aceitava como sua a responsabilidade de lutar sozinho contra déspotas, tiranos, corruptos, medíocres, ao contrário do que fizeram durante várias décadas. Um autor açoriano, de seu nome Daniel de Sá, já o havia intuído:

*Existe um "castelo" na Lomba da Maia. Não tem torres nem ameias nem tampouco o fosso protetor contra invasores e atacantes. Também não tem nome nem dono. Foi assim batizado por aquele escritor, por lá se avistar (dia e noite) um castelo, agarrado ininterruptamente ao seu computador, organizando os Colóquios da Lusofonia.*

De facto, dali do topo da sua “falsa” (o nome micalense para o sótão) a janela de JC abria-se sobre todo o mundo: podia observar os mares e os montes, as vacas, os nevoeiros que se aproximavam e, por vezes, desapareciam sem deixar rasto. Outras vezes era a chuva inclemente e impiedosa que vinha ora do norte, ora do oeste ou do sul, e aí sim, ela abatia-se sobre o seu “castelo” e as grossas gotas corriam pela sua janela e toldavam-lhe o juízo, arrefecendo a sua paciência oriental.

Mas não foram essas chuvas quem apagara o fogo da paixão, extinto há muito pela sublimação do hábito que torna os quotidianos em tarefas cada vez mais pesadas, quando o desespero se apossou subitamente, sem premeditação. Martelando ferozmente o teclado em frente ao qual gastara a última grosa (doze dúzias de anos, assim lhe pareciam) da sua vida, deixava que a vida lá fora corresse sem pressas. Devagarosamente debitava palavras que a gaveta iria consumir com a humidade que, aliás, era muita naquela ilha sempre verde. Sempre a gaveta para onde desde miúdo atirava tudo o que produzia na esperança de um dia lhe vir a ser útil. Já aprendera isso com seu pai e repetia-o até à exaustão pois a mesma experiência ditava-lhe secretamente esse conhecimento de que seriam sempre úteis. Já o tinham sido por várias vezes.

Sabia ser difícil aos que o rodeavam compreenderem aquele frenesim, aquela angústia de escrever e por muito que lhes explicasse (o que já deixara de fazer havia tempo) recusavam-se a ver a sua lógica irrepreensível. Sabia que tinha uma missão diferente de todas as outras e teria de a levar a cabo, embora sem saber rotas nem itinerários. Era quase um eremita rodeado de gente pouca, por todos os lados, como convém a quem é uma ilha, incapaz de se deixar contagiar pelos clamores externos. Não havia ambiguidades na sua postura, optara por ser aquilo que atualmente era. Não tinha ressentimentos nem ilusões. Já passara o tempo da dor, limitava-se a sorrir pouco e rir qb. A vida passada só fazia sentido para o ego que fora, mas já não era. Não poderia repeti-la agora. Tê-la-ia sempre repetido se confrontado com idênticas circunstâncias. O presente devia ser aproveitado sem os hedonismos do passado, com a frugalidade que o seu padrão de vida lhe permitia, sempre otimista quanto aos melhores dias que podem sempre vir, quando menos se espera, sem nunca desesperar.

Tal como George Steiner em “Os livros que não escrevi” não se definia politicamente, nunca declarava abertamente as suas ideias políticas, nem a sua verdadeira posição. Afirmava sempre que nunca pertencera a nenhum partido ou clube, e dessa forma renegava qualquer afiliação que pudesse ter existido nos seus anos formativos. Visualizava os espetáculos desportivos sem se deixar levar pelas emoções ou por simpatias, via friamente o que o pequeno ecrã lhe proporcionava e chamava àquilo o seu entretenimento gratuito. Evitava a todo o custo pronunciar banalidades e raramente subscrevia manifestos.

Pelo contrário ridicularizava a impreparação dos jornalistas que debitavam decibéis em telejornais vazios de conteúdo, incitava-os a fazerem as perguntas corretas sem medo de perderem os seus empregos. Raramente via uma coluna vertical e proba naqueles escribas sempre de costas vergadas à censura económica dos seus patrões. Raros eram os editoriais ou artigos de opinião que subscrevia, pois poucos eram os que ainda podiam escrever livremente e menos ainda os que os queriam ler. Muitas vezes fazia análises da conjuntura mundial ou nacional usando meramente o senso comum e interrogava-se porque é que o povo à sua volta não podia ver as coisas com a mesma clareza e transparência com que ele as via.

Escolhera esta forma de isolamento, quicá aprendido da obra de Nietzsche que era bandeira da sua juventude revolucionária, de aprendizagens várias. Afirmava apenas prezar imensamente a incomensurável liberdade de expressão e de discussão que a revolução de abril (1974) trouxera. Tinha esse desprendimento próprio de quem nunca perdoaria ter tido um livro de poesia, quase juvenil e inóspita, cortado pelo lápis azul da censura e reduzido a um terço da sua dimensão. O seu retiro no “castelo” aparentava uma passividade que não lhe era inerente, mas era assim que reagia ao desapontamento da democracia conjugado com uma utópica visão do mundo que herdara dos livros que lera na sua juventude. Temia todos os totalitarismos e fundamentalismos, mas receava ser acusado de elitista. Nauseavam-no os espetáculos que as televisões colocavam no ar, sem intimidades, nem privacidades, como se fosse a transposição de tudo aquilo que os malfadados formulários burocráticos haviam conservado de cada um e os resolvesse expor na praça pública para deleite geral. Uma espécie de Maria Antonieta no cadafalso para todos verem e vilipendiarem. Era similar às ações dos políticos encenadas para todos verem o que eles pretendiam que vissem, como se as decisões sobre o presente e o futuro do país se definissem através dum jogo de sombras chinesas ou de marionetas indonésias.

Teologicamente definia-se como ateu e não agnóstico, mas lamentava-se de ter perdido a fé com que crescera, embora ainda hoje se limitasse a aplicar na prática todos os seus bons ensinamentos. Ironizava ser mais católico do que muitos praticantes do rito romano, e de ter feito mais bem sem olhar a quem, do que muitos daqueles que se continuavam a benzer, e a ir comungar num espetáculo de voyeurismo público que lhe repugnava. Também ele ao decidir ficar em casa, no seu “castelo” era uma espécie de “voyeur” do mundo que se desenrolava a seus pés, ainda convicto de que os seres humanos podem ser iguais, independentemente do seu género ou sexo, da sua nacionalidade ou cor de pele.

Estava, porém, lucidamente consciente, desta utopia, pois haveria sempre os favorecidos pela “sorte”, os ricos (e quem enriquece à custa de trabalho honesto?) e todos aqueles cuja única missão no mundo era contrariar os seus arreigados princípios de probidade e dedicação a causas perdidas. Estava consciente de que a lei, qualquer que ela seja, qualquer que seja o país, está cheia de iniquidades e favorece obviamente os ricos e os corruptos e quem se “lixá é sempre o mexilhão” pois são sempre os pequenos e os incómodos que servem para dar exemplo da luta contra o nepotismo e corrupção. Bastava nascer-se no Congo ex-belga, em Kiribati (no Pacífico Sul) ou na Terra do Fogo para as hipóteses de futuro serem radicalmente distintas daquele que nasceu no palácio de Buckingham, só para dar um exemplo dum “rapaz da sua idade”.

Embora não tivesse nascido com deformações ou deficiências genéticas viria a adquirir uma perigosíssima estirpe viral: a do conhecimento e da insaciável sede pelo mesmo. Aí, congratulava-se por não ter nascido cego, pobre de espírito, drogado ou delinquente. Outra deficiência que adquirira em novo, por influência paterna, tinha a ver com a sôfrega sede do direito inalienável à liberdade de expressão e de pensamento, uma malformação congénita que lhe valera muitos dissabores pessoais e profissionais ao longo da sua vida.



CRÓNICA 285 DA MOBILIDADE E INSULARIDADE AÇÓRICAS 6.9.19

Diz o primeiro-ministro, e eu não tenho razões para duvidar, que o custo do subsídio de mobilidade das ilhas é incomportável. Acredito que possa ser para quem vive lá para os lados da capital do antigo Império, mas para quem não teve escolha e aqui nasceu, ou para quem, como eu, aqui vive há quinze anos, ele só peca por ser reduzido.

Sem esse subsídio de mobilidade estaríamos todos mais presos do que já estamos a estas ilhas por razões de distância, de clima, de falta de alternativa de transporte marítimo. Os alunos que aqui não têm cursos deixariam de poder frequentar as universidades e politécnicos da Península Ibérica (contribuindo assim para o crescimento da economia), eu ficaria impossibilitado de ali realizar anualmente um dos dois colóquios da lusofonia, deixaria de poder visitar as restantes ilhas (são 9 senhor primeiro) e teria de ficar confinado à ilha onde vivo.

É que sabe, senhor primeiro, aí meto-me na viatura e desde que tenha dinheiro para portagens e combustíveis desloco-me onde quero, não só na Península mas pela Europa, Ásia, etc.....aqui não temos pontes, nem túneis nem autoestradas a ligar as nove ilhas, e se deixássemos o livre mercado da aviação funcionar os preços seriam os antigos entre 500 e 700€ para uma deslocação à velha Ibéria...

Além disso, deve ter-se esquecido que os nossos impostos pagaram e pagam as autoestradas, pontes, passes sociais e tanta outra coisa de que os aí residem podem beneficiar e nós não...por isso, venha cá viver uns tempos, de preferência no Corvo e nas Flores nos meses de inverno e depois falamos.

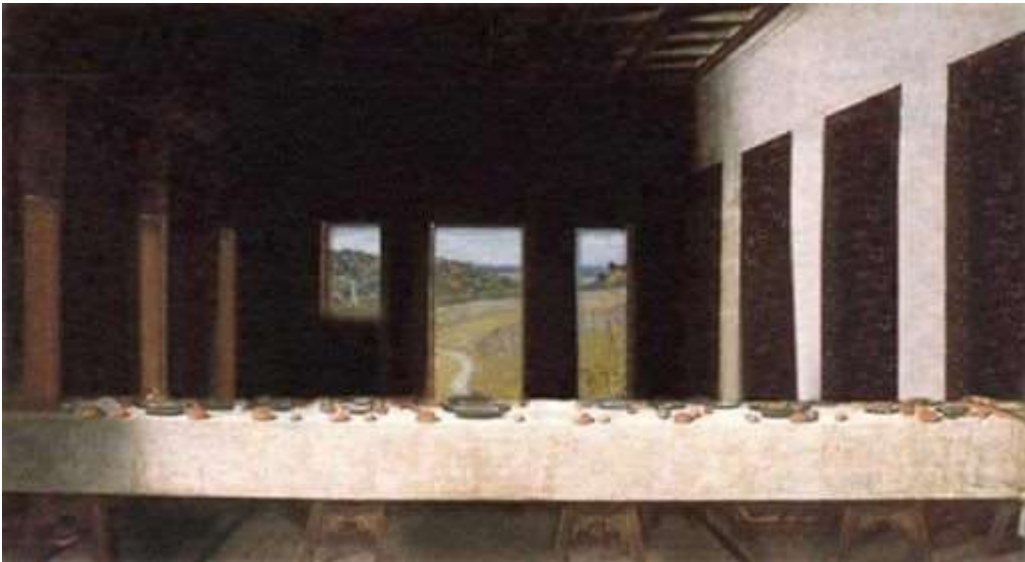
Falar é fácil mas por vezes é necessário ter conhecimento de causa e de vivências, e a da insularidade faz-lhe falta, como a mim me fazia antes de aqui viver e pensar que estas ilhas eram um desperdício de dinheiro. Houve até um colega político de outra cor partidária que afirmou em tempos (não encontro essa citação aqui e agora) de que ficava mais barato transladar os habitantes (cerca de 430) do Corvo do que mantê-los lá. Eu, pessoalmente também creio que ficava mais barato transladar os habitantes de Lisboa do que mantê-los lá, mas é só uma opinião pessoal de alguém que nasceu no norte... com o dinheiro que Lisboa gasta fazia-se um país decente e mais equitativo, sempre achei incomportável o custo de manter Lisboa e com as vias rápidas e ferroviárias que têm sempre podiam ir para qualquer outro sítio, nós aqui – infelizmente – não podemos.

Enquanto na Península se pode ir até ao lado de lá da fronteira e comprar gás ou meter gasolina mais barata, nós aqui pagamos e calamos, e nem sequer temos a gasolina mais barata dos hipermercados como aí...

De facto, senhor primeiro, acho que deviam dar-nos muito mais de subsídio de mobilidade por aquilo que perdemos e não está ao nosso alcance e para si é trivial quotidiano. Acredite que eu sei do que falo, pois já vivi nos dois sítios e sei fazer contas e constatar as diferenças. Se acordar com nevoeiro na Portela pode meter-se na viatura e ir a qualquer lado, aqui se eu acordar com ventos, nevoeiros ou os habituais temporais insulares nem a nado posso ir a lado nenhum, há quem diga que as ilhas podem ser uma prisão sem grades e já o senti, algumas vezes, mesmo sem viver no Corvo e Flores que mais tempestades apanham. E entre ilhas temos uns barquitos velhos, alugados a preço de ouro, de maio a setembro mas no resto do ano dependemos da perícia dos pilotos da SATA para aterrar em sítios onde a maioria dos pilotos tinha medo e voltava para trás...

Diz o primeiro-ministro, e eu não tenho razões para duvidar, que o custo do subsídio de mobilidade das ilhas é incomportável, eu concordo, é incomportavelmente baixo para as necessidades dos que aqui vivem, quando as comparo com os preços de viagens de barco e de avião entre as ilhas das Canárias... como os espanhóis querem as Desertas talvez se lhe oferecêssemos os Açores eles conseguissem voos mais baratos (ah! Já me esquecia que depois Portugal perdia milhares de quilómetros de fronteira marítima e suas riquezas, estou certo que destas, se retirarmos uns tostões pagamos todos os subsídios de mobilidade, presentes e futuros.

CRÓNICA 286 DESCANSEM DESTA CAMPANHA 15.9.19



NEM CRISTO E APÓSTOLOS AGUENTAM.. A CAMPANHA ELEITORAL...

Bem li muitos analistas comentarem que os mais de 7 milhões de euros gastos pelos partidos (quase duas dúzias deles, nos Açores apenas 17) poderiam ter sido empregues em algo de útil: criador, inovador, ou para tapar tanto buraco nas contas do SNS, da ADSE, dos hospitais, das escolas, eu sei lá!

Ninguém os ouviu e voltamos à campanha pura e dura nas ruas, na TV, nos jornais, nos outdoors (placards), nos mercados, parece a cena quando os ursos terminam a hibernação e começam à procura de comida, perdão, de votos. Lambuzadelas aqui, abraços acolá, afetos e selfies, a capacidade infinda de fingir que ouvem o que os eleitores lhes dizem, e eles aí andam em arruadas, em comícios, jantares e outras coisas, tal como se vem fazendo desde finais do século XIX. Depois, não sei porque se admiram com os valores elevados da abstenção, ou com a subida de extremismos, sejam eles de direita, esquerda ou centro, que sempre há extremismos e fundamentalismos em todos os quadrantes.

O desaparego do eleitor ao voto é proporcionalmente inverso às queixas que esses mesmos eleitores virão a ter depois das eleições. O fosso entre votantes e votados criou este fosso em que as pessoas não acreditam nos partidos mas querem acreditar em alguma coisa, e é aqui que surgem os sebastiânicos salvadores da pátria, dos sonhos, das ilusões, da luta contra a corrupção e outras teorias.

E muitos irão na onda do voto a quem defende o fim de apoios e subsídios às vacas, à produção de carne e de leite, e de mel (violência contra as abelhas....mas não é natureza que as obriga a produzir mel??). e há sempre ideias geniais como separar os galos das galinhas para evitar que estas sejam violadas...

Nestes fundamentalismos vegan e outros perde-se, cada vez mais, o respeito pelo ser humano agora espartilhado em mais de uma vintena de géneros (alguém se esqueceu de lhes dizer que a ciência conhece apenas o género masculino e o feminino?) e com a impunidade que o politicamente correto acarreta as mentes se vão formando (deformando diria eu) as pessoas deixam-se manipular em tiranias e ditaduras inesperadas e quando acordarem será tarde ...

Por isso, sigam os conselhos das campanhas de marketing como a da Apple que anunciou um novo iPhone capaz de tudo e mais alguma coisa, mas que eu não comprarei pois a única coisa que eles precisavam de fazer para me convencerem era cozinharem uma bela sopa de legumes...

E quem não gosta de tecnologias pode sempre ir seguindo as vidas, escândalos e outras perversões de ricos e “famosos” com que se vendem revistas e programas de TV tão sedativos que a carneirada nem dá conta.

O que eu queria era um mundo mais justo (ao contrário do que ora acontece, mais ricos muito mais ricos do que maioria de nós, cada vez mais, pobres), um mundo em que os vendedores de armas e os bancos fossem à falência, em que os produtores de comida a distribuíssem equitativamente por todos. Já sei, sonhos e utopias antigas que nenhum político no seu juízo iria prometer pois há limites para as promessas a incumprir, mesmo pelos políticos.

Por isso farei como a imagem acima ilustra e desligarei do mundo, vou hibernar mais quatro anos.

CRÓNICA 287 proibido comer: TEMPOS DIFÍCEIS, JÁ DECIDIRAM POR TI 18.9.19



Foi notícia a proibição de carne de vaca nas cantinas da vetusta Universidade de Coimbra. O reitor da UC tem o direito de não comer ou de não gostar de carne de vaca, mas terá o direito de impor as suas opções aos outros?

Admira-me não terem proibido o leite, queijo e demais derivados que provém dos mesmos animais. E os agrotóxicos que estão na maioria dos alimentos? E não proibem a carne de porco? Pombos, rolas, bodes, cão, cavalo, gato ou lebre?

E a feijoada que cria tanto CO<sub>2</sub> além doutros aspetos mais indesejáveis?

E os aviões? E os autocarros poluentes? E todos os carros, motociclos, tratores e demais consumidores de gasolina e gasóleo?

“É isto que defendemos, política com coragem”, reagiu o porta-voz do PAN nas redes sociais, onde antes escrevera que “queria uma espécie de SNS para cães e gatos”.

E os outros animais de estimação como o crocodilo, tubarão branco, dragão de Komodo, pitão, piranha e tantos outros? São menos animais e não têm também uma ADSE para animais?

Devia igualmente ser proibida a comercialização de Baygon e outras armas de animalcídio que visam a eliminação de piolhos, carraças, ácaros, lombrigas, etc.

Isto foi apenas uns dias depois de terem surgido, por todo o mundo, apelos para separar galos e galinhas a fim de evitar que estas sejam violadas. O humorista Ricardo Araújo Pereira sugeriu, e bem, que devemos “prender os galos que violem galinhas”. Tal como os crocodilos, o PAN era muito querido e engraçado quando era pequenino, mas depois cresceu e quer **"comer-nos uma perna"**.

Em resposta, a CAP afirma que “a invocada 'emergência climática' (...) não pode servir de pretexto para a tomada de decisões infundadas, baseadas em alarmismos incomprensíveis”.

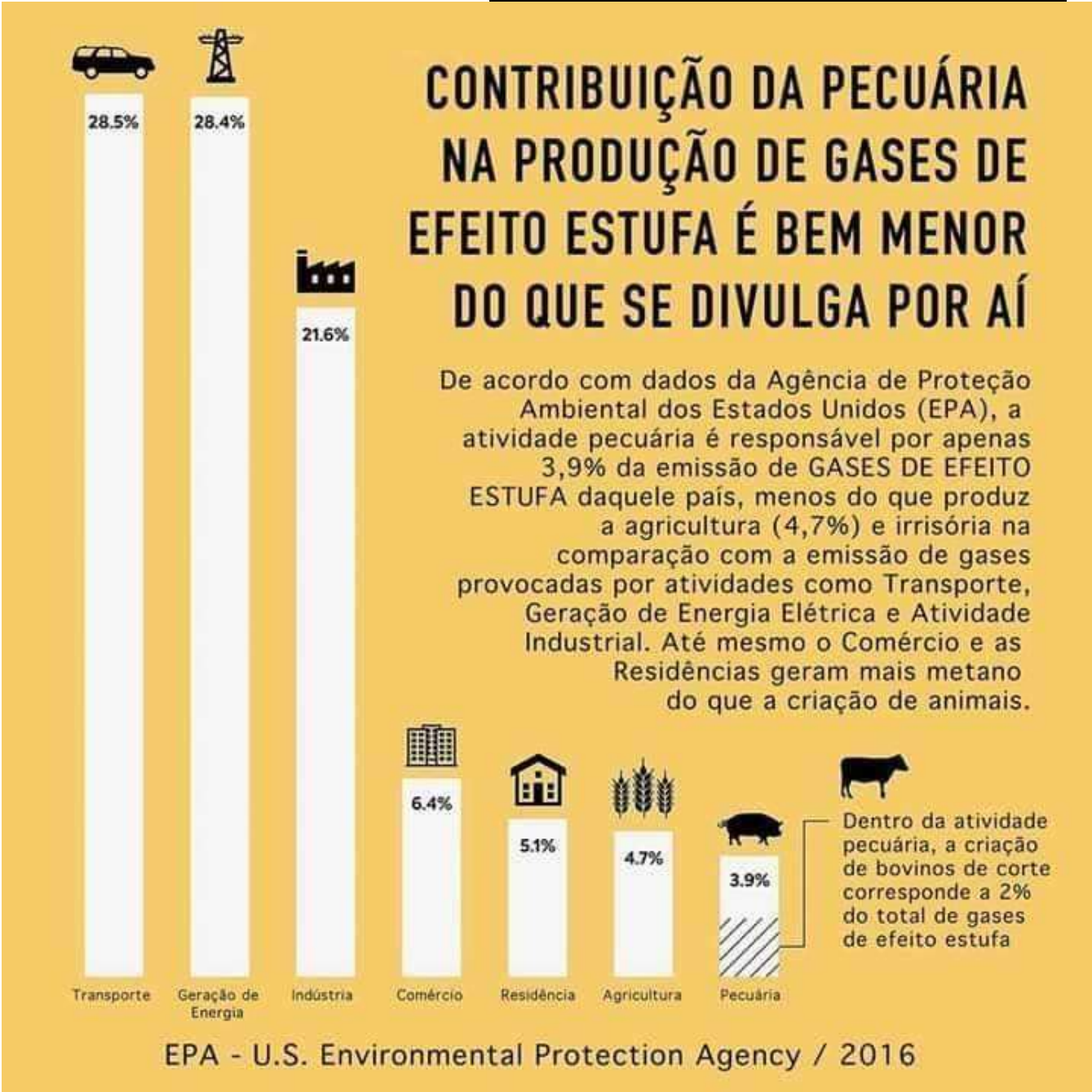
A APROLEP, Associação dos Produtores de Leite de Portugal, quer tornar público um veemente protesto...

*“ Quem se preocupa com a pegada ecológica dos alimentos pode começar por escolher carne nacional, sem consumo de combustíveis na importação e baseada na pastagem ou cultivo de terras que de outra forma ficariam abandonadas sendo pasto privilegiado para incêndios que, além do perigo de vida para as populações, são uma enorme libertação de carbono para a atmosfera. Nós, os produtores de leite e técnicos que restamos e resistimos às crises, somos descendentes de outros produtores e técnicos que, no passado, com estudo, investigação e trabalho, foram capazes de contrariar os profetas da desgraça que previam que a humanidade morreria à fome perante o aumento da população. Não ignoramos as alterações climáticas. Como agricultores, seremos os primeiros a sofrer. Faremos a nossa parte para que a agricultura e pecuária sejam parte da solução, mas precisamos da massa cinzenta das Universidades para sermos mais eficientes numa agricultura de precisão. E esperamos que estudantes e professores possam ter uma alimentação completa, equilibrada e variada, sem falta de ferro e vitamina B12, que permita estudar, investigar e decidir com bom senso.*

Na Austrália os vegan atacam quintas e supermercados com violência, nos EUA há cientistas a dizer quedemos comer gafanhotos, baratas e outros simpáticos seres. Em Portugal consta que já se faz farinha para o pão à base desses insuportáveis insetos.

Tempos perigosos os que vivemos.... Isto nada tem que ver com o ambiente... é apenas doutrinação e preconceito! É Orwell revisitado com requintes de malvadez e desta vez, os porcos vão triunfar.





CRÓNICA 288 CARTA DE AMOR AO PICO 19.9.19

Com os aborígenes australianos compreendi que é possível preservar a nossa língua e cultura mesmo sem ter uma escrita por mais de 50 mil anos, com os chineses descobri o valor do futuro com base nos ensinamentos do passado, com os timorenses, macaenses e tantos outros aprendi outras partilhas de saber que ainda hoje fazem parte do meu quotidiano.

Como se pode optar por ficar aqui nestas ilhas e descurar todos os mundos que existem para lá deste arquipélago? É simples, uma pessoa fica ilhanizada como Almeida Firmino em *A Narcose*, como se os outros mundos não tivessem importância a não ser para divulgar o segredo da existência de uma importante literatura de cariz açoriano.

Foi preciso eu descer à Praia da Viola na Lomba da Maia onde vivo, subir ao Monte Escuro e aos sempiternos verdes montes micaelenses, ver as vacas alpinistas e o mar que nos rodeia para entender a açorianidade que nos leva a escrever. Depois, é preciso viajar entre estas nove filhas de Zeus e entender os maroços do Pico ao sabor do seu Verdelho, calcorrear o Barreiro da Faneca, pisar as areias esbranquiçadas de Porto Pim e meditar em frente ao ilhéu do Topo.

É essencial partir à descoberta de cada ilha, sonhando com Dias de Melo nas agruras e na fome dos baleeiros, reler o Mau Tempo no Canal, parar num qualquer aeroporto e entender o Passageiro em Trânsito do Cristóvão de Aguiar, ler em voz alta a poesia do Fogo Oculto de Vasco Pereira da Costa, Viajar com as Sombras ou com o Tango nos Pátios do Sul de Eduardo Bettencourt Pinto, depois de revisitar as pedras arruinadas do Pastor das Casas Mortas ou a Grande Ilha Fechada de Daniel de Sá. Escolhi estes que melhor conheço, mas há muitos autores que não só merecem ser lidos, como deveriam constar obrigatoriamente de qualquer currículo de ensino.

Aqui no Pico há nomes incontornáveis neste arquipélago da escrita, (cito por ordem alfabética os mais destacados): Almeida Firmino, Dias Melo, Ermelindo Ávila, Fernando Melo, José Enes, Judite Jorge, Lacerda Machado, Manuel Ferreira Duarte, Martins Garcia, Pe. Nunes da Rosa, Rodrigo Guerra, Urbano Bettencourt,

Tivesse eu fôlego e iria ao mítico Pico da Atlântida submersa, cujo magnetismo me fascina ao ponto de desejar, vezes sem conta, mudar de armas e bagagens para este Triângulo Sagrado onde prometo fazer imolações e outros sacrifícios nas aras do destino.

*Não sendo das Bermudas este triângulo isósceles, que nunca escaleno obsceno, seria ótimo pousio final para as minhas cinzas quando chegar a estação de fazer como as cobras e trocar de pele. Despir a bela capa colorida terrena, de seis decénios, e vestir o cinzento das cinzas que seriam lançadas nesta lendária Atlântida de continentes submersos cujos picos vocês habitam.*

Aqui, na Gruta das Torres senti-me um salteador da Arca perdida à sombra do Pico que, ora se esconde, ora se revela num jogo constante do gato e do rato, que entusiasmo e arrebatava. Sinto o sortilégio. O mágico cume tem um íman que atrai a visão e nos desconcentra, sempre insistindo para o contemplarmos nas suas mil e uma facetas alteradas a cada segundo.

Quero salientar que é uma honra estar aqui nesta ilha, feita de gente que ao longo dos séculos sempre soube arcar com todas as dificuldades e domar a lava com ferros e marrões, e amontoarem a pedra em “*maroiços*”, monumentos num rendilhado de jarões, traveses e bocainas. tarefa hercúlea como tantas outras que as gentes do Pico empreenderam ao longo de cinco séculos de colonização da agreste ilha, sem esquecer a luta titânica que nos seus pequenos botes travaram durante um século contra a baleia e ora descobrem novas formas de vida.

Duma das vezes que aqui estive, em pleno centro de São Miguel Arcanjo, ao andar rumo à casa do escritor Cristóvão de Aguiar deparei com uma camioneta de passageiros, estacionada, aguardando o início de nova semana de trabalho. Ali me ocorreu a ideia peregrina de como seria culturalmente interessante a aventura de “pedir emprestada” a carripa, começar a percorrer as aldeias (ditas freguesias nas ilhas) e gravar as histórias que os passageiros fossem contando. A viagem não teria destino. Duraria tanto quanto as histórias dos seus passageiros. Não se cobriam bilhetes. Pararia em todos os locais, para que contassem histórias e lendas do local onde paravam. Que livro maravilhoso não daria esse compêndio de histórias apanhadas ao acaso daqueles que tomassem o autocarro dos sonhos. Assim me despedi da ilha prometendo voltar com mais tempo.

Termino dizendo que esta é a magia da vossa ilha que se insinua como uma amante insaciada, mulher fatal capaz de marcar os destinos de todos os homens que têm a sorte de a encontrar.



Lagoa do Paul (montagem 2009 Chrys)

CRÓNICA 289 COLONIALISMO, COMBATENTES E FALTA DE RESPEITO 24.9.19

Há temas que alguns chama fraturantes e eu designo como demasiado incómodos para discutir, e desde há muito tempo não discuto com ninguém futebol descolonização ou religião. São experiências pessoais que em muito transcendem a lógica argumentativa e duma discussão dessas nunca sairiam resultados úteis. Dito isto e respeitando as opiniões contrárias (eu não disse concordando), dei-me ao trabalho de contrapor a afirmação de que a descolonização das “províncias portuguesas” foi catastrófica e não uma descolonização exemplar como outros nos querem fazer crer. Nem uma coisa nem outra, foi a descolonização possível, fora de tempo, forçada pelos grandes interesses das potências mundiais num enorme jogo de dominó em que se manipularam os inexperientes portugueses saídos do 25 de abril para a dura tarefa de descolonizar. Não foi nem melhor nem pior do que as restantes feitas por países mais poderosos como o Reino Unido, Alemanha, França, Austrália, etc. foi, certamente, má mas nem pior nem melhor do que as restantes. Má, atabalhoada e manipulada de fora.

Os desgraçados que lá viviam foram a moeda de troca, enxovalhados ao serem chamados de “retornados” e espoliados do seu trabalho, nem todos eram racistas, nem todos eram negreiros, nem todos eram salazaristas (embora muitos o fossem). Tiveram de recomeçar do nada e ficaram para sempre ressabiados, com razão, mas a vida continua e temos de andar para a frente.

Também eu fiquei impedido de regressar a Timor pela invasão colonial da Indonésia a 7 de dezembro de 1975 e se bem que toda a minha vida planeada tenha sido posta à prova, recomecei de novo em Macau e na Austrália e, mais recentemente, Portugal. De uma enorme devastação que os anos de guerra colonial (mesmo em Timor) me causaram e subsequente reajustamento a novas sociedades e culturas, fiz disso uma mais-valia multicultural enriquecedora. Não consta que me ande a queixar eternamente desse infortúnio.

E se admito que a minha noção de patriotismo nada tenha a ver com a minha temporária deserção quando fui amnistiado por Spínola e fui para Bali e Austrália, não entendo como o povo português continue calado e tolere a existência de mais de mil corpos de combatentes abandonados em campos rasos em Angola. Isto sim é intolerável e só comprova a minha teoria de então que nós, especialmente os oficiais milicianos, não éramos nada a não ser carne para canhão. É essa falta de respeito pela memória dos mortos e estropiados que é intolerável, mas sobre ela raramente se fala.

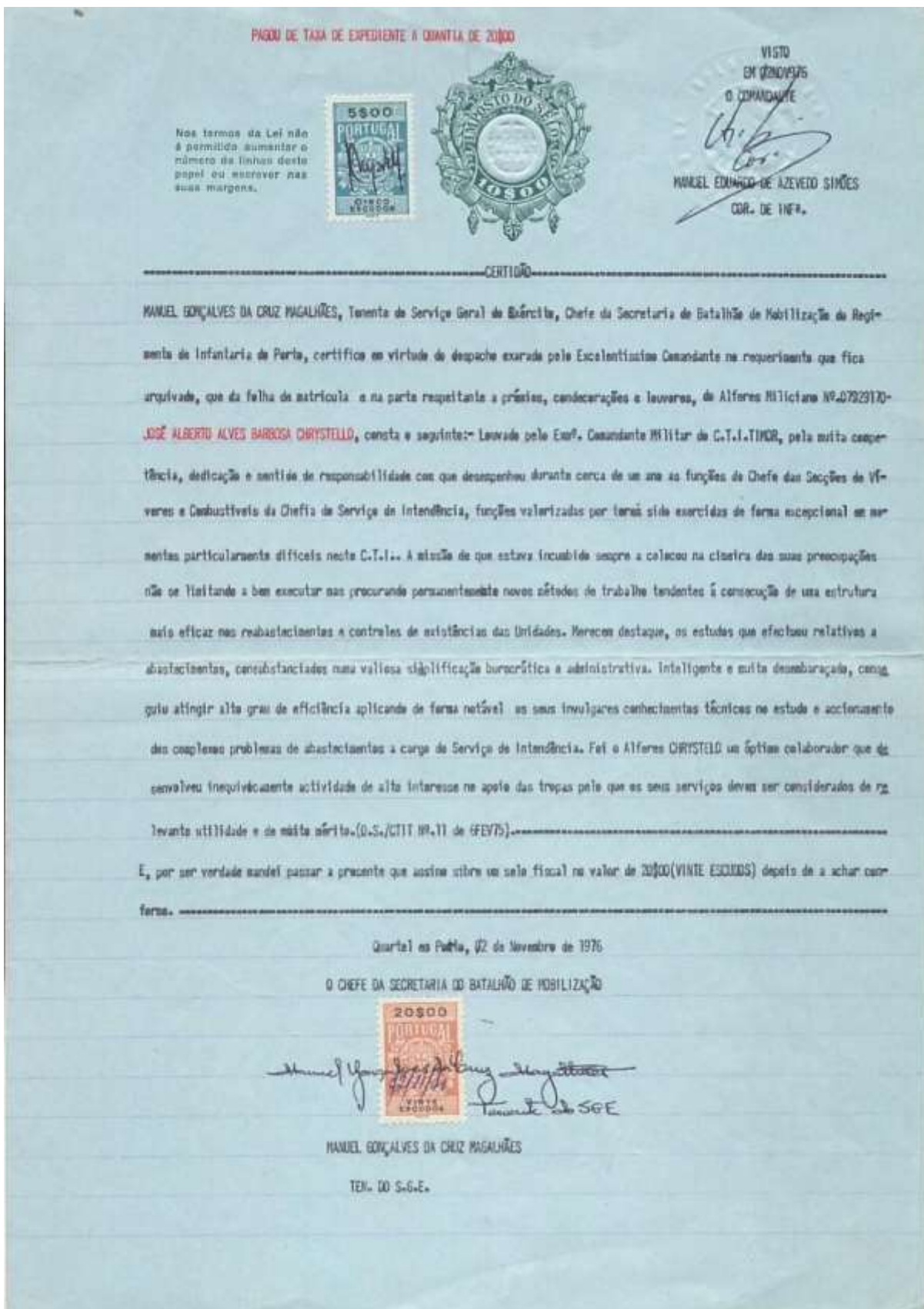
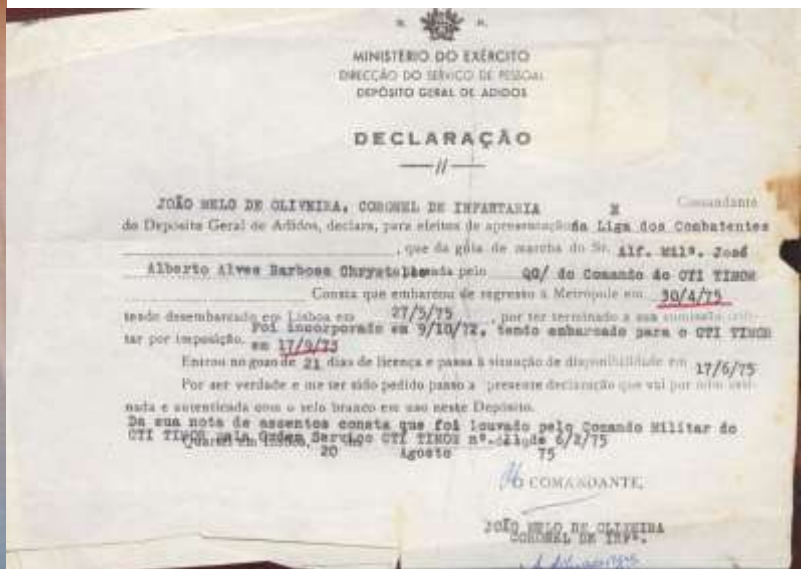
Pior estão os ex-combatentes dos EUA que morrem que nem tordos nas ruas onde nem sobrevivem como sem-abrigo, cheios de doenças e SPT (stress pós-traumático), abandonados pela sociedade que os espoliou dos melhores anos de vida em troca de uma mancheia de nada.

Não segui a corrente campanha eleitoral pois de promessas fartas incumpridas andam os eleitores cheios, mas não devo errar se disser que nem um se deve ter lembrado dos desgraçados dos ex-combatentes, todos em avançada idade como eu, ou mais velhos ainda, sem uma pensão condigna, sem acompanhamento eficaz do SPT e outras maleitas além da idade.

É essa indiferença, esse esquecimento, esse desprezo por aqueles que deram os melhores anos da sua juventude que magoa e me afasta de promessas políticas de quatro em quatro anos.

Assim será sempre, até ao dia em que o sol não nasceu, a chuva não caiu, a maligna carne de vaca não se comeu e em que eu (que não vendo livros) deixe de os escrever.





## 290. CONVERSAS DO ALÉM

O CEMITÉRIO DA LOMBINHA DA MAIA É ESTRANHO. Já em 2011 o observei conforme dei conta no meu livro *Crónicas Açores: uma circum-navegação* vol. 2, como adiante se transcreve. Hoje, assisti de novo à cena, desta vez um jovem agarrado às grades, do lado de fora, e a falar ao telemóvel...falaria com alguém lá de dentro..leiam...

100.3. CONVERSAS DO ALÉM JULHO 2011

Há tempos fiquei menente<sup>24</sup> quando me disseram que um falecido, na vizinha Lombinha da Maia, pedira para ser enterrado com o seu inseparável telemóvel.

O homem sem pitafe<sup>25</sup> algum viera da Amerca<sup>26</sup>, ali da antiga Calafona<sup>27</sup>, e queria estar contactável mesmo para lá do grande túnel luminoso.

24 Menente, espantado, estupefacto (São Miguel)

25 Pitafe, defeito, atribuído quer a pessoas, quer a objetos. Nódoa na reputação.

26 Amerca, corruptela de América, ou Nova Inglaterra por oposição ao outro grande polo de emigração, a Califórnia

27 Calafona, Califórnia, na estropiação dos emigrantes de antigamente

ChrónicaAçores: uma circum-navegação, volume 4

Qual não foi o meu espanto, num alpardusco<sup>28</sup> de camarça<sup>29</sup>, ao transitar pelo cemitério já encerrado a visitas, e ver três pessoas do lado de fora das grades do cemitério falando com alguém e usando os seus telemóveis ou celulares bem encostados ao ouvido. Uma delas, tinha uma mão nas grades e na outra segurava o aparelho. Não tinha tarelo<sup>30</sup> nenhum. Não querendo ser lambeta<sup>31</sup>, interroguei-me “Estaria a falar com o falecido, que nascera empelicado<sup>32</sup>?” Será que o finado atendeu do lado de lá dentro do seu caixão de mogno envolto na “Stars and Stripes” à prova de leiva<sup>33</sup> ou continuaria na sua eterna Madorna<sup>34</sup>? Teria acendido um palhito<sup>35</sup> para ver quem lhe ligava?

De que falariam? Que mexericos trocavam? Lamentar-se-iam da falta que lhes fazia ou estariam a queixar-se da carestia de vida? Que palavras trocariam que não tivessem já comunicado? Que faltara dizer?

Estariam a queixar-se da sorte caipora<sup>36</sup> dos herdeiros ou a culpá-los pela caltraçada<sup>37</sup> criada pelo inexistente testamento? Teriam sido vizinhos de ao pé da porta<sup>38</sup>? Falariam do gado alfeiro<sup>39</sup> sem touro de cobrição?

Talvez dum derriço duma filha numa constante arredouça<sup>40</sup>, às fiúzes<sup>41</sup> do namorado da cidade? Eu ia ficar a nove<sup>42</sup> mas tratando-se de gente rural podia augurar que os vaqueiros se preocupassem mais com subsídios e vacas.

Não devem escalar grandes cumes culturais ou espirituais. Pressuponho ser esse o jaez da conversação. Não creio que pedissem aconselhamento para as eleições legislativas dali a seis semanas nem tampouco lamentassem a falta delas.

Quem sabe que lastimavam? Falariam, talvez, de mordomos, impérios e festas que isso, sim, seria assunto da maior relevância local, que o melhor da festa é esperar por ela, mas mais apropriado para se discutir à mesa, sem ninguém a atramoçar<sup>43</sup>, com uns calzins<sup>44</sup> de abafado<sup>45</sup> até se ficar meio piteiro<sup>46</sup>. Uma pessoa interroga-se sobre a possibilidade de duração infinita das baterias do aparelho no esquite. Seria a solução para tantos escritores e outros que se separam dos leitores sem tempo de dizerem um último adeus, escreverem a última frase de um livro, acenarem com um novo projeto ou retificarem qualquer coisinha. Seria a forma inédita de poderem continuar a comunicar com aqueles que ficam facilmente órfãos de autores que os acompanharam nesta digressão terrena. Admiro-me que as companhias de telecomunicação não tenham inventado uma bateria de longa duração que não precise de ser carregada debaixo de terra e permita acesso ilimitado, a troco de uma conveniente taxa vitalícia, aos que os deixaram já no meio duma amizade, dum amor, duma relação, duma paixão. Seria, decerto, um êxito comercial se viesse com a possibilidade de personalização do aparelho. Quem sabe o que se evitaria de dores incompletas, de saudades por mitigar, de conversas inacabadas? Novos planos poderiam surgir em operadoras de telemóveis. Um tema a merecer estudos futuros...<sup>47</sup>

291. HISTORIAL DA AICL EM 32 COLÓQUIOS

Quando e onde começaram?

Começamos no Porto, mas a ideia foi sempre de descentralizar. Até 2010 a base foi Bragança. Houve colóquios em cidades, vilas e freguesias. Nos Açores na Ribeira Grande (2006, 2007), Lagoa (2008, 2009, 2012), Vila do Porto (2011, 2017), Maia (2013), Porto Formoso (2014), Santa Cruz da Graciosa (2015, 2019), Lomba da Maia (2016), Madalena do Pico (2018). Fora estivemos no Brasil (2010), Macau (2011), Galiza (2012), Seia (2013 e 2014), Fundão (2015), Montalegre (2016), Belmonte (2017,18 e 19). Iremos a PDL em 2020, ao Faial (2021) e regressaremos ao Pico (2022). Faltam-nos ainda obter apoios para S. Jorge, Flores, Corvo e Terceira

Qual o principal objetivo, ou interesse máximo destes colóquios?

OS “COLÓQUIOS DA LUSOFONIA”, são um movimento cultural e cívico com o objetivo de promover a Investigação Científica para reforço dos laços entre os lusofalantes – no plano linguístico, cultural, social, económico e político - na defesa, preservação, ensino e divulgação da língua portuguesa e todas as suas variantes, em qualquer país, região ou comunidade. Os valores essenciais da cultura lusófona constituem, com o seu humanismo universalista, uma vocação da luta por uma sociedade mais justa, da defesa dos valores humanos fundamentais e das causas filantrópicas. No contexto da Lusofonia, a Galiza e Portugal aumentarão a sua influência ibérica e europeia, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné, Angola e Moçambique, a sua influência africana, o Brasil a sua influência no continente americano e Timor a sua influência asiática, sem esquecer Goa, Damão, Diu, Macau, todos os lugares onde alguém fale Português ou onde a diáspora esteja presente, os quais, integrados noutros estados, serão núcleos de irradiação cultural desta noção alargada de Lusofonia

Qual a periodicidade anual dos colóquios?

Dois ao ano desde 2006 quando passamos a incluir a açorianidade literária. Agora temos a sede em Belmonte desde 2016 e lá fazemos o da Páscoa e depois outro nas ilhas no fim de setembro ou princípio de outubro.

Quem são e o que fazem os Colóquios da Lusofonia (AICL)

Aqui se traça em linhas gerais o percurso da AICL. Desconheço quando, como ou porquê se usou o termo lusofonia pela primeira vez, mas quando cheguei da Austrália (a Portugal) fui desafiado pelo meu saudoso mentor, José Augusto Seabra, a desenvolver o projeto ALFE (Lusofalantes na Europa em 1997) e quisemos torná-lo universal. Assim nasceram os colóquios de uma LUSOFONIA que abarca os que falam, escrevem e trabalham a língua, independentemente da cor, credo, religião, nacionalidade, naturalidade ou ponto de residência. Esta visão visa incluir todos, numa Lusofonia que não Lusofilia nem Lusografia e muito menos a Lusofolia que, por vezes, parece emanar da CPLP e outras entidades. Realizámos desde 2001, 32 Colóquios (2 ao ano desde 2006) numa demonstração de como é possível concretizar utopias num esforço coletivo. Juntam-se os congressistas no primeiro dia de trabalhos, compartilhando hotéis, refeições, passeios e, no último dia despedem-se como amigos de longa data. Partilham ideias, projetos, criam sinergias, irmanados do ideal de

28 Alpardusco, o mesmo que alparado, crepúsculo, lusco-fusco (São Miguel)  
29 Camarça, tempo húmido (São Miguel)  
30 Tarelo, juízo, tino (São Miguel)  
31 Lambeta, intrometido (São Jorge)  
32 Empelicado diz-se de pessoa afortunada, usado na frase nascer empelicado (Terceira)  
33 Leiva, designação dada a formações de musgo de várias espécies Sphagnum, abundante na parte alta das ilhas. No Corvo é o musgo, nas Flores musgão, no Faial tufos. Nome da urze, Calluna vulgaris, usada em S. Miguel na preparação do solo das estufas dos ananases.  
34 Madorna, sono leve, sonolência, torpor  
35 Palhito, o mesmo que fósforo (Terceira)  
36 Caipora, de qualidade inferior, reles. Sorte caipora: que pouca sorte, sorte maldita (São Miguel)  
37 Caltraçada, confusão, mixórdia, trapalhada  
38 Vizinho do pé da porta, o mesmo que vizinho do portal da porta, que mora nas redondezas de uma casa (vizinho de ao pé da porta em São Miguel)  
39 Alfeiro, gado bovino que não dá leite, por exemplo de uma vaca que não apanhou boi, e que, por isso, não dá leite. Gado alfeiro sem touro de cobrição (in Cristóvão de Aguiar)  
40 Arredouça, confusão, desordem  
41 Fiúzes (São Miguel) ou às fiúzas de, à custa de, viver à custa de outrem (Terceira)  
42 Ficar a nove, não entender nada do que ouviu.  
43 Atramoçar, aborrecer, interferir com, maçar (in Cristóvão de Aguiar) (São Miguel)  
44 Calzins, pequeno copo, geralmente destinado a beber aguardente ou bebidas finas  
45 Abafado, O vinho abafado é um vinho tradicional dos Açores, constituindo uma tradição na costa norte de São Miguel, onde a abundância de pomares e a produção frutícola excedentária é frequentemente aproveitada para a feitura de licores, vinhos abafados e compotas. No caso dos vinhos abafados, trata-se de um género vinícola com elevado teor alcoólico cuja fermentação é interrompida através da adição de aguardente ou álcool, permanecendo mais ou menos doce (uma vez que o açúcar natural da uva não se transformou em álcool). Transformação licorosa do típico vinho de cheiro micaelense. O abafado é considerado o vinho do Porto dos Açores, em resultado de um processo de laboração que dispensa o recurso a corantes ou conservantes. (São Miguel)  
46 Piteiro, aquele que bebe muito (Terceira, Flores)  
47 (texto revisto por e dedicado ao Dr. J. M. Soares de Barcelos (falecido em dezembro 2019), autor de Dicionário dos Falares dos Açores (ed. Almedina 2008), por me fazer sentir menos estrangeiro



“sociedade civil” capaz e atuante, para – juntos – atingirem o que as burocracias e hierarquias não podem ou não querem. É o que nos torna distintos de outros encontros científicos além da informalidade e do contagioso espírito de grupo que nos irmana. Abolimos os axiônimos, títulos apensos aos nomes, esse sistema de castas que distingue sem ser por mérito. Tentamos que todos sejam iguais dentro da associação e contribuam, para os nossos projetos sem reclamar a autoria, mas a partilha do conhecimento, e isso é anátema nos corredores bafientos de instituições educacionais (universidades, politécnicos e liceus para usar a velha designação), ... Em 2010 passamos a associação cultural e científica sem fins lucrativos e, em 2015 entidade cultural de utilidade pública. Em 2001 todos foram lesto em nos assegurarem que o formato dos colóquios estava condenado ao fracasso. Garantiram-nos que esta fórmula solidária de todos participarem a expensas suas e contribuírem para as despesas organizacionais, estava condenada ao insucesso num país subsidiodependente. Aquando da crise económica de 2008, várias pessoas pretendiam fazer apenas um colóquio ao ano, mas fomos em 2010 e 2011 ao Brasil e Macau e em 2012 à Galiza. Aquando da crise económica de 2008, várias pessoas pretendiam fazer apenas um colóquio ao ano, mas fomos em 2010 e 2011 ao Brasil e Macau e em 2012 à Galiza. Prossegui e aqui estamos com dois colóquios ao ano programados até 2024, devidamente escudados em planos B para qualquer falha. Prossegui com dois colóquios ao ano (programados até 2024, devidamente escudados em planos B para qualquer falha). Como patronos temos Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara, Ximenes Belo, Ramos Horta e a AGLP (Academia Galega da Língua Portuguesa) e estamos associados às Academias de Língua Portuguesa no mundo.

Quando aterrei nos Açores em 2005 admiti o meu desconhecimento sobre o arquipélago. O pouco que aprendi no liceu estava esquecido. Depois, as telenovelas aqui filmadas e as companhias aéreas de baixo-custo colocaram os Açores no centro do mundo e do turismo que pasma com o clima que muda constantemente (tanto chove como faz sol...as tais quatro estações num só dia que tanto apregoam)... as lagoas, as crateras e as baías são um assombro e os montes sempre verdes pejados de vacas alpinistas. Adotei-os como nova matéria depois de Bragança, e nova pátria, depois de Timor e da Austrália, considerando-me hoje absolutamente integrado, um ilhanizado ou açorianizado. A ilha para Natália Correia é Mãe-Ilha, para Cristóvão de Aguiar é Marília, para Daniel de Sá Ilha-Mãe, para mim Ilha-Filha, que nunca enteada. Para amar sem tocar, ver engrandecer nas dores da adolescência que são sempre partos difíceis. Toda a vida fui ilhéu. Perdi sotaques, mas não malbaratei as ilhas-filhas. Trago-as comigo a reboque, colar multifacetado de vivências dos mundos e culturas distantes.

Primeiro em Portugal, ilhota perdida da Europa no Estado Novo, seguida de um capítulo naufragado da História Trágico-marítima camoni-ana, nas ilhas de Timor, de Bali, na então (pen)ínsula de Macau (fechada da China pelas Portas do Cerco), na imensa ilha-continente Austrália, e em Bragança, ilhoa esquecida que é o nordeste transmontano.

Acolho como premissa o conceito de açorianidade de José Martins Garcia que, «por envolver domínios muito mais vastos que o da simples literatura», admite a existência de uma literatura açoriana «enquanto superstrutura emanada dum habitat, duma vivência e duma mundividência»<sup>48</sup>. Nos Colóquios, na sua versão insular desde 2006, o ponto de partida foi o debate sobre a identidade, a escrita, as lendas e tradições açorianas. Do intercâmbio de experiências entre residentes, expatriados e todos os que dedicam a sua pesquisa e investigação à literatura, à linguística, à história dos Açores ou outro ramo de conhecimento científico, aspirava-se a tornar mais conhecida a identidade açoriana. Os Colóquios levaram os Açores ao mundo, aos que não têm vínculos familiares nem conhecimento desta realidade. Independentemente da Açorianidade, mas por via dela, mais lusofalantes ficaram a conhecer a realidade insular e suas peculiaridades. Os colóquios divulgaram a identidade açoriana na Roménia, Polónia, Bulgária, Rússia, Eslovénia, Itália, França, onde fizeram traduções de autores açorianos.

Era imperioso alguém ler esses autores, insuflando-lhes nova vida, novas leituras, trazendo-os à mais que merecida ribalta. Deparei com noções etimologicamente ancestrais contrastando com o uso atual. No Dicionário do Morais vêm os termos “chamados” açorianos e em 2008, um médico nas Flores (J. M. Soares de Barcelos) publicou o Dicionário de Falares dos Açores. A língua recuada até às origens foi adulterada pelo emigrês de corruptelas aportuguesadas e anglicismos. Tratamos de desvendar o arquipélago como alegoria recuando à infância dos autores, sem perder de vista que as ilhas reais já se desfraldaram ao enguiço do presente e não podem ser só perpetuadas nas suas memórias. Quisemos apreender as suas Mundividências e Mundivivências, e as infrangíveis relações umbilicais que as caracterizavam face aos antepassados e às ilhas e locais de origem, constatando:

1. O clima inculca um caráter de torpor e de lentidão em que a pressa é amiga da morte;
2. A História define os habitantes do arquipélago ainda quase tão afastados da metrópole como há séculos;
3. A forma como se recortam todos os estratos sociais: vincadamente feudais apesar do humanismo que a revolução dos cravos alegadamente introduziu nas relações sociais e familiares;
4. O modo como a proximidade da terra se manifesta de forma sobrejacente fora das pequenas metrópoles que comandam a vida em cada ilha, num centralismo autofágico e macrocéfalo.

Neste universo tão idílico não busquei a essência do ser açoriano, que existe, em miríade de variações insulares, cada uma vincadamente segregada da outra, nem se o homem se adaptou às ilhas ou se estas se continuam a impor condicionando a presença humana, para assim evidenciar a sua açorianidade? Nos colóquios temos tido sempre dois temas importantes “Açorianos missionários no Oriente” (Macau e Timor) e as obras publicadas no séc. XI por autores estrangeiros sobre os Açores. Agora estamos a tratar de criar um núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos em Belmonte, enquanto não se concretiza o sonho do Museu da Açorianidade, suspenso desde 2009. Há mais livros e antologias em preparação, e em 2017 lançou-se o primeiro CD de autores açorianos musicados pela Ana Paula Andrade. Desde 2009 que, anualmente, se homenageia um autor açoriano ainda vivo, e todos podem consultar o nosso historial e anuários, revista anual e demais publicações, além de vídeos, sons e imagens de todos os colóquios em [www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)

Quem os subsidia?

Os Colóquios são independentes de forças políticas e institucionais, e sobrevivem com o pagamento das quotas dos associados e das inscrições dos congressistas. Buscam apoios protocolados para cada evento, levado a cabo por uma rede de voluntários. Pautam-se pela participação de um variado leque de oradores, sem temores nem medo de represálias. Ao nível logístico, beneficiam do apoio das entidades locais e têm parcerias com universidades, politécnicos e outros e com esta subsídioindependência sobrevivem com dois eventos ao ano

O Estado tem sido parceiro? Se não, porquê?

Do governo regional temos tido apoios reduzidos, mas que nos permitem trazer mais um convidado especial a quem isentamos de inscrição. Nos últimos dois anos o apoio da Dir. Reg. do Turismo permitiu apoiar algumas despesas da deslocação, estadia e alimentação. Cada participante gasta no mínimo 500.00€, com o pagamento da inscrição (e quota de sócio), viagem e estadia e alimentação, contribuindo diretamente na economia local. Em média temos 45 a 50 pessoas, que muitas vezes ficam mais dias para melhor conhecerem os locais dos eventos e outras ilhas. A participação financeira do governo carece, como nas restantes atividades culturais, de um investimento sério e duradouro (a longo prazo) em eventos consagrados como os nossos, que apresentam trabalho feito e publicam obras de divulgação de autores açorianos. A título de anedota, o falecido escritor micalense Daniel de Sá dizia que os colóquios, com muito menos dinheiro, fizeram mais pelos autores açorianos que os governos autonómicos e orgulhámo-nos de o continuarmos a fazer com tão poucos recursos (cada um paga as suas despesas)

<sup>48</sup> [http://lusofonia.com.sapo.pt/acores/acorianidade\\_pavao\\_1988.htm#\\_ftn11#\\_ftn11](http://lusofonia.com.sapo.pt/acores/acorianidade_pavao_1988.htm#_ftn11#_ftn11)

Que participações importantes tiveram os colóquios e o que abordaram esses participantes?

Não gostaria de realçar nenhum, para além de salientar que não só tratamos de literatura, há música, poesia, teatro, outros ramos da ciência e do saber (educação, vulcanologia, biologia, história), exposições de artes e pintura, dança, folclore, música popular (da viola da terra a cantigas ao desafio tivemos de tudo), erudita, Cancioneiro, sempre tão diversificado quanto o permitem os parcos orçamentos. Com mais de cem autores açorianos e mais de 1500 participantes ao longo dos anos seria difícil destacar algum em detrimento de outros.

Como nasceu a BGA (Bibliografia Geral da Açorianidade)?

No 11º Colóquio da Lusofonia [Lagoa 2009] decidimos obviar ao fim do Curso de Estudos Açorianos da UAç em Ponta Delgada (criado e ministrado por Martins Garcia e, posteriormente, por Urbano Bettencourt). Concebemos e organizamos na Universidade do Minho em Braga, um Curso Breve de Açorianidades e Insularidades com a colega Rosário Girão (25 set. 2010-14 fevº 2011) e até hoje, aguardamos que haja uma entidade universitária capaz de colocar o curso em linha para todo o mundo, revertendo os proventos das propinas para a entidade que nele queira apostar. Depois de 2011 alunos de mestrado e de doutoramento, na Universidade do Minho, na Roménia e Polónia, trabalharam autores açorianos e traduziram excertos em 15 línguas (francês, inglês, italiano, chinês, árabe, romeno, polaco, russo, búlgaro, alemão, esloveno, neerlandês, flamengo, castelhano e catalão). A AICL entende que o rótulo comum de **açorianidade** abarca extratos diversos de idiossincrasias:

- *Um de formação endógena, constituído pelos que nasceram e viveram nas Ilhas, independentemente do facto de se terem ou não terem ausentado;*
- *O dos insularizados ou «ilhanizados»<sup>49</sup> e de todos que consideram as ilhas como “suas” de um ponto de vista de matriz existencial;*
- *Um de formação exógena, no qual se incluem todos os que não nascendo nas ilhas a elas estão ligados por matrizes geracionais.*

Muitos destes autores fazem parte da **Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos** que a Helena Chrystello e a Rosário Girão compilaram (2011), na versão **bilingue** (PT-EN de 15 autores), na **monolingue** (2012 com 17 autores), na **Coletânea de Textos Dramáticos** (2013) de Helena Chrystello e Lucília Roxo (Álamo Oliveira, Martins Garcia, Norberto Ávila, Daniel de Sá, e Onésimo T Almeida), a que seguiu, em 2014, **uma Antologia no Feminino “9 ilhas. 9 escritoras”** (Brites Araújo, Joana Félix, Judite Jorge, Luísa Ribeiro, Luísa Soares, Madalena Férin, Madalena San-Bento, Natália Correia, Renata Correia Botelho). Decidimos colocar no portal AICL ([www.lusofonias.net](http://www.lusofonias.net)) uma publicação para dar a conhecer excertos de obras (a maioria esgotada) de autores açorianos e abrir uma janela de conhecimento e divulgação sobre esta peculiar e rica escrita, que entendemos ser diferente, para não dizer única. Foi em janeiro 2010 que brotaram os despretensiosos Cadernos de acesso generalizado, fácil leitura em formato pdf. Já se publicaram mais de cinco dezenas de autores contemporâneos (a maioria presente nos colóquios) nos **Cadernos (e Suplementos) de Estudos Açorianos**:

*Cristóvão de Aguiar, Daniel de Sá. Dias de Melo, Vasco Pereira da Costa, Álamo Oliveira, Caetano Valadão Serpa, Fernando Aires, Mário Machado Fraião, Emanuel Félix, Eduardo Bettencourt Pinto, Urbano Bettencourt, Eduíno de Jesus, Onésimo Teotónio Almeida, Maria de Fátima Borges, Marcolino Candeias, Norberto Ávila, Victor Rui Dorés, José Martins Garcia, Joana Félix, José Nuno da Câmara Pereira I, Manuel Policarpo, Tomaz Borba Vieira, Maria das Dores Beirão, Maria Luísa Soares, Susana Teles Margarido, Madalena San-Bento, Carlos Tomé, Brites Araújo, Maria Luísa Ribeiro, Carolina Cordeiro, Pedro Paulo Câmara, José Nuno da Câmara Pereira II, Machado Pires, Anabela Mimoso, Anthony de Sa, Natália Correia, Adelaide Freitas, Almeida Pavão, Antero de Quental, Martins Garcia, Cecília Meireles, Madalena Férin, Antonio Tabucchi, Armando Côrtes-Rodrigues, Katherine Vaz, Carlos Faria, Manuel Machado, Raul Brandão.*

No entanto, segundo alguns estudiosos, a nossa principal obra é a Bibliografia Geral da Açorianidade (BGA) compilada ao longo de sete anos (2010-2017) que inclui autores açorianos (residentes, expatriados e emigrados), estrangeiros ou nacionais (ilhanizados, açorianizados ou não), que escreveram sobre autores e temáticas açorianas, abrangendo (por exemplo) Santa Catarina (Brasil), Canadá, EUA, Bermudas, Havai, etc. incluindo referências bibliográficas à diáspora, colonização açoriana, caça à baleia e temas relacionados com a saga açoriana no mundo. Não se privilegiou a literatura, mas todos os ramos do saber, desde a biologia à botânica, à história, ciências sociais, vulcanologia, etc. A listagem abarca autores mais recentes da diáspora, de origem ou descendência açoriana e que dela se servem para a sua escrita. De uma forma geral estão aqui incluídos os trabalhos que logramos identificar, direta ou indiretamente, sobre os Açores, seus temas e autores, embora saibamos faltarem ainda muitos.

Fala-se pouco na comunicação social sobre os colóquios ou tem havido uma divulgação satisfatória pelos OCS a nível nacional? Se não, o que poderá estar a falhar?

**Tentamos sempre a maior divulgação. Nos Açores, a cobertura quer da imprensa escrita, quer da RTP e RDP tem sido satisfatória, mas em Portugal nem a LUSA nos tem dado o destaque que os nossos convidados mereciam. Por exemplo no Pico em 2018 tivemos mais de 25 autores açorianos presentes (um facto notável dados os constrangimentos financeiros), na Graciosa iremos ter nomes de elevado gabarito Teolinda Gersão, José Luís Peixoto, Joel Neto, o cientista Félix Rodrigues, mais 17 autores açorianos o que se tem tornado norma nestes últimos anos e deveria merecer mais atenção. Contemporâneos das Correntes d’Escritas (Póvoa de Varzim), somos a mais antiga e ininterrupta entidade organizadora de eventos deste jaez, mas sem os fundos daquelas. Presença constante na Póvoa, Onésimo T Almeida será homenageado pela AICL em 2020. O que falha, é que a cultura não vende nem dá votos, ao contrário dos festivais de verão onde há sempre milhares para investir. Não temos meios humanos para fazer mais do que já se faz na rede de associados voluntários, todos trabalhamos pro bono em tudo.**

Há alguma história interessante que se tenha passado num colóquio?

Por exemplo quando, na tentativa de poupar os custos, colocamos inadvertidamente dois artistas de teatro num mesmo quarto sem serem um casal (e tivemos de improvisar novo alojamento para eles). Outro episódio foi em 2008 quando Adriano Moreira se deslocou a primeira vez a Bragança e o edil não acreditava que tivéssemos convencido o professor a ir tão longe. O autarca estava escondido num gabinete e de 15 em 15 minutos mandava alguém ao palco perguntar-nos “tem a certeza de que ele vem?”, até que o conhecido politólogo apareceu com a sua consorte e o edil pode sair da toca, incrédulo com a nossa capacidade de atrair grandes personalidades para os colóquios. Um ano mais tarde Adriano Moreira ofertaria o seu espólio à Câmara que criou uma segunda biblioteca municipal com o seu nome, facto do qual nos orgulhamos sempre com um enorme sorriso na lembrança do sucedido. E ele já esteve presente em mais colóquios (o último foi 2018 em Belmonte).

Quem é Chrys Chrystello que lidera os colóquios da lusofonia,

*Jornalista e tradutor, a partir de 2006 traduziu dezenas de escritores açorianos em projetos dos Colóquios (15 autores da Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos). Em 2009 publicou o vol. 1 da trilogia “ChrónicaAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores” cronicando as suas viagens pelo mundo. Em 2011 publicou o vol. 2 e em 2012 lançou a obra completa de poesia “Crónica do Quotidiano Inútil (vols. 1 a 5)”, a assinalar 40 anos de vida literária.*

*Foi nomeado, nesse ano, Académico da Academia galega De Língua Portuguesa. Em 2015 lançou a 4ª ed. da monografia “Crónicas Austrais 1978-1998” e editou os 3 volumes da “Trilogia da História de Timor”.*

*Nesse ano fez trabalhou na compilação da obra de D. Ximenes Belo, “Pe. Carlos da Rocha Pereira”, vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor, em 2017 lançou o seu opus magister “Bibliografia Geral da Açorianidade” em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e traduziu para inglês o livro “O Mundo Perdido de Timor-Leste” de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich.*

*Lançou em 2018 “Fotoemas”, foto e-book, com fotos de Fátima Salcedo e poemas seus <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>, fez a revisão e compilação de “Missionários açorianos em Timor” vol. 2 de D. Ximenes Belo, finalizou os vols. 3 e 4 de “ChrónicaAçores uma circum-navegação” e completou a Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (poesia). É Editor dos Cadernos (de Estudos) Açorianos.*

*Em 2019 foi nomeado Vice-presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo e membro do Pen International (Açores)*

<sup>49</sup> (adotando a designação feliz utilizada por Álamo Oliveira, a propósito do poeta Almeida Firmino)



Relatório do 32º colóquio da lusofonia graciosa 2-7 outº 2020

Sempre temi tufões, como lhe chamamos na Ásia e Austrália, mas o Lorenzo furacão nada preconizava de diferente quando se aproximou dos Açores, tanto mais que a sua chegada coincidia com o 32º colóquio. A Lusofonia iria regressar à Graciosa ilha branca – depois de ali termos estado em 2015 no 24º - e havia muita gente a deslocar-se via Lisboa, que prontamente viu os seus voos cancelados e atrasados 24 horas. Nem sequer se sabia se poderíamos chegar a tempo da abertura dos trabalhos. Tivemos sorte, chegando dia 2 para poder preparar tudo e cancelar a participação dos ausentes dia 3, tentando manter o máximo possível do programa original.

Este colóquio estava tão repleto de eventos que teria sido difícil encurtá-lo e dar voz a todos os participantes. Felizmente todos os que faltaram à sessão de abertura chegaram com 24 horas de atraso.

A novidade principal deste evento, além da homenagem ao decano dos autores açorianos, o poeta Eduíno de Jesus, era a vinda de convidados de vários países com dois pesos pesados da literatura nacional e internacional TEOLINDA GERSÃO e JOSÉ LUÍS PEIXOTO, a que se juntariam do Canadá Eduardo Bettencourt Pinto, de Angola Jorge Arrimar, o cientista Félix Rodrigues, o escritor Pedro Almeida Maia, Victor Rui Dore, Álamo Oliveira, Norberto Ávila, os músicos timorenses Piki Pereira e Mintó Deus, a jovem cantautora de Belmonte Joana Carvalho e mais uma vintena de autores de doze países e regiões como a Galiza, Luxemburgo, Bélgica, EUA, Cabo Verde, etc.

Na ilha da música tivemos mais de uma dúzia de recitais, quatro sessões de poesia, uma visita ao Museu da Graciosa (a quem ofertei em 2015 um clavicórdio de 1794), passeios geoculturais pela vila e ilha com visita à Furna do Enxofre e à Praia (S. Mateus) sob a supervisão e erudição de Jorge e Lourdes Cunha, nossos guias habituais desde 2015.

Outra novidade seria desvelada na receção nos Paços do Concelho a Eduíno de Jesus, José Luís Peixoto e Teolinda Gersão, quando o nosso patrocinador institucional dos colóquios pascais Eng.º Joaquim Feliciano da Costa da Câmara de Belmonte, desvelou a proposta de geminação de Belmonte com Santa Cruz da Graciosa, estando reservado um intercâmbio entre grupos de teatro e grupos corais, entre outros, de ambas as vilas.

A geminação deve ocorrer na abertura do 33º colóquio de 2 a 5 de abril 2020.

A sessão inaugural, como vem sendo costume teve lugar na escola local, onde durante hora e meia, professores e alunos puderam interagir com uma dezena de autores presentes, sendo no final agraciados com um simpático almoço confeccionado localmente. O nosso obrigado ao Presidente do Conselho Executivo João P. P. Costa e demais pessoal.

Depois, no Centro Cultural, com uma assistência reduzida, demos início aos trabalhos na presença dos convidados Eduíno de Jesus, Eduardo Bettencourt Pinto, Jorge Arrimar, do Presidente da Câmara (Manuel Avelar) e da **Secretária Regional da Energia, Ambiente e Turismo (Marta Guerreiro) em representação do Presidente do Governo Regional.**

A generosidade e partilha dos convidados especiais logo se fez notar a partir do primeiro jantar integrados no nosso ambiente intimista e seria o mote até ao final da presença deles.

Houve ainda lugar à participação de dois jovens praticantes locais de flauta nas sessões musicais que a Ana Paula Andrade do Conservatório de Ponta Delgada preparou com a soprano Carina Andrade e a violinista Carolina Constância, havendo depois várias sessões “impromptu” com os músicos timorenses e a jovem Joana Carvalho dentro do espírito familiar destes convívios.

As cerca de cinco dezenas de participantes tiveram, na maior parte das sessões, a presença de membros da população local, o que muito nos apraz registar.

Ficou o compromisso de regressar em 2023 a esta ilha que tão bem nos sabe receber

Lista de comunicações

Nº	Nome	Instituição e País ou Região	Título trabalho ou participação	
1.	ÁLAMO OLIVEIRA	Escritor, Terceira	Açores	HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS, O POETA
2.	ALEXANDRE BANHOS	Fundação Meendinho	Galiza	LUSOFONIA E CORRUPÇÃO
3.	CAROLINA CORDEIRO	ORG Universidade dos Açores	Açores	FERNANDO AIRES: AUTOBIOGRAFIA OU DIÁRIO?
4.	CHRY S CHRYS TELLO	ORG UTS Sydney, NAATI Canberra	Austrália	SESSÃO DE POESIA
5.	CONCEIÇÃO ANDRADE	Harvard University	EUA	HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ AÇORIANA
6.	EDUARDO BETTENCOURT PINTO	Escritor	Canadá	CONVIDADO DIR. REG. COMUNIDADES. SOBRE A VIOLÊNCIA MATERNA
7.	EDUÍNO DE JESUS	Escritor homenageado 2019	Açores	HOMENAGEM EDUÍNO DE JESUS
8.	FÉLIX RODRIGUES	Cientista, Universidade dos Açores	Açores	CONVIDADO DE HONRA AICL CMG “QUEM ESTEVE NESTAS ILHAS ANTES DE AQUI CHEGAR-MOS”. NA SENDA DE UM NOVO PARADIGMA AÇORIANO E MUNDIAL
9.	HILARINO DA LUZ	FCSH Universidade Nova de Lisboa	Cabo Verde	VIDA E OBRA DE JANUÁRIO LEITE
10.	JOAQUIM FELICIANO DA COSTA	EMPDS BELMONTE	Portugal	O ENCONTRO, LUSOFONIA NO MUSEU DOS DESCOBRIMENTOS EM BELMONTE
11.	JORGE ARRIMAR	Escritor	Angola	A GEOGRAFIA DA ESCRITA
12.	JOSÉ LUÍS PEIXOTO	Escritor	Portugal	CONVIDADO DE HONRA CMG E AICL. AUTOBIOGRAFIA
13.	LUCIANO PEREIRA	ESE-IPS	Portugal	LUSOFONOGRÁFIAS, ENSAIOS PEDAGÓGICO-LITERÁRIOS
14.	LUÍS M GAIVÃO	Universidade de Coimbra	Portugal	“ANGOLA: COLONIALISMO, COLONIALIDADE E EPISTEMOLOGIA DESCOLONIAL”
15.	MANUEL JORGE LOBÃO	EBS Graciosa	Açores	Poesia de autor
16.	MANUELA MARUJO	Universidade de Toronto	Canadá	Diáspora portuguesa – A Linguagem do afeto entre avós e netos
17.	Mª HELENA ANACLETO-MATIAS	ISCAP IPP	Portugal	Treino de intérpretes de conferência, de comunidade e de acompanhamento
18.	MARIA JOÃO RUIVO	Esc. Sec Antero de Quental	Açores	HOMENAGEM A EDUÍNO DE JESUS
19.	MARIANA BETTENCOURT	Univ. de Coimbra	Açores	MARGARIDA VICTÓRIA: DOENÇA OU CIRCUNSTÂNCIA
20.	PEDRO ALMEIDA MAIA	Escritor S Miguel	Açores	A VIAGEM DE JUNO
21.	PEDRO PAULO CÂMARA	ORG Escritor S Miguel	Açores	O ASSASSÍNIO DE DEUS EM HÚMUS, DE RAUL BRANDÃO
22.	REINALDO SILVA	Univ. Aveiro, CEAUL- Fac. de Letras Univ. Lisboa	Portugal	AS FESTAS DO ESPÍRITO SANTO NA DIÁSPORA NORTE-AMERICANA COMO INCENTIVO À ESCRITA LUSO-AMERICANA
23.	ROLF KEMMLER	ORG ACL, Investigador UTAD	Alemanha	S MIGUEL E OS SEUS HABITANTES EM A SUMMER TRIP TO THE ISLAND OF ST. MICHAEL, THE AZORES (1872) DE RUPERT SWINDELLS (1835-1908)
24.	TEOLINDA GERSÃO	Escritora Convidada De Honra	Portugal	CONVIDADO DE HONRA CMG E AICL
25.	URBANO BETTENCOURT	Escritor Pico	Açores	JOÃO DE MATOS BETTENCOURT E O SEU PROJETO LITERÁRIO APRESENTA COM NAVALHAS E NAVIOS. POESIA REUNIDA
26.	VICTOR RUI DORES	Escritor Graciosa, Esc. Horta	Açores	DA MINHA GRACIOSENSIDADE (A TOQUE DE PIANO)

Saliento a riqueza da intervenção de Victor Rui Dore que, na cerimónia de agradecimento à Câmara Municipal pelo jantar de dia 5, se juntou aos músicos Ana Paula Andrade, Carolina Constância, Carina Andrade, Joana Carvalho, Piki Pereira e Mintó Deus e nos deu umas horas de verdadeiro entretenimento que envolveu todos os presentes.

Obviamente, e sem descurar a qualidade de todas as intervenções, algumas com acalorado debate, destaco as dos convidados TEOLINDA GERSÃO, JOSÉ LUÍS PEIXOTO E FÉLIX RODRIGUES, lamentando apenas que nenhum dos seus editores tivesse disponibilizado livros para assinar. Iremos tentar obviar a isto em próximas edições.

Na sessão final na homenagem a Eduíno de Jesus, a AICL presenteou-o com um vídeo, uma sessão de poesia sua a quatro vozes e uma salva de prata recordando o momento.

Ficou a promessa de participação em Belmonte no 33º dos convidados de honra deste colóquio

1. Conclusões:

- 1.1. Assinala-se a importância da celebração de novo acordo entre a Câmara de Belmonte e a AICL garantindo a presença dos colóquios em Belmonte de 2022 a 2026 e a consolidação do projeto do núcleo da Lusofonia no Museu dos Descobrimentos.
- 1.2. Celebra-se a intenção aceite pelas partes da geminação entre a Câmara de Belmonte e a de Santa Cruz da Graciosa que irá permitir intercâmbios a nível de teatro e de grupos musicais (coros, etc.) entre ambas as Vilas, e que permitiu já a vinda da jovem cantautora Joana Carvalho. Assim prevemos que Manuel Avelar presidente da Câmara de Santa Cruz assine esse protocolo de geminação na abertura do 33º colóquio

- 1.3. Assinala-se com honra a presença neste 32º colóquio de Teolinda Gersão e de José Luís Peixoto, duas referências a nível da literatura nacional e internacional que muito brilho vieram trazer a este colóquio e satisfaz anunciar a sua vontade de estarem presentes no 33º em Belmonte.
- 1.4. Temos igualmente a promessa da participação no 33º em Belmonte de Joel Neto (ausente por motivo de força maior) de Pedro Almeida Maia e do cientista Félix Rodrigues
- 1.5. A Casa dos Açores em Lisboa enviou uma mensagem a congratular-nos pela homenagem a Eduíno de Jesus autor AICL 2019 a qual foi lida na sessão dedicada ao poeta.
- 1.6. Recebemos e aceitamos o convite a regressar à Graciosa que ficou desde já previsto para 2023
- 1.7. A comunicação social de Santa Catarina, Brasil (que aqui esteve representada por Sérgio e Marize Prosdócimo) deu cobertura ao evento, bem como a Rádio Graciosa, RTP Açores e Lusa além de outros jornais açorianos
2. AGRADECIMENTOS
- . Agradecimentos são devidos ao prestimoso Presidente da Câmara de Santa Cruz, Manuel Avelar, bem como ao Governo Regional e suas Direções Regionais do Turismo, das Comunidades, da Cultura, ao Hotel Graciosa Resort e Adão Torres que foi seu diretor executivo até dia 29/9, e à Neuza Muzemba atual gestora (agradecemos à nova gerência e pessoal do Hotel Graciosa Resort a sua disponibilidade para com todos os convivas), ao Dr Jorge Cunha, diretor do Museu coordenador da vertente cultural (rotas geoculturais) deste evento, ao Conselho Executivo da EBS Graciosa que nos recebeu e agraciou com um delicioso almoço
3. O nosso apreço vai para os convidados de honra que, prontamente, aceitaram o nosso convite, escritores Teolinda Gersão, José Luís Peixoto, cientista Professor Félix Rodrigues e ao nosso mestre, decano das letras açorianas EDUÍNO de JESUS homenageado da AICL em 2019.
4. Agradecemos ao nosso parceiro institucional, a Câmara de Belmonte aqui representada pelo Eng.º Joaquim Feliciano da Costa, que aqui nos trouxe a fabulástica voz da jovem cantante JOANA CARVALHO, e agradecemos a disponibilidade total que, desde 2018, demonstram os amigos e músicos timorenses Piki Pereira e Mintó Deus que muito enriqueceram as nossas sessões.
5. Encômios ainda para os convidados escritores Eduardo Bettencourt Pinto do Canadá, Jorge Arrimar de Angola, Álvaro Oliveira, Norberto Ávila, Manuel Jorge Lobão e Victor Rui Soares da Graciosa.
6. Demos as boas vindas aos novos associados o escritor Pedro Almeida Maia dos Açores, e o escritor cabo-verdiano Hilarino da Luz, terminando congratulando a presença do Conservatório Regional de Ponta Delgada, com a maestrina, compositora e pianista Ana Paula Andrade, a violinista Carolina Constância, a soprano Carina Andrade.
7. Ao nosso laborioso adjunto da direção, Pedro Paulo Câmara coadjuvado pela infatigável Carolina Cordeiro, o nosso obrigado pelo incomensurável apoio na seleção de convidados e na gestão da sua estadia.
8. Por fim reiteramos a nossa gratidão ao Governo Regional aqui representado pela Secretária Regional da Energia, Ambiente e Turismo (Marta Guerreiro), cujo apoio financeiro nestes últimos dois anos tem sido fundamental para o leque alargado de mais de 20 escritores presentes.
9. Às entidades locais, nomeadamente o ex-deputado João Bruto da Costa, congressistas e associados participantes no 32º colóquio, o nosso muito obrigado.



CRÓNICA 293 VAMOS FALAR DE EDUCAÇÃO 16.10.2019

Porque devemos debater educação e ensino (o que penso sobre a educação, tema do 34º colóquio da lusofonia de 1 a 5 outº 2020 em Ponta Delgada <http://coloquios.lusofonias.net/XXXIV/>)

Tenho andado preocupado com o que se passa neste país à beira-mar prantado, e com a educação dos portugueses. Mais preocupado fiquei com o anúncio da manutenção do ministro da pasta no novo governo. Claro que sei, e há muito o venho escrevendo, que o que convém a todos os governos é uma massa cinzenta de alunos, quase analfabetos para assim serem melhor manipulados. E devo adiantar, desde que o escrevi pela primeira vez há uns 20 anos, que o sucesso tem sido enorme como já se pode constatar na taxa de abstenção (o ideal seria os governos serem eleitos apenas pelos membros ativos de cada partido sem incomodar o cidadão e dispensá-lo de ir às urnas)

Há um número crescente de docentes imprevistos. Por aquilo que já observara entre 2002 e 2005, a tendência mantém-se. O erro começou com o fim da vetusta Escola do Magistério e com a criação das Escolas Superiores de Educação. Excesso de escolas superiores, de universidades e quejandos, sem cumprirem os requisitos mínimos de exigência e competência. Mais uma boa ideia no papel que não funcionou na prática, mas serviu para aumentar os rendimentos das instituições que os ministravam.

Hoje, o ensino (primário e secundário) pode parecer demasiado lúdico com tudo a fingir e a brincar para não sobrecarregar os meninos e pelo meio uns exames (provas de aferição ou o que quer que lhe chamem na data em que me lerem) que não servem para nada.

Passou-se da memorização excessiva à não-memorização para não sobrecarregar os frágeis cérebros das crianças...A tabuada era fascista? A obsessão hodierna é com as más notas da OCDE, da EU e do sistema PISA. Isto implica a necessidade de passar todos os alunos, a todo o custo, sem esforço algum, a não ser para os professores que se atrevem a chumbá-los. Neste caso, deparam-se com uma escalada aos Himalaias ou o equivalente a uma tese para preenchimento de relatórios.... ~

E é difícil explicar porque se chumbam alunos que nada sabem, que nada aprendem, que nada querem aprender e que chegaram a um determinado ano sem as competências mínimas dos anos anteriores, isto digo eu que sou um leigo na matéria.



É por este e outros motivos que personagens iletradas, analfabetas consigam chegar à universidade sem saberem fazer cálculos aritméticos básicos e escrevam mal e porcamente porque a regra exigida aos professores é a do “DEIXA ANDAR”.

Quase ninguém sabe escrever uma composição daquelas que eu ortografava na velhinha terceira classe. Compreensão de textos? Que é isso? Basta alinhar umas palavras que já demonstram conhecimentos...afinal estamos na era SMS, mensagens de texto incompreensíveis para a maioria dos mortais nascidos antes de 1980? Na Nova Zelândia já aceitam respostas a testes em linguagem textual...em Portugal há demasiados professores avessos a novas tecnologias. Grassa também uma total falta de respeito pelos professores, a que muito ajudou o governo e a sua campanha de denegri-los como bode expiatório. Os alunos desordeiros, rufias, indisciplinados, mal-educados, ordinários, violentos podem desestabilizar as aulas que as medidas de coação impostas serão mínimas. Mesmo depois de baterem nos professores, ou ameaçarem-nos com armas, verdadeiras ou de imitação, continuam a ir às aulas.

Portugal pode um dia, chegar a algum lado, e isto nada tem a ver com o sistema de ensino atual...o ensino bom ou mau, com umas ou outras regras, será sempre aquilo que os professores forem ou quiserem ser. Há professores desiludidos com o sistema, é certo, mas a maioria tem dezenas de anos de trabalho e de dedicação pelos quais se podem lamentar. Há outros, porém, que agem contra as normativas ministeriais portuguesas porque lhes retiram "privilégios" ou "mordomias" e os obriga a fazerem "formação" coisa horrenda que detestam, esquecendo-se de que em países ditos civilizados as pessoas fazem formação até morrer, mesmo bem depois de reformados (não estou só a falar da minha austrália, mas de outros países). Claro que nem toda a formação será a que mais interessa, mas há sempre a que cada professor ou pessoa pode escolher independentemente de ser mandatada pelo ministério.

Vê-se aliás como os professores em Portugal são avessos a formação ou investigação científica (a menos que se repercuta em saltos de carreira ou interesses pecuniários). Tive a oportunidade de o constatar ao longo dos últimos anos com a repetida ausência de docentes (do primário, secundário ou terciário, fossem da área de Português ou não) nos Colóquios da Lusofonia. Cada pessoa, professor ou não tem a obrigação de ir para além do que o ministério manda, pois, a sua principal obrigação não é para com o ministério que lhe paga, mas com os alunos que tem de educar, é daí que surge o étimo magistério...caso contrário deve dedicar-se a outra atividade profissional menos exigente ou para a qual tenha mais vocação.

Assim como nem todos podem / devem ser pais / mães, nem todos deviam / podiam ser professores... Este tipo de provas de que falam para confirmar a falta de literacia existente em cada pedacinho de terra portuguesa, pode mostrar muitas coisas, mas a falta de literacia de muitos professores (no passado seria diferente) anda de mãos dadas com a de muitos alunos...

Estamos todos desiludidos com o "sistema" (aliás a palavra veio de um dirigente desportivo) mas poucos fazem além de se queixarem.

Nos meus tempos ainda se lutava contra a guerra colonial e outras coisas importantes, mas atualmente já ninguém luta por nada, embora todos lutem contra tudo e todos... Esquecem-se os queixosos de que muitas vezes a revolução deve começar por nossas casas antes de chegar à sociedade, e se não investimos na tal formação (só por mero gozo pessoal ou vontade de nos melhorarmos) não iremos longe, seguiremos a pisada dos iletrados e incultos líderes que tão bem nos dirigem, como os pastores conduzem os seus rebanhos de cordeiros. (Portugal é uma carneirada, que me desculpem os carneiros).

A predominância no Ministério da Educação de “mentes brilhantes” formadas na linguagem a que se chama “eduquês” e é politicamente correto para impressionar o parolo, ou como dantes se dizia num francesismo típico “pour épater le bourgeois,” que é aquilo porque todos aspiram “serem bourgeois”, mais prosaicamente “para inglês ver” que nisto de impressionar os estrangeiros é connosco...

Esses brilhantes funcionários, eternos românticos de pedagogias gastas e inadequadas, botam faladura que ninguém entende, criam novas terminologias para que todos se impressionem com a sua inteligência opaca e baça e dão palmadas nas costas (uns dos outros) pelo seu arrojo e coragem em mudar... por isso é que a educação mudou mais vezes desde que nasci do que muita gente muda de camisa numa vida inteira (mas também isso de ensinar a higiene não deve ser feito nas escolas...para não maltratar o amor-próprio das criancinhas).

Pelo que atrás resumi, e por tanto que poderia acrescentar, ousou afirmar que no tempo da velha senhora qualquer pessoa que completasse uma 4ª classe, um 5º ou 7º do Liceu evidenciava competências e saberes, sabendo ler e escrever, e os profissionais (juizes, médicos e outros) eram mais competentes (mesmo amordaçados pela censura), habilitados a desempenhar as funções sem alguém duvidar do seu percurso e preparação científica, técnica e intelectual.

## CRÓNICA 294 ESPERANÇA SÓ PARA POETAS, 23 OUT. 2019

Raramente falo de política, embora todos os nossos atos e palavras sejam políticos, mas surgiu na ciberesfera um gráfico que não pude verificar mas que assusta. Como há anos venho escrevendo, qualquer dia, com a abstenção que temos, os eleitores fantasma dos cadernos eleitorais e o desinteresse generalizado da população, só os interessados membros de cada partido votarão nas eleições do futuro. Afinal parece que estamos a chegar lá mais depressa do que imaginei.



Por outro lado, não me parece avisado alargar ainda mais o governo do país com secretários de estado às dezenas, novos ministérios e tão pouca renovação de alguns membros do governo cujo prazo de validade há muito expirou (Ambiente e Administração Interna, Educação, entre muitos outros...). A política é assim, governar para os superiores interesses da classe dominante e no poder e não do país. Muitos apontaram soluções mas poucos estarão interessados em implementá-las.

Prometo manter-me, cada vez mais alheado de uma classe que esquece a nossa existência logo após os resultados eleitorais, e que devia governar para nós e não por nós...

Depois, tenho de criticar que o governo da República quer o da Região por, continuarem a não investir a sério na cultura, tradição que há muito se mantém, pois todos sabemos que um povo culto é um perigo, ainda começavam a ler livros e ter ideias próprias ... um povo sem capacidade de interpretação, de se questionar e aos que o rodeiam, incapaz de ser responsável numa sociedade que nunca reconhece o mérito, só favorece o nepotismo e corrupção que permeiam a todos os níveis esta sociedade onde vivemos, e onde a apatia grassa já nos casos diários que são noticiados e que morrem por prescrição ou falta de provas.

Aceita-se a corrupção com o enfado de quem se confronta com um dia de mau tempo invernal.

Diz a História que as sociedades progridem quando as elites pensantes conseguem mobilizar o resto dos concidadãos para criar sociedades mais cultas e justas e tenho de admitir que a nível pessoal pouco ou nada posso fazer, além de continuar a liderar os Colóquios da Lusofonia, que, obviamente nunca terão a atração de um espetáculo de voyeurismo na TVI ou CM, ou de um jogo de futebol, um escândalo ou um crime escabroso.

Resta-me, assim, nesta impotência, continuar nesse rumo que tracei há vinte anos, grato e venerando pelos parques apoios que recebemos e nos ajudam a sobreviver e esperar que, no futuro, Orwell passe de novo a significar a ficção e não a realidade em que vivo.

Na realidade, a democracia, a justiça, equidade e outros princípios sagrados vigoraram em períodos tão curtos da História que até parece que nunca ocorreram e acreditar neles só está ao alcance de poetas e sonhadores utópicos como sempre fui.

## CRÓNICA 295 AS SAIAS E OS COLÓQUIOS DA LUSOFONIA 30.10.2019

Andei dias seguidos na dúvida se devia abordar tão candente tema da política portuguesa que tudo faz esquecer, mesmo as questões mais prementes. Escreveu o Padre Mário de Oliveira “*O papa usa saias. Os cardeais usam saias. Os bispos católicos usam saias. Ninguém acha mal, pelo contrário. São clérigos, por isso, uns seres estranhos e separados dos demais. Parecem humanos, mas não são. São clérigos = separados. E um assessor de deputada não pode usar saias?!?*”

O problema não é a saia. ele usa o que quiser e não deve ser impedido mas nós temos de conhecer as verdadeiras intenções desse uso. Já as tinha usado antes em público? No seu quotidiano anda de saias ou apenas se serviu disso para se exhibir e provocar a atenção mediática.

Será que os membros do partido Livre querem protagonismo pelo que vestem para ocultar o que pensam? Ou são seguidores dos métodos populistas?

Pela parte que me toca tenho de fazer uma confissão, desde os meus verdes anos no Oriente (Timor-Leste, Bali e, Macau e, depois Austrália) fui sempre à praia usando um sarong de Bali ou uma lipa de Timor, mas quando cheguei a Portugal fui desaconselhado por todos de os usar em público e como a norma dominante aqui era essa, deixei de os usar em público, pois há muito passei a idade da contestação ao “normal” estabelecido pelos cânones sociais.



Aqui terei de fazer nova confissão, no recato do meu “Castelo” na Lomba da Maia durante a época da primavera – outono uso-os frequentemente durante o dia ou para dormir, tendo sempre à mão uns calções ou bermudas para coloca no caso de haver gente a bater à porta.

Um número restrito de pessoas amigas já se habituaram a ver-me nesses preparos e nunca fizeram comentários (sabe-se lá o que contam lá fora) e mesmo a técnica de higiene doméstica (a que antigamente se chamava mulher-a-dias) não estranha este hábito trazido de fora...

Como escreveu Ana Afonso em Lugar ao Sul “... impedindo que consigamos olhar para o estado do mundo em que vivemos. Exemplo disso foi toda a agitação que se gerou em torno de uma peça de roupa que uma pessoa decidiu levar para o dia da tomada de posse dos novos deputados.



Como é que uma coisa sem importância nenhuma se torna a coisa mais importante de um dia que tinha, de certeza, coisas bem mais importantes a destacar? E porque deixamos nós que isso aconteça, alimentando o acessório, e deixando morrer à míngua de atenção o essencial?” Dito isto, imaginem só que num dos próximos colóquios da lusofonia, clamando pelo direito à diferença, contra a masculinização dos nossos colóquios eu me apresentava de lipa ou sarong... seria o mesmo poeta utópico que criou os eventos, mas ninguém ouviria o que dissesse para se concentrar na minha indumentária, tão a despropósito para aquele ambiente.

Com certeza seríamos notícia de primeira página e teríamos os vários canais de TV presentes, e 10 milhões de portugueses finalmente descobririam que existimos (desde 2001) e haveria vontade de o governo apoiar as nossas realizações por serem anticonvencionais, na luta contra os estereótipos e a masculinização da sociedade. Podia bem ser o chamariz que nos falta para atrair a atenção dos que ainda nos ignoram, mas a minha mulher que não gosta de holofotes poderia decidir que eu tinha ido longe de mais. É tudo uma questão de princípios e de ter uma noção de senso comum. Há muitas maneiras de alterar a “norma” e fiquem tranquilos os nossos associados e amigos, decerto esta não será a que adotarei para nos trazer à ribalta.

CRÓNICA 296 FUTURO HIPOTECADO 7.11.19

Acordei menos otimista do que me é costumeiro, quando fui confrontado com a dívida galopante das empresas públicas açorianas, muitas delas comprometidas a desaparecer sem deixarem rasto que não seja o de milhões de prejuízos, com a indefinição desse sorvedouro de utilidade pública que é a SATA (dizem que está técnica e financeiramente falida) mal gerida há anos, servindo interesses vários e descurando a sua função essencial de ligação interilhas para todos os açorianos (nas Canárias os voos entre as ilhas rondam os 30 euros e pouco mais na ligação à Península Ibérica) quando, no segredo dos deuses, se discute o custo da mobilidade (nunca entendi por que razão temos de subsidiar as companhias pagando valores avultados que depois vamos recuperar aos CTT). Claro que a SATA é uma companhia de aviação muito complicada, tinha tanto débito que era capaz de afundar o Titanic, mas nunca ninguém me disse quanto é que pagava por cancelamentos de voos, desvios de aviões, acomodação de passageiros em terra, e as mil e uma peripécias de quem prefere voar na transportada aérea cá do sítio. Conheço picos de gente que tem exigido reembolso por cancelamentos, atrasos, e sabe-se lá que mais, mas deixemo-nos de treta, numa época em que viajar é tão banal, essa companhia acrescentou o elemento surpresa a quem viaja e nunca se sabe se vai viajar, já que a horas raramente chega, e aproveita para dar a conhecer aos passageiros outros aeródromos e locais que não constavam do plano original de voo. E tudo sem nada pagarem, que generosidade.

Dito isto ainda ouvi os lamentos dos que se queixam da Delta Airlines estar a acabar com as suas ligações diretas ao continente americano, bem úteis para a diáspora, ou de como está a ser negociada uma contrapartida para ligações Madrid Terceira (nem um concorrente se mostrou interessado no concurso público). Há ainda o novo porto da Horta que muitos contestam, depois de verem os maus resultados do porto das Lajes das Flores, da Madalena do Pico e tantas outras obras que foram feitas ao arrepio do clima e de outras idiossincrasias insulares, e o eterno adiar das pistas do Pico e da Horta que permitiriam outros voos para aquelas ilhas do Triângulo.

Da saúde nem falo pois se vivesse no Pico ou Graciosa ou Flores, por exemplo, já teria pensado em emigrar, talvez para a Suécia.

O nosso ambicioso projeto do Museu da Açorianidade ficou enterrado na crise de 2008 e o projeto do Museu da Autonomia anda a acompanhar D Sebastião em manhãs de nevoeiro mas, neste campo, congratulo-me com a conturbada autarquia da Ribeira Grande que no orçamento de 2020 inseriu a módica quantia de 7 milhões para festas, festinhas e festivais, que é disso e de bola que o meu povo gosta. Claro que este investimento popular nada tem a ver com as eleições do próximo ano nem com a ação judicial contra outras festas no passado...



E como o mês de outubro foi chuvoso custou ver tanta água a perder-se no mar em vez de se construírem reservatórios (uma ideia que adiantei em 2008 e aqui transcrevo

(CRÓNICA 60.2. - DA ÁGUA QUE RAREIA (Cuidado! Há um cidadão que não se cala na Lomba da Maia) - 22 novembro 2008)

Desde que cá cheguei, bilhões de litros de água vieram diretamente das nuvens para as ribeiras que os despejam no mar. Um equilíbrio perfeito com a natureza, mas que esqueceu a presença humana. Espero que alguém já tenha lido alguma coisa sobre as mudanças climáticas que se avizinham e comece a construir reservatórios maiores antes de esta ilha se começar a parecer com a metade seca da ilha de Santa Maria ou com a aridez das Canárias e de Cabo Verde. Nessa altura será tarde demais, a menos que nas terras altas, como na Lomba da Maia, tenhamos reservatórios suficientes para as nossas necessidades e deixemos de depender dos outros que não cuidam de nós como nos prometeram antes de serem eleitos para defenderem os nossos interesses. Ser vocal e “palestiniano” na Ribeira Grande tem imensas vantagens, mas não desisto de ser da Lomba da Maia, de me identificar com esta e por esta perseverar. Quando em 2006 ou 2007 escrevi, num livro que poucos leram, que se deviam fazer reservatórios das águas pluviais que iam sempre parar ao Grande Mar Oceano houve quem se risse de mim, mas agora clamam que algumas terras sofrem uma seca como não há memória...nada que uns tostões de Bruxelas não resolvam para calar as vozes da seca. Mas claro está que isto são apenas queixumes de quem nunca está satisfeito e quer sempre mais e mais do que estas terras e estas gentes podem dar.

Houve entretanto uma notícia boa que nos trouxe o Tribunal de Contas, a da morte do projeto da incineração em São Miguel, e quem sabe?, pode ser que se sigam as mais novas tecnologias para solução do problema em vez de construir incineradoras de métodos caros e antiquados. O lixo, ah! O lixo para que algumas vozes clamavam pela co-incineradora que a Europa já não propugnava e nem era solução dada a dimensão das terras. E o povo, como era feliz como as vacas, continuava a mandar tudo para o chão, fosse no dia-a-dia ou nas inúmeras festas que aconteciam em todas as freguesias e lugares, sem entenderem que esse lixo e esses plásticos iriam voltar na comida para as suas mesas, fosse misturado com o sal ou no sistema digestivo de peixes e mariscos. A educação cívica ainda estava em estudo nos currículos das escolas que eles não frequentavam. Era um povo tão feliz e sorridente que se mantinha colonizado, sem o saber, sempre atento e venerando às migalhas que os senhores atiravam das ameias

aos servos da gleba. E, como atentos e venerandos sempre haviam sido, assim se quedavam, pois sabiam que as migalhas dos subsídios e apoios à lavoura, às artes e literatura secariam se deixassem de o ser.

Nem sabiam, nem a escola que tinham abandonado lhes ensinara quem dissesse... "... *As couzas que padecem os moradores desse afligido reyno, bastarão para vos desenganar que os que estão fora desse pezado jugo, quererião antes morrer livres, que em paz sujeitos. Nem eu darei aos moradores desta ilha outro conselho... Porque um morrer bem é viver perpetuamente...*".

Fora Ciprião de Figueiredo (Alcochete, 155? – Lagny-sur-Marne, 1606), 1.º e único conde da vila de São Sebastião (por D. António I de Portugal), por vezes designado por Ciprião de Figueiredo Vasconcelos, que se distinguiu como corregedor dos Açores durante a crise de sucessão de 1580, tendo governado o arquipélago durante o período conturbado que se seguiu à aclamação nas ilhas de D. António, Prior do Crato como rei de Portugal. A ele se deve a fortificação e organização da defesa da ilha Terceira que levou à vitória na Batalha da Salga.

Havia coisas ainda a melhorar, como dar vida ao velho burgo quando os milhares de turistas de cruzeiros caíam sobre a cidade quem uma praga de gafanhotos para encontrarem as lojas e museus encerrados, pois cumpriam o horário de repartição pública. Manter as esporádicas intervenções de cultura de rua para animar e divulgar a nossa cultura e produtos locais, fomentando a economia.

Tinham de se abrir os urinóis da cidade fora do horário de expediente, recuperar a velha zona onde estava uma cadeia superlotada, descaracterizada por aterros, elefantes brancos de galerias que iam demolir no dia de são-nunca-ao-entardecer, inacabadas, um monstro de cimento à espera de serem ajardinadas e da construção de mais um monstruoso hotel, enquanto os mais afoitos iam, ali ao lado, ao casino tentar a sua sorte. E a cadeia sobrelotada e sem condições, há mais de uma dezena de anos, desesperava enquanto, lentamente, iam extraindo a bagacina do local escolhido para construir uma prisão, como se na ilha não houvesse locais sem bagacina para a construírem...

Sem visão de futuro, vivemos num mundo reativo, em vez de proativo, dependentes de um turismo que se pode mudar para outras paragens a qualquer momento, hipotecando o futuro de filhos e netos, esses que fazem um ou outro estágio remunerado sem hipóteses de terem continuidade nas empresas que, ano após ano, beneficiam do Estagiar L, T ou quejandos sem intenções de aumentarem os seus quadros. E depois ainda há quem se admire pela desertificação de todas as ilhas? Digo eu que nada percebo destas coisas mas que lamento o desperdício de milhões que chegam da Europa para alimentar os sorvedouros de empresas falidas em vez de criarem oportunidades e futuro para os jovens. Em dias destes apetece hibernar ou voltar a dormir e esperar que seja um pesadelo que estamos a sonhar acordados.

## CRÓNICA 297. TRAGAM O CIRCO DE VOLTA. O FUTURO HIPOTECADO 2 13.11.19

Tragam o circo romano de volta, as lutas de gladiadores, a inquisição ou Santo Ofício), as fogueiras para assar tanta Joana d'Arc que para aí anda dissimulada, tanto Torquemada, Sancho Pança e Don Quixote. É preciso acender fogueiras e queimar os livros proibidos, os mal-convertidos, descrentes e infiéis, Galileus, Girdano Brunos, Savonarolas, alquimistas, bruxos, hereges. Pessoas consideradas culpadas terão de ser perseguidas, julgadas e as condenadas cumprirão as penas que podiam variar desde prisão temporária, perpétua, tortura ou morte na fogueira; onde os condenados serão queimados em praça pública para servir de exemplo aos outros.

Depois tal como Paula White (a evangélica assessora do presidente Trump) propõe (e já muitas igrejas fazem no Brasil), os apoiantes devem doar os seus vencimentos a fim de evitarem o castigo divino. Só assim poderão obter o perdão e apoiar a causa da luta pela verdade contra a s"fake news" que atacam o presidente. Ataques e agressões a polícias, bombeiros e professores devem passar a ser considerados crimes graves como propõe André Ventura do "Chega" e julgados com mão pesada.

Ora isto eram as boas novas que tinha para vos trazer hoje de vários cantos do mundo, da Rússia à Bolívia, Reino Unido, Brasil, EUA e mais de metade do resto do mundo. O que realmente interessa neste momento é que a maior fatia dos impostos dos açorianos têm o mesmo destino das águas da chuva, vão parar ao Grande Mar Oceano, sendo que este tem inúmeros tributários como a fossa abissal da SATA, Saúdaçor, os 3 Hospitais Regionais, Lotaçor, SINAGA, ATA, e as trapalhadas todas da conserveira Cofaco, Santa Catarina e outras.

Ficamos assim todos descansados com o futuro da região, quando a maioria dos nossos impostos servem apenas para injetar mais dinheiro em tanta empresa falida, ou para pagar as suas dívidas. Forma estranha de cimentar um crescimento económico, que de momento vive na bolha do turismo de massas que – lentamente – vai minando e destruindo o destino ecologicamente propalado dos Açores. A construção civil vive do enxame de hotéis e de reconversão para AL (alojamento local) que insiste em pensar na funchalização das ilhas sem se aperceber de que esta não existe nem é viável. Ficarão os esqueletos de tanto elefante branco a comprovar o que tanto advertiram.

Assim, se hipoteca o futuro dos nossos filhos e netos, mas esse será problema deles pois nenhum de nós estará por cá quando a fatura final chegar.)

Enquanto isso, os jovens do estagiar L e T desistem de esperar pelos empregos que nunca vêm e emigram para outras paragens onde o seu trabalho seja devidamente remunerado e recompensado, as firmas continuam satisfeitas pois todos os anos há novos jovens apara trabalhar nelas subsidiados elo governo e assim as ilhas envelhecem e perdem gente, abdicando da pequena massa crítica que as podia catapultar para o futuro. Claro que haverá, sempre menos gente para votar, elegendo com percentagens cada vez menores os candidatos ao poder, nesta democracia transvestida em que vamos vivendo enquanto as ditaduras daqui e dali não se acercam mais do nosso quotidiano.

E como dizia Gedeão, enquanto isto, "o mundo pula e avança como uma bola colorida nas mãos de uma criança", rumo



ao precipício..

## CRÓNICA 298 PROTESTO DE UM CIDADÃO DA Lomba da Maia - S MIGUEL nov 2019

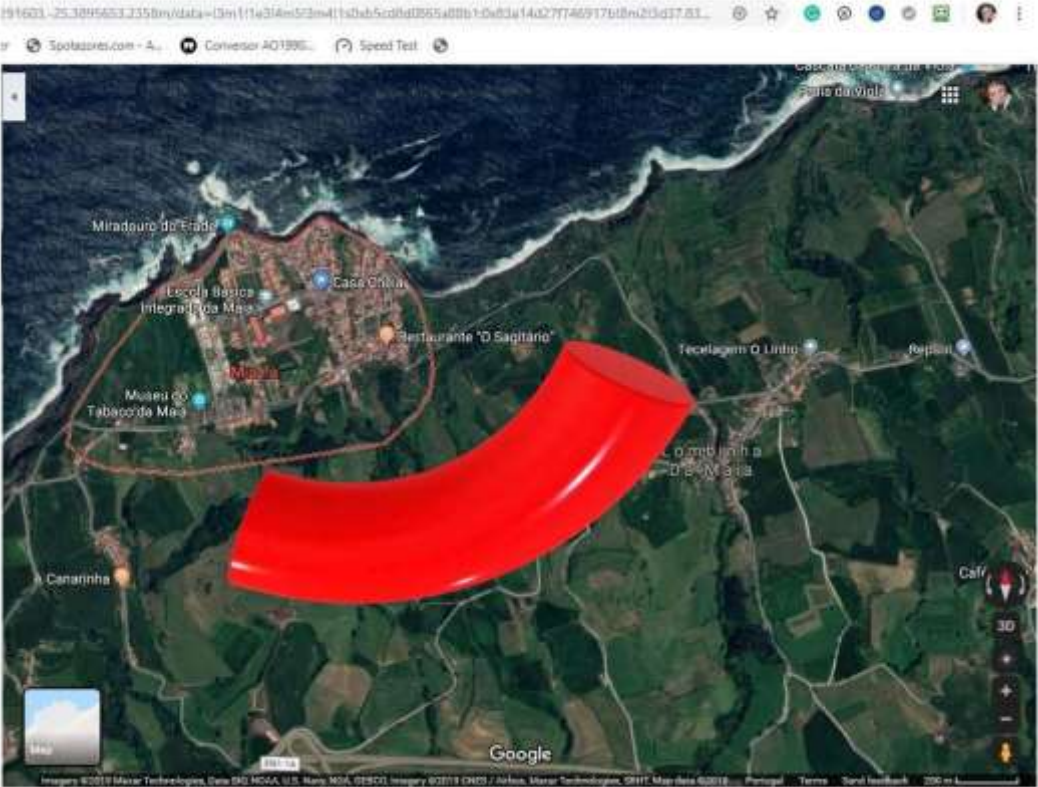


*Pela premência aqui republico o meu alerta que foi dado à estampa em jornais locais pela primeira vez em março 2016 e depois em novembro 2018 aqui nestas páginas do Diário dos Açores. Houve promessas e declarações públicas mas nada se alterou e novo inverno vai começar nesta estrada que será arranjada à pressa quando houver acidentes a lastimar...*

*Em 14 de maio de 2019 a Câmara Municipal da Ribeira Grande anunciou com pompa e circunstância (<https://www.cm-ribeira-grande.pt/camara-prepara-concurso-para-requalificacao-da-estrada-que-liga-a-maia-a-lombinha-da-maia>)*

A Câmara da Ribeira Grande está em condições de avançar com os trâmites legais tendentes ao lançamento do concurso público para a empreitada de requalificação do caminho municipal 519 (estrada que liga a Maia à Lombinha da Maia), traçado que não oferece condições de segurança em virtude das derrocadas que ali se têm verificado ao longo dos últimos anos, principalmente quando chove com maior intensidade. O anúncio foi feito pelo presidente da autarquia, Alexandre Gaudêncio, durante a sessão pública de apresentação do projeto de requalificação do traçado e recolha de contributos por parte dos munícipes, evento que teve lugar na junta de freguesia da Maia e que contou com as presenças do presidente da junta, Jaime Rita, bem como do vereador Carlos Anselmo. “Vamos avançar de imediato com o concurso público para a empreitada de consolidação dos taludes”, revelou Alexandre Gaudêncio perante uma plateia interessada. A primeira fase da obra está orçada em cerca de 500 mil euros e tem um prazo de execução de seis meses. A estabilização dos taludes é “uma obra fundamental em termos de segurança da rodovia”, explicou o edil, assegurando que “assim que a primeira fase estiver praticamente concluída estaremos em condições de iniciar o procedimento para a segunda fase da empreitada.” Esta contempla o alargamento da via com duas faixas de rodagem com 2,5 metros cada e passeio a norte da via com 1,20 metros. Esta intervenção está orçada em cerca de 800 mil euros e vai reforçar os níveis de segurança ao nível da circulação rodoviária e pedonal. A Câmara da Ribeira Grande dá mais um passo determinante na salvaguarda de pessoas e bens que utilizam o caminho municipal 519, concretizando uma obra que vai ao encontro das reivindicações da população local e que era aguardada há mais de meio século.

*Não encontrei nada mais sobre este tema e desconheço se o concurso foi lançado e como está o seu andamento. Ultimamente o trânsito faz-se displicentemente, afastaram mais para a arriba do mar, os marcos de cimento que delimitavam a área transitável da estrada, e todos por ali circulam alegremente, impérvios aos perigos latentes da falta de consolidação da arriba sobre o mar e o perigo de derrocada da arriba superior. E eu que nada percebo da poda gostava de sugerir que se fizesse uma estrada nova de raiz por cima do monte, entroncando na estrada regional no ramal de São Pedro a seguir à fábrica do tabaco e por cima do monte na zona da barra vermelha no mapa aqui adiante.... Façam estudos, expropiem a área necessária e será mais eficaz, sólido e seguro do que tentar alargar a via atual...pode até ficar mais económico*



Lomba da Maia, março 2016

*Terá de morrer alguém numa derrocada na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel para haver obras? Terá de haver uma derrocada catastrófica na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel para haver obras? Terá a cor política da Junta de Freguesia diferente da coloração da Câmara algo a ver com os “estudos” que alegadamente foram feitos para haver obras na estrada da Maia para a Lombinha da Maia em São Miguel?*

*Recordemos o início do problema há já seis anos: A estrada ficou cortada depois das derrocadas de fevereiro 2013 e dezembro 2015, com enormes inconvenientes para centenas de moradores da costa norte.*



*Os transportes privados, os públicos, incluindo os transportes escolares, fazem desvios morosos por Calços da Maia, Gorreana e São Brás em estradas que não foram feitas para tal movimento e depois de meses de a estrada ter estado cortada à circulação entre a Lombinha e a Maia, nem um só trabalhador apareceu no horizonte num dos troços mais perigosos das estradas públicas regionais na costa norte.*

*Está em estudo, ao que dizem, a intervenção camarária e os transportes pesados estão proibidos de acederem aquele ramal (edital n.º 49/2016/T.) enquanto os ligeiros que por ali passam correm riscos enormes e desnecessários. A falta de*

*sedimentação das perigosas arribas após as derrocadas de dezembro pode nem precisar de mais chuvadas para causar novo desmoronamento...*

*Porque esperam então as entidades responsáveis para fazerem obras que há muito se impunham?*

*Se houver uma tragédia, do dia para a noite surgirão máquinas, trabalhadores e estudos?*

*Aqui deixo a pergunta a quem de direito como cidadão residente na costa norte a quem foi coartado o acesso direto entre a Lombinha e a Maia. Ao fim de três meses continuo à espera do início das obras céleres para darem segurança aquele troço bem movimentado da estrada.*

*PS: atualização em outubro 2018*

*a erosão da encosta, no troço junto à orla costeira, está a pôr em risco a estabilidade da via, criando um sério risco para todos os que por aí circulam. De igual modo, também a encosta do lado de terra apresenta, em vários locais, evidentes sinais de instabilidade. Existe um claro perigo de derrocada ou mesmo de desabamento de parte do piso, o que coloca em causa de forma extrema a segurança da circulação.*

*Embora se trate de uma via municipal, as obras em causa terão de processar-se na orla costeira, sendo obviamente muito complexas do ponto de vista técnico e de engenharia e implicarão um esforço de investimento elevado, muito para lá das possibilidades do Município da Ribeira Grande. Tendo em conta a importância da via, a gravidade da situação e as responsabilidades do Governo Regional em relação à segurança das vias e à circulação rodoviária, parece claro que terá de existir uma intervenção da Região, em parceria com a Câmara Municipal da Ribeira Grande, por forma a reparar a estrada, intervir nas zonas de risco e garantir a segurança das pessoas e bens que por aí têm de circular.*

*Nesta data fiz uma pesquisa e exceto as declarações de dois partidos minoritários, em fevereiro e em setembro de 2017, pouco ou nada se encontra escrito sobre o tema....em finais de outubro 2018 continua tudo exatamente na mesma...e depois das chuvas de 20 a 23 outubro o perigo de derrocada na Estrada Municipal 519, aumentou, mas como os responsáveis raras vezes se deslocam a esta esquecida costa norte dificilmente se apercebem do perigo que correm as crianças e familiares que todos os dias se deslocam para a EBI da Maia, e todos os outros que para ali têm de ir.*

*Se – e quando – uma tragédia acontecer, como já antes ocorreu noutros pontos desta e doutras ilhas, será instaurado um inquérito, a culpa morrerá solteira, e talvez então se disponham a começar os trabalhos.*

*Pessoalmente sou de opinião que deveria ser feito novo acesso à Lombinha da Maia pelo monte sobranceiro à Maia, desviando a seguir ao Museu do Tabaco e indo acabar antes do cemitério da Lombinha. Mesmo com expropriações, e sendo feita de raiz, talvez ficasse mais barato e, era certamente mais segura, do que a variante existente pelas alcantiladas arribas.*

## CRÓNICA 299 NINGUÉM QUER SABER DA VERDADE, APENAS DE QUE LADO ESTÁS"



*Todos sabemos que há dores insuportáveis e o único analgésico é o tempo, mas cura não existe...toda a sociedade ocidental carece da visão orientalista sobre a inevitabilidade do estado pós-vida e isso causa mais dor ainda...e é assim que descrevo estes últimos dias, meses, anos em que pessoas que cresceram connosco na música, nas letras, no teatro, na vida, nos vão deixando. Há quem diga que elas morreram.*

Como escrevia nesta data [Mil Ghent](#) ·

*A velocidade dos acontecimentos ultrapassa-nos. Caímos no engodo. Distraímos-nos. Envolvemo-nos em assuntos prioritários. Compras e coisas assim. Família para sustentar, prole para educar. Um sem fim de compromissos. Empregos para garantir, imediatismo frenético, alta criatividade para consumo. E o pensamento vai mirrando, estiolando. Ninguém quer saber. Não tilinta no bolso, não tem futuro. Enquanto isso, a realidade acelera. E nós na fartazana, na loucura dos dias. Queremos é que nos não chateiem! Que nos não venham com tretas! O mundo vai estoirar? Depois vemos isso...*



E, assim, impávidos e serenos, quase nos tempos do Estado Novo em que íamos “cantando e rindo” nos deixamos enlevar por este torpor, este amolecimento das capacidades críticas de pensamento e de discernimento...aceitámos que o mundo ande louco com mais xenofobia, racismo, ódio, nazismo, mas, na maior parte dos casos nem queremos saber por ser lá longe. É o Trump nos EUA, o Bolsonaro no Brasil, o Urban na Hungria, o Netanyahu em Israel, a loucura de Boris Johnson e do Brexit no Reino desunido, o descarado genocídio e roubo de terras palestianas, o genocídio Rohingya na Birmânia (Myanmar) no lémen e tantos outros países de que mal ouvimos falar, a guerra silenciosa no Sudão, os milhares de naufragados no Mediterrâneo pagos a preço de ouro às máfias de traficantes, os mercados de venda de escravos na Líbia e no Google onde os árabes escolhem os seus e as suas escravos, o trabalho infantil que mata milhares no Congo (República Democrática onde também há genocídio mas ninguém diz), a fome oculta nos sem-abrigo que enchem as ruas das cidades norte-americanas (e quantos deles são dejetos humanos das guerras que os EUA fomentam e alimentam por todo o mundo?, dantes ainda lhes chamavam veteranos de guerra, agora são meramente "homeless people"... depois, há as intervenções ocultas, descaradas ou assim-assim dos EUA em todas as quatro partidas do mundo, sendo notórias as mais recentes na América do Sul (incluindo o falhanço da Venezuela) mas a mais dolorosa de entender é a do Chile onde as forças assassinas do regime deliberadamente cegaram já a tiro centenas de pessoas que se manifestavam... para mim, que sou contra os milhões de guerras, que envolveram a humanidade desde que esta existe, esta é das mais brutais, inexplicadas e incompreensíveis formas de tortura.

*Já não há operários nem proletariado mas abundam os vendedores de sonhos (ou de banha da cobra) mas como disse há dias o cineasta finlandês [Aki Kaurismäki](#) Este planeta nunca teve tantos sociopatas e idiotas no poder. De facto, para qualquer lado que me volte encontro isso mesmo abarcando todas as nações, suas populações e dirigentes. “Já ninguém quer saber da verdade, apenas de que lado estás”\_ e as sociedades dividem-se irracionalmente entre “nós” e “eles”, inimigos a abater sem lógica nem razão, apenas a cegueira das convicções, ou damos patadas ou matamos consoante a fúria dos que nos rodeiam quando dantes a amigos e vizinhos se dava um pão e um copo de vinho tinto. Deixou de haver felicidade em dar, todos querem receber sem dar. Dantes havia a tradição dos ianques matarem os seus presidentes bons, agora perderam essa tradição com os presidentes maus, In dogs we trust, parafraseando o lema estadunidense e mudando God por dogs (cito – de novo - [Aki Kaurismäki](#)).*

Mas continuarei, solitariamente, a buscar a verdade que os meus vizinhos aqui na Terra pretendem ignorar.

CRÓNICA 300 NO PASA NADA 28.11.19

DEMOROU cerca de um mês para o senhor presidente da república promulgar o ajuste direto derivado do furacão Lorenzo nos Açores... se um dia houver um terramoto como o da Terceira de 1980 ou Lisboa 1755, deve demorar um ano a autorizarem ajustes diretos. A situação está longe de ser solucionada, e por mais paliativos que consigam o abastecimento às Flores e Corvo carece de respostas mais rápidas, como por exemplo aviões das Forças Aéreas, para regularizarem abastecimentos, e meios de escoamento do gado. Tudo é feito lentamente como é hábito nos Açores mas a vida das pessoas por causa de um mero Lorenzo que nem foi uma tempestade por aí além, precisa de ser reposta dentro do mais curto prazo, e ontem já era tarde. Não compreendo como o banco Novo Banco (o tal que era o banco bom) pede uns milhões bem maiores que os necessários para os prejuízos do Lorenzo e são logo aprovados sem mais delongas. O senhor ministro das Finanças anda eufórico com uma almofada de um bilião (mil milhões de euros) enquanto o SNS deve mais do que isso a fornecedores e funciona sem médicos nem enfermeiros suficientes... Por cá andam todos satisfeitos com os 24 anos de governação e com os progressos na mesma semana em que o INE adiantava que mais de 30% de açorianos estão no limiar da pobreza e quando os Açores passaram de novo ao primeiro lugar da mortalidade infantil... e, de facto, milhões e milhões vieram de Lisboa e da Europa para melhorar a situação dos habitantes nos Açores, mas o progresso não se pode medir em betão e em hotéis....(se bem que haja melhorias nalguns setores, e ultimamente muito acontece devido à galinha de ovos de ouro do turismo). A educação é o desastre que nem estatísticas otimistas conseguem dissimular, a massa crítica açoriana desertou para outras paragens e só ficam os que não querem ou não podem sair, numa constante sangria de massa cinzenta, que, aparentemente, vinga com sucesso em todo o mundo menos nos Açores. Temos gente boa e capaz mas parece que existe um muro mais alto do que o do TRUMP que os impede de exercerem postos dirigentes de forma capaz e responsável. Nepotismo, cunhas e outras manobras detêm um quase monopólio de empregos. Qualquer que seja o partido no poder, a regra é universal. Meritocracia, responsabilização e competência são palavras desconhecidas no mercado de emprego, desde o mais alto administrador ao mais baixo funcionário, e com festas e bolos se enganam os tolos que ainda votam. Por isso, lentamente por todo o mundo se instalam os populistas que irão continuar a destruição deste belo mundo que herdamos sem que os que estão hoje no poleiro se apercebam de que cavam a sua sepultura e abrem os flancos à demagogia. Isto digo eu que sou um poeta e sonhador que vivi momentos belos depois da década de 1960 e assisto impotente a um enorme retrocesso civilizacional a todos os níveis...sem falar no clima, na poluição, no aquecimento global e outros males que irão aniquilar a humanidade como a conhecemos hoje. mas como dizia a canção...”no pasa nada”

CRÓNICA 301. GRETA, TONTICES, PAROLICES MISTURADAS COM BEATLES E BRASIL



Na data de escrever esta crónica não se pode sair à rua nem abrir a TV, anda aí um furacão de uma miúda sueca que é o oposto da favorita de tempos idos (a Pipi das meias Altas) ou das personagens fabulosas da minha infância quando lia de **Selma Lagerlöf**, **A Viagem Maravilhosa de Nils Holgersson através da Suécia**. O povinho, os políticos, paparazzi e demais mídia pareciam abutres sobre a presa para ouvir a jovem, e sobre ela prefiro não comentar a fim de evitar mais dissabores e ataques. Mas será que lhe cobraram a taxa turística como a qualquer turista que visita Lisboa? O melhor comentário que ouvi foi o de Luiz Fagundes Duarte que afirmou “Esta tontice à volta da Greta traz ao de cima a profundidade do provincianismo que nos domina. A começar pelo PR e pelo Governo.”

(Como alguém disse “Cumprimenta toda a gente, aparece em todo o lado, é entrevistado para o telejornal em calções de banho, dá uma festa para pessoal do YouTube e instagram - mas não vai cumprimentar a Greta Thunberg porque diz que não quer fazer aproveitamento político.”

A jovem sueca retorna à Europa para participar da COP25, a conferência da ONU sobre alterações climáticas. A Greta tem 16 anos, a sua maior conquista foi deixar a escola (podia matricular-se cá que não chumbava) , aponta problemas, fala da traição à sua geração e tem 176 milhões de seguidores enquanto outro jovem, de 16 anos, Boyan Slat, inventou o sistema de limpeza dos oceanos, sem culpar a sociedade, os sistemas económicos (que proporcionam o barquinho onde a Greta viaja) mas tem apenas 270 mil seguidores na Internet...

Como disse Mia Couto " A vida apenas tem encontros. Tudo o resto são descoincidências."

Sou politicamente incorreto, detesto rebanhos de duas pernas onde se deve seguir o líder e ficar bem visto. O que é lindo e aceitável para a carneirada pode não o ser para mim. Tenho a (in)felicidade de tentar usar as células cinzentas que me restam para pensar, ponderar, analisar, questionar. Respeito a opinião contrária mas reservo o direito ao sarcasmo e sátira. O caril faz bem à circulação sanguínea mas não é para todos.

Para provar que vivemos em tempos conturbados permeados de imbecis e ignorantes teremos de visitar o Brasil onde o Presidente da Funarte (maestro Dante Mantovani) declarou sem rodeios “Na esfera da música popular, vieram os Beatles, para combater o capitalismo e implantar a maravilhosa sociedade comunista”. E, não sendo suficiente, complementa: “O rock ativa a droga que ativa o sexo que ativa a indústria do aborto. E a indústria do aborto alimenta uma coisa muito mais pesada, que é o satanismo. O próprio John Lennon disse abertamente, mais de uma vez, que fez um pacto com o satanás.”

E nisto de religião lá pelo Brasil anda tudo numa fona, o mais recente exemplo de extravagância, por assim dizer, vem de uma denominação fundada pelo pastor Lesego Daniel, líder do Rabboni Centre Ministries (Centro de Ministérios Rabboni, em tradução livre). Daniel pediu aos frequentadores da igreja que fossem ao lado de fora do templo e comessem grama, pois a ingestão da vegetação “os levaria para mais perto de Deus”. De acordo com o jornal Daily Mail, o pastor foi obedecido por vários fiéis. “Sim, nós comemos grama e somos orgulhosos disso, porque isso demonstra que, com o poder de Deus, podemos fazer qualquer coisa”, diz Rosemary Phetha, 21 anos, estudante de direito . Numa entrevista ao jornal local Times Live, Rosemary disse que sofria com um problema de garganta, e após comer grama, as dores passaram.

Por outro lado, a ministra da família Damares Alves, declara que 'o homem é o líder do casamento' e a mulher é 'submissa a ele'. a ministra da mulher alegou que essa é a perceção da sua igreja. Já dias antes contra a violência, prometeu pintar 'salinhas' de rosa em delegacias do país. A ministra afirmou que todas as delegacias comuns serão transformadas em unidades com atendimento especial focado em ataques às mulheres. terão 'ao menos uma salinha pintada de rosa', nas palavras dela. não há prazo, nem orçamento definido para concluir o projeto.

E termino assim, o presidente do Brasil acusa o ator Leonardo DiCaprio de "dar dinheiro para incendiar a Amazónia", numa declaração transmitida online em que comentava a polémica que envolve a WWF (World Wildlife Fund), acusada de pagar a bombeiros - que foram detidos e depois libertados - por imagens dos incêndios na floresta tropical. Jair Bolsonaro fez a acusação sem dar qualquer prova, mas tem acusado frequentemente as ONG contrárias às suas políticas para a Amazónia de começar os fogos para obterem financiamento.

Leonardo DiCaprio emitiu entretanto um comunicado, elogiando as pessoas que trabalham no Brasil "para salvar a sua herança natural e cultural" e desmentiu Bolsonaro.

**Ainda que sejam certamente dignas de serem apoiadas, não financiámos as organizações que estão agora a ser alvo de ataque",** referia a nota do ator. "O futuro destes ecossistemas insubstituíveis está em causa e eu tenho orgulho em tomar parte nos grupos que os protegem", sublinhou DiCaprio.

É por estas e outras que ainda gosto muito de viver nos Açores, onde a loucura global demora sempre muito tempo a chegar.

CRÓNICA 302 PLANTAR O FUTURO COMO A AVESTRUZ, 7.12.19

Tocam os sinos na minha aldeia (é freguesia, senhor, chame-lhe freguesia) por mais um que se finou...se os sinos tocassem pelos que nascem raramente se ouviam. Tem sido assim desde que aqui cheguei há 15 anos...morrem e morrem não sendo substituídos.

Como não há recenseamento atualizado direi empiricamente que mais de 30% da população não deveria constar dos cadernos eleitorais. Isso nota-se todos os anos nas matrículas escolares, e as ruas já não são o que eram, com enxames de pequenos seres ruidosos e saltitantes nunca imaginei que a desertificação humana a que assisti em Trás-os-Montes pudesse ser uma realidade nos Açores. Recordo que a primeira coisa que saltava à vista em contraste com o distrito de Bragança era a quantidade de jovens e infantes em todas as freguesias da ilha que visitei quando comecei a conhecer a ilha detalhadamente.

O envelhecimento e a desertificação são problemas bem mais prementes do ponto de vista social e económico do que as mudanças climáticas. Estão interligados, interdependentes mas não se excluem. Já não velhos para cuidarem e plantarem o meu quintal e nisso os novos não estão interessados. Quando morreram os idosos disponíveis para tais tarefas elas ficaram por se realizar. Assim, quintais e campos irão estiolar à medida que se forem reconvertendo as agropecuárias de produção de leite., condenadas que estão há muito. A maior parte dos jovens em idade escolar nesta zona rural onde vivo não sonha com livros nem com estudo, mas sim com vacas, desconhecendo (por não terem estudos nem lerem livros) que esse futuro lhes será vedado e irá desaparecer como se foram os amola tesouras, os datilógrafos, os limpa-chaminés e tantos outros.

Quando agora todos parecem obcecados com a crise do clima eu antecipo a solução que os políticos vão encontrar, mais impostos sobre isto e mais sobre aquilo, em vez de enfrentarem o problema pelos cornos. Há formas mais ecológicas de vivermos e nem todas implicam abdicar do transporte automóvel e de outros confortos do século XX. Há muito que deixei de atirar tudo o que avaria para o lixo, tentando arranjar o que se vai estragando e reciclar em vez de aumentar minha pegada de lixo. Nesta área muito se pode fazer, desde que haja carpinteiros, eletricitas, canalizadores e tantos outros em profissões que a tecnologia foi empurrando para fora do mercado.

Seria oportuno recordar um conselho de Confúcio: “ se tiveres planos para um ano, planta arroz; para dez anos plana árvores; para cem anos, educa as crianças.” Em democracia, isto seria muito difícil de executar pois os políticos que optassem por esta sábia visão não seriam reeleitos. À medida que as catástrofes se multiplicam, como já vem acontecendo há anos, não haverá meios suficientes para reconstruir tudo o que a natureza destrói, sejam casas, infraestruturas ou meios de produção e há um limite finito para os impostos que se podem lançar.





(os políticos a discutirem se há alterações climáticas)

Há tanta civilização, conhecida e desconhecida, que desapareceu já da face da terra. Umhas deixaram rastros visíveis, outras deixaram rastros que nem nós conseguimos ler ou interpretar, para avaliarmos as causas do seu desaparecimento, que é provável que o mesmo venha a suceder à nossa atual civilização. Aí, tudo começará do zero, com os sobreviventes, se os houver, e esses, como a História nos ensina, serão os tecnologicamente menos atualizados, como os aborígenes australianos em contexto tribal. Demorará milhares de anos a nova evolução tecnológica e até lá ficarão a pairar nos céus milhares de satélites obsoletos, perecerão as torres de comunicações indispensáveis à nossa civilização atual, a natureza ocupará os edifícios abandonados, as areias enterrarão os exageros dos Emirados Árabes, e, um dia alguém descobrirá os vestígios desta civilização como em Borobudur (Indonésia, Java) construído no século IX e redescoberto em 1814, ou como ainda hoje descobrimos cidades maias na América, soterradas por séculos de abandono.

Por tudo isto fazem bem os que não ouvem os cientistas, (eles enganam-se tantas vezes...) e os que antecipam cataclismos, tudo pode acontecer, um meteoro destruidor (como já sucedeu no passado); um tsunami avassalador, uma erupção de Yellowstone ou Cracatoa que nos prive de sol e de vida, e assim, vamos aproveitando os dias que nos restam antes desse dia, continuando a poluir os oceanos com os plásticos que já comemos na nossa alimentação diária, com o ar irrespirável que absorvemos nos nossos pulmões, com a água que vai faltando em muitos cantos deste mundo. Quem sabe, se a IA (inteligência artificial), que vai povoando as nossas fábricas e escritórios, finalmente decide que nós não temos inteligência que nos permita continuar a viver e nos condene ao extermínio como nós fizemos a tanta civilização que descobrimos quando explorávamos os oceanos (lembro-me de Pizarro e Cortéz nas Américas).

Por isso, neste Natal que se avizinha continue a proferir palavras e desejos ocultos, deixe-se absorver pelo consumismo exacerbado a que a massificação da propaganda das televisões e dos anúncios o impele, compre, mais, sempre mais, endivide-se a si, aos filhos e aos netos para “possuir” bens materiais de que não necessita (todos embrulhados em plástico brilhante); acreditar que tem muitos amigos no Facebook; a sentir que é um bom católico que vai à missa (quando não tenta espezinhar os que se cruzam consigo); a pensar que é um bom patrão (só por que é condescendente com os seus súbditos, perdão, agora chamam-se “colaboradores”); a estacionar no lugar dos “deficientes (pois só demora um minuto) embora não saiba circular numa rotunda ou use a faixa da esquerda quando há mais do que uma faixa de rodagem; a atirar lixo ou beatas de cigarro do seu veículo em andamento.

Temos à nossa frente um futuro tão brilhante quanto o de Marco Túlio Cícero, advogado, político, escritor e filósofo. A sua influência na história da prosa subsequente é enorme. A ele se deve a decisiva introdução e o desenvolvimento da filosofia grega no mundo romano, bem como a criação de um vocabulário filosófico novo que incluiu termos como *evidentia*, *humanitas*, *qualitas*, *quantitas* e *essentia*. Morreu em 43 a.C. de morte matada. As suas mãos e a cabeça foram publicamente exibidas por ordem de Marco Antônio.

E termino parafraseando um dos magos da música, Roger Waters: *"This species has amused itself to death"* que é como quem diz “esta espécie (humana) divertiu-se imenso até à morte”.

### CRÓNICA 303- DIZEM QUE É NATAL dez 2019

Uma das vantagens de se envelhecer é que a noção de tempo adquire nova dimensão, o tempo anda mais depressa, voa...os dias sucedem-se a um ritmo avassalador...os jovens com quem andamos ao colo, ainda não há muito, já nos mostram os filhos, e de repente, todos têm netos. Já me explicaram isto de uma forma sucinta que até entendi. Quando somos jovens o tempo é lento, pois, segundo a ordem natural das coisas ainda temos muita vida a nossa frente e, portanto, cada unidade (dia) parece demorar uma eternidade pois é uma fração enorme da vida vivida, mas uma pequena fração do que há para viver. Na velhice é o oposto, o tempo é rápido pois cada unidade é uma fração pequena do que já vivemos e mais pequena ainda do que nos falta viver...por isso a todos aconselho vivam cada dia como se fosse o último e não deixem nada por fazer, não deixem nada por dizer.

*Nestas últimas décadas de guerra e de tanta desgraça humana, o medo instilou-se na mente e a desesperança com ele. Perdoem-me se acho hipócritas estes votos coloridos com que nos inundam, pois para mim jamais serão festivos os dias enquanto almas gémeas continuarem a morrer à míngua ou em busca de um lugar no mundo e não uma morte por afogamento no mar mediterrâneo, ou atingidas por um qualquer grupo de extermínio. A violência atinge paroxismos quase esquecidos, a vida tem cada vez menos valor, as falcatrias descaradas sucedem-se, a desgovernação, a mentira propagandeada diariamente envenena as mentes, a manipulação das massas e das ideias contaminam as futuras gerações. No meio deste deserto com vozes onde sempre vivi, germinam algumas flores silvestres e tímidas, carentes de água, mas resilientes. Habito a suave utopia da poesia que sempre me governou e serve para justificar a minha existência. Não invejo bens e conquistas materiais, legítima ou ilegitimamente conquistados, ufanos na varanda dos dias, não cobijo nem desejo esses fogos-fátuos de vaidade, ostentação e prosápia nem me enteneço com a esmola caridosa dada aos pobres que nos cercam.*

Lá fora brilham as luzes, mas eu gostava que fosse natal sempre e não apenas quando os calendários mandam. Uma recordação indelevelmente guardada da infância, é a dos saltimbancos que apareciam, nesta época, para fazerem acrobacias na rua em troco duns tostões. Em geral famélicos e escanzelados divertiam-nos com as suas habilidades, desde os palhaços aos que vomitavam fogo, outros marchando em cima de “andas” e mais habilidades que a memória deixou escapar. Normalmente, meia dúzia de artistas mas o que me espantava é que integrassem mulheres, numa era em que estas eram silentes e apagadas na sociedade caseira salazarenta que lhes era imposta.

Persisto neste bucolismo açoriano que me cativou com as suas letras e escritores pois sei que ainda é legítimo sonhar e a viver utopias enquanto o mundo, lá fora, se desmorona como os icebergues numa orgia consumista nas lojas da especialidade. Lembro-me bem do natal antigo... das prendas trazidas pelo Menino Jesus e ora vêm de rena com o pai natal. Poucos terão sido os brinquedos que tive no “sapatinho” ou na “meia” da árvore de natal. Hoje com a sofreguidão típica desta geração de “baby-boomers” dá-se tudo aos filhos e eles pedem mais e mais, insatisfeitos com o muito que têm nesta sociedade que a todos assolapa de dívidas. Ninguém se contenta com camisolas, meias ou algo assim, querem o último modelo de smartphone ou outro “gadget”.

Claro que vos podia falar do natal, da paz e daquelas coisas que as pessoas falam nesta época, porque no resto do ano andam muito deprimidos ou muito atarefados a tentar sobreviver para se lembrarem delas. Afinal o natal de que eu me lembro não é de Santa Klaus, mas do Menino Jesus e das prendinhas no sapatinho antes do consumismo.

Ainda creio nos valores da família e estes não se devem revelar apenas uma vez por ano na consoada. Devem ser alimentados e nutridos ao longo do ano, sem prendas nem comida especial apenas pela mera fruição da companhia, com a televisão (esse invasor alienígena) desligada. Dantes, no



fim das refeições as pessoas ainda tinham tempo para falar, para sonhar, para trocar impressões e fazer correções ao seu percurso de vida. As pessoas andam demasiado ocupadas e não falam, e quando o fazem é para comentar uma telenovela da TV, um escândalo público, ou outra trivialidade, deprimidas com a sua situação pessoal, profissional ou a do próprio país e passam a refeição a teclar nos seus *smartphones*. Devo estar a ficar senil, mas é disso que tenho saudades.

Nem sequer têm tempo para pararem, e pensarem, onde estão, donde vieram e NÃO PARA ONDE VÃO, mas PARA ONDE QUEREM IR. Claro que há as mensalidades por pagar, os estudos dos filhos, e outras preocupações que quando o cansaço se instala e já deitadas mal lhes sobram energia para conversarem. É isto o ideal de vida que nos reservam os tempos atuais e – será pior daqui por diante – e não gosto, nem foi para isto que lutei na juventude em inúmeras discussões filosóficas em tertúlias de amigos que se prolongavam pela noite dentro. Ainda mantenho sonhos e quero realizá-los partilhados, sem ser com uma série televisiva que nos anestesia e deixa num torpor onde não resta lugar para a inteligência ou para o pensamento crítico

O Natal que recordo vai ilustrado na praia de Bondi Beach em Sydney (Austrália) e esses nunca esquecerei



. Hoje devo dar graças por ainda estar aqui e ter sido um privilegiado por ter vivido nos quatro cantos do mundo, ter aprendido o que aprendi com pessoas de línguas e culturas diferentes e concentro-me apenas em coisas que são de valor para os outros e me dão prazer imaterial. Estou vivo, lúcido e atuante, dedicando-me a compartilhar saberes e culturas múltiplas sem epifanias, e deixando um legado que nenhum fariseu aceitaria, em epístolas como esta, para que o natal seja vivido em cada dia do ano e não apenas quando os comerciantes nos tentam seduzir, mesmo a nós pobres saduceus da atualidade com promessas de felicidade material que só aumentam o servilismo perante os nossos verdadeiros donos, a banca.

Sinto-me feliz e orgulhoso dos “meus” bianuais Colóquios Anuais da Lusofonia que são a minha forma de dar de volta algo a essa comunidade abstrata em que estou integrado. Essa intangibilidade da minha dádiva permite-me uma satisfação pessoal que não tem eco em mordomias ou benfeitorias materiais. Esta era afinal a minha mensagem de natal, para que todos, novos ou menos novos, disponham dumas horas do seu tempo neste percurso terreno para dar de volta à sociedade algo que tenham aprendido e se possa transmitir aos outros, sem ser por dinheiro, fama ou qualquer outro atributo egoísta ou materialista.

Espero haver quem me ouça neste natal e faça suas as minhas palavras. Só podemos dar aquilo que temos. E desenvolver uma atitude positiva é o primeiro passo para tornar este mundo num lugar mais habitável. A vida é bela? É, se assim o quisermos. Mas a verdade é que se pensa nos otimistas como um dos extremos da balança que tem no outro prato os pessimistas e no centro a virtude, ou seja, os ‘realistas’. Cada vez mais, no entanto, o otimismo é visto como o verdadeiro realismo: uma espécie de realismo emocional, que através de uma perceção positiva nos ajuda a ver a vida com outros olhos, e, graças a isso, a construir uma vida melhor. “As pessoas otimistas são aquelas que acham que a vida vale a pena ser vivida”. Mesmo que a nossa cultura permaneça mais adepta do noivado do sepulcro do que de um amor feliz, está nas nossas mãos lutar contra isso. Ser otimista não depende das circunstâncias, mas da atitude. Está cientificamente provado que as pessoas pessimistas têm probabilidades mais fortes de viver deprimidas, com uma saúde mais debilitada visto serem um tipo de pessoas que se desleixam na sua própria saúde. E com isto influenciar para uma morte precoce. Em contrapartida as pessoas que tem atitudes otimistas levam uma vida mais feliz, mesmo perante as desgraças são pessoas que conseguem rir e encontrar algo positivo e engraçado.

PS: politicamente incorreto, continuo ateu, apesar de tudo... um bom natal a todos qualquer que seja a religião ou crença que partilham.

Crónica 304 prenda natalícia:

1. Aumentos para a função pública

imaginem que acordei a imaginar ser porta-voz do governo...

Caros concidadãos desta nobre e valorosa pátria

Foi já anunciado que, finalmente, ao fim de dez anos de abnegados sacrifícios este governo vai poder dar satisfação aos vossos anseios e promulgar um aumento geral de vencimentos.

Milhares e milhares de famílias que ao longo destes dez anos de sofrimento, austeridade e impotência vão, finalmente, beneficiar desta medida de enorme impacto social, e que visa incrementar o crescimento da nossa economia, para níveis superiores aos dos restantes países europeus. Sei e, todos estamos disso conscientes, de que vos foi exigido um enorme sacrifício desde a entrada da troica em Portugal, das medidas todas dos governos do Passos Coelho e, neste últimos anos temos estado, uma a uma, a reverter essas medidas gravosas para a vida de todos vós. Chegou agora, finalmente, o momento que todos esperavam, o de terem um aumento salarial real, em paralelo com a taxa de inflação do ano de 2019. Em virtude da enorme dívida pública, que governos passados acumularam, das dificuldades que causaram aos melhores bancos da nossa praça e que temos, paulatinamente vindo a salvar da bancarrota nesta década, não conseguimos ainda repor o poder de compra levando em conta a inflação dessa última década.

Temos vindo a fazer enorme esforço financeiro com cativações múltiplas para reduzir o peso da dívida pública, tornando os serviços públicos mais eficientes com menos recursos ao seu dispor, cortando nos excessos de gastos nas áreas da saúde, educação e justiça, e – só assim – nos é possível agora satisfazer os vossos legítimos anseios de melhores salários na função pública. Sabemos que se trata de um enorme esforço financeiro a que o país saberá dar a resposta adequada ajudando-nos a atingir as almejadas metas de 2020 impostas pela rigorosa política da União Europeia.



É assim, com enorme prazer e satisfação que podemos confirmar o aumento geral de toda a função pública em 0,3% aumento esse que vos incorporará em escalões mais justos do IRS que estamos a delinear neste momento, para contrabalançar os milhões e milhões de euros que esta medida de enorme alcance implicará.

Depois do substancial aumento do salário mínimo para 2020, esta é mais uma medida de revitalização da economia e, estamos confiantes, de que o setor privado saberá dar a resposta adequada seguindo esta nossa medida para os restantes trabalhadores, esperando que o patronato lhes possa conceder aumentos de 2,7% no âmbito do acordo sobre competitividade e rendimentos. E até 2023 iremos acabar com as taxas moderadoras na saúde, aliviando, ainda mais os orçamentos dos portugueses e vamos rever o IVA da eletricidade....

2. explicação

O secretário de Estado do Orçamento, João Leão, explicou que os aumentos salariais propostos pelo Governo **acrescem à subida remuneratória** de 2,9% já decorrente do **descongelamento das carreiras**, totalizando um reforço de 3,2% dos rendimentos dos funcionários públicos, em 2020. As estruturas sindicais discordam da justificação apresentada, defendendo que os aumentos salariais e as progressões na carreira são matérias distintas. De acordo com o jornal Eco, o aumento salarial da Função Pública custará aos cofres do Estado entre **60 a 70 milhões de euros**. Incluindo progressões, prémios, revisões de carreiras e "outros direitos", o valor ascende para 715 milhões de euros, de acordo com dados avançados pelo Ministério da Modernização do Estado e da Administração Pública. Estes mais de 700 milhões significam um aumento médio por trabalhador de 3,2% em 2020, sublinha o Ministério numa nota de imprensa enviada às redações. As subidas remuneratórias **estão a ser discutidas** entre as partes e o Governo no âmbito do Orçamento de Estado para 2020. O Conselho de Ministros reúne-se no sábado para aprovar a proposta do Executivo, diploma que será entregue na Assembleia da República na segunda-feira, disse à agência Lusa fonte do Executivo.

Os sindicatos da Função Pública, que exigiam aumentos salariais de 3%, não viram com agrado a proposta do Governo. Ana Avoila, dirigente da Frente Comum de Sindicatos da Administração Pública, considerou que a proposta do Governo "é um insulto" aos trabalhadores públicos. Já José Couto, líder da Federação de Sindicatos da Administração Pública (Fesap) considerou a proposta "uma ofensa".

Como se pode ver só coisas boas para 2020 enquanto os países vão colocando os seus populistas no poder, um pouco por toda a parte, até à guerra final que nos aniquilará. Da América do sul, à do norte, à velha Europa é só escolher e nada disto augura um futuro radioso como aquele que eu e outros sonhámos ainda na década de 1960 do século passado. Com a nova monarquia absolutista do dinheiro que faz mover este capitalismo selvagem, vamos de conquista em conquista destruindo o mundo, o clima e a humanidade. Sabemos que a escravatura, que muitos pensavam ter sido abolida, nunca teve números tão elevados, um pouco por toda a parte, com disfarces diferentes. Afinal, era isto que eles queriam criar uma geração de medo, facilmente manipulável; semiletrada para mais depressa acreditarem na terra plana e outras idiotices como a homeopatia, de valores xenóforos capazes de renegar as suas próprias origens, lavados cerebralmente por uma ideologia politicamente correta capaz de nos formatar (a quase todos).

Aqui nos Açores onde essas modernices chegam sempre atrasadas continuaremos a assistir a uma perda de população até ao dia em que um iluminado nos decida transferir do arquipélago por não sermos rentáveis.

Um bom ano de 2020 é desejar mais do que o mundo nos pode dar.

Crónica 305 in ilo tempore 21.12.19

Não resisti. Tenho mesmo de escrever contra o que me irrita na TV... quando eu era mais novo não havia aquecimento global e as tempestades não tinham essas mariquices de nomes masculinos e femininos. Não se falava de ecologia, nem de aquecimento global, buracos do ozono, degelo ou outras coisas que ora inventaram, mas parece quando se abre a TV que é a primeira vez que chove, que os rios transbordam, que as areias da praia desaparecem...

No meu tempo, era normal no outono, inverno e primavera, chover muito, nevar bastante nos locais habituais, e haver dias a fio sem se vislumbrar o astro-rei. Nos campos usavam-se chancas ou galochas, nas cidades botas e gabardinas (os velhos Macintosh, diriam os ingleses), a luz falhava frequentemente, havia trovoadas, árvores caíam, rios transbordavam, pessoas morriam afogadas... lembro-me de imensas inundações no Porto, em Miragaia e na Ribeira do Douro. Também havia frio, por vezes, muito frio, havia um irradiador lá em casa mas os meus avós usavam as braseiras na aldeia, não havia energias limpas ou sujas, aliás, na aldeia nem água canalizada, nem esgotos nem eletricidade que isso eram modas depois de 1970.

Lembro-me bem das molhas na ida para o liceu que era bem demorada. Quando não apanhava um elétrico n.º 8 na Rua do Campo Lindo, ou um n.º 7 ou 7/ (ler sete com traço) na Rua de Vale Formoso, ia sozinho a pé até à Rua da Constituição (12 minutos) apanhando depois outro carro elétrico da linha 20 até à Praça do Marquês de Pombal (uns dez minutos mais) e aí tomava o n.º 15 até Silva Tapada ou 15/ Antas que me levava mesmo até ao Bonfim, só tendo de fazer uns 200 metros a pé até ao Liceu Alexandre Herculano na Avenida Camilo, sem abrigo de caleiras apanhando toda a chuva que caísse.. De elétrico a viagem demorava, em média, uma hora, se não houvesse atrasos e a coordenação de horários fosse esmerada, o que por vezes, era complicado.

As tempestades que mais me assustavam eram as trovoadas secas nas aldeias no verão. Lembrava-me, e nunca me esqueceria, das trovoadas fortes em pleno verão durante as quais todos íamos para debaixo das camas, embrulhados em cobertores de papa, a rezar a Santa Bárbara a pedir que os trovões ribombantes passassem. Muitas eram trovoadas secas e essas eram as mais perigosas, tanto mais que a Casa do Alto no Sendim da Ribeira (Alfandega da Fé) era o ponto mais alto da aldeia e o ressoar dos trovões ecoava como um temível castigo divino por sobre a nossa cabeça de pecadores... por outro lado, quando a trovoadas era mais longe lá para os lados de Espanha, à noite, valia a pena ver o espetáculo dos raios a caírem em toda a volta do fértil vale. Ali, naquela casa era um espanto ver as inúmeras trovoadas à noite, quando estavam mais longe. Indescritível lembrança que guardo com olhos adolescentes. Já na casa da Eucísia (Alfandega da Fé) ou no Azinhoso (Mogadouro), as trovoadas metiam menos medo e não eram tão vistosas.

Para quem não sabe, o Sendim da Ribeira fica num buraco, no fundo dum vale, e em volta havia, para sul: os Cerejais, Ferradosa, Parada; para leste Vilar Chão e a norte, Vale Pereiro, Saldonha, e para oeste Gouveia e Sendim da Serra. Ora todas estas terrinhas eram na altura servidas por estradas secundárias, municipais ou caminhos de terra batida, mas os montes circundantes tinham as estradas de acesso a Alfandega da Fé, a Macedo e a Mogadouro, pelo que era espantoso ver (de hora a hora na melhor das hipóteses, que o movimento era pouco na década de 60) pequenas luzes dos tremeluzentes faróis amarelados de viaturas a atravessarem os montes, por entre os relâmpagos que iluminavam todo o vale. Memorável. Essas imagens ficaram para sempre guardadas na memória. Há fotografias destas que não estando registados em negativo ou em papel, jamais esmorecem ou amarelecem na memória de cada um.

Foi nessa década de 1960 que se instalaram alguns postos de PBX nas aldeias, um sistema elaborado de cavilhas com doze extensões a ligarem essas pequenas centrais às pessoas mais importantes. Os meus tios-avós que viviam no Sendim da Ribeira com os primos (dois dos quais vim a reencontrar décadas mais tarde, aqui nos Açores onde se radicaram em 1960 e em 1975) tinham uma venda ou loja na qual estava instalado o Posto Telefónico da Anglo-Portuguesa de Telecomunicações ou ATP<sup>50</sup>. O Posto Telefónico ATP137 era o único contacto com a civilização. As aldeias, tantas das vezes isoladas durante os nevões de inverno, sempre avessas a qualquer mudança ou modernice não acolhiam bem o telefone e daí só haver meia dúzia de linhas ligadas, em toda a área do Sendim da Ribeira. Era importante para quem tinha um aparelho daqueles em casa, com a sua manivela a dar e a dar, não esperar muito por alguém no Posto para atender. O saudoso PBX era de cavilhas. Estas tinham que se colocar na ranhura. Quando uma chamada entrava na central, a tampinha caía e era só enfiar as cavilhas de dois fios nas ranhuras cujas tampas tinham caído. Depois, havia uns auscultadores de baquelite preta, bem pesados, com microfone através dos quais se perguntava a quem telefonava para onde queria ligar, qual o número, etc.

Entretanto trocavam-se dois dedos de conversa enquanto se discava a marcação individual do número pedido, para a Central Telefónica (Regional ou Nacional) a que o Posto pertencia. Quando, por fim, o interlocutor respondia trocavam-se as cavilhas e as pessoas podiam finalmente falar. O período da manhã era muito calmo e quase sem chamadas, depois aumentava ligeiramente até à hora de jantar, depois do qual raras vezes tocava a campainha. Para um jovem como eu, era um entretenimento delicioso controlar esta forma de comunicação e saber simultaneamente tudo o que se passava, quem falava com quem, ao mesmo tempo que me permitia ir conhecendo "virtualmente" a meia

50 [a que se seguira (1968) a TLP (Telefones de Lisboa e Porto) e em 1994 passaria de Telecomunicações de Lisboa e Porto a PT Comunicações]

dúzia de pessoas que habitavam nas redondezas. Este sistema de telefone permitia transmitir mensagens, notícias e outros avisos numa era em que os rádios mais potentes captavam emissões espanholas e mal as portuguesas, a televisão ainda não chegara àquelas paragens, e a luz elétrica ainda era uma miragem. Aliás a TV espanhola chegou décadas antes da portuguesa. Os jornais chegavam atrasados pois apesar de usarem os comboios diários da Linha do Douro e suas ramificações, não havia depois carreiras de camionagem regulares para os sítios mais interiores e muito menos para aldeias sem estrada como eram então as aldeias da família: a Eucísia, o Azinhoso ou o Sendim da Ribeira. No inverno, muitas vezes, ficavam isolados pois a estrada de terra batida ficava intransitável. O mundo podia acabar que só viriam a saber bas-



tante mais tarde. Ainda hoje me apetece viver em sítios assim.

Doutra coisa estava, porém, certo: jamais esqueceria o cheiro a carvão e as fagulhas que saltavam da locomotiva nas muitas viagens que fiz de comboio do Porto a Trás-os-Montes. Do Porto ao Tua e depois no ramal da Linha do Tua em direção a Bragança tínhamos de sair, creio que na base da Serra de Bornes em Grijó (terra do Professor Adriano Moreira), antes de chegar a Macedo de Cavaleiros. O troço entre Mirandela e Bragança foi encerrado definitivamente no dia 15 de dezembro de 1991.

É esse passado mítico que os modernos governantes me roubaram, violando as recordações da minha juventude, as memórias perdidas e isso jamais lhes perdoarei. Cambada de novos-ricos, ignorantes e alarves. Todos tentamos salvar a linha do Tua, que é minha e de todos os que amam esta região, única no mundo. É o nosso património que eles dilapidam e para quê? Para agora ser anunciada em dezembro 2019 a venda dessas barragens todas pela EDP aos franceses e outros... (de nada serviram os abaixo-assinados e petições, filmes, idas à Assembleia da República). A voragem capitalista da EDP e dos interesses das barragens tudo soterraram nesta venda premeditada do país a retalho...

E com ou sem barragens, as inundações vão continuar e serão piores, pois os patos bravos continuam a tapar as linhas de água e construir em cima delas...

(adaptado e atualizado, de ChrónicaAçores uma circum-navegação vol. 1 2009)

### CRÓNICA 306 E DEPOIS DO NATAL 26.12.19



Agora que o natal acabou já podemos voltar todos a andar à lambada, uns com os outros, pois já passou a época festiva dos beijos, abraços e prendinhas. Já não preciso fingir ser simpático para a ta Gertrudes que sempre foi uma grande vaca, ou para a vizinha Desidéria que é uma cusca sempre à janela a dizer mal dos outros. Não preciso fingir que somos todos amigos, mesmo daquele grandessíssimo filho da mãe que me andou a tramar durante anos e eu a pensar que era meu amigo... não preciso fingir que gosto de toda a gente, pois obviamente não gosto, nem precisam de fingir que são todos meus amigos de peito. Só no Facebook é que somos todos amigos, embora eu não conheça a maior parte nem estou interessado, isto faz lembrar aquela história do que não podia ter mais amigos nas redes sociais e no enterro só estava o coveiro e o senhor da casa funerária.

Pois bem agora que deitamos fora a máscara da hipocrisia que tal uma promessa de ano novo, daquelas que todos os anos repetimos para nunca serem cumpridas, mais ou menos como a promessa de “para o ano vou deixar de fumar”... Eu há muitos anos que decidi cumprir a minha promessa de não fazer fretes a ninguém, nada fazer que me incomode ou amofine e ter a cortesia suficiente para continuar a viver em sociedade mas nada mais.

Cresci em ambientes de fingimento e de faz de conta que, como sabemos, constituem a espinha dorsal da hipocrisia da nossa sociedade contemporânea. Ao abdicar dessas regras passei a ser “persona non-grata” ou meramente antipática, se bem que bastante mais coerente do que fora em tempos idos. Assim, evitei mal-entendidos dizendo, quando necessário, o que devia ser dito, sem intenção de magoar – ao contrário do que me faziam o tempo todo.

Neste natal houve um senhor ministro de Portugal que disse que era melhor mudar as aldeias inundadas do Mondego dado ser impossível vencer as cheias...espero mesmo que ele não se lembre de querer mudar os açorianos pois não se podem controlar os sismos e os vulcões que aqui temos....

Agora que o natal acabou posso continuar a ser solidário todo o ano sem os holofotes sobre mim. Continuo a poder ansiar por mais um ano sem violência, da qual sempre fugi jamais me tendo envolvido em confrontações físicas. Não entendo a sociedade atual, nem a sua falta de princípios, de educação, de cortesia e respeito pelo próximo, vivemos dias de egoísmo exacerbado, de verdades únicas e indiscutíveis do pensamento dominante, de cinzentismo que impõe normas e padrões obrigatórios em nome de uma pseudo-purificação das nossas imperfeições.

Para 2020 prevejo mais guerras, mais fome, mais desastres causadas pelas alterações climáticas normais ou induzidas pelo homem e pelos próprios ciclos da natureza. Haverá mais refugiados, mais racismo, mais discriminação, mais fascismo, menos respeito pelos direitos humanos, mas pode ser que sobrevivamos. E como disse Antoine de Saint-Exupéry *Em cada um de nós há um segredo, uma paisagem interior com planícies invioláveis, vales de silêncio e paraísos secretos.*

Espero que , se a tanto me ajudar o engenho e arte, 2020 assista à produção de mais poesia pois é ela que comanda a minha vida ainda entremeada de utopias.

### CRÓNICA 307 MUNDO CÃO, economia louca 28.12.19

Já há uma boa dezena de anos a minha mãe (hoje nonagenária avançada) dizia “*este já não é o meu mundo*” e eu sempre tentei acreditar que ela podia estar enganada. Com o passar dos anos fui-me acomodando a um mundo cada vez mais violento e sem nexos. Bastava ver as execuções do ISIS ou autodenominado Estado Islâmico (há dias degolaram 12 cristãos em África (Nigéria) e o mundo nem um suspiro deu (seria por serem cristãos?).



Bastava ver o afã com que os EUA invadiam países, destronavam líderes eleitos em nome da democracia do petróleo e tudo se turvava. Depois havia países com ditadores “aceitáveis” que não eram depostos e outros que precisavam ser depostos e mortos para o mundo ser melhor, diziam eles. Resumia-se assim a ditadores com petróleo (ou lítio, ou nióbio, etc.) que eram os maus, os outros sem riquezas naturais cobiçáveis eram aceitáveis.

Havia ainda países que queriam libertar-se da ditadura do dólar e da economia manipulada pelos EUA, esses eram países maus, com democracias deficientes e nesses fomentavam-se guerras civis, impunham-se novos líderes autoproclamados, criava-se agitação social, saques, mortes, incêndios, violência gratuita e tudo valia para depor esses líderes que se opunham à hegemonia estadunidense. Uma vez apeados esses líderes (normalmente na América Latina e América do Sul) os novos títeres concediam regalias extraordinárias, vendiam os seus países ao desbarato dando de mão beijada as riquezas aos norte-americanos. E os massacres no Chile e Bolívia nas últimas semanas agora nem merecem uma linha nos jornais (recordo Allende em 1973).

Enfim, um pouco por todo o mundo os psicopatas ocupam os tronos do Trump, a Bolsonaro, Boris Johnson e tantos outros...em contraste com tempos mais felizes em que os líderes mundiais buscavam justiça e objetividade, servindo a sociedade. Hoje, todos escondem a verdade (ou a manipulam), fazem promessas impossíveis (e populistas ou populares), mentem, enganam, manipulam para alcançarem os seus objetivos, sem remorsos nem empatia ou sensibilidade para com os seus concidadãos, eivados por tiques de atenção, adoração, idolatria, em conjunto com promessas messiânicas, evangélicas ou não, de salvação religiosa, em adulações tóxicas

Enfim, tive de me habituar a conviver e lidar com tudo isto, convencido da minha impotência absoluta em alterar um mundo dominado por forças de tal magnitude.

Também havia muitas mortes sem nexos em ataques nas escolas dos EUA e morria muita gente em nome da liberdade de porte de arma, mas era lá longe e só inspirava uma certa pena pelas desgraçadas vítimas.

Mas esses males que se passavam no mundo lá longe ameaçam tomar conta da nossa realidade, nesta época natalícia quando ao abrir a TV ou jornais me deparo com títulos como estes:

“em São Paulo (Brasil) homem recebe indulto, sai da cadeia para passar o natal com a família e mata-a toda”,  
 “em Setúbal - Médica foi agredida violentamente por uma mulher de etnia cigana que não gostou da forma como a vítima falava e olhava para ela e por isso puxou-lhe os cabelos e enfiou-lhe um dedo no olho. A agressora foi posta em liberdade depois das agressões”.  
 “degolou a mulher em frente aos filhos de 2 e 5 anos e foi apanhado em Leiria ao despistar-se no carro onde fugia” (creio que esta foi a 30ª mulher assassinada em violência doméstica este ano),  
 “matou e atropelou octogenária mas o juiz não lhe tirou a carta de condução (assassina diria eu),  
 “asfixiou e pontapeou a mulher, mas o juiz ilibou-o e deixou-o em liberdade pois não tinha intenção!”

E os exemplos sucedem-se uns atrás dos outros (mesmo sem ser no canal dos mortos, a CM TV) e a lista de anormalidades continua

“a mulher recebia 2 mil euros mensais para dar apoio ao marido como executivo da caixa de crédito agrícola!!!”  
 “o Novo Banco perdoou 24 milhões e a Caixa Agrícola (outra vez nas notícias?) desistiu de 11 milhões de euros para salvar o rei dos Cogumelos (Sousa Camp) (de facto reis falidos não valem nada, o melhor é dar-lhes liquidez)

E no campo da economia louca ESTA É INACREDITÁVEL: O Governo ainda não recebeu da EDP qualquer notificação para se pronunciar sobre o negócio de venda à francesa Engie de seis barragens na bacia do Douro por 2,2 mil milhões de euros. As seis centrais produziram 3,4 terawatts por hora em 2018, gerando um EBITDA de 154 milhões de euros, e um EBIT de 11 milhões. Mas recorde-se que a venda da EDP apenas gerou 2,6 mil milhões de euros quase igual ao valor de venda destas seis barragens. No entanto, quando for chamado a avaliar a operação, o Executivo só a aprovará mediante garantia de que as centrais hidroelétricas **pagarão impostos em Portugal**. Gostava que alguém me explicasse, um dia, esta venda de ativos essenciais, como a EDP aos chineses, e depois que me explicassem como o dinheiro dos nossos impostos pagou estas barragens (que tantos danos ambientais causaram) é dilapidado com a venda das barragens a estrangeiros (franceses).

Nunca ninguém é responsabilizado nem os portugueses ressarcidos dos 1001 roubos e depredações de que todos somos vítimas no esbanjar deste país, em nome da salvação da banca corrupta e incompetente que nos torna – cada vez mais – em mendicantes sem futuro.

Qualquer dia nada em Portugal pertence aos portugueses (é como a cerveja, chocolates, etc., nada é português, exceto o nome ou marca).

Neste natal de tanta falsidade pintada com cores róseas na TV ninguém falou do natal no lar de idosos onde (quase) todos esperaram visitas de quem nunca chegou....naquilo que seria o melhor retrato da sociedade em que vivemos. Os filhos na creche ou ATL, os velhos em asilos e os novos a passearem os seus cãesinhos...

Mas termino EM ALTA, com uma nota rara, um médico cardiologista pediátrico largou a ceia de natal em Sintra para se meter numa aeronave Falcon e voar para os Açores a fim de tentar salvar um recém-nascido a precisar de uma operação ao coração (com sucesso). É esta a insularidade a que estamos sujeitos aqui e poucos (vivendo fora destas nove ilhas) parecem compreender.

Só poetas e loucos poderiam esperar que 2020 fosse um novo ano com o apejar de todos os fariseus que nos oprimem, mas eu creio ser possível.



Inédito não publicado, não citar



Inédito não publicado, não citar



[chrys@lusofonias.net](mailto:chrys@lusofonias.net) -

J. Chrys Chrystello (n. 1949-) cidadão australiano que não só acredita em multiculturalismo, como é disso um exemplo. Nasceu numa família mesclada de Galego-Português, Brasileiro (carioca), Alemão, do lado paterno, Português e marrano transmontano do materno.

Publicou em 1972 o seu primeiro livro “**Crónicas do Quotidiano Inútil, vol. 1**” (poesia).

O exército colonial português levou-o a viver em Timor (setº 1973- jun 1975) onde foi Editor-chefe do jornal local (A Voz de Timor, Díli) antes de ir à Austrália em 1975 decidir adotá-la como pátria.

Começou a interessar-se pela linguística ao ser confrontado com mais de 30 dialetos em Timor. Durante mais de duas décadas escreveu sobre o drama de Timor Leste enquanto o mundo se recusava a ver essa saga.

De 1967 até hoje dedicou-se sempre ao jornalismo (rádio, televisão e imprensa).

De 1976 a 1982 desempenhou funções executivas na Companhia de Eletricidade de Macau. Em Macau foi Redator, Apresentador e Produtor de Programas para a ERM/ Rádio 7/ Rádio Macau / TDM e RTP Macau e jornalista para a TVB - Hong Kong.

Viveu em Perth, radicou-se em Sydney (e migrou para Melbourne). Durante os anos na Austrália esteve envolvido nas instâncias oficiais que definiram a política multicultural do país.

Foi Jornalista no Ministério Federal do Emprego, Educação e Formação Profissional e no Ministério Federal da Saúde, Habitação e Serviços Comunitários.

Divulgou desde 1985 a descoberta na Austrália de vestígios da chegada dos Portugueses (1521-1525, mais de 250 anos antes do capitão Cook) e difundiu a existência de tribos aborígenes falando Crioulo Português (há quatro séculos).

Durante mais de vinte anos (1984-2004) foi responsável pelos exames dos candidatos a Tradutores e Interpretes na Austrália (NAATI National Authority for the Accreditation of Translators & Interpreters).

Foi Tradutor e Intérprete (Ministério Estadual da Imigração, Ministério de Saúde de Nova Gales do Sul).

Foi Membro Fundador do AUSIT (Australian Institute for Translators & Interpreters).

Lecionou Linguística e Estudos Multiculturais a candidatos a tradutores e intérpretes em Sidney na UTS (Universidade de Tecnologia de Sidney).

Foi Assessor de Literatura Portuguesa do Australia Council, na UTS (1999-2005).

Foi Mentor dos finalistas de Literatura da ACL (Association for Computational Linguistics, Information Technology Research Institute) da University of Brighton no Reino Unido (2000-2012)

Foi Revisor (Translation Studies Department) da Universidade de Helsínquia (2005-2012).

Foi Consultor do Programa REMA da Universidade dos Açores. (2008 a 2012)

Em 1999, publicou a sua tese “**Timor-Leste: o dossiê secreto 1973-1975**” (ensaio político), esgotado ao fim de três dias.

Em 2000 publicou a 1ª edição da monografia “**Crónicas Austrais 1976-1996**”.

Em 2005 publicou o “**Cancioneiro Transmontano 2005**”

Nesse ano publicou (e-book DVD) outro volume da trilogia “**Timor-Leste vol. 2: 1983-1992, Historiografia de um Repórter**”.

Entre 2006 e 2010, traduziu, entre outras, obras de autores açorianos para Inglês: Daniel de Sá (Sta. Maria ilha-mãe; O Pastor das Casas Mortas; S. Miguel: A Ilha esculpida; e Ilha Terceira, Terra de Bravos), de Manuel Serpa (As Vinhas do Pico), Victor Rui Dorez (Ilhas do Triângulo, coração dos Açores numa viagem com Jacques Brel).

Em 2011 traduziu a **Antologia de Autores Açorianos Contemporâneos** para inglês

Em 2012 traduziu de Caetano Valadão Serpa “**Uma pessoa só é pouca gente, o sexo e o divino.**”

Desde 2005 traduziu vários excertos de obras de dezenas de escritores açorianos integrados em projetos dos Colóquios da Lusofonia (Antologias),

Em 2009 publicou o volume 1 da trilogia “**CrónicasAçores: uma Circum-navegação, De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores**, (esgotado)” cronicando as suas viagens pelo mundo.

Em 2011 publicou o volume 2 da trilogia “**CrónicasAçores: uma Circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores**” (ed. Calendário das Letras).

Em outubro de 2012 lançou a sua obra completa de poesia “**Crónica do Quotidiano Inútil (vol. 1 a 5)**”, a assinalar os 40 anos de vida literária.

Em 2015 lançou a 4ª edição de “**Crónicas Austrais 1978-1998**”.

Também em 2015 editou a obra completa dos 3 volumes da “**Trilogia da História de Timor**”

Em 2015 fez a revisão e compilação da obra de Dom Carlos Ximenes Belo, “**Padre Carlos da Rocha Pereira. Missionário açoriano em Timor**”, vol. 1 da série Missionários Açorianos em Timor, ed. AICL e Moinho Terrace Café



Em 2017 lançou o seu opus magister “**Bibliografia Geral da Açorianidade**” em 2 vols (1600 pp. com 19500 entradas) e teve vários trabalhos (ensaio e poesia) publicados em antologias.

Em 2017, reviu, adaptou e traduziu para inglês o livro “**O Mundo Perdido de Timor-Leste**” de José Ramos-Horta e Patricia Vickers-Rich

Lançou em 2018 “**Fotoemas**”, foto e-book, com fotografia de Fátima Salcedo e poemas dos Açores, de Chrys Chrystello edição e-livro <http://www.blurb.com/books/8752953-fotoemas>

Em 2018, fez a revisão e compilação de “**Missionários açorianos em Timor**” vol. 2 de D Carlos F Ximenes Belo, ed. AICL e Câmara Municipal de Ponta Delgada, ed. Letras Lavadas

Em 2018 finalizou o volume 3 de “**ChrónicaAçores uma circum-navegação: De Timor a Macau, Austrália, Brasil, Bragança até aos Açores**” cronicando as suas viagens pelo mundo

Completo a **Crónica do Quotidiano Inútil vol. 6 (Obras completas de poesia)**

Considera marcantes a Palestra proferida na Academia Brasileira de Letras (29.3.2010) com Malaca Casteleiro, Evanildo Bechara e Concha Rousia, e ser admitido (5.10.2012) como Académico Correspondente da Academia Galega da Língua Portuguesa).

É Editor dos **Cadernos (de Estudos) Açorianos da AICL**, publicação online,  
2019 Nomeado Vice-presidente de PPdM - Oceânia - Vice-Presidente para a Oceânia do Movimento Poetas do Mundo

2019 Nomeado membro do Pen International (Açores)

Preside, desde 2010, à Direção da Associação Internacional dos Colóquios da Lusofonia que organiza desde 2001-2002, Colóquios da Lusofonia (30 edições, 2 ao ano).

<https://www.lusofonias.net/mais/chrys-cv.html> [www.lusofonias.com](http://www.lusofonias.com)

**CHRÓNICAÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO,**

**DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRAGANÇA ATÉ  
AOS AÇORES**

**VOL. 4 SEM CORTES (CRÓNICAS – 2011-2019)**

**Versão inédita não totalmente editada**



CRÓNICA AÇORES: UMA CIRCUM-NAVEGAÇÃO  
DE TIMOR A MACAU, AUSTRÁLIA, BRASIL, BRA-  
GANÇA ATÉ AOS AÇORES

**VOLUME 4**



*J. CHRYS CHRYSTELLO 2019*





*CHRYIS CHRYSTELLO, JORNALISTA, MEMBRO HONORÁRIO VITALÍCIO*

*297713 [AUSTRALIAN JOURNALISTS' ASSOCIATION MEAA]- DIÁRIO DOS AÇORES (DESDE 2018)*

*DIÁRIO DE TRÁS-OS-MONTES (DESDE 2005) E TRIBUNA DAS ILHAS (DESDE 2019)*